

KRESLEY COLE

The Immortals After Dark 16 - Doce Ruína



Um enjeitado criado em um mundo de humanos

Crescendo, a órfã Josephine não sabia o que ou quem ela era — só que era “má,” uma pária com estranhos poderes. Seu irmãozinho Thaddeus era tão perfeito quanto ela era danificada; protegê-lo se tornou sua vida inteira. O dia em que ele foi levado para longe começou a transição de Jo de menina cheia de raiva — de uma aspirante a super-herói — a uma encantadora vilã impiedosa.

Um executor letalmente sensual em uma missão

Uma ameaça para os Møriør trouxe o arqueiro Rune, o sangue-ruim, ao reino mortal para matar a Valquíria mais velha viva. Ou pelo arco ou na cama, ele nunca falhava em



eliminar seu alvo. Mesmo antes de poder golpear, ele encontra uma criatura vampírica cuja beleza esconde um coração negro. Com uma mordida, ela o perfura com prazer dolorido, tomando seu sangue proibido — e colocando em perigo os segredos de seus irmãos.

Uma paixão sem limites que levará a doce ruína...

Pode esta bela fêmea ser uma espiã enviada pela própria Valquíria que ele caça? Rune sabe que ele não deve confiar em Josephine, ainda assim é incapaz de dar as costas a ela e se afastar. Apesar de seus milênios de conquistas sexuais, ele não pode ignorar o desejo pouco familiar que ela desperta lá no fundo dentro dele. Quando Jo trai a identidade do único homem que ela morreria para proteger, ela e Rune se envolvem em uma batalha traiçoeira de vontades que põe a lealdade derradeira contra a luxúria desenfreada.

Aqueles que se opõem a nós serão destruídos.

– RENE DARKLIGHT (TAMBÉM CONHECIDO POR “RENE, O SANGUE RUIM” E “RENE, O INSACIÁVEL”),

ASSASSINO E MESTRE DOS SEGREDOS DOS MØRIØR

Quando em dúvida, aperte até alguma coisa quebrar.

– JOSEPHINE DOE¹ (TAMBÉM CHAMADA “DAMA DAS SOMBRAS”)

UM

Condado de Houston, Texas

QUATORZE ANOS ATRÁS

¹ Doe é o sobrenome genérico que se usa nos Estados Unidos ao se referir a pessoas de sobrenome (e origem) desconhecidas. Usualmente “John Doe” para homens e “Jane Doe” para mulheres, mais ou menos equivalente ao nosso “Fulano de Tal”.

Jo despertou sentindo gosto de cobre na boca.

Juntou os lábios, movendo a língua. *Tem alguma coisa na minha boca?*

Abriu rapidamente os olhos. Levantou-se e cuspiu dois pedaços amassados de metal. *Que diabos é isto?*

Pressionando a cabeça dolorida, olhou em volta, franzindo o nariz ante o odor antisséptico. *Onde estou?* Sua visão estava embaçada, a luz era fraca. Ela achava estar em um cômodo azulejado.

Merda, estava em um hospital? Nada bom. Isto significava que ela e Thaddie foram trazidos de volta ao orfanato, retirados das ruas. O que significava que eles seriam separados de novo.

Onde ele estava? Por que não conseguia se lembrar de nada?

Pense, Jo. PENSE! Qual a última coisa de que se lembra?

Lentamente imagens dos acontecimentos do dia começaram a surgir...

Está ficando quente demais aqui.

Chegando à biblioteca, Jo escrutinou as ruas pelo Monte Carlo do chefão da gangue. Achou ter ouvido o motor, recentemente substituído, rugindo a algumas quadras dali.

As ruas daquele bairro eram um labirinto, o Monte Carlo, um dragão. Ela era uma destemida super-heroína e carregava seu fiel escudeiro nas costas.

Mas a noite passada não havia sido um jogo.

Ela virou a cabeça para perguntar a Thaddie.

— O que você acha? — O corpinho dele estava seguro no *Porta-Thad* — uma mochila roubada que ela havia modificado, cortando buracos para caberem duas perninhas. — Nós os despistamos, não é?

— Despistamos! — Ele abanou seu único brinquedo, um boneco do Homem-Aranha, para comemorar.

Ela e Thaddie precisavam fugir, talvez ir para a Flórida, começar do zero em Key West.

Ela observou as cercanias pela última vez, então se esgueirou pela porta dos fundos da biblioteca, deixada aberta pela Sra. Brayden, bibliotecária em meio-período e intrometida em tempo integral, também conhecida como Sra.B.

A mulher estava no salão, já sentada em sua cadeira de espaldar alto. A cesta de piquenique dela estava cheia.

Isto é cheiro de frango frito?

— Espero que esteja com fome. — Os cabelos castanhos escuros na altura dos ombros tinham um toque de grisalho. Seus olhos eram castanhos claros sob os óculos quadrados. Como de costume, ela vestia um terninho desenxabido.

Não pareça faminta pelo frango.

— Nem tanto — Jo liberou Thaddie da mochila, então se sentou, ajeitando-o no colo. — Mas acho que é melhor a gente comer — ela apoiou os coturnos em cima da mesa.

A Sra.B avaliou a roupa de Jo: jeans gastos, uma camiseta manchada e moletom preto com capuz. A mulher havia se oferecido para lavá-las, como se Jo e Thaddie tivessem um guarda-roupa cheio de outras roupas para vestirem enquanto esperavam.

— Precisamos conversar, Jo — ela sentou-se sem mexer na cesta.

— Uh-oh, Thaddie, parece que estamos prestes a levar um sermão — Jo piscou para ele. — O que dizemos à Sra.B quando ela nos dá um sermão?

Ele riu para a mulher, o rosto adorável expondo covinhas, então gritou "*Caiaboca, caiaboca caiaboca!*"

Jo riu, mas a Sra.B não pareceu nada divertida.

— Que ótimo, Josephine. Agora ele está com a boca suja por sua causa.

— Ele ainda não atingiu toda sua capacidade de boca suja. Oh, mas irá. Porque meu bebê é tão inteligente! — Dois aninhos e meio, e já era um gênio.

Pelo menos, era a idade que ela achava que ele tinha. Trinta meses atrás, ele fora encontrado vagando pelos arredores de Houston, usando uma túnica preta e balbuciando. Ela aconchegara Thaddie nos braços, silvando para qualquer um que tentasse tirá-lo dela. Antes daquele dia, ela não tinha lembrança nenhuma.

Os médicos haviam calculado que ele era recém-nascido e ela tinha mais ou menos oito anos. Eles imaginaram que sua perda de memória se devia a uma pancada na cabeça.

Nenhum parente havia aparecido para procurá-los.
Filhos da puta.

Pressentindo a mudança no humor dela, Thaddie fez seu boneco do Homem-Aranha beijar a bochecha de Jo. Smack! Ele sorriu de novo. O garoto adorava exibir seus dentes novos.

Embora Jo procurasse afastar qualquer um que se aproximasse deles, ele balbuciava cumprimentando todo mundo, convidando-os a brincar com seu brinquedo. Se ela algum dia tivesse possuído um brinquedo, jamais teria *compartilhado* com alguém que não fosse Thaddie.

— Migo? — ele perguntava para qualquer um, piscando seus grandes olhos castanhos, deixando todo mundo “*aww*”.

Adultos se apaixonavam por ele tão profundamente quanto caíam de ódio por Jo e sua “atitude carrancuda”, “aparência doentia” e “expressão contrafeita”.

— Ele precisa ir ao médico — disse a Sra.B — Tomar vacinas. Vocês dois precisam.

— Se Thaddie não gostasse tanto de você, eu já teria quebrado sua cara. Você sabe disto, não sabe?
— Ela secou o nariz que escorria com a manga da blusa. — Ele está bem. Nós dois estamos. - A intenção de Jo jamais fora se tornar tão dependente da mulher.

Há um ano, a pequena biblioteca parecera um bom esconderijo para passar o dia. Ela planejava roubar algumas revistas em quadrinho e lavar-se e a Thaddie no banheiro como o resto dos sem-teto faziam.

A Sra.B havia trazido comida para Jo e Thaddie e se afastara, como se lidasse com gatos selvagens.

É claro que havia funcionado. A mulher fazia um sanduíche de atum delicioso.

Eles voltaram no dia seguinte e no outro, até Jo realmente confiar nela o bastante para deixar Thaddie por uma hora com ela, vez ou outra.

Quando Jo precisava ir combater os vilões.

Às vezes o combate era perigoso. Ela olhou pela janela. *Quente demais aqui.* Precisava do dinheiro para o ônibus. A Sra.B cuidaria de Thaddie e Jo podia

ir atrás de alguns turistas. Fazer sua parte em tornar as férias deles mais emocionantes.

— Então, vamos comer ou não? — Uma refeição completa antes de cair na estrada não seria nada mal.

— Já já — a Sra.B ia esperar até dizer tudo o que tinha para dizer.

Aquele frango cheirava fantasticamente. A Sra.B era uma bruxa! Uma a quem a heroína e o fiel escudeiro precisavam resistir!

Por mais que Jo gostasse da comida, ela odiava o jeito que Thaddie engolia esfomeadamente, como se soubesse que só comia tranqueiras de loja de conveniência até a chegada da próxima cesta. Fazia ela se sentir uma merda.

Então o que Jo faria quando estivessem novamente sozinhos? Quem cuidaria de Thaddie? Quem os alimentaria todos os dias?

— Vocês podem até estar bem — disse a Sra.B — Mas estaria melhor comigo e com o Sr. B — o marido dela era um cara de rosto corado, cuja risada soava como se saía de um barril. Ele trazia e buscava a esposa na biblioteca todos os dias, acompanhando-a

até a porta como se ela fosse uma carga preciosa. Ele claramente não gostava do fato dela trabalhar em uma das piores regiões do Texas.

Quando os dois achavam que não tinha ninguém olhando, entrelaçavam os dedinhos. A Sra.B cheirava a canela e sol, o Sr. B cheirava a óleo de motor e sol.

Jo não sentia vontade nenhuma de ser violenta com eles - e este era o cúmulo de sua aprovação.

A Sra.B continuou.

— Mas não podemos adotar vocês dois, a menos que voltem ao orfanato.

Sem sinal de seus pais, Jo e Thaddie eram candidatos a adoção. Os Braydens eram considerados aptos para adoção.

Jo não confiava no sistema.

— E o que acontece se você e o Sr. B. não nos quiser? Eu já te contei sobre meu primeiro "pai" adotivo? Na primeira noite o cuzão meteu as mãos dentro das minhas calças, antes mesmo de começar a merda do *Late Show*.

— *Tuzão!* — ecoou Thad.

A Sra.B pressionou os lábios.

— Aquele homem é a exceção que confirma a regra. E você devia ter denunciado. Outra criança pode acabar passando pela mesma coisa.

— Não. Sem chance — Jo havia tacado fogo na casa do cuzão, usando o Zippo prateado que já tinha roubado dele - antes da merda do jornal da noite começar.

O olhar no rosto dele enquanto via sua casa queimar ainda lhe causava risos. De seu lugar nos arbustos Thaddie havia batido as mãozinhas. Incêndio era diversão gratuita. *O chefão que o diga...*

— Eu vou querer saber disto? — Sra.B perguntou.

— Não — não haveria volta ao sistema para eles. Se os Braydens não ficassem com os dois irmãos indigentes, Jo e Thaddie seriam separados.

Os médicos haviam diagnosticado em Jo diversas doenças e síndromes que soavam assustadoras; Thaddie era 99% saudável.

Os olhos e pele dela eram biliosos. Thaddie tinha bochechas coradas e olhos brilhantes. Cada vez que

ela vestia seu capuz, mais de seu cabelo caía. O dele estava começando a cachear.

Por dentro e por fora, ela era tão má e defeituosa quanto Thad era bom e perfeito. A única coisa que os irmãos tinham em comum era a cor dos olhos - íris castanhas com pintinhas azuis.

— Se vocês vierem à nossa casa, será *melhor* — Jo jamais vira a Sra.B tão determinada. — Nós jamais deixaríamos ninguém levá-los embora. Seríamos uma família.

A opinião de Jo a respeito da mulher elevou-se um tiquinho. Ainda assim, ela disse.

— Já acabamos? Pelo amor de Deus, mulher, nos dê comida.

A Sra.B a encarou, mas não mexeu na cesta.

— Você precisa ir à escola.

— Não funcionou — Jo não sabia ler. As crianças riam dela. Suas canhestras tentativas de fazer amigos haviam acabado em brigas, um passatempo ao qual ela preferia se dedicar fora de um ambiente estruturado.

Jo tinha Thaddie, nada mais importava.

Em uma tigela infantil, a Sra.B havia misturado pedaços de frango com purê de batatas. Thaddie ficou quieto com os olhos fixos na comida. O estômago dele roncou; o queixo de Jo se ergueu. *Nota mental: roubar mais guloseimas de loja de conveniência no intervalo entre as cestas.*

Espere... Quando eles partissem para Keys não haveria mais cestas.

Ele estava se esticando para a cadeira alta, antes da mulher terminar de polvilhar pedaços de pão no topo da comida. Ela não entregaria até ele pegar a colherinha infantil que ela lhe oferecia.

— Do jeito que ensinamos, Thaddeus.

— Ensinamos? — caçoou Jo. — Duas mãos, dez dedos. Para que colher?

Quando Thaddie começou a enfiar comida na boca, Sra. B voltou ao assunto.

— O Sr.B e eu passamos a noite acordados, preocupados com vocês dois aí fora. — Ela e o marido moravam nos subúrbios. Com um quintal enorme. A mulher havia apontado o local a Jo em um mapa,

então se recusou a entregar o molho barbecue até Jo conseguir decorar o endereço.

Se a Sra.B soubesse uma fração do que acontecia nestas ruas...

Mas Jo via tudo.

O chefão da gangue local era o pior. As pessoas da rua chamavam-no de Wall² por causa de sua compleição física esteroideal, mas também porque ele gostava de comer suas putas por trás; em outras palavras, estavam sempre de costas para ele. Jo o apelidara Wally³.

Ele andava com uma dupla de irmãos chamados TJ e JT, *Quanta esperteza*. As prostitutas chamavam pelas costas o irmão mais velho de Mindinho, porque o pinto dele era pequeno. O irmão mais novo não tinha o mérito nem de ter uma parte do corpo como apelido. O quarto comparsa era chamado Ninguém. Em outras palavras: "Quem foi?" "Ninguém."

As garotas entravam na casa do Wally de um jeito, e depois de gritos serem ouvidos, elas saíam de lá diferentes. Seja lá o que aqueles quatro faziam

² Wall: Muro, Parede.

³ Diminutivo de Wall: paredinha, murinho, mureta.

naquela casa, tiravam das garotas o espírito de combate. O que era imperdoável.

Jo idolatrava o combate. Ela sonhava em ser uma super-heroína de revista em quadrinhos - só para ter a desculpa de mexer com as pessoas. Sem superpoderes no horizonte, ela lutava a guerrilha de uma garota só, chutava o formigueiro e saía correndo.

Ela tinha começado pequeno. Passara manteiga na maçaneta do carro de Wally. Invadira sua casa para encher o tampo da privada dele de supercola. Então jogara areia no tanque de gasolina do Monte Carlo.

Gostava dos riscos, mas tinha uma criança que dependia dela. Então porque não conseguia parar? Era como se algum instinto a *forçasse* a focar uma presa, vigiá-la e então machucá-la.

Dera um golpe muito mais forte na noite passada, dando um basta ao antro de maldade de Wally. Ela riu.

Quando um carro percorreu uma rua lateral ali por perto, seu riso apagou. *Quente demaaaaais*. Ela podia sentir o bafo do dragão.

— Fique conosco, Josephine. Faça uma tentativa — disse a Sra.B. — Eu não aguento mais vê-la sair sem poder fazer nada.

Jo ficou imóvel. Ela lançou à mulher o mesmo olhar assustador que havia dado ao cuzão do pai adotivo, o olhar que o fez retirar a mão imediatamente.

— Se nos denunciar, eu levo Thaddie daqui do jeito que sempre fiz, e o levo para um lugar tão longe que jamais o verá novamente. Entendeu? — *Você já vai fazer isto, Jo.*

Como a Sra.B reagiria? Isto provavelmente a destruiria. O que não importava nada a Jo. Nem um pouco. O trabalho de Jo era cuidar do número um.

— Não tenho dúvida. É por isto que me esforço todos os dias para não chamar o Conselho Tutelar.

— *Eu sou a mãe dele* — Jo disse, mesmo que Thaddie estivesse metendo a comida da outra mulher na boca.

A Sra.B disse suavemente.

— Uma mãe iria querer o melhor para seu filho.

Ela soava razoável, mas ali estava a coisa: Jo *era* selvagem. Não havia como viver sob o teto de outra

pessoa, seguindo as regras de outra pessoa. Regras não se aplicavam a Jo e jamais se aplicariam.

Não havia como dividir Thaddie com uma mulher que desejava tão desesperadamente ser a mãe dele.

Ele é meu, não dela. Ele era o número um da Jo.

Mas uma pequena parte dela disse *Thaddie não é selvagem. Ainda não.* Às vezes Jo tinha sonhos sobre ele com os Braydens. Os três vivendo como uma família.

Aqueles sonhos a assustavam, porque ela não estava nele.

Parando com isto, Jo agarrou uma coxa de frango e ficou em pé.

— Tenho que ir. Volto em uma hora, mais ou menos. — Ela soprou um beijo para Thaddie. — Smack! — Então ela sussurrou para ele: — Se a cadela tentar alguma coisa, bata nas tetas dela.

Ele anuiu alegremente. Com a boca cheia de pão, ele disse "Tchauzinho, JoJo."

A Sra.B acompanhou-a até a porta.

— Vai sair para bater carteiras de novo?

— Sim, quer que eu roube alguma coisa para você enquanto estiver fora?

Mas a mulher ficou verdadeiramente séria.

— Como pode cuidar de uma criança tão inocente e boa quando suas mãos não estão limpas?

Jo enfiou a coxa de frango na boca, erguendo ambas as mãos. Com o osso na boca, disse.

— Limpas como nunca.

— Isto não é verdade, Josephine. Acho que se esqueceu que é só uma garotinha.

— Garotinha? Eu já fui uma porção de coisas, mas nunca isto...

Já na rua, Jo silenciosamente imitou-a com zombaria: Como pode tocá-lo? Bláblá BLA blabla. — Ela mordeu o frango, odiando o fato dele estar tão gostoso.

Virou a esquina. Parou de súbito e engoliu em seco. O frango caiu de seus dedos moles.

O cano de uma arma estava apontado para seu rosto.

Wally.

Atrás dele estava seu trio de amigos cuzões. Todos pareciam drogados, com olhos loucamente injetados.

Os cabelos longos pegajosos de Wally estavam chamuscados e o suor escorria de seu rosto cheio de bolhas.

— Estão dizendo por aí que uma garota pálida e assustadora está sempre tentando me foder — as palavras dele eram arrastadas e a arma balançou na mão enfaixada. - Estão dizendo que ela andou fuçando pela minha casa a noite passada. Então vou perguntar à garota pálida e assustadora uma vez só: porque minha maldita casa pegou fogo a noite passada... com a gente dentro dela?

Oh merda.

— Você esqueceu a chaleira no fogo de novo?

— Resposta errada, cadela — ele apertou o gatilho e o mundo inteiro ficou escuro.

Wally havia atirado na cara de Jo! Como é que estava viva? E onde ela estava? Maldição, seu couro cabeludo formigava insanamente. Ela coçou...

Um pedaço de metal amassado estava brotando... brotando de sua têmpora! Sufocou um grito ao arrancá-lo. Imediatamente sua visão clareou.

Ela segurou a coisa entre os dedos. Reconhecimento. Uma cápsula deflagrada tinha acabado de sair de seu crânio!

Ela achou outras entre seus cabelos. Saídas de sua cabeça também? Ela juntou-as com as duas que estavam em sua boca. Juntas, nas palmas, ela tinha seis balas.

Mas estou viva. Será que sou... a prova de balas?

EU TENHO superpoderes. (Secretamente ela sempre soubera disto!)

Ela guardou as balas no bolso, estreitando os olhos. Era hora da vingança. Ela saltou da maca, ou ao menos tentou. Ela pairou sobre os pés - pés que *não estavam tocando o chão*.

Olhou para baixo, para seu próprio corpo. Estava usando as mesmas roupas, mas o contorno de sua figura fugidia tremeluzia. Ela olhou para a maca. Sobre ela, um saco de cadáver com o zíper fechado encontrava-se estendido. Aquilo era um necrotério?

Outros corpos em sacos estavam alinhados em macas, aguardando por fosse lá que porra acontecia em necrotérios.

Ela caiu em si.

Eu estava naquele saco vazio.

Porque eu morri.

Eu sou um... fantasma.

Seu olhar dardejou. Como diabos cuidaria de Thaddie agora? Certamente a Sra.B o tinha levado para casa após o tiroteio.

O tiroteio que matara Jo.

Wally e sua gangue me mataram! Aqueles canalhas! Ela apertou os punhos e gritou. As lâmpadas acima estilhaçaram, chovendo cacos de vidro ao seu redor.

Ela assombraria Wally até ele ficar louco, enlouqueceria todos eles! Ela precisava machucá-los — AGORA!

Subitamente ela se sentiu movendo, como se estivesse sendo sugada para o ar. Ela piscou; seus arredores haviam desaparecido, substituído pelo

bairro. Estava em pé na frente da casa de Wally que ainda soltava fumaça.

Ela havia... se teletransportado para lá? É claro! Porque ela TINHA de se vingar. É o que fantasmas fazem. Uma vez que terminasse isto, buscaria Thaddie; eles procurariam uma mansão assustadora deserta qualquer. Viveriam felizes para sempre e merda assim.

Primeiro passo: encontrar Wally. Ela começou a andar/flutuar sobre as rachaduras da calçada. Por que este movimento lhe parecia tão familiar? Por que não estava assustada por esta sua natureza fantasmagórica?

Havia algo tão correto sobre esta sua nova forma, como se o que ela devesse estranhar fosse toda sua existência *dos anos anteriores*.

Crianças desabrigadas e fugitivas, outros ratos de rua como ela, espiaram por sobre os carros abandonados. Arquejos soaram enquanto ela cobria a distância da rua.

Então fantasmas eram visíveis a pessoas. Será que veria outros fantasmas?

Ela ouviu as crianças sussurrando. Todos sabiam que Wally a havia matado. Alguns viram seu corpo ser ensacado.

Uma prostituta na esquina não a viu se aproximar e trombou de cara — ou *através* — com Jo. Seus corpos se emaranharam e, subitamente, Jo estava dentro dela, compartilhando seus movimentos enquanto a mulher estremecia.

Era como se Jo fosse um caranguejo ermitão enfiado em uma concha em formato de prostituta. Não conseguia sentir nada através da pele da mulher, mas podia fazê-la se mover. *Incrível!*

Quando Jo se afastou da concha, desentranhando-se, a mulher virou-se com uma aparência horrorizada no rosto.

Um momento se passou antes dela registrar o que estava vendo.

— Oh Deus! — Cambaleou para trás, fazendo o sinal da cruz com a mão. — Você morreu! Wall atirou em você.

— Não acertou — a voz de Jo soava fantasmagórica e oca. — Onde Wally está agora?

A mulher gaguejou.

— A poucas casas de distância da antiga casa dele.

Jo flutuou naquela direção. Outros a seguiram à distância, de olhos arregalados, como se não conseguissem evitar.

Ela encontrou o local — com o dragão guardando o covil. Vozes soavam do lado de dentro, a voz de Wally entre elas.

Suas unhas se alongaram e afiaram. Elas eram pretas e doíam. *Fantasmas têm garras?*

Ela tentou se teletransportar para dentro da casa, mas seu corpo não se moveu, então flutuou/caminhando para o pórtico, parando na porta da frente. Será que conseguia bater? Eles provavelmente não abririam para ela. Talvez pudesse se desvanecer para dentro da casa, da forma que havia feito na concha da prostituta.

Com um dar de ombros, Jo flutuou para frente — e atravessou a porta da frente. Eba! *Arrombamento e invasão* agora significaria apenas *invasão*.

No covil, pacotes de drogas e armas se amontoavam na mesa de centro. Eles já tinham

substituído todo o estoque. Sacos de roupas estavam jogados pela casa.

Estes cuzões tinham simplesmente se mudado para algumas casas abaixo. Incendiar a casa deles não adiantara porra nenhuma.

Jo cerrou os punhos. Ela só tinha vindo ali para assustar a gangue, para gemer *buuuu* e fazê-los fugir correndo. Mas a ira a sobrepujou.

Suas garras doíam por ferir alguém.

Quando as luzes tremeluziram, Mindinho e os outros dois ergueram os olhos. Viram Jo. Suas bocas se moveram sem emitir nenhuma palavra.

Eles tentaram alcançar as armas.

Com um berro, ela voou para Mindinho.

— Vai atirar em mim? — ela o atacou com as garras. Meio que esperava que seus dedos passassem pelo torso dele — mas quatro rasgões profundos apareceram na barriga dele.

Ela arquejou. Suas garras pingavam com o sangue dele. Ela podia se tornar sólida quando queria?

Ele espalmou seu estômago sangrento, mas as entranhas escaparam por entre seus dedos como enguias. Os joelhos dele ruíram sobre o carpete coberto de sangue e então ele desabou.

Eu acabei com um cara! Super-heróis não matavam pessoas. Nem mesmo as pessoas más.

Ela devia estar gritando, ainda assim tudo parecia natural. *Esta sou eu. Eu fantasma. Eu machuco os caras maus.*

Não, eu os caço.

Ela caiu em si. Sempre estivera caçando.

Estava esperando por isto. A. Minha. Vida. Inteira.

JT e Ninguém cambalearam para a porta e mal conseguiram abri-la. Ela voou até eles, pegando-os no pórtico. Com facilidade arrastou os dois homens para dentro. Ela piscou para os garotos que se amontoavam do outro lado da rua, então chutou a porta para fechá-la.

Os dois gritaram quando ela atacou. Sua visão ficou vermelha, algum tipo de instinto animal assumiu

o controle. Enquanto atacava, o sangue jorrava; sua cabeça girava.

Então percebeu que nenhum deles se movia. *Eu acabei com três caras.*

Suas orelhas se contorceram ao ouvir um gemido baixo vindo de um cômodo nos fundos. Wally. *Vamos pegar o quarto.* Ele deve ter espiado e visto Jo acabar com seus capangas.

Ela se desmaterializou através da porta, para dentro de outra sala.

— Oh, Wall-ee... — respiração abafada soava de baixo da cama.

Ela flutuou para baixo até encará-lo de frente.

— Psst!

Ele virou violentamente a cabeça e berrou de terror. Como um rato se arrastou para o outro lado da cama.

Ela flutuou para cima, bem lentamente. Ele apontou outra arma enorme para ela e atirou, até ficar sem balas. Quando elas a atravessaram até a parede, ele mijou nas calças.

Ela queria olhá-lo nos olhos, para fazê-lo entender o que ele havia feito. Sentiu-se movendo, desaparecendo e reaparecendo bem na frente dele. *Ao alcance.* Ela flutuou mais alto para encontrar o olhar dele.

—Você não devia ter atirado em mim.

— J-juro que não faço mais — disse ele, gaguejando.

— Resposta errada, cuzão. Te vejo no inferno — ela o veria. Ninguém poderia gostar tanto quando ela gostara do que fizera e não ir para lá...

Ele girou um bastão que trazia escondido às costas; as mãos dela se estenderam num reflexo, rebatendo.

Sangue jorrou da garganta dele. O bastão caiu quando levou as mãos ao pescoço. Jorros escarlates escaparam para respingar nela toda.

Seus pés tocaram o chão, o corpo se solidificou como se para apagar os respingos. Seu apetite despertou. Seus dentes começaram a doer. Ela podia jurar que os sentia afiando. Enquanto ele assistia

com olhos vidrados de choque, ela ergueu o rosto cheia de curiosidade e entreabriu os lábios.

A primeira gota atingiu sua língua. Delicioso! Os olhos dela reviraram enquanto o sangue enchia sua boca.

Ela engoliu com um som seco. *Estou bebendo o sangue de Wally.* Parte dela sentia-se enojada, mas quando o calor deslizou pela garganta abaixo, o poder a invadiu.

Seus sentidos avivaram, seus olhos passaram a detectar novas cores, como se ela tivesse desenvolvido a visão infravermelha de revista em quadrinhos. O zumbido das luzes da rua distantes ecoava em seu ouvido. Ela conseguia sentir o cheiro dos peixes lá na baía.

Quando Wally caiu, ela ouviu a última batida de seu coração.

Ela soltou um grito quando a blusa começou a se esticar sobre o peito, arrebentando o zíper. A cintura da sua calça jeans apertava nas laterais. *O que há de errado comigo?* Ela correu para o banheiro, arrancando suas roupas aos rasgões. Sentia-se arder. Devido ao sangue?

Chegou ao chuveiro e acionou a torneira, o mais gelada que suportou. Quando lavou de si os restos da gangue, suas mãos deslizaram sobre a pele. Tornara-se tão suave quanto seda, a cor biliosa se esvaneceu.

Ela abaixou o olhar para seu corpo. Estava mais cheia, sem toda aquela magreza doentia! Sem ossos saltados. Melhor ainda, sentia-se trasbordando de energia! Saiu do chuveiro e cruzou até a pia, caminhando com desenvoltura.

Encarou seu reflexo. Uma garota assustadoramente bela com olhos escuros brilhantes e um coração ainda mais escuro encarou-a de volta.

Por diversão, tentou voltar à sua forma "fantasmal". Ficou completamente invisível, então voltou a ficar somente parcialmente visível. Funcionou! Os círculos ao redor de seus olhos se aprofundaram e seus lábios empalideceram, e mesmo assim ainda estava bela.

Para ter aquela aparência e sentir-se assim, bastava roubar o sangue vital dos outros?

Ela acordara como um fantasma, agora era uma bebedora de sangue também. Uma vampira.

Não, ela não era uma *super-heroína*.

Jo expôs uma presa para o espelho. *Eu sou a porra de uma vilã.*

Seu coração doeu. Esta era a história de sua origem. Ela se tornaria uma lenda (Secretamente, ela também soubera disto!)

Então seu coração afundou. Thaddie. *Preciso chegar até ele.* Merda, precisava de roupas. Ela remexeu naquelas malas até encontrar as roupas menores de JT. Vestiu uma calça de moletom, enrolando as barras para cima e amarrando-a fortemente, então surrupiou uma camisa de jersey.

Findada sua vingança, a urgência de ir até o irmão a inundou. Conseguiria se teletransportar até ele também?

Ela o imaginou com a Sra.B em uma casa de subúrbio. Nada. Jo forçou a tentativa. Não se mexeu nenhum centímetro. *Faça isso à moda antiga.* Saiu da casa, correndo para a vizinhança que a Sra.B havia lhe mostrado no mapa da biblioteca. Passou pela rodovia interestadual, passou pela torre, passou pelo lago...

Bem quando Jo pensou estar correndo em sua capacidade máxima, conseguiu ir ainda mais rápido. Árvores e casas passavam correndo. Ela ia como um foguete!

Em minutos, alcançou os arredores da vizinhança. Ela ergueu o rosto para farejar o vento.

Thaddie. Perto. Ela seguiu seu rastro até uma casa chique. No lado de fora, subiu em uma árvore para espiar pelas janelas. Ela o viu! Estava dormindo no que parecia ser um quarto de hóspedes. Imaginou-se sentada ao lado dele naquela cama, subitamente lá estava ela.

Vozes adultas murmuravam do outro lado da porta. Os Braydens.

Deus, Thaddie parecia tão pequeno e vulnerável debaixo daquelas cobertas com o boneco do Homem-Aranha na mãozinha. E se ele estivesse no *porta-Thad* quando Wally a atingira? E se ele tivesse... morrido?

Quanto mais emotiva Jo ficava, mais tremeluzia entre a forma fantasmal e corpórea. Ela tinha de tirar Thaddie daqui antes que os Braydens a vissem.

— Acorde, irmãozinho — sussurrou ela.

Ele piscou e abriu os olhos, sentando-se na cama.

— Temos de ir, Thaddie.

As sobrancelhas dele se juntaram. Ela ouviu seu coração acelerar.

— Você não é a JoJo.

Ela não podia estar *tão* diferente *assim*.

— Sou eu, garoto.

— Não é a JoJo, não é a JoJo — repetiu ele enquanto se afastava dela.

— Sou eu. O Aranha sabe que sou eu — ela estendeu a mão para o boneco, para fazê-lo beijar seu rosto.

Thad arrancou-o dela, gritando.

— Não é a JoJo! Não é a JoJo! NÃO É A JOJO!

Ela recuou confusa, de mãos erguidas; a porta foi aberta. Os Braydens.

Sra.B arfou ao ver Jo, então foi até Thaddie na cama. O Sr.B colocou-se na frente deles, protegendo-os com um braço forte.

Protegendo-os de mim?

— Oh, meu Deus — murmurou a Sra.B, quando Thaddie se agarrava a ela como a uma tábua de salvação. — Você m-morreu.

Jo anuiu.

— Você precisa seguir adiante — o Sr.B murmurou. — Ou algo assim.

Os três pareciam uma... família.

A voz de Jo se partiu ao dizer.

— Thaddie?

Ele não queria olhar para ela, enterrando o rosto contra o pescoço da Sra.B. Jo procurou tocá-lo, mas seus dedos passaram através dele. Ávidos, ávidos por seu garotinho.

Os Braydens o protegeram, a Sra.B gritava.

— Afaste-se dele, sua, sua fantasma ou... ou diaba! Volte para o inferno de onde veio!

Não, Thaddie é meu! Quando ele gritou como se sentisse dor, os olhos de Jo se encheram de lágrimas. Ela disse aos Braydens.

— Eu vou resolver isto. Mas vou voltar para buscá-lo.

A Sra.B sussurrou.

— *Não.*

Jo flutuou adiante, tentando tocar os cachinhos de Thaddie pela última vez... mas não sentiu nada. Ela não podia tocá-lo, não podia abraçá-lo. Seu Thaddie. Um soluço partiu seus lábios. *Eu morri mesmo no final das contas.*

E isto é o inferno.

DOIS

DEZ MESES DEPOIS

Finalmente chegara a hora de buscar seu garoto.

Jo desmaterializou-se para a casa dos Brayden e ficou do lado de fora de uma janela, procurando-o entre as pessoas que lotavam os cômodos. Estavam todos vestidos de preto, falando em murmúrios.

Ela recuperaria Thaddie esta noite, não aguentava mais esta separação, estava a ponto de arrancar os cabelos...

Pelos primeiros meses, havia vagado ao redor da casa, assistindo aos Braydens o mimarem com toneladas de brinquedos, um cachorrinho e todas as coisas que Jo quisera lhe dar. Seu Homem-Aranha surrado jazia na prateleira de brinquedos, enterrado entre todos os outros.

Quando ouvia Thaddie chamar por ela, Jo entrava de imediato, sem se tornar visível. Mas mesmo assim, sua presença parecia perturbá-lo.

Ela achara o porta-Thad em um armário e o roubara novamente - abraçava-o como uma idiota.

Nos meses seguintes, tentara afastar-se, observando-o à distância. Outros garotos vinham até a casa para brincar e ele estava sempre tão feliz, finalmente tendo os "migos" que tanto desejara. Eles corriam pelo quintal perfeito dos Braydens, com o cachorrinho correndo em seus calcanhares.

Seu irmãozinho chamava por ela cada vez menos.

Conforme Thaddie crescia a olhos vistos e ria mais e mais, Jo tentava ao máximo, mas não chegava nem perto de descobrir sobre si mesma ou controlar suas transformações. Claro, ela podia a qualquer momento flutuar diretamente para o quarto dele, mas como poderia pegá-lo se não passava de ar?

Determinada a entender a fundo sua transformação, voltou à cidade. O banco de sangue do hospital a atraía. Após beber das bolsas, recuperava seu corpo, tornando-se sólida.

Ela achava que era isto que os vampiros faziam. Embora se perguntasse por que ainda conseguia andar sob o sol.

Sentindo-se mais forte após beber, praticou tornar-se corpórea e fantasmal. Com o tempo, conseguiu tornar *coisas* incorpóreas. Qualquer coisa que carregasse se tornava ar, igual a ela, mas retornava à forma sólida assim que a soltava: bolsas tiradas de carros, roupas de lojas, um gato assustado.

Treinou bastante até sentir-se confiante de poder resgatar Thaddie.

Mas bem no fundo, sabia que ele estava melhor com dois pais e seu adorado cachorrinho. Então ela atou as cápsulas das balas que a mataram para fazer um colar. Quando sentia vontade de voltar, ela tocava as balas, lembrando-se de que não era certa para ele.

A Sra.B havia banido Jo por um motivo. E a mulher nem sabia que Jo era uma assassina fantasma/vampira.

Então passou um tempo no necrotério, na esperança de ver alguém como ela flutuar para fora de um dos sacos de cadáveres, mas isso jamais aconteceu.

Havia tentado ficar longe...

Então, na semana passada, viu o perito preparar um corpo.

Era o Sr.B.

Morreu em um acidente de trabalho. Ele não se levantou, só permaneceu morto.

Era um *sinal* para Jo retornar. Com certeza?

Os Braydens não eram mais melhores do que ela só por serem um casal, e a Sra.B não estaria com cabeça para criar um filho sozinha. Jo sentia muito

que a mulher perdesse o marido e Thaddie ao mesmo tempo, mas não aguentava mais.

Ela decidira deixar Thaddie participar do velório do Sr.B hoje, mas só. Quando a Sra.B o colocasse na cama, Jo iria até ele. Ela tinha até trazido o Porta-Thad.

Ela poderia ser uma mãe tão boa quanto a Sra.B. Ela podia proteger Thaddie, era forte o bastante para erguer a porra de um carro. Enrolar as pessoas por dinheiro jamais fora tão fácil, então tinha como enchê-lo de brinquedos. E não tinha matado nem uma única pessoa desde aquela primeira noite. Em legítima defesa, ela às vezes esmagava as bolas de uns caras como uvas - mas não houve mais nenhuma morte!

Levantou a cabeça. Onde estava ele? O sol logo se poria. Lá! Ele irrompia no cômodo, vestindo um pequeno terno preto com vários tufo de pelo de cachorro nas calças.

Olhando do porta-Thad para Thaddie, percebeu que ele não caberia. Talvez pudesse enfiar o cachorro lá.

Ela levaria Thaddie pela mão e os três se desmaterializariam juntos, para longe.

Ele sentou-se no colo de uma mulher mais velha. Jo já tinha visto a mulher em visitas anteriores. Era a mãe da Sra.B, a ... "Vó" de Thaddie. A velhota explicava a ele que moraria ali de agora em diante para ajudar a cuidar das coisas.

Não vai ser o máximo? Jo abraçou forte o porta-Thad. *Ele é meu!* Seu colar parecia gelado e pesado ao redor de sua garganta.

Nuvens de tempestade se juntaram, um trovão estrondou. Jo olhou para o céu. Ao contrário dela, Thaddie não deveria ficar lá fora, pegando chuva.

A Sra.B entrou no quarto com os olhos inchados. Devia se sentir na merda, mas não chorava e seu vestido e cabelos estavam arrumados.

Thaddie desceu do colo da velha e foi para o colo da Sra.B. Erguendo para ela aqueles grandes olhos castanhos, perguntou:

— Mamãe, para onde o papai foi?

Jo cambaleou, sem fôlego. *Mamãe?* Lágrimas subiram e derramaram. Ele jamais chamara Jo assim.

Se ela o levasse hoje, Thaddie perderia um pai e uma mãe. Isso não iria acabar com ele?

As nuvens se abriram, a chuva caía tão rápido quanto suas lágrimas. Pingos a atravessaram, ela devia ter se tornado incorpórea sem perceber.

A Sra.B tomou-o nos braços. O ciúme mordeu Jo quando ele se aninhou na mulher cheio de confiança. Jo viu-se apertando o Porta-Thad contra o peito.

Esticando o lábio superior, a Sra.B respondeu.

— Oh, querido, lembra? Papai foi para o céu ficar com a Jojo.

Facada nas costas. Facada nas costas. Facada nas costas.

Jo permaneceu sob a tempestade forte, sentindo o coração encolher... por que ela chegara a uma conclusão sobre o futuro de Thaddie.

Eu não vou fazer parte dele.

Ela pressionou a palma da mão na janela. Embora não tenha deixado nenhuma marca, desejou que ele se virasse para sua direção, para vê-la.

Mas ele não virou.

Chorando, abraçou o Porta-Thad mais forte. Entre soluços, sussurrou.

— Tchauzinho, Thaddie. — Ela se afastou, sem ter ideia de pra onde devia ir.

Quando a noite caiu, ela se desvaneceu pela estrada solitária tendo por companhia somente a tempestade...

TRÊS

A dimensão de Tenebrous, Castelo Perdishian, capital dos Outros Reinos.

Seres poderosos agitavam-se na fortaleza cheia de ecos conforme Rune Darklight atravessava o imenso castelo negro.

Ele fora o único Møriør desperto pelos últimos cinco séculos e sua função era despertar os outros quando Tenebrous avançasse através do tempo e espaço aproximando-se de seu destino: Gaia.

Também conhecido como Terra. Rune emitira o chamado telepático há alguns momentos.

Com as botas ressoando no antigo chão ancestral, entrou na sala de comando - uma câmara com uma

massiva mesa em formato de estrela e parede de vidro fortemente blindado.

Do outro lado do vidro, contra uma imensidão negra cheia de nada, imagens de mundos piscavam, como se vindas de um projetor de filmes.

Sentou-se em um dos doze assentos vazios à mesa, pousando as botas na superfície dourada enquanto esperava pelos aliados. Ou pelo menos cinco deles. Dois assentos permaneciam vazios, e quatro Møriør continuariam adormecidos; e considerando suas naturezas, seria melhor mesmo esperar para soltá-los sobre Gaia.

Abyssian Infernas, príncipe de Pandemônia, foi o primeiro a se juntar a Rune. Sian, como seus compatriotas o chamavam, tinha mais de dois metros e dez de altura, era musculoso e tinha longos cabelos pretos. Usava faixas de couro sobre seu peito largo e calças escuras.

Rune tinha de admitir que o príncipe dos infernos era perversamente atraente, igual ao diabo que era seu pai.

Sian voltou os olhos verdes para a parede de vidro.

— Que bom, ainda estamos a alguns dias de distância. Teremos tempo para nos preparar. — sentou-se à mesa. — Há eras não vou à Terra.

— Muita coisa mudou. Como logo verá. — Rune fora olhos e ouvidos dos outros nos últimos quinhentos anos, documentando cada reino que visitava. Quando seus aliados estivessem reunidos, acessariam suas lembranças, atualizando sua linguagem e aprendendo sobre os novos tempos nos quais iriam guerrear.

Eles se deparariam com um pouco de pornografia; Rune passara a maior parte de seus anos penetrando corpos úmidos de ninfas.

Por hábito tirou uma flecha da aljava presa à sua perna. Deslizou o dedo indicador na ponta da flecha, tirando um pouco de seu sangue negro para desenhar símbolos ao longo da flecha. Com aquelas runas demoníacas, podia focar sua magia fey, amplificando uma flecha normal tornando-a mais poderosa.

Allixta, a Soberana das Bruxas e a Møriør mais nova, entrou, gingando na direção da mesa. Como ela conseguia caminhar com um vestido tão curto e justo espantava Rune. Uma pergunta para séculos.

— Já chegamos? — Curses, seu familiar, a seguiu. A criatura era uma cria dos Outros Reinos, misto de pantera, tão grande que seus bigodes chegavam-lhe aos ombros.

-- Estamos perto o bastante para acordar — respondeu Rune.

Ajustando a aba de seu enorme chapéu de bruxa, ela afundou na cadeira. Curses saltou para cima da mesa, entortando a gigantesca estrutura, então silvou para Rune.

Rune silvou em resposta, expondo suas presas de demônio.

— Foi para isto que eu acordei, sangue ruim? — Allixta olhou para a flecha. — Para que derramar seu sangue nojento na presença dos outros? Está tentando nos ofender?

Rune parou de desenhar. Como um fey sombrio, seu sangue era negro e cheio de veneno, fatal até mesmo para imortais.

— Minha querida Allixta, se te ofendi, foi sem querer... mas bem feito.

Blace, o vampiro mais velho, subitamente apareceu em seu assento à mesa com um cálice de hidromel de sangue na mão. Seu cabelo castanho escuro estava preso em uma trança ajustada e ele usava um terno impecável, embora a camisa, lenço, gibão e calções estivessem fora de moda há séculos.

— Bom despertar, amigo — disse Rune. Ele gostava do vampiro. Blace sempre prestava bem-vindos aconselhamentos. Em doses homeopáticas, e geralmente no último minuto.

Blace bebericou sua bebida.

— Me pergunto as visões que sua mente nos revelará desta vez.

Darach Lyka, o primeiro lobisomem, entrou na câmara ainda se transformando de sua forma lupina. O lobo primordial vestia somente calças e carregava uma túnica na mão. Rune tinha pouco em comum com o silenciosamente intenso Darach — além do ódio mútuo por Allixta —, mas Rune o respeitava.

O melhor rastreador dos mundos, Darach provara-se inestimável para localizar objetos mágicos. E nas poucas ocasiões em que dominara sua besta interior e conseguira se comunicar com maior

facilidade, compartilhara pontos de vistas inteligentes, demonstrando cinismo surpreendente para um homem que se erguera dos mortos.

Agora Darach lutava para clamar seu corpo humano, compactando sua altura de lobisomem de dois metros e setenta. Com as presas protuberantes, ele cerrou fortemente os punhos, os ossos estalando em seus lugares.

Cada transição parecia mais difícil. Um dia Darach se transformaria em besta e jamais retornaria. A menos que encontrasse uma maneira de manter a forma humana. Talvez no reino de Gaia?

Além dos objetivos superiores dos Møriør, cada um deles buscava algo da Terra e seus planos conectados, e haviam viajado através do universo para coletar.

A maioria achava que Rune queria o trono de sua terra natal. Não, seus desejos eram muito mais obscuros do que isto. Tão obscuro quanto seu sangue negro não natural...

O soberano deles, Orion — o Destruidor — foi o último a chegar. Ele era de origem incerta, mas Rune

achava que era ao menos um semideus. Talvez fosse uma deidade completa ou mesmo um deus maior.

A aparência e cheiro de Orion haviam mudado, ele os alterava regularmente. Hoje era um demônio louro alto. No último encontro deles, fora um gigante de cabelos negros.

Ele se moveu até a parede de vidro sem dizer uma palavra. Podia ficar em silêncio por uma década. Diante dele, aquela fileira mutante de planetas flutuava conforme a fortaleza passava por um após o outro.

Agora que todos os Møriør despertos estavam reunidos, os outros começaram a vasculhar a mente de Rune. O vínculo mental deles era tão forte que podiam até mesmo falar um com o outro telepaticamente.

Ele abriu suas lembranças completamente para eles, oferecendo acesso a quase tudo, pelo menos após o primeiro milênio de sua vida. Ele se esforçara para selar o período anterior, cheio de traições e violações.

Após alguns momentos, Blace ergueu uma sobrancelha aprovadora.

— Uma dúzia de ninfas na mesma noite?

Rune sorriu. Ele dormira com centenas delas, era o favorito dos bandos de ninfas há um bom tempo. Elas eram uma excelente fonte de informação.

— Isto foi só o começo. A esbórnica total começou um dia depois.

Blace meneou a cabeça, pesaroso.

— Ah, o vigor da juventude. — Rune tinha sete mil anos... jovem, se comparado a Blace. — Você faz mesmo jus a seu apelido.

Rune, o Insaciável. Ele soprou suas garras negras.

— Arrancando orgasmos e partindo corações há eras.

Sian disse.

— Deus tenha piedade de qualquer fêmea que lhe entregue o coração. Eu quase sinto pena de suas parceiras de cama.

— Se uma de minhas gostosas for estúpida o bastante para querer mais, então ela merece toda a dor de coração partido do mundo — ele não fazia segredo de sua promiscuidade durante o sexo. Sentia

prazer físico, mas sem conexão, sem urgência... sem emoções. Fora do sexo, ele até sentia. Ele sentia divertimento, excitava-se com as batalhas. Apreciava a camaradagem com os Møriør. Mas durante o sexo... nada.

O que era perturbador, já que passava boa parte da vida fodendo.

— Gostosas? — Allixta rosnou. — Você é um puto.

Como um ex-escravo, já tivera sua cota de insultos, a maioria deles nem o incomodava. Agora suas garras se alongaram quando se lembrou das palavras de sua rainha há tantos anos atrás: *Você tem a sensualidade escaldante dos fey e a intensidade sexual de um demônio... Eu acho que pode ser útil, no final das contas.*

Velhas frustrações tornaram seu tom de voz cortante.

— Por falar em putas, já trepei com você, bruxa? Eu realmente não consigo me lembrar.

Darach abafou uma risada rude ao vestir a túnica.

Allixta fixou seus olhos verdes no lobo.

— Tem algo a dizer, vira-lata? — Daí se voltou para Rune. — Acredite em mim sangue ruim, se eu pudesse suportar seu corpo contaminado tempo suficiente para ir pra cama contigo, você jamais iria esquecer.

Contaminado. Rune odiava seu sangue. Pior, ela sabia o quanto ele odiava. Algumas coisas em sua mente eram proeminentes demais para serem disfarçadas de olhos curiosos.

Ele enfiou as mãos nos bolsos em busca do talismã que sempre mantinha a mão. Entalhado em um chifre ancestral de demônio e inscrito com runas que nem mesmo ele conseguia decifrar, sempre o ajudava a manter o foco, lembrando a si mesmo de olhar na direção do futuro...

Subitamente a cabeça de Sian se ergueu.

— Meu irmão está morto? o gêmeo de Sian, o Pai dos Terrors, havia sido tão horrendo quanto Sian era fisicamente perfeito.

Rune anuiu.

— Morto em uma competição esportiva. Assassinado na frente de multidões ensandecidas.

Blace meneou a cabeça.

— Impossível. Um primordial como o Pai dos Terrores não pode ser morto.

— Ele foi massacrado... por um mero mortal — disse Rune. — Hoje em dia, no reino de Gaia, uma espécie não luta mais contra a outra; eles se *aliaram* em exércitos. E mais ainda, estes mortais não matam somente primordiais. Eles assassinam deuses.

Allixta sorriu afetadamente.

— Talvez seu sangue sujo finalmente tenha apodrecido seu cérebro. Deuses não podem ser assassinados por mortais.

Ele virou-se na direção dos outros.

— Vários deuses pereceram, todos no ano passado. Inclusive uma das divindades bruxas — enquanto Allixta balbuciava, Rune elencou o nome de velhos deuses, extinguidos para sempre. Ele estudou a figura de Orion em busca de sinais de tensão.

Como se sentiria um deus sobre a morte de seus semelhantes?

Orion apenas olhou fixamente para os mundos que passavam velozmente.

— Por que você confia na informação destas... ninfas? — Allixta exigiu de Rune.

— Porque eu pago bem na moeda favorita delas: sexo selvagem com um pau superduro. Neste quesito, eu sou podre de rico.

Antes que ela pudesse dar uma resposta cortante, Blace disse.

— Estes assassinatos aconteceram. Leia a mente dele, Allixta. A informação está lá.

— Eles parecem conectados — disse Sian. — É como se alguém tentasse chamar nossa atenção. Nossa presença. Quem ousaria?

— Uma Valquíria chamada Nix, a Que-Tudo-Sabe — respondeu Rune. — A primordial de sua espécie — de acordo com as ninfas, Nix orquestrara os assassinatos. — Ela é uma profetisa e concede desejos. Quase uma deusa.

Orion frequentemente fazia alianças com os inimigos — fora assim com Blace, Allixta e dois dos Møriør adormecidos. Será que o deus tentaria recrutar a Valquíria?

Orion ergueu sua mão plana. As projeções reduziram a velocidade, então pararam em uma imagem de um planeta vermelho. Ele inclinou a cabeça, perscrutando coisas que nenhum outro poderia.

Fraquezas.

Ele podia ver vulnerabilidades em um homem, um castelo, um exército. Um mundo inteiro.

O Destruidor lentamente curvou os dedos para formar um punho. O planeta começou a perder forma, amassando como se fosse um pergaminho.

Será que Orion estava imitando a destruição? Ou *causando-a*?

O mundo encolheu e encolheu, até que... desapareceu. Um reino inteiro — acabado. Os habitantes mortos.

Orion virou o rosto para os outros. Sua expressão era contemplativa, mas seus olhos... escuros e frios, como o abismo do qual Sian emergira. Seu olhar insondável recaiu sobre Rune.

— Traga-me a cabeça da Valquíria, arqueiro.

Nada de recrutamento. Apenas morte. Porque não tentar uma aliança com Nix? Ainda restavam dois assentos à mesa e uma profetisa sempre seria um trunfo. O Lore a tinha como um dos mais poderosos oráculos que já viveram.

Que pena que ela não podia ver seu próprio futuro.

Rune desvencilhou-se de sua curiosidade. De qualquer forma, ele não tinha a menor afeição por Valquírias. Elas eram aliadas fiéis dos feys, uma espécie colonizadora de escravizadores e estupradores.

Diga com quem anda, Nix...

Rune sabia que ela vagava pelas ruas de uma cidade mortal específica — um lugar propício ao pecado — do anoitecer ao amanhecer. Havia um grande bando de ninfas nas proximidades. Ninfas das árvores também.

Elas tinham olhos e ouvidos em cada lago, carvalho e arbusto.

Em nome do dever, eu arrancarei informação delas. Como Rune respondera tantas vezes ao longo do milênio:

— Considere feito, meu soberano.

QUATRO

Nova Orleans

HOJE

— *Oh, deuses, Rune, estou quase!*
Porfavorporfavorporfavorodeuses, sim, sim,
SIMMMM!

Quando a super-audição de Jo detectou uma terceira mulher gritando em êxtase — no mesmo local — sua curiosidade foi despertada.

Hora de acabar com o cara que estava estrangulando.

Ela isolou-o contra a parede de tijolos, imóvel enquanto ele se debatia. Ele invadira o território dela, carregando uma bengala de cafetão?

Na mente de Jo, *bengala de cafetão* assinalava *temporada de caça*. Então o cuzão havia usado-o em uma prostituta, uma garota mais nova do que Jo. A

garota estava encolhida na esquina, com o rosto inchado, enquanto observava Jo puni-lo.

— Vai querer voltar aqui? — perguntou Jo, embora ele não pudesse responder. Ela apertara até as coisas quebrarem, a laringe do cara estava esmagada. — Huh?

Olhando-a nos olhos, ele tentou negar com a cabeça.

— Se voltar, vai morrer. Entendeu? — ele tentou concordar. — E se voltar a bater em uma mulher de novo, eu vou atrás de você. Você vai acordar comigo ao seu lado na cama, como um pesadelo personificado. — Ela expôs as presas e silvou.

Ele mijou nas caças — acidente de trabalho — então ela atirou-o para outro lado, no estacionamento.

A garota ergueu os olhos para Jo.

— Obrigada, Senhora das Sombras.

Meu apelido. De alguma forma o alter ego de Jo havia se metamorfoseado em uma estranha vilã protetora de prostitutas. Podia ser pior.

— É, está bem.

Enquanto Jo limpava as mãos, ela ouviu outro grito.

— *Rune! Rune! SIM!*

As três mulheres extasiadas haviam gritado o nome deste cara, esse tal de Rune. *Eu tenho de ver isto.*

Embora a garota ainda a observasse, Jo acionou o modo fantasma. Invisível e intangível, desceu a Bourbon Street na direção dos gritos, sem tocar os pés no chão.

Desde que chegara à cidade alguns meses atrás, andara espionando bastante. As coisas — e seres — misteriosos que testemunhara, haviam acendido uma esperança que ela não sentia há anos.

Ela já não observava as estrelas, perdendo-se em sonhos de ter o irmão de volta. Ela já não mais passava intermináveis noites e dias perdida na TV ou revistas em quadrinhos.

Jo estava *se encontrando*.

Um pedestre bêbado passou através dela e estremeceu. Ela também. Turistas eram rançosos. Eles suavam loucamente, fediam a lagosta e pão de

alho, e bebiam como se não houvesse amanhã, como granadas de vômito pré-detonadas.

Será que ela vomitaria se bebesse o sangue deles?

Ela jamais mordera ninguém. O cheiro... de qualquer coisa que o cara tivesse comido no jantar, ou a goma dos colarinhos, ou os bichos babentos que acariciavam... a repeliriam. Ou pior, o cheiro de perfume.

Perfume Axe.

Como ela poderia pôr a língua em uma pele saturada com aquela porcaria? Até que alguém inventasse uma camisinha para presas, continuaria assaltando o banco de sangue.

Algumas quadras depois da Bourbon, deparou-se com um pátio de muros altos. Uma fonte de água jorrava dentro dele. A mulher gritava ainda mais alto, o som de corpos se chocando um contra o outro ficou mais veloz.

Hmm. Talvez Jo pudesse possuir um dos participantes, viver indiretamente através dele. Tirando um estremecimento inicial, as "conchas" jamais percebiam que ela estava dentro.

Ou Jo podia roubar seus pertences. Seu quarto de motel, alugado por semana, estava cheio de coisas roubadas. Ela fingia que cada prêmio roubado era um presente para ela... uma ponte para conhecer melhor alguém... da mesma forma que fingia que cada possessão era uma visita.

Uma conexão.

Como jamais teve um amigo antes, como saberia a diferença?

Suas compulsões para roubar e possuir os outros havia piorado ultimamente. Talvez precisasse de uma conexão de verdade. Ela tinha tão pouca interação que se perguntava se realmente havia ressuscitado.

Às vezes tinha pesadelos de que sairia flutuando para o alto para sempre, para longe. Quem sentiria sua falta?

Enquanto Jo parava na entrada do pátio, a voz de uma *quarta* mulher soou.

— Isto é tão bom, Rune! Deuses do céu! SIM! Não pare, não pare! *Nunca, NUNCA!*

Jo flutuou até o portão de madeira semiaberto, espiando uma cena safada.

Uma loura semi-vestida estava pressionada contra a parede recoberta de hera por um homem alto e de cabelos escuros com as calças baixadas até as coxas. As pernas flexíveis da mulher estavam enrodilhadas ao redor da cintura dele, enquanto ele a penetrava.

Deve ser *Rune*. Que tipo de nome é este?

Três outras mulheres deslumbrantes estavam completamente nuas, deitadas sobre um sofá, de olhos semicerrados enquanto observavam-o penetrar a quarta.

Este cara acabara de comer todas elas? Façam fila que eu mando ver? *Ugh*. De jeito nenhum possuiria qualquer uma delas.

Jo flutuou para o lado para vê-lo melhor. Ele parecia ter uns trinta anos e, aparentemente, tinha energia de sobra. Ele era atraente, ela achava. Os olhos eram bonitos, da cor de ameixas pretas, e gostou dos cabelos grossos e escuros. Eram sem corte e meio compridos com pequenas tranças aqui e ali. Mas ele tinha feições rudes... um nariz torto de lutador e um queixo largo demais.

Mas seu corpo grande e magro era um tesão. Ele devia ter quase dois metros e dez, pareceria um

gigante perto dos um metro e sessenta e sete de altura que ela tinha, e cada centímetro dele era trabalhado. Uma camisa fina contornava seu peito amplo e braços musculosos. Seu traseiro nu parecia duro como pedra. As coxas poderosas deviam ficar lindas naquelas calças de couro preto que estavam baixadas acima dos joelhos.

Ele trazia um arco pendurado nas costas e uma aljava amarrada na perna. Um coldre de faca estava preso em seu cinto solto.

Ela deu de ombros, já vira coisas mais bizarras na Bourbon Street. Se ele recuasse um pouquinho mais ela poderia ver seu pau...

Uau! Erguer de sobrancelhas. O erguer de sobrancelhas mais alto que ela já viu.

Como ele conseguia se segurar tanto? Ele não estava nem sem fôlego. Talvez ela fizesse mais sexo se os caras conseguissem se segurar tanto tempo. Os poucos caras com quem transara apressadamente não valeram nem o preço das camisinhas compradas.

Enquanto ela observava este estranho alto mover seu corpo... às vezes contraindo seus quadris estreitos, outras vezes recuando só para voltar a se

enterrar de novo... ela se perguntou qual seria a sensação de sua pele bronzeada e suave. O cheiro. Quando Jo estava em modo de fantasma, seu supersentido de olfato enfraquecia.

Ela apostava que Rune não usava Axe.

Seu olhar travou na pulsação no pescoço dele. O ritmo lento e constante era hipnótico.

Tum... tum... tum....

Surpreendentemente, a pulsação não estava acelerando.

Como ele reagiria se ela perfurasse aquela pulsação com uma presa? Qual seria o gosto?

E ele continuava. Sua energia devia ser sobrenatural. Além disto, as mulheres eram quase belas demais. Jo suspeitava que estas pessoas não eram deste mundo.

De seus pontos de vantagem escondidos ao longo das ruas de Nova Orleans, ela espionara gente paranormal fazendo coisas inumanas. O que a fez se perguntar... e se ela não fosse só algum tipo de abominação que ressuscitara do inferno? Podia ser uma entre muitos outros.

Ela tocou seu colar, tateando o cordão de cápsulas deflagradas. Nunca o tirava, ainda o mantinha como um símbolo da noite em que voltara dos mortos.

Mas sua descoberta de outras aberrações a faziam começar a repensar a si mesma, a seu mundo.

Sua decisão de permanecer longe de Thad.

Ela se aproximara de alguns destes seres estranhos com perguntas na ponta da língua: *O que eu sou? Como virei isto? Existem mais como eu?* Ainda assim, eles a afastaram.

Ela tinha a impressão de que este macho não a afastaria. Podia falar com ele assim que terminasse! Ela manteria a guarda, é claro, pronta se defender com garras e presas se as coisas dessem errado... Jo achava que *ainda* era como uma gata selvagem.

Parecendo perdida, a loura se inclinou para beijá-lo, mas ele desviou o rosto. Interessante.

As outras três sussurraram uma para outra:

— *Eu também me esqueço, às vezes.*

— *Dá para imaginar o que ele faria com aquela boca? Se ao menos...*

— *Por que ele tem de ser venenoso?*

O homem deve ter conseguido ouvir suas vozes baixas. Ele estreitou os olhos, pressionando os lábios de forma irritada, sem parar de arremeter. Jo sentiu pena dele.

— *Você já chegou a ver o sangue negro dele?*

— *O pau dele não é venenoso, e isto é só o que importa.*

Venenoso? Sangue negro? Ele era definitivamente uma aberração!

A loura balouçante segurou o rosto dele entre as mãos.

— *MAIS! Estou quase! Não pare, Rune, não pare!*

Ele parou.

— *Nããããão!* — a mulher choramingou.

— *Você quer mais? Não vou te desapontar, pombinha* — a voz profunda dele tinha um sotaque incomum que Jo não conseguia reconhecer. — *Mas você não pode me decepcionar... Prometa que vai fazer o que pedi.*

Ele estava usando sexo para manipular a garota? Que cuzão. Foda-se a pena que sentiu dele.

A expressão da mulher era frenética.

— Eu faço! Juro, JURO! Só *porfavorporfavorporfavor* continue!

Rune acariciou-a sob o queixo e sorriu para ela; ela pareceu se dissolver.

— Garotas boazinhas ganham recompensas, não ganham?

Jo ria na cara dele se falasse com ela deste jeito. A loura concordou desesperadamente.

Ele voltou a meter com força. A mulher convulsionou sobre o pau grande dele, balbuciando por entre gritos.

— É isto o que quer, pombinha? — ele exigiu. — Meu pau é só o que importa, não é? Não pode viver sem ele, pode? — Quanta arrogância!

A loura choramingou, balançando a cabeça. As outras mulheres encaravam-no como se ele fosse um deus.

O plano de Jo de inquiri-lo parecia menos atraente a cada minuto. Ele a faria implorar por informação ou iria brincar com ela? Mas ela ficou. Queria vê-lo gozar. Vê-lo perder seu controle de ferro.

Vê-lo vulnerável.

Seu olhar retornou para aquele ponto pulsante. Será que o sangue dele era mesmo negro? Ela fantasiou aquele sangue percorrendo as veias dele, por todo aquele corpo maravilhoso.

Suas presas se alongaram. Seu coração começou a trovejar, sua respiração espectral arquejou. Ela lutou para manter controle. Como sempre, emoções exacerbadas afetavam seu controle sobre sua forma incorpórea, tornando mais difícil manter-se intangível. Se ela se materializasse, nem que fosse só um pouquinho, estas aberrações podiam conseguir sentir sua presença.

Seu corpo começou a flutuar para baixo como um balão pesado. *Não, ainda não.* Ele provavelmente não iria querer conversar se descobrisse que espionara sua orgia. Ela teria de ir embora antes de se

materializar, então encontrá-lo casualmente outra hora.

A loura começou a gritar em êxtase. Embora Rune estivesse penetrando-a e ela estivesse gozando nele, ele sorriu e calmamente ronronou.

— Estou gozando.

A mulher olhou para ele com um gemido de adoração.

Ele brevemente congelou. Então os quadris arremeteram *Mete, mete, mete, METE, METE*.

Com um sorriso afetado, ele se imobilizou. Acabou? Ele gozou! Jo se arriscara a ficar por ali para isto? Se ela tivesse piscado, teria perdido.

Quando seu olhar desceu para o traseiro dele e sua respiração ficou ainda mais arquejante, ela dirigiu-se à saída. Por cima do ombro, deu um último olhar àquele ponto de pulsação.

O ritmo permanecera inalterado.

CINCO

Frutas do campo misturadas à chuva morna.

Havia outra fêmea ali por perto... e, deuses todos poderosos, seu aroma doce era apetitoso.

Rune havia acabado de fazer sua última informante gozar e já visualizava a caça pela Valquíria, seu alvo. Mas ao detectar o aroma da nova fêmea, pegou-se endurecendo mais uma vez dentro da ninfa.

Ela achou que a reação dele era por ela e lançou-lhe um sorrisinho maroto.

Inaceitável. Um macho jamais devia perder o controle de seu corpo durante o sexo. Ele retirou abruptamente seu membro, fazendo-a arfar, então a pousou no chão. Enquanto se vestia, ela cambaleou para se juntar às amigas. Elas provavelmente continuariam sem ele.

E lá vão elas. Que macho abandonaria um punhado de ninfas desejosas?

Ele. Aquilo era uma ocorrência comum para ele.

Além disso, a fruta do campo anônima requeria investigação. Dava para perceber que ela estivera *dentro* do pátio — uma *voyeur*? — mas se afastara deles.

Se ela fosse tão gostosa quanto seu cheiro...

Ele fechou o pesado cinto. Sem olhar para trás, ele disse para as ninfas.

— Estou indo, pombinhas. Me chamem assim que virem a Nix. E tentem conseguir uma mecha do cabelo dela.

Em meio a gemidos, uma ninfa perguntou.

— Para que quer passar pelos espectros?

Aqueles seres medonhos defendiam Val Hall, o covil das Valquírias, com uma guarda impenetrável até mesmo para um Møriør como ele. Mas esta noite ele aprendera — através do sexo — que havia um tipo de chave; se alguém oferecesse cabelo de Valquíria para os espectros, as criaturas permitiriam a entrada.

As ninfas estariam atentas a uma mecha. Por enquanto, elas se esconderiam nos carvalhos de Val Hall para espionar, alertando Rune sobre o regresso de Nix.

Até lá, procuraria nas ruas pela profetisa. *Depois* de rastrear aquele cheiro.

Outra ninfa perguntou a ele.

— Você não machucaria a Nixie, né?

Ela não vai sofrer muito. Ele virou-se para sorrir para seu bando. Seu sorriso, ele bem sabia, era tão deturpado quanto sua moral e era um tanto falsificado; as fêmeas se excitavam ao vê-lo.

Outra pergunta para séculos.

— Machucar Nix? — ele zombou. — Eu só quero conquistá-la. Que macho não iria querer dormir com uma Valquíria?

Ele já tinha feito isto, claro. Grande decepção. Ela ficou toda carente depois e as orelhas pontudas — característica típica dos fey — foram broxantes. Ele odiava os fey, odiava que suas próprias orelhas também fossem pontudas. As ninfas também as tinham, mas pelo menos elas gostavam de se divertir sem nenhuma pressão.

Conquista era algo que as ninfas entendiam. A primeira a quem satisfizera aquela noite disse:

— Nix deve estar no bairro agora mesmo. Pelo menos até o amanhecer. Boa sorte!

Ele deixou-as suspirando pelo seu sorriso, enquanto se afastava do pátio. Precisava vasculhar a

cidade atrás de seu alvo. Então porque estava indo atrás da *voyeur*?

Na rua, pedestres bêbados o rodearam. Fêmeas de olhos turvos o encararam com desejo.

Embora metade fey/metade demônio, ele conseguia se passar por um — muito grande — humano. Seu cabelo escondia as orelhas, e ele desenhara runas no arco e aljava que usava para os camuflarem dos olhos mortais.

Entre humanos havia outros imortais. A maioria o tomava por um fey durão — contanto que ele não expusesse as presas que herdara de sua mãe demônia.

Embora seu sentido de olfato não fosse tão aguçado quanto o de Darach, Rune conseguiu detectar a *voyeur* alguma distância à frente. Seu olhar fixou-se em uma curta minissaia preta e um traseiro incrivelmente atraente.

As coxas dela eram bem torneadas, mas rijas. Perfeitas para se fecharem em volta da cintura de um macho. *Ou das orelhas pontudas dele.*

Não que um macho venenoso como Rune pudesse satisfazê-la deste jeito.

Uma longa queda de cachos castanhos escuros desciam suas costas abaixo, parecendo tão sedosos quanto pele de mink. O top preto revelava uma cintura minúscula. Ela calçava coturnos e eles lhe caíam muito bem.

Se as tetas dela fosse tão empinadas quanto aquela bundinha atrevida... Como se obedecendo, ela se virou na direção dele, proporcionando uma visão completa da parte da frente.

Primeiro pensamento: *Eu queria devorá-la inteira.*

A pele dela era do alabastro mais pálido, os grandes olhos castanhos, fortemente delineados com kohl. Ela tinha maçãs do rosto salientes e um assombroso ar etéreo no rosto. Mas os lábios vermelhos eram cheios e carnaís.

Ela usava um colar estranho feito de pedaços irregulares de metal. Parecendo perdida em pensamentos, ela esfregou um pedaço de metal no queixo.

Ele baixou os olhos e quase gemeu. *Que tetas.* Eram generosas, estava sem sutiã. *Boa garota.* Ele observou aqueles montes balançarem com seus passos cheios de confiança — uma visão gloriosa.

Ainda melhor, os mamilos dela estavam eretos contra a blusa. Ele apostava que sua performance causara aquela resposta.

Ele inalou mais profundamente. Oh sim, ele a afetava. Ao captar a excitação dela, seus músculos tensionaram, seu corpo enrijeceu tanto quanto seu arco.

O umbigo dela tinha um piercing com uma corrente delicada pendurada de uma argola. Ele adoraria esfregar o rosto nela. Sem descer demais. Se ele a lambesse, ela sentiria prazer num instante, então convulsionaria em agonia.

Seus fluidos corporais eram tão tóxicos quanto seu sangue negro. Presas e garras também.

A única coisa que odiava mais do que os fey era seu veneno. Se fosse matar uma pessoa, deveria ser de propósito... e não por causa de alguma anomalia da natureza...

Ele se recostou em um poste de luz estudando a fêmea. Maquiagem fantasmagórica, roupas pretas, coturnos. Como os mortais chamavam este estilo? Ah, ela era uma *Gótica*. Porque alguém procuraria reviver tal era humana, Rune não conseguia entender.

Mas com uma aparência tão etérea como a dela, tinha de ser uma imortal. Talvez outra ninfa? Não, muito voluntariosa.

Talvez uma súcubo? Se fosse ansiaria por sêmen, o qual ele não poderia dar, mesmo que não fosse venenoso. Ainda assim, seria impossível. Rune havia seduzido sua cota de devoradoras de semente, prometendo-lhes uma foda de trincar os dentes. O que ele sempre satisfazia.

Mesmo aquelas gostosas acabavam querendo mais dele. Após apenas uma foda, fêmeas não-ninfas geralmente se apegavam a ele, tornando-se ciumentas e possessivas.

Durante sua vida, milhares haviam buscado obter monogamia dele. Ele dava de ombros. O conceito lhe era incompreensível.

A *voyeur* não tinha segredos que ele desejasse e ele se arriscava ao seu apego. Então porque continuava inalando mais de seu aroma?

O que ela é? Ele tinha uma boa quantidade de curiosidade fey dentro dele e isso exigia resposta.

Só seis metros os separavam.

Se ela fosse uma mestiça como ele, então como ele nunca, em todos os anos e viagens, havia apreendido sua combinação de odores? Não fazia sentido.

Seis metros de distância. Ele se moveu para bloquear-lhe o caminho.

Ela ergueu o rosto, piscando em surpresa.

— Olá, pombinha. Então você ficou querendo se juntar à festa no pátio? — Ele a fez recuar até encostar contra uma parede e, naturalmente, ela permitiu. — As ninfas ficariam contentes em me compartilhar. E há *muito* o que dividir.

A surpresa dela diminuiu. Ela ergueu a cabeça para lançar-lhe um olhar de avaliação.

— Você estava assistindo, né? — o pensamento daqueles olhos enfeitadores acompanhando sua

ação fez seu pau endurecer ainda mais. Será que ela iria negar?

— Eu realmente assisti — os olhos de sua *voyeur* eram desafiadores, sem um pinga de vergonha.

Aparência fenomenal. Voz sexy. Será que as orelhas dela eram pontudas ou arredondadas? Ele torcia pelo último.

— Eu sei que gostou do show.

— *Sabe mesmo?* — ela inclinou a cabeça, fazendo com que os cachos sedosos cascadeassem por sobre um ombro. — *Até que foi mais ou menos.*

O cheiro dos cabelos dela atingiu-o como um vento. Frutas do campo. Elas cresciam nos planaltos de sua terra natal, muito acima dos pântanos sufocantes onde ele trabalhara como um jovem escravo faminto. O cheiro delas o atormentava e distraía.

Espere...

— Você acabou de dizer *mais ou menos*? Asseguro-lhe que esta palavra jamais foi usada em relação à minha performance. — Ele observou fascinado os lábios dela se curvarem. O lábio inferior

tinha uma covinha no centro que ele queria lamber. Mas jamais poderia.

— Performance — os vívidos olhos dela flamejaram. — Exatamente como eu descreveria.

Maldição, o que ela era? Então as sobrancelhas dele se juntaram pelo comentário dela. Pelo último milênio, ele pode até ter consolidado seu... repertório sexual. Seu veneno limitava suas opções. Mas *performance*?

— Nunca tive reclamações.

Ela deu de ombros e seus seios balançaram sob a blusa. Ele umedeceu os lábios, distraidamente.

— Quer minha opinião honesta?

Como se ele se importasse com o que ela pensa! Ainda assim, sua boca disse.

— Diga.

— Você demonstrou potencial algumas vezes, mas nada que fizesse valer a pena eu tirar a roupa.

Potencial?

— Então você não viu direito o que eu estava fazendo.

Ela lhe deu um franzir de cenho exagerado.

— Minha honestidade feriu seus sentimentos. Não foi *de todo* mal. Que tal isto: há um clube de sexo ao vivo ali na outra esquina... aposto que conseguiria se inscrever na competição da noite de amadores.

Ele se inclinou.

— Ah, pombinha, se você é a expert no meu campo, gostaria que me desse um curso de aperfeiçoamento.

— Eis uma dica. Talvez devesse relaxar o suficiente para tirar as botas. Ou, ei, que tal remover também o arco e flecha?

— Parece um bom conselho, mas nunca sei quando posso precisar de minhas armas. Mesmo fodendo ainda fico atento aos inimigos.

— Você deve ter vários. De que tipo?

— Todos os tipos. Incontáveis. Em todo caso, eu nunca removeria meu arco; é um presente valioso. — Eras atrás Orion havia soltado Darach em um reino estrangeiro com uma única orientação: *Encontre o arco Darklight com uma lua negra e sol branco entalhado acima da empunhadura. Uma semana*

depois, Darach havia voltado de olhos selvagens e com o arco na mão. Orion o havia dado a Rune, dizendo: Sua nova arma, arqueiro...

— Valioso? — o olhar da voyeur flutuou sobre o arco com um interesse intenso demais. — Certamente você odiaria que ele fosse roubado.

— Nunca — por que estava se gabando para ela sobre sua arma? Ele *recebia* informações, não as *fornecia*.

Ele podia falar por horas sem jamais revelar nada significativo.

Ainda assim havia algo nela que o fazia querer se vangloriar. Já tomara mulheres mais bonitas. Ele já tivera semideusas debaixo do seu corpo. Porque a achava tão atraente?

Talvez porque esteja te desdenhando, Rune?

— Você é um bom arqueiro? — perguntou ela.

— O melhor de todos os mundos — se gabando de novo? Mas aquilo era verdade.

Inicialmente Rune havia resistido aceitar a arma favorita dos fey. A resposta de Orion: *Mesmo que*

você seja mais letal com ela do que todos eles juntos?

— Mundos, é? De onde você é?

— Muito, muito distante — ele se perguntou o que ela pensaria se dissesse que seu lar primário era em uma dimensão que se movia. Que vivia em um castelo místico cheio de primordiais e monstros.

— Quem te ensinou a atirar?

— Eu aprendi sozinho — determinado a merecer a atenção de Orion, Rune havia praticado até que a corda do arco estivesse manchada de negro, devido aos seus dedos ensanguentados.

— Se sua performance vai ser previsível, pelo menos que seja um bom arqueiro — ela mordiscou aquela covinha no lábio inferior e o pau dele pulsou dentro das calças.

Ela merecia ter aquela boca beijada até lhe toldar a visão. E ele não podia ser o macho que faria isto! Ele cerrou os punhos, e disse.

— Pode falar o que quiser sobre minha *performance*, mas você ficou molhada. Eu senti o cheiro.

— Você tem um pau, eu tenho uma boceta. Isto não significa que ela está à sua disposição.

Ela era lacônica, quase agressiva. *Eu a desejo.*

— Vamos aos finais ou não? O pátio espera e estou atrasado. — Ele não tinha tempo para isto! Seu alvo podia estar vagando por estas mesmas ruas. — Ou podemos nos encontrar mais tarde.

— Sem chance — disse ela —, gosto de homens com paixão. Quando terminou, lá atrás, não dava para saber se tinha gozado ou segurado um espirro.

Ele estreitou os olhos.

— Eu tenho de manter o controle. Sou meio demônio/meio fey, um fey escuro por completo — ele afastou os cabelos para revelar a orelha pontuda — e se eu perder o controle, posso ferir minhas parceiras.

Embora fosse verdade, não corria nem o risco de perder o controle. *Não há nada dentro de mim para refrear. Nenhum incêndio a conter.*

De qualquer forma, aprendera a refrear-se também por outras razões. Ele percebera em tenra

idade a dinâmica de poder trocada entre os amantes quando um deles sucumbia aos espasmos.

Poder era tudo, mesmo durante o sexo.

— É verdade que não pode beijar? — perguntou ela. — Eu as ouvi dizerem que você é venenoso.

Ele deu de ombros, como se esta limitação não fosse nada.

— Para todo mundo, exceto minha própria espécie — seu primeiro assassinato havia sido com um beijo mortal.

Com a lembrança de seu passado, ele cerrou as presas e pousou a mão da mulher em cima do seu pau.

— Acha que vai sentir falta? Eu compenso a falta de beijos em tamanho.

Ela deu uma leve apertada, então retirou a mão — como se tivesse se dignado a *cumprimentar* seu pau, e somente porque ele tinha sido inconveniente o bastante para aparecer por ali. O desdém dela podia rivalizar com o da velha rainha fey.

— Alguns homens da caverna carregavam grandes porretes. Isso não significa que eu iria gostar de ser atingida com eles.

Estremecimento interno.

— Eu tenho outros truques na minha manga. — Ele era bom com as mãos. Desde que retraísse as garras venenosas, podia usar os dedos para arrancar gemidos dela. — Encontre-me no pátio à meia-noite e farei você ver estrelas — ele lançou seu sorriso, esperando a reação que sempre despertava.

A vaca encobriu um bocejo.

O sorriso dele se apagou.

— Pode ser que eu apareça — disse ela — se me levar para tomar um café.

Como um prelúdio ao sexo? Que infernos ele teria para conversar com ela, uma mulher que planejava foder? Ele tinha a visão meio limitada neste ponto.

Ela completou.

— Eu mesma não costumo tomar muito café, mas não é isso que as pessoas fazem?

O desejo dela de falar devia ser um stratagema para alguma coisa. De outra forma, isto significaria que esta fêmea quer algo mais dele... *outra coisa que não sexo?* Não, isto não fazia sentido algum.

— O que vamos conversar? — ele apoiou a mão na parede sobre a cabeça dela. — Você me diz sua verdade e eu te conto uma mentira?

Uma sombra cruzou a expressão dela.

— Todas as minhas verdades são mentiras.

A curiosidade o invadiu. Fêmea fascinante do caralho. Ele estendeu a mão para acariciar os cabelos dela e colocá-los sobre o ombro. A orelhinha dela era abençoadamente arredondada no topo. Duas argolas decoravam a curva, enfatizando a forma perfeita.

Ele refreou um gemido. Para um macho como ele, nada era tão sexy. Ele queria beijar as orelhas dela, esfregar o nariz e mordiscá-las.

— Olha esses piercings. Mais algum escondido pelo corpo?

— Sim — só uma palavra. Sucinta. Sem explicações adicionais.

O suficiente para desencadear a imaginação dele. Suas garras se afundaram na parede de tijolos.

— Se vier ao encontro, vou te seduzir a fazer mais do que conversar.

Ela expirou como se tivesse chegado ao fim da paciência com ele. O que, de novo, não fazia sentido. Rune despertava todo tipo de resposta de fêmeas: luxúria, possessividade, obsessão. Nunca *exasperação*.

— Você deve estar satisfeito após quatro parceiras.

— Aquelas ninfas foram somente um aquecimento. Sou chamado de Rune, o Insaciável, com razão. Nunca fico satisfeito — ele lhe disse honestamente, como se isto fosse uma boa coisa. Ele se gabava com seus amigos, mas na realidade sua existência era bem exaustiva. Sempre esperando pela próxima conquista, o próximo segredo...

Ele considerara hibernar após esta Ascensão.

Então se lembrara que podia precisar de pelo menos quinhentos anos para saborear suas vitórias.

Ele se inclinou para sussurrar próximo às orelhas adoráveis dela.

— Talvez você seja a que vai enfim me satisfazer.
— Isso não acontecia há milênios, ele não esperava que acontecesse agora, mas as garotas engoliam fácil

aquele xaveco. Ele jogava esta isca porque as fêmeas do Lore gostavam de um desafio.

Aquela fêmea pressionou suas mãos quentes no peito dele, enterrando suas unhas pretas.

— Quer saber de uma verdade? — ela sustentou seu olhar. Os olhos dela eram hipnotizantes, as íris castanhas raiadas de um azul brilhante e âmbar.

Finalmente eles estavam chegando a algum lugar!

— Quero.

Em um sussurro arquejante, ela disse.

— Talvez eu não ligue merda nenhuma para a sua satisfação.

Voz sexy. Palavras duras.

— O que você é?

— Você não sabe mesmo?

Ele negou com a cabeça, mas ela já estava afastando o olhar dele, perdendo instantaneamente o interesse.

— Chega disso — ela deu tapinhas no peito dele, então passou por baixo do braço dele. — Até mais, Rune.

— Espere, esqueci seu nome.

Ela caminhou de costas, lançando-lhe um sorriso deslumbrante.

— Porque eu não falei, tonto. Só garotos bons são recompensados — ela girou para afastar-se dele.

Ele ficou boquiaberto em descrença enquanto ela marchava rua abaixo. Ela atraía atenção de todos, deixando os homens mortais curiosos. Os músculos de Rune ficaram tensos para persegui-la, mas conseguiu se refrear.

Ele havia se tornado o mestre de seus impulsos. Nos primeiros séculos infernais de sua vida, seu corpo e mente fora comandado por outros.

Nunca mais.

Mas o dano estava feito. Ele havia se tornado tão indiferente durante seus anos mais jovem que se sentia como dois seres separados. *E um deles estava morto.*

Rune havia refreado o fogo dentro de si por tanto tempo que acabara por extingui-lo. E ainda assim seu coração trovejava nos ouvidos ao observar sua *voyeur* sumir na multidão.

SEIS

Jo ainda podia sentir Rune em suas costas, então manteve um ritmo casual descendo a rua.

Ela tinha acabado de conhecer mais uma aberração! Tinha conversado com um!

Mas mesmo ele não sabia o que ela era. Então tinha terminado seu encontro com o mulherengo *fey sombrio*, o obstinado que era obcecado por sexo. Ele verdadeiramente iria tê-la alinhada como as outras, tornando Jo a quinta da noite (se não mais).

Agora que sabia o que procurar, acharia outros tipos paranormais, alguém bem mais informado.

Apesar de sua arrogância, ela lançou um olhar para trás. Eram todas as aberrações tão convencidas? Eram todos tão sedutores?

Quanto mais conversava com ele, mais atraente lhe parecia. Ela assistiu com tranquilidade um constante ponto pulsar mais e mais rápido conforme eles brincavam. E cavou dicas de tatuagens espiando pelo seu colarinho e a aparência antiga das faixas prateadas que ele tinha nos dedos. Quando ele ergueu o cabelo para revelar um pouco das orelhas ligeiramente pontudas (que eram formidáveis), ela viu que os lados de sua cabeça estavam parcialmente raspados (também formidável).

E, bom Deus, aquele homem podia vestir couro. Suas pernas magras, poderosas estiravam sua calça apenas o suficiente, assim como seu pênis enorme, que ele colocou na mão dela, maldição! A tentação para continuar esfregando quase tinha ganhado.

Ainda que ela não o testemunhasse em ação, julgaria seu olhar: Um bad boy Conquistador com um grande e balançante pênis.

Seu sorriso era tão sensual que ela teve que encobrir seu suspiro com um bocejo fingido.

Ainda mais que só sua aparência a atraía. Embaixo do cheiro de sexo e ninfas, seu odor natural era irresistível. Como couro e sempre-viva.

Depois de um golpe disto, teve o desejo de beijá-lo, apesar de seu veneno. Ela podia ter alcançado e segurado seu cabelo legal, puxando-o para beijá-lo até que suas presas fatiassem sua língua.

Uau. Compartilhando sangue através de um beijo? Mau passo. Ela nunca tinha fantasiado sobre isso antes. Suas presas sempre permaneceram dormentes durante o sexo.

Maldição, aquela imagem era obscenamente quente. Imediatamente úmida.

Ela precisava se controlar. Da mesma maneira que suas emoções podiam fazê-la encarnar, podia aciden-

talmente tornar-se fantasma também, e Rune poderia ainda estar observando-a.

O Conquistador queria saber seu nome. Queria transar com ela, enfileirando-a e a jogando fora como as ninfas. Ele queria uma conexão com ela, no entanto breve.

Ela ansiava por uma conexão também.

Então roubou o conteúdo do seu bolso, um objeto retangular. Quando virou a esquina, abriu a mão espiando o que tinha pegado. Era algum tipo de osso gravado.

Que estranho. Ele deve estimar isto por alguma razão. Não tão bom quanto o arco "inestimável" que ela tinha olhado, mas teria que se contentar.

Será que ele notaria o bolso vazio logo? Ela sorriu. Quão furioso ele estaria ao ter uma pombinha enrolado-o?

Seu sorriso desapareceu. Fora seu nome e seu corpo, ele queria sua verdade.

Eu podia contactar meu irmão a qualquer hora, intrrometer-me na sua vida não pode conseguir uma vida melhor, e ele me daria boas-vindas de braços abertos. Nenhum dano feito ao meu garoto. No momento, estou bem. Eu não estou lentamente morrendo de solidão. Não temo, eu flutuarei. Eu não lamento que ninguém saberá que fui embora.

Suas verdades eram todas mentiras.

Ela agarrou o colar. Você nunca pode voltar para ele.

Nunca. Nunca. Nunca.

Então por que continuou a procurar por desculpas para fazer isto?

Estava impaciente, não pronta para voltar "pra casa" para seu quarto sujo no motel "Grandes Sonos

Fáceis" (conhecido por seus clientes regulares como o Grande Pênis Gotejante).

Precisava de uma dose de sua droga favorita. Só umazinha. Seus olhos dardejaram. Fornecedores. Ela precisava de fornecedores.

Lá! Um casal de meia-idade passeando de mãos dadas.

Perfeito. Ela incorporou na mulher, relaxamento fluindo com ela. Sem ossos. Sem esforço. Como flutuar na água.

Jo imaginou que podia sentir a mão áspera do homem, o calor vindo do corpo dele. Fingiu que era a única que ele amava.

Os dois caminharam em silêncio, mas as vibrações entre eles não eram desajeitadas ou tensas, só... pacíficas.

Ela suspirou interiormente. As pessoas tomavam a maravilha de segurar a mão por concedido.

Descendo o rio, o casal sentou em um banco. Estrelas cintilavam acima, uma meia lua baixa sobre a água. As notas de jazz levadas pela brisa.

O homem soltou sua mão. *Não!*

Só para envolver seu braço ao redor da sua mulher. Ele puxou para mais perto. Felicidade. Eles murmuraram em um idioma estrangeiro, mas Jo não precisava entender. Qualquer coisa que ele disse fez a mulher descansar a cabeça no ombro dele, como provavelmente fez mil vezes antes. Eles se inclinaram para trás e fitaram as estrelas.

O passado de Jo era um mistério, e ela às vezes sentia que as estrelas tinham as respostas. Ela amava olhar as estrelas. Bem, amou durante os primeiros dez ou mais minutos. Então a percepção de que não tinha amigos infiltrou-se nela. Observar as estrelas para alguém tem de ser um hobby solitário.

Agora ela tinha companhia. Este casal.

Pelo que poderia ter sido horas, eles permaneceram assim, perdidos em seu próprio mundinho conforme uma névoa rolava do Mississippi.

Ninguém tinha amado Jo. Sem pais, sem namorado. Por conta própria, descobriu quanto ela ansiava por isto: um vínculo indissolúvel entre duas pessoas.

Amor e um futuro com que pudesse contar.

Ela era uma assassina com sangue nas mãos, mas quis entregar seu coração. Como esses dois tinham. Eles eram companheiros, duas metades de um todo maior. Jo ansiava por sua outra metade com todo desespero de alguém que sempre soube que algo estava faltando.

Absorveu os sentimentos entre estes dois como uma esponja. Talvez fosse uma viciada em amor.

Ainda que fingimento não fosse tão bom como a coisa real.

Recordando o calor do corpo de Rune a afetou. Quando imaginou compartilhar um beijo de sangue com ele, temeu se solidificar dentro da mulher, matando-a. Rapidamente se desembaraçou.

Conforme Jo assistia, a mulher estremeceu, então o homem a atraiu para mais perto.

Jo suspirou. Se tivesse alguém real, ele a seguraria assim. Possuiria seu coração e isso a ancoraria a ele.

Ele nunca a deixaria flutuar para longe.

SETE

Expectativa.

Rune, enquanto caçava Nix pelas ruas mais decadentes na cidade de Nova Orleans, sentia a antecipação agitar-se dentro dele, parecendo crescer como uma névoa espessa.

Por quê? Ele estava em uma missão de rotina, uma entre milhares.

Por horas procurou, interrogando criaturas menores e chefes de outras espécies.

Talvez ansiasse pela luta. Ele não havia sido criado como um guerreiro impetuoso, mas passara a apreciar uma boa luta com seus companheiros Møriør.

Eles lutavam incansavelmente juntos. Sian atacava para massacrar tropas com seu poderoso machado de guerra. Blace usava sua grande espada e habilidade ímpar de decapitar ondas de guerreiros. A flecha de Rune explodia em reverberações tão violentas que os ossos dos inimigos se desintegravam, não se curavam jamais. Darach atacava as últimas fileiras, por trás do exército, para rastrear e matar qualquer um que tentasse escapar. Allixta criava escudos e neutralizava a magia de outros. Rune supunha que o talento dela seria útil se os Møriør enfrentassem um adversário valoroso. Por ora, a vaca só parecia decente de chapéu.

Orion amplificara todos os poderes deles e direcionara-os para as vulnerabilidades dos inimigos.

Os Møriør que ainda dormiam? Bem, o mais fraco deles destruiria uma cidade.

Quando Orion e os Møriør ofereciam aos opositores a chance de se render, eles aceitavam. Ou morriam...

Esta expectativa que Rune sentia não podia ser por causa da *voyeur*. Ela chamara sua atenção somente porque era uma raridade — não, uma singularidade.

A única mulher que ele não conseguira seduzir.

O que significava alguma coisa, como suas ocupações sempre envolveram sexo. Ele iniciara cedo no reino fey de Sylvan, porque sua rainha havia descoberto uma utilidade para Rune, o mestiço bastardo de seu marido.

Rainha Magh, a Sagaz, havia forçado Rune a se tornar um assassino.

Cheia de malícia nos brilhantes olhos azuis, ela explicara.

— Muitos de meus inimigos sentiriam-se tentados por uma criatura sensual como você. Meus assassinos não conseguem ultrapassar as sentinelas, mas você poderia conseguir, à base de sedução, entrar no único lugar onde não se tem guardas: no quarto. Mesmo

sem armas, você traz a morte em seu próprio sangue. Sua fuga será ainda mais fácil. Com um pouco de ajuda, pode se passar por um fey de sangue puro, quem suspeitaria que é capaz de se teletransportar como um demônio?

Mantendo segredo sobre seu potencial quanto à mágica e o conhecimento das runas, ele aprendera os costumes e hábitos dos feys. Aproveitava seu lado demônio, aprendendo a riscar. A combinação o tornara invencível.

Ele tivera tanto sucesso como matador que Magh havia expandido suas funções tornando-o mestre dos segredos de Sylvan, espionando e interrogando... mas sem deixar de matar, é claro.

Para todos os três objetivos ele usava o sexo como arma, insensivelmente explorando as fraquezas e perversões dos alvos. Poucos apresentaram desafios.

Estreitou os olhos, escaneando as ruas em busca de sua *voyeur*. Talvez as fêmeas do Lore não fossem as únicas que gostavam de desafio.

Era quase meia-noite. Se decidisse aparecer no pátio, será que ela estaria lá? Talvez ainda tivesse

esperança de encontrá-lo. Seus lábios se apertaram. Para *tomar café*.

Não. Ele se recusava a correr atrás dela como um garotinho escravo. O fascínio era tão involuntário quanto o cativoiro.

Lembre-se do quão longe você chegou, de um início tão humilde.

Com a ajuda de Orion, ele mudara o curso de sua vida. O Destruidor não era amigo de Rune, nem uma figura paterna (como alguns supunham). Orion era... uma ideia. Uma sensação.

Ele representava *triunfo*... algo que Rune não conhecera até jurar fidelidade a Orion.

Logo Rune seria o destruidor de Sylvan. Como aquele reinado ficaria quando assassinasse o rei atual, junto com a linha de sucessão inteira...?

Buscando foco, buscou por sua posse mais preciosa, seu talismã, o último presente de sua mãe. Ela fora uma demônia das runas, uma entre uma casta que conseguia dominar a magia através dos símbolos. O talismã viera acompanhado por um bilhete que havia levantado mais perguntas do que respostas. As

próprias runas se mostraram um enigma que ele frequentemente tentava desvendar.

Enfiou a mão no bolso.

Sumiu.

Sumiu? Congelou. Ele jamais o largava em lugar algum, nunca o perdera nessas eras todas. As ninfas não ousariam roubá-lo.

Claro. Somente uma outra pessoa havia se aproximado dele o suficiente.

Baixinho, ele murmurou.

— Aquela linda vadiazinha. — *A voyeur* o havia roubado! Oh, ela era boa. Estivera duro como pedra, esticando o tecido da calça, e ainda assim não havia percebido a mão dela afundando no bolso ao lado do seu pau.

Que surpresa.

Que garotinha má.

Ele se virou na direção do pátio. Garotas más precisam ser punidas.

Se tivesse roubado qualquer outra coisa, que não sua posse mais valiosa, ele teria sido capaz de rir.

De volta ao seu detonado quarto de motel, Jo colocou a bugiganga feita de osso de Rune junto com seus outros cacarecos. Eles se alinhavam no tampo de uma mesa de piquenique que ela havia teletransportado do parque.

Ela havia roubado a maior parte destas coisas de suas conchas. Embora não conseguisse sentir através das pessoas, a maior parte do tempo Jo *se tornava* elas.

Habitara uma violoncelista durante um concerto e havia sido aplaudida de pé. Ela servira café no Café Du Monde (e mais tarde, havia punido clientes que beliscaram sua bunda). Ela fora a uma festa de despedida de solteira e rira com outras garotas, fingindo que eram velha amigas de escola.

Em um grande casamento sulista, fora a noiva por um dia. Dançara sob a luz de velas no salão e ceder a sua cinta liga sob o olhar de adoração do noivo para ela. Mais tarde, violinos haviam tocado na noite quando seu noivo havia feito amor com a noiva. Ele havia olhado tão intensamente para os olhos dela que Jo fingira que podia vê-la.

O que significaria que ela existia.

A voz daquele noivo havia falhado quando fizera os votos para ela. *Eu morreria por você. Eu amarei somente a você o resto da minha vida. Você é tudo para mim.*

Jo reverentemente traçou os dedos sobre as rosas secas da performance daquele concerto. Com aquelas, podia fingir que já fora admirada. Com a tiara daquela festa de despedida de solteira, podia fingir que pertencera. Uma nota de dólar, gorjeta do Café Du Monde, fazia Jo acreditar que um dia havia sido uma garota normal.

Endireitou as abotoaduras roubadas daquele noivo romântico. Eram suas favoritas. Ela podia passar o polegar sobre elas e fingir que uma vez fora amada.

Com uma respiração saudosa, cruzou o tapete gasto do quarto. Gostaria de ficar em um lugar menos detonado, mas sem documentos de identidade jamais conseguiria um.

Porque não conseguia ler o formulário de requisição.

Ela virou-se para a cômoda caindo aos pedaços. Uma gaveta estava cheia de lembranças de Thad — álbuns de recortes e o Porta-Thad. Ela abriu a gaveta, passando as pontas dos dedos sobre o material de nylon. Às vezes, os três anos que passara com Thad pareciam um sonho, tão imaginários quanto o resto das experiências de sua vida.

Retirou o álbum de recortes mais recente, cheio de fotografias dele segurando troféus ou medalhas dos escoteiros ou medalhas de serviços à comunidade.

Quando ia para a área Leste (não conseguia ficar muito longe dele) ela ia à biblioteca mais próxima em busca de um computador. Usando um programa de conversão de texto para fala, aprendera sobre os esportes dele, trabalhos de caridade e notas destacadas na escola.

Ela soubera quando o time de futebol dele fora para as finais e quando sua... *mãe* ganhara um concurso de torta de nozes.

Jo bisbilhotava tanto as redes sociais dele que podia dizer quando estava nervoso com um grande jogo ou mesmo quando estava apaixonado. Através

das fotos online dos seus anuários, observara-o crescer até se tornar um jovem atraente de dezessete anos com um sorriso fácil que dizia *Tudo vai bem no mundo*.

Ele era alto e forte, um mundo de distância do garotinho mirrado que ela carregara para todo canto.

Quatorze anos atrás, havia feito uma escolha que partiu seu coração, mas obviamente havia sido a melhor. Cada dia que Jo mantinha-se distante, a vida dele parecia melhorar.

Ainda assim, para poupar Thad de sofrimento, havia sofrido, desejando que cada minuto de sua solitária existência passasse rápido. Ela só dormia quatro horas por noite, então tinha vinte horas a cada dia para torrar.

Pelo menos em Nova Orleans havia a possibilidade de encontrar outras aberrações!

Soou uma batida na porta.

Ela silvou com irritação. Poucos ousavam incomodá-la.

Quando inicialmente se mudara para cá, era uma das únicas hóspedes do hotel. Depois de um mês de

sua caçada — esmagando testículos e sumindo com estupradores e cafetões aproveitadores — os quartos haviam se enchido de mulheres, a maioria prostitutas, muitas com filhos.

Outra batida. Jo foi até a porta, removendo o trinco — ela costumava passar através dela — e a abriu.

O bajulador proprietário do motel. Estava sempre secando as mulheres lá. Estava em condicional. *Um deslize e ele voltaria à prisão.*

A expressão dele era um misto de medo e luxúria, a atenção concentrava-se no corpo dela.

Desde que consumisse sangue, Jo mantinha uma figura atraente. Sem sangue, voltava à aparência doentia.

— O que quer? — ela exigiu. Mesmo este cara não estava *vendo-a*; ele não estava olhando em seus olhos.

Ele perguntou às suas tetas.

— Eu queria saber se você, huh, aceitaria tomar um café comigo?

Café devia ser o tema da noite. Ela podia beber Java se fosse preciso, mas o gosto era horrível e a

fazia querer mijar. Gostaria de não ter de ir mais ao banheiro.

Vampirismo tinha seus benefícios. Sem mais correr o risco de entrar em um banheiro sem papel higiênico, sem gripe, sem menstruação.

Diante da ausência de resposta, ele finalmente olhou-a nos olhos. Ela adiantou-se até estarem nariz com nariz. As sombras ao redor dos olhos dela costumavam espantar as pessoas; ele não era exceção. Ela lhe disse.

— Estou tentando achar motivos para não te matar, mas está difícil.

Ele engoliu em seco.

— Oh. — Axe seria uma melhoria no caso do cheiro dele.

Ela franziu o nariz, sua mente vagueando até a pele de Rune. Tão tentadora. Mas mesmo se Jo quisesse, não podia beber do fey sombrio e cheio de veneno.

O homem pigarreu.

— Você, huh, por acaso já tem o dinheiro do aluguel?

Jo tinha toneladas de dinheiro empilhado no canto perto das suas revistas em quadrinho, e podia conseguir mais quando quisesse.

— Se ainda não tem, nós podíamos... chegar a um acordo — o proprietário finalizou.

Só por aquele bordão furado não conseguiria nada dela. *Você tem sorte de ainda estar vivo, rapaz.*

Ela lhe deu a resposta padrão.

— Com sua pele esfolada, eu poderia terminar minha colcha de retalhos de pele humana — ela bateu a porta na cara dele.

Um dia desses teria de começar mesmo aquela colcha ou então não passaria de uma mentirosa muito ruim...

Ela flutuou até o frigobar para pegar uma bolsa de sangue. O cheiro era frio, úmido e plástico. Se Rune era tóxico, então por que a pele dele cheirava tão sedutora? Mesmo naquele momento as presas se alongavam. *Doendo.*

Ela sentia o poder nele, a disposição para ser tomado. Aquele ponto de pulsação havia atraído-a como nada mais em sua vida inteira.

Só porque ele era venenoso para outros, não significava que seria para ela.

Quando é que as regras se aplicaram à Jo?

Seu olhar recaiu sobre a bugiganga feita de osso de novo. Por que ele o mantinha? Ela passaria anos tentando descobrir.

A menos que fosse naquele encontro e simplesmente perguntasse diretamente a ele.

OITO

— Você é boa, fêmea, tenho de admitir — Rune disse ao entrar no pátio.

A *voyeur* estava sentada na beirada da fonte, passando os dedos delicados sobre a superfície da água, as unhas negras brilhando.

— Seja específico. Sou boa em muitas coisas.

O calor invadia seu corpo só com a simples visão dela, calor se acumulava em suas bolas. Quando detectou seu cheiro há alguns quarteirões de distância, precisou forçar-se a diminuir os passos.

— Onde aprendeu a roubar assim?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Praticando.

— Eu nem senti você enfiando a mão no meu... bolso. Você é uma ladra profissional?

— Acho que se pode dizer que estou disponível para o mercado de trabalho — os lábios dela se curvaram, como se fosse uma piada interna. — Você veio, isto significa que vai me levar para tomar café?

— Devolva o que me pertence — ele disse ao se aproximar dela — e pode ser que eu só te dê umas palmadas.

— E isso quer dizer que não vamos tomar Java — ela levantou e endireitou os ombros — como se eles não custassem uma fortuna.

Que estranho. Exceto Allixta, nenhuma fêmea se opunha a ele. Elas sempre estavam ocupadas demais tentando conquistá-lo.

— Para que você iria querer um pingente inútil?

A *voyeur* remexeu o bolso de sua saia, então ergueu o talismã.

— Eu o quero porque *você* obviamente o quer.

O olhar dele se travou na peça.

— Não vale nada — valia *tudo*. — Eu o quero de volta simplesmente porque é meu.

— Vê, aí está o negócio... agora é meu. Eu o roubei de boa-fé, numa ação justa. Para que serve, de qualquer forma?

— Não é para *servir* para alguma coisa. Como eu disse, não vale nada. — *É somente a coisa que me importa mais em todos os mundos. A audácia desta cadela!*

— O que significam estes símbolos?

— Não é da sua conta — ele não sabia!

Capturado e escravizado ainda jovem, sua mãe só se lembrara de um número limitado de runas que ensinara ao filho. Aquele talismã fora a única coisa que ela tinha, ainda que não conseguisse lê-lo.

A menos que Orion pudesse ajudá-lo a decifrar as marcações, Rune jamais *saberia* — porque a raça de demônios da qual sua mãe fazia parte havia sido extinta, o conhecimento deles estava perdido.

Tudo o que Orion havia dito a ele era que a resposta estava em Gaia.

A *voyeur* havia enfiado o talismã no bolso de novo.

— Eu poderia considerar devolvê-lo se você respondesse a algumas perguntas.

A ira dele estava no limite.

— Você *não* faz as regras.

— Eu faço sim, se é que você quer seu 'pingente' de volta — ela lhe lançou uma piscada sardônica.

A desobediência dela era tão incomum que ele sentiu o pau latejar.

— Você é uma coisinha descarada, não é mesmo?

— Descarado é quando você não pode aguentar.

Ela não tinha como saber que ele era um *Møriør*, mas ainda devia temê-lo como um macho muito maior. Ele tinha bem mais do que meio metro de altura a mais que ela, e facilmente pesava vinte quilos a mais que ela.

— Você está cavando sua própria sepultura. A menos... — o olhar dele recaiu sobre os lábios dela. — Talvez sua boca possa me convencer a não chicotear esse seu traseiro insolente até ficar em carne viva.

Ela riu dele.

Ele se inclinou para frente, sentindo a necessidade incontrollável de calar a boca dela — com a sua própria boca. *Beijá-la até ficar quieta.*

Como é que ela poderia ficar quieta se estivesse agonizando até a morte? A frustração o invadiu.

Em uma voz pausada, ela disse.

— Acho que se afastar é uma de suas escolhas. Vire-se e se afaste. Talvez a visão dessa sua bundinha possa me convencer a não espancá-lo até deixá-lo em carne viva.

Ele se aproximou.

— Você é louca? — imortais mais velhos frequentemente se perdiam na insanidade.

— Com certeza — de novo, ela parecia divertida. — Por que não?

— Você vai me devolver o que é meu — ele expôs as presas para ela. — Ou eu vou fazê-la sofrer.

— Sofrer? Oh, seu tonto — ela girou o pescoço até estalar. — Eu adoro uma boa luta.

— Tamanha provocação diante de um macho...

Ela golpeou-o na cara.

Ele recebeu o golpe sem maiores esforços, mas não estava esperando outro golpe de imediato. Ela atingiu-o no estômago com força surpreendente.

Quando ele aparou o muque dela com as mãos, ela agarrou o braço dele com a mão livre. As unhas pretas dela haviam se alongado e afinado como garras. Ela era uma demônia? Uma súcubo?

Ela enterrou as garras no braço dele. Era forte para uma fêmea. Ainda assim, nada que ele não conseguisse lidar.

— Cuidado, garota. Se perfurar minha pele, vai derramar sangue contaminado — Sangue ruim. Raivas antigas vieram à baila. Ele empurrou-a contra a parede, tirando seu fôlego.

Ele aproveitou a oportunidade para tomar de volta o talismã do bolso dela, a mão ficando um borrão ao se mover.

A expressão dela demonstrou choque.

— Você também é rápido!

— Rápido como um fey. Você não é páreo para mim.

Ela se debateu contra o aperto dele.

— Não? — A cabeça dela lançou-se pra frente, a testa se chocando com a dele.

— Que inferno! — Aquele golpe devia ter rachado o crânio como um ovo. Ele sentiu sangue — de um ferimento de verdade — escorrendo pela testa abaixo. Quanto tempo fazia que ninguém lhe acertava um golpe?

— Você derramou meu sangue, vaca. A brincadeira acabou.

O olhar dela se travou no sangue.

— Olha como escorre — ela começou a arfar, os seios pressionando contra o peito dele. Ele conseguia sentir os mamilos enrijecendo em pontos duros.

Ele passou uma manga sobre o rosto, limpando parte do sangue. Não era venenoso ao toque... não lhe faria mal, a menos que entrasse em seu sistema... mas ele não arriscaria.

Ela murmurou.

— Regras não se aplicam...

— Que regras? — ele perguntou de forma ausente. As íris dela haviam ondulado de castanhas à ônix... tão negras como a noite. — Maldição, me diga o

que você é. — Ele baixou o olhar para o belo rosto dela, e novamente uma desconhecida necessidade de beijá-la o invadiu.

— Tenho *sede* — ela tentou escalá-lo.

Dor no pescoço. Presas? Vampira!

— Que *CARALHO* está fazendo? — Ele puxou o cabelo dela para afastá-la. — Você *quer* morrer...

Ela começou a sugar.

O prazer atravessou-o como um relâmpago, arrancando um berro de seus pulmões.

— *AHHHHHHH!* — Seu pau endureceu ainda mais, latejando a ponto de quase fazê-lo gozar. — Ah, deuses! — Uma vampira estava se alimentando dele — *dele* — e era inimaginável. — Está bebendo sua morte.

— *Hmmmm.* — Os lábios vermelhos beijaram sua pele. Quando a língua dela buscou mais de seu gosto, ele revirou os olhos.

Nunca... tanto... prazer...

À beira da irracionalidade, deixou-a afundar as garras nele, deixou-a enrodilhar os membros ao seu

redor enquanto o fazia de presa. *O veneno já devia ter tido efeito.* De alguma maneira ela não estava enfraquecendo; seu corpo parecia estar ficando mais forte e mais forte, os gemidos cada vez mais altos.

Ela esfregou os quadris contra o torso dele, estimulando seu sexo. O cheiro de sua excitação preencheu todos os sentidos dele.

Descubra o resto depois. Ele usou seu aperto no cabelo dela para puxá-la para mais perto de seu pescoço.

— Então suga pra valer, sua cadelinha.

Ela o fez, perfurando-o mais fundo, gemendo contra sua pele.

A cada sugada, ele ficava mais zozzo. *Aguenta.* Suas bolas se contraíram, a respiração se intensificou. *Aguenta!*

— Você vai me fazer gozar assim! *Dentro dela... preciso estar dentro dela. Ela deve estar tão molhada.*

Ele abriu o cinto de armas. Lutou para manter em mente a dinâmica do poder e controle... só conseguiu abrir o zíper. *Preciso estar dentro dela!*

Gritou quando seu pau ereto se libertou. Com as calças abaixadas até as coxas, meneou os quadris, posicionando seu membro entre seus corpos. Ele o enfiou por entre a calcinha rendada dela. Sentiu a carne macia e nua dela contra seu membro... ao mesmo tempo em que deu uma sugada cheia de desejo.

Ela não consegue o bastante de meu sangue ruim.

Ao perceber isto, estremeceu contra ela e cambaleou. Estava a ponto de gozar... mesmo sem querer.

NOVE

O vinho negro de Rune atingiu suas veias, levando fogo a cada centímetro dela. Ele a drogou, fez sua cabeça girar, a pele arder! Bêbada de sangue. Bêbada de desejo.

Como é que passara tanto tempo sem morder ninguém? Seus mamilos perfurados enrijeceram. Seu clitóris latejou. Sua calcinha estava ensopada.

O calor emanava do corpo dele enquanto ele esfregava o pau nela. Seus gemidos vibravam em suas

presas doloridas. Ele estava a ponto de gozar! Ela não estava longe. Ela se jogou contra ele em busca de mais fricção.

Quando sua saia subiu até a cintura, ele a agarrou pelo traseiro, as garras afundando em sua pele.

— Porra, porra, PORRA! — Seu pau pulsava encostado nela. — Não consigo segurar mais!

Ela gemeu, arranhando as costas dele para ficar mais perto.

— Bebe tudo! — o coração dele trovejava, bombeando vinho escuro para ela. — Toma. Mais.

Antes, ela havia o experimentado levemente, incerta de como sugar. Agora o instinto a guiava. Ela o sugou. *Com força.*

— *Uuuuhhhnn!* — Cada músculo no corpo dele ficou tenso. — Sim, chupa! Sente como meu pau está a ponto de explodir! — Ele grunhiu, arremetendo com os quadris. — *Caralhoissoétãobomtãobom!*

Enlouquecido, ele a empurrou na parede, golpeando em um frenesi, bombeando seu pau entre seus corpos agarrados. No limite, ela se contorceu para encontrá-lo.

— Não consigo segurar... não consigo! — Por entre seu fôlego rasgado, palavras em uma língua desconhecida se derramava de sua língua. Ele estava acabando! Não, tão cedo!

— *Ahhh, deuses!* — Os quadris dele subiram entre as coxas dela. — Eu... eu estou... *GOZANDO!* — O grande corpo dele entrou em espasmo. Jogou a cabeça para trás e berrou.

Os músculos da garganta dele ordenharam as presas dela enquanto ele gritava para o céu sem parar...

Quando os quadris dele gradualmente diminuíram a velocidade e ele deu um gemido baixo de satisfação, o som de seus gritos ainda ecoavam pela noite. *Pela cidade.*

Ela continuava em chamas, sutilmente esfregando nele, querendo que esta mordida jamais terminasse. Ela havia conseguido, havia bebido de outra pessoa! E a pele bronzeada dele havia sido a cereja no topo do bolo daquele sangue delicioso. O ato havia sido como sexo — exceto que fora bom. Como o melhor sexo que ela jamais imaginara.

Com aquela mordida, ela conhecera a conexão com a qual sempre sonhara.

Ele soltou o cabelo dela, então relutantemente afastou as presas com uma última lambida gulosa que o fez gemer.

Recuperando o fôlego, ele pressionou ambas as mãos contra a parede. Ele não precisava segurá-la, as garras de Jo estavam afundadas nas costas dele, os membros dela enrodilhados ao redor dele. A lateral do rosto dela repousava encostada no dele.

Momentos passaram assim. *O que eu faço? O que digo?* Ela esperava que não estivessem brigando mais. O pingente foi uma bela barganha pelo sangue dele.

Ela queria gozar com ele e então beber de novo. Ou tudo ao mesmo tempo!

Ele afastou a cabeça para olhar para ela, o rosto uma máscara de aturdimento. Seus olhos magenta haviam escurecido, e raios de preto irradiavam deles. Seria aquilo típico de um fey sombrio? Que legal.

Rouco, ele disse.

— Você me fez gozar tão intensamente que achei que ia ejacular.

Ele não ejaculou? Seu pau ainda pulsava contra a barriga dela, mas a pele estava seca.

Como que em transe, ele ergueu a mão para a boca dela. Deslizou o dedão sobre o lábio inferior dela, coletando gotas do sangue que ela havia derramado. Ofereceu-o de volta a ela.

Ela lambeu seu dedão. Delicioso.

Será que ele havia a arruinado para outro tipo de sangue?

— Chupa — ele mandou.

Quando ela abocanhou o dedão dele, as pálpebras dele ficaram pesadas.

— Bonita pra cacete. Não sei como isto é possível, fêmea. Mas os planos que tenho para você... vou te comer viva.

Mais cedo, ela o havia considerado de certa forma atraente. Agora que conhecia seu gosto, as feições dele ganharam todo um novo aspecto. Sem falar que era sobrenaturalmente forte e veloz.

Igual a mim.

Além disto, estava caidinho por ela. Ela admitia para si mesma que também estava caidinha por ele. Compreensivelmente, já que aquele pau enorme dele ainda estava nas calcinhas dela, e ele olhava para ela com aquele olhar encantado.

Depois da noite de núpcias que passara com o noivo romântico, não tinha interesse em encontros casuais. Agora se sentia mudada de novo.

Ela não conseguiria viver sem a conexão que acabara de experimentar com Rune. Não haveria volta para ela.

— Você me roubou só para me fazer vir até aqui? Para poder se alimentar?

— Ela soltou o dedo dele — não, não planejei isto. Eu só queria ter algo seu.

— Por quê?

— Acho que pra te conhecer — ela o havia *conhecido* de maneiras inesperadas. Seu olhar flutuou dos olhos dele até a marca da mordida.

A mão dele deslizou pela parte externa da coxa dela. Ela estremeceu quando os dedos traçaram a lateral de sua calcinha.

— Você derramou meu sangue proibido e bebeu. Ao invés de morrer dolorosamente, está radiante. É algum tipo de feitiço?

Ela sabia que o sangue dele era venenoso, mas não *letal*. Pelo menos não para os outros. Bem como ela suspeitara... regras não se aplicavam a Jo.

— Não conheço feitiço algum. Sobrevivi provavelmente porque sou tremendamente forte e tudo mais.

— Isso você é mesmo — ele inclinou a cabeça e um cacho preto caiu pra frente.

Ela queria agarrá-lo pelos cabelos e beijá-lo até os lábios deles doerem.

— Ninguém havia te mordido antes?

— Nenhum vampiro ousaria.

Outro vampiro. Existiam mais. *Sou um deles.*

Como havia se tornado uma? Será que todos os fantasmas viravam vampiros? Estava entreabrindo os lábios para fazer esta pergunta quando ele disse.

— Ainda não acredito que isto aconteceu, e pouca coisa consegue surpreender um imortal da minha idade.

Imortal?

— Quantos anos você tem?

— Sete mil.

Puta merda! Será que ela viveria tanto? Sua mente mal podia processar tal número.

— Você não deve ter muito menos ou não seria tão forte. — *Não.* — Estranho é você não ter cheiro de vampiro.

— E qual cheiro você acha que os vampiros precisam ter?

— Agressividade e sangue — ele inclinou a cabeça para encostar na dela. — Você estava faminta demais ou gostou do meu gosto? — O tom de voz dele era rude, quase vulnerável. — Como eu... como é o meu sangue comparado aos de outros?

— É incrível.

Os cantos dos lábios dele se curvaram em um sorriso arrogante.

— O que acabamos de fazer não foi certo. O Lore consideraria um tabu.

Lore?

— Está bem. Tanto faz.

— Tanto faz? — Ele repetiu em um tom cortante.

— Você não apenas não liga a mínima como também está olhando para meu pescoço como se quisesse uma segunda rodada.

— E terceira... e quarta.

Ele franziu o cenho cheio de suspeita.

— Você já havia tomado de outro da minha espécie?

— Não, nunca.

— Então porque fez isto? Eu avisei sobre o veneno.

Ela deu de ombros.

— Seu cheiro... era irresistível.

— Irresistível? — Ele disse a palavra como se estivesse testando-a, avaliando-a. — Se me furar com esses dentes de novo, vou te penetrar com isto

— ele arremeteu, esfregando o pau sobre o monte dela. — Só para deixar tudo bem claro.

— Ah! Parece justo — ela não era a única que comparava sua mordida ao ato sexual.

O sorriso de arrancar suspiros dele aprofundou.

— Me diga seu nome.

Em um tom entrecortado, ela disse.

— Josephine — ela havia mesmo acabado de dizer a ele seu nome? Seu nome *de verdade*?

— Prazer em conhecê-la, Josephine — ele rasgou sua calcinha e a arrancou do seu corpo. Então as guardou no bolso.

Uma lembrança? Porque agora que havia conseguido o que queria dela, iria abandoná-la? Como com aquelas outras fêmeas, ele não tinha nem retirado o arco. Ooh, ele ainda estava com cheiro de ninfa no corpo dele? E ela não tinha usado nenhuma proteção. Não que ela pudesse engravidar — não menstruava — mas ainda assim...

— Agora é sua vez de gozar — ele informou — vou provar que tenho uma performance mais do que boa. De fato, prometo fazê-la ver estrelas.

— Eu gosto de estrelas — murmurou ela.

Ele se inclinou. Para beijá-la?

— Minha gama de truques acaba de ficar mais extensa. Estou ansioso por explorar tudo com você.

Explorar. Aquilo soava menos “trepar e correr”. Talvez eu lhe dê uma chance. Ela se inclinou mais na direção dele também...

Ouviram risos vindos do portão do pátio. Rune olhou para trás.

Duas mulheres em vestidos sumários assoviaram para eles. Uma loura e uma ruiva. Como as quatro que viram anteriormente, essa dupla parecia perfeita demais para serem humanas.

— Ah, ninfas das águas — disse ele.

— Nós te ouvimos do outro lado da cidade, Rune!
— a loura disse. — Parecia ter perdido completamente a cabeça.

Ele cerrou a mandíbula. Bem, não havia gostado nada daquele comentário. Em um tom despreocupado, ele disse.

— Quando o sexo é bom, é bom.

Bom? *Filho da puta, faz favor. Os ouvidos dela ainda estavam zumbindo com os gritos que ele deu.*

A ruiva adicionou.

— Se você estava com tanto tesão, pensamos em nos juntar.

Como é? Ele estava obviamente com ela. Primeira dica: ela estava sem calcinhas, com as pernas enroladas ao redor dele. Sem chance, aberrações.

— É claro, pombinhas. Mais tarde.

Ele não acabou de dizer "mais tarde".

— Nos vemos mais tarde, temos uns encontros — a ruiva falou. — Temos algo que sabemos que gostará de saber.

— Voltem ao amanhecer — ele disse a elas.

Quatro ninfas ao anoitecer. Uma vampira à meia-noite. Mais algumas ninfas ao amanhecer?

Elas lhe sopraram beijos e se afastaram.

Ele voltou a atenção à Jo.

— Ninfas: não se pode com elas...

Ela havia acabado de fazer esse cara gozar — o pau dele ainda estava entre eles — e já estava marcando encontros com outras mulheres! Com... ninfas! *Cuzão!*

Por que faria isto? A reação a ela foi muito mais forte do que a que tivera com outras.

Algo ainda mais confuso? A expressão dele ao lidar com Jo era mais carinhosa. Ela quase podia fingir que ele a estava *enxergando*. Tirando o fato de estar planejando se encontrar com outras.

— Pronto, onde estávamos?

— Você acabou de marcar encontros para mais tarde — suas garras alongaram.

Ele lançou-lhe um olhar decepcionado.

— Ciúme? Você já está possessiva comigo — ele também estava perdendo a aura de excitação, parecendo despertar. — Não gosto de *ciúme*. Deuses do céu, vampira, só te conheço há quinze minutos — ele afastou os quadris, então a largou. — Nem mesmo chegamos a transar — ele puxou as calças para cima, vestindo-se tão rápido que seus movimentos eram um borrão.

Ela abaixou a saia.

— Possessiva? Como se eu fosse querer você só pra mim. — *Meio que quis você só pra mim. Eu quero alguém só pra mim!* — Você não passa de uma bolsa de sangue com um pau grande. Que não durou tempo suficiente para me fazer gozar — isso era a cara dela! Seus lábios retraíram expondo as presas.

Com um grunhido, ele a pressionou na parede de novo.

— Você está me ameaçando com suas presas? Está me desafiando de novo? Você não faz ideia do que sou capaz de fazer com você!

— Fazer comigo? Além de me deixar na mão?

— Eu te alimentei, não alimentei? — Ele traçou os dedos sobre a marca da mordida dela e um olhar de compreensão cruzou seu rosto. — Você me *mordeu*, bebeu sangue direto da minha carne. Algo com o qual jamais tive de me preocupar. Beber sangue tem consequências, fêmea. O que você bem sabe.

Não, ela não sabia!

Pelo momento mais breve, a expressão dele se metamorfoseou em uma de determinação. Determinação mortal.

— Tais planos...

Então ele lhe deu aquele sorriso rápido, ao mesmo tempo em que a mão livre discretamente se moveu em direção à sua lâmina. O choque irradiou por dela. Ele ia matá-la só por que havia tomado sangue direto do pescoço dele?

Destruidor de mulheres, literalmente.

Filho da puta!

Que pena que não conseguiria pegá-la.

— Oh, bem. O que está feito, está feito — as palavras dele eram leves, mas o tom de sua voz havia mudado.

Como o dela mudava quando estava prestes a matar alguém.

DEZ

Rune praguejou internamente. Uma vampira havia bebido de sua carne, tomado seu sangue... e possivelmente suas memórias.

Depois de todos esses anos protegendo os segredos dos Morior, permitira uma brecha na segurança.

De proporções épicas.

Eliminar a brecha era a única alternativa. Ele sabia disto e ainda assim hesitava, seus desejos lutando contra seus deveres. Josephine havia lhe dado o prazer mais ardente que jamais experimentara.

Ela de alguma forma havia tolerado o veneno de seu sangue. Isso havia causado prazer aos dois e havia proporcionado nutrição a ela.

Naturalmente queria investigar isto, pelo menos até se cansar dela... ou descobrir outra que pudesse se alimentar dele. Se tal criatura existisse...

Levou só sete mil anos para achar esta aqui, sangue ruim.

E mesmo que encontrasse outra, nenhuma fêmea seria mais atraente do que Josephine. Agora mesmo

tinha dificuldade de pensar em *qualquer* fêmea que pudesse ser.

Em todo caso, decapitar esta mulher parecia um desperdício. Sua mão parou em cima da lâmina.

— Você sonha com as memórias de quem se alimenta? — Talvez ela não possuísse a habilidade, alguns vampiros não possuíam.

— Eu definitivamente jamais fiz isto.

Ele estava tentado a acreditar nela.

— Você não é uma *cosaç*? Uma intérprete de memórias de sangue?

— Não.

Vampiros natos eram incapazes de mentir. Quando tentavam verbalizar algo que não era verdadeiro sentiam intensa dor.

É claro, no mundo dos imortais cada regra tinha sua exceção.

Talvez devesse levar Josephine até seu covil à força para vigiá-la. Além de seus opulentos aposentos no Castelo de Perdishian, tinha um lar secundário no

reino de Tortua. As paredes externas eram reforçadas, à prova de fuga.

Ele a manteria por um tempo até se certificar que ela não oferecia ameaça.

Ainda assim, e se um *cosaş* bebesse *dela*, então o que aconteceria? Apesar de incapaz de ler memórias, ainda poderia ter armazenado algumas.

Rune jamais poderia libertá-la. Uma fêmea cativa *permanentemente*? Em seu santuário privado?

A menos que se desfizesse dela.

Maldição, não tinha tempo para isto! Seu pau o tinha levado direto na direção de problemas e ele não estava nem perto de matar Nix.

Ele deixaria a vampira em um local seguro, avaliaria suas opções, então voltaria a caçar seu alvo ao anoitecer. Envolveu seu braço ao redor de Josephine, esmagando-a contra si.

— Eu vou te aprisionar, fêmea. Infelizmente para nós dois, será minha prisioneira o resto da sua vida, por mais curta que possa ser. Enquanto mantiver meu interesse, você viverá.

Ela se debateu contra ele.

— Me solta, sua aberração!

Ele suspirou de irritação.

— Eu sou forte demais para você conseguir se libertar. Nem mesmo um demônio de mil anos poderia riscar do meu aperto — um fato comprovado.

— Riscar?

— Não banque a ignorante, garotinha.

Os grandes olhos dela se estreitaram.

— *Garotinha? Nunca* fui uma garotinha.

Quando ela se imobilizou, a irritação dele se tornou espanto por que ela começou a se desmaterializar — como riscar, mas mais lento.

— Impossível — de alguma forma ela estava escapando do aprisionamento dele.

O rosto ficou ainda mais pálido, os olhos ainda mais escuros e ela riu afetadamente do espanto dele.

Ele jamais conhecera um vampiro que pudesse controlar o ato de riscar a este nível.

— Sou mais poderosa do que pareço, *garotinho* — ela ronronou. — Vou lembrar que você planejava me

aprisionar... na melhor das hipóteses... e me estripar, na pior. Cuide-se, porque vou te pegar — então ela desapareceu.

Jo sabia que alguns encontros davam errado, mas *sério?* Que cuzão!

Depois de desvanecer do aperto dele, havia ficado totalmente invisível, recostando na parede oposta do pátio.

Ela falara sério, pretendia monitorar cada movimento dele. Esta noite descobriria mais sobre o mundo dele.

Sobre o meu mundo.

Este cara era velho — puta merda, ele era velho! — então teria respostas.

Ela já aprendera que era uma vampira e que havia outros. Feys sombrios, ninfas e demônios existiam.

Em uma escala de abominação, um mortal transformado em vampiro devia ser melhor do que um demônio, certo? *Ei, Thaddie, eu sou uma vampira, mas por sorte — eca — não sou uma demônia.*

Novamente se perguntou se viveria milhares de anos. O pensamento a deprimia.

Rune girou sem sair do lugar, seu rosto se tornou uma máscara de fúria. Falou palavras naquela linguagem estranha que usara antes, então ajustou o arco sobre o ombro. Ele olhou para o céu como se para medir o tempo, então começou a se afastar.

Para me procurar.

Ela o seguiu, desmaterializando-se de um poste de luz para outro...

Por horas ela o observou verificar em cada beco, parando e então parecendo rastrear cheiros aleatórios. Eles haviam se afastado bastante do bairro, mas estavam quase de volta ao pátio onde esta noite havia começado.

Em certo ponto, ele socou a parede de um prédio abandonado. A força fez a construção de dois andares cair de lado, como se tivesse levado uma rasteira. Sem olhar para trás, ele se afastou com a mão ilesa, sua força inacreditável.

Estudar Rune trouxe ainda mais perguntas. Por que era tão importante aprisioná-la? As lembranças

dele estavam disponíveis? E a propósito, *ela podia sonhá-las como uma coisa?*

Ela nunca havia feito. Mas também, jamais tinha tomado sangue direto da fonte.

Agora ela só queria fazer de novo! Ter pele entrando em espasmos ao redor de suas presas doloridas. Sentir os músculos se movendo por baixo das garras enquanto dominava a presa.

De seu ponto de observação em um poste, viu um louro atraente cambaleando pelas ruas com amigos, cada um deles usando capelo⁴ de graduação. Eles estavam bêbados e suas camisetas tinham a mesma inscrição, mas não conseguia decifrar as palavras.

Talvez estivessem se graduando da Tulane. Desde que chegara a Nova Orleans, frequentemente visitava o campus. Observava os alunos lendo como se aquele talento não fosse nada demais.

O louro tropeçou nos pés e sua mão voou para se apoiar no poste que ela ocupava. Seus dedos atraentes atravessaram logo acima dos peitos. *Bem, olá.*

⁴ Capelo é o nome daquele chapeuzinho ridículo usado em formaturas.

A pele dele era suave, seus dentes brancos. Qual seria a sensação de beber dele? Obteria lembranças de festas estudantis e aulas?

Ela passou a língua na ponta de uma presa, mas esta permanecia dormente. Seu coração afundou. Não podia se imaginar bebendo deste macho. Nem de nenhum de seus amigos.

Além disto, mesmo em sua forma fantasmal sentia o cheiro do Axe.

Ela suspirou. Tentou dizer a si mesma que estava cheia. Se ficasse faminta o bastante... mas sabia a verdade: nada se compararia ao sangue negro de Rune. Como conseguiria voltar às bolsas de sangue de sua geladeira?

Rune, aquele maldito, a *havia* arruinado. Rune era ruína.

Que apropriado. Este seria o nome dele dali adiante. Ela silvou na direção dele fazendo o louro saltar para trás.

Em voz engrolada, ele disse.

— Ouviram isso? O poste fez shhhh para mim — dando de ombros, eles seguiram em frente.

Aproximando-se do pátio, Rune esfregou uma mão sobre o rosto parecendo amaldiçoar o sol que nascia.

ONZE

Josephine havia desaparecido. Ele havia vasculhado as ruas procurando por ela e Nix expandindo sua busca até o centro da cidade, mas não detectou o aroma de nenhuma delas.

Talvez sua capacidade de rastreamento tivesse enferrujado desde a última Ascensão. Exagerar no sexo com ninfas podia ter este resultado em um macho.

Tentou se lembrar de sua última maratona com um bando ou visita a um antro de prazer, mas tudo o que continuava a ver era o sorriso orgulhoso de Josephine.

Sabia o que estava acontecendo. Vampiras eram notoriamente hipnotizadoras, tão enfeitiçadoras quanto súcubos. Era um mecanismo de sobrevivência, uma ferramenta de caça... por que ambas espécies dependiam dos corpos de outros para sua nutrição.

Esta noite ele foi usado como alimento. Devia sentir-se ultrajado, mas relembrar a mordida dela fazia seu pau ficar tão duro que podia rasgar as calças.

Aquelas ninfas tinham razão, havia mesmo perdido a cabeça.

Não, não, Josephine havia posto um feitiço nele. E com a calcinha dela no bolso — um lembrete constante de seu aroma, de sua *excitação* — estava pronto para ela. Com o tempo, conseguiria deixar isto de lado.

Ele iria parar de pensar em provar seus lábios.

Porque *podia* beijá-la. Queridos deuses, finalmente poderia beijar alguém sem matar. E com um bônus: jamais quisera tanto beijar alguém quanto queria com Josephine — e isto antes mesmo de saber que era imune a ele.

O amanhecer se aproximava. Dizia-se que Nix só saía à noite. A luz deveria fazer a vampira se abrigar. Não encontraria nenhuma das duas hoje.

Embora Josephine pudesse riscar para qualquer lugar do universo, acabaria voltando ali.

Enfiou a mão no bolso. Junto com a calcinha rasgada estava o colar que havia roubado, aquele que a viu levando aos lábios na primeira vez que a vira. Ele o segurou e revirou nas mãos. Roubou o colar por vingança — seus dedos podiam ser tão rápidos quanto os dela —, mas também por suspeitar que a peça tivesse muito significado para ela.

Aqueles pedaços de metal eram balas de revólver.

Oh, sim, ela voltaria. Ele tinha a isca, mas como aprisioná-la? Evidentemente, segurá-la não era o bastante. Ao partir de Tenebrous, Rune intencionava *matar* uma Valquíria, não *aprisionar* uma vampira. Não tinha algemas que a impedisse de riscar, nem com ele, nem em seu santuário em Tortua.

As ninfas lhe falaram de uma loja do Lore na cidade. Se encontrasse um par de algemas lá, atrairia a vampira com o colar e então a prenderia.

Quando fosse sua prisioneira, faria com ela todas as coisas proibidas com as quais havia fantasiado.

Arranhar. Chupar. Lamber.

Beijar.

Uma de suas fantasias mais quentes era a mais simples: tomar a boca de uma mulher e fazê-la gemer — de prazer, ao invés de dor.

A última vez que provara os lábios de alguém fora um beijo mortal. Sempre que imaginava um beijo, ele se lembrava daquela noite.

Rune desejava um beijo para apagar a memória daquele primeiro.

Anteriormente, quando uma das ninfas se esquecia e buscava seus lábios, ele se sentia enojado com a lembrança, mas continuava fodendo...

Voltou a guardar o colar no bolso e seus dedos tocaram a calcinha de seda de Josephine como se atraídos por um ímã. Com a outra mão, tocou a marca da mordida, quase cicatrizada.

Pelo que sabia, Nix podia ter enviado a vampira para espionar. As fraquezas dos Møriør eram poucas, mas podiam ser exploradas por um estrategista inteligente. Da mesma forma que Orion fazia com os inimigos.

Rune acariciou a seda novamente. Esta noite gozou com mais intensidade do que jamais fizera antes e,

ainda assim, tocar as calcinhas o deixava de pau tão duro que cada passo era doloroso. Talvez devesse liberar um pouco da pressão para então conseguir *pensar*.

Uma dupla de ninfas das águas ao amanhecer devia dar um jeito. Ele se dirigiu ao pátio. Havia acabado de entrar quando as ninfas apareceram.

Exatamente o que precisava, algo para neutralizar suas papilas gustativas! Uma loira e uma ruiva — o ideal para superar uma morena. Achava que a loira se chamava Dew, a ruiva, Brook. Elas pareciam exaustas.

Qual seria a aparência de Josephine quando satisfeita? Não tinha conseguido satisfazê-la, exatamente como ela havia expressado. *Mas gemeu com luxúria o bastante enquanto se alimentava de mim!*

Ele subiu o colarinho para esconder as mordidas.

— Vocês duas apressaram seus outros encontros por minha causa?

É claro que sim.

Elas anuíram. A loura disse.

— Conhecemos alguns truques para acelerar as coisas, sabe?

Ele também havia sido forçado a aprender aqueles truques. Uma lembrança surgiu, da Rainha Magh lhe dizendo, *Agrade seus clientes, vira-lata. Ou morra.*

Em meio a uma onda de repulsa, Rune deu às ninfas um sorriso treinado.

— Espero que jamais usem seus truques em mim...
— ele se distraiu, sentindo um formigar nas orelhas. Olhou ao redor, detectando a proximidade da vampira. Mas teria sentido o cheiro dela se estivesse mesmo por perto.

Maldição, por que não conseguia parar de pensar nela? Será que o feitiço podia agir sobre ele mesmo quando não estava lá?

— Temos informações para você — disse Brook. — Você nos recompensará *generosamente* por isto?

— Claro — ele agora era o mestre dos segredos dos Møriør e as ninfas sabiam muito.

— É sobre a fêmea com quem você estava aquela hora — Dew disse com um olhar arguto. — A que ouvimos te deixar de quatro por ela.

Brook adicionou.

— A cidade inteira ouviu.

Ele nem se incomodou em tentar esconder.

— Continue.

— O que sabe sobre ela? — perguntou Dew.

— Pouca coisa. Conte-me.

— Achamos — Brook abaixou a voz — achamos que ela é uma vampira.

— O que te faz pensar assim? — perguntou ele, fingindo ignorância. — Ela não tem cheiro de vampiro.

— Nós a vimos em uma briga — Brook estremeceu. — Ela silvou, expôs presas e os olhos ficaram pretos. É por isto que nem tentamos seduzi-la. — Poucas espécies machucariam uma ninfa, mas alguns vampiros desejavam drenar seu sangue.

E se elas *tivessem* seduzido Josephine? Ele a imaginou dormindo com elas — e, é claro, ele junto — ao mesmo tempo. Imaginar qualquer combinação de gostosas atraentes o servindo e a outros teria sido, geralmente, um pensamento agradável.

Mas este o encheu de irritação. Ele seria o suficiente para Josephine. Ninfas seriam só água lamacenta. Ele apontou para elas.

— Olhos pretos e presas poderiam significar demônio.

Brook ajeitou o cabelo por trás da orelha pontuda.

— Mas ela não tem chifres ou asas.

Dew anuiu.

— Nós passamos a vida inteira sem ver uma vampira e agora as ruas parecem estar cheias delas. Há uma que é mestiça de Valquíria e uma Daciana, mas esta agora está doente com a praga vampírica...

— Vocês sabem onde a minha mora? — *minha*. Ele quase riu. Aquela era uma palavra que ele jamais havia aplicado a uma fêmea.

— Acho que é em algum lugar da cidade — disse Dew. — Ela vêm ao bairro pra bater carteiras. É cleptomaníaca. Uma vez a vi perambulando embaixo de chuva forte, parecia muito triste. Parecia desesperada para roubar alguém.

Josephine disse que o roubou por que queria *conhecê-lo*. Aparentemente, conhecia *muita gente*. A

vadiazinha podia fazer um homem se sentir diminuído. Se ele permitisse.

E por que diabos estaria triste? Ela era linda, imortal e poderosa.

Dew sorriu maliciosamente.

— Você quer um repeteco com sua vampira, não quer?

Um repeteco? As presas de Josephine perfurando seu pescoço de novo? Enquanto pressionava os mamilos rígidos no seu peito e arranhava...

Ele estremeceu, ao mesmo tempo em que o pau pulsou dentro das calças.

— É estritamente profissional — quando ela voltasse para buscar o colar, tudo ficaria bem. — *Hora de neutralizar meu paladar.* Ele tomou Brook nos braços.

Ela guinchou.

— Parece que alguém já está no ponto.

Elas não precisavam saber que aquela ereção não era por elas.

— E quando é que não estou?

— Rune, seu pescoço! — ela o encarou de olhos arregalados. — Você foi... ela te *mordeu*?

Dew o puxou.

— Deixa eu ver! — o queixo dela caiu ao ver a marca da mordida. — Isto é tão doentio. Dá um tesão danado.

Deuses, dava mesmo.

Brook disse.

— Mas ela não poderia beber seu sangue ruim, né?

— É claro que não. Ela só me arranhou com as presas.

Dew disse.

— Mesmo assim, uma mordida! Ela é corajosa por perfurar sua pele. E você é um cão sujo por permitir! A gente sabia que você vivia no limite, mas isto é selvagem demais! Podemos assistir da próxima vez?

— Talvez — ele lançou seu sorriso torto. — Mas só se forem garotas muito boazinhas.

DOZE

Mas. Que. Galinha.

Jo observou a cena de seu local dentro da parede do pátio. Este cara era o maior galinha que já tinha visto.

E ladrão também. O bastardo havia roubado seu bem mais precioso — de seu maldito pescoço — sem ela notar! Quando viu seu colar nas mãos dele, quase atacou. Mas não podia arriscar uma captura e não sabia de que outros truques ele seria capaz.

Ela seria forçada a esperar ali até ele ficar tão distraído com as ninfas, a ponto de não perceber o roubo dela. Não ia levar muito tempo. As fêmeas o estavam escalando como uma parede de pedra.

Elas consideravam doentio uma vampira morder um fey sombrio. Acharam que *ela* era a pervertida.

Seu estômago contraiu quando ele tomou Brook nos braços e a mulher entrelaçou as pernas ao redor da cintura dele.

Jo decidiu que devia aumentar sua experiência sexual. Se fosse mais experiente, isto não machucaria tanto. Aquelas ninfas não tinham ciúme.

Rune havia pronunciado "ciúme" como se fosse uma palavra feia.

Mas Jo *estava* com ciúme. A conexão que havia pensado ter com ele foi só da parte dela.

Qual era a novidade?

Ele agarrou a nuca da ninfa e a puxou para seu pescoço, até a lateral sem marcas.

— Aqui, pombinha, dá uma mordidinha. Só não perfure a pele.

Jo se endireitou. Que diabos?

Ele se inclinou, o cabelo caindo para o lado, revelando a parte raspada da cabeça e a orelha pontuda.

Brook disse.

— Você quer fantasiar que eu sou, tipo, a vampira?

Dew riu.

— Só isso — ele admitiu com franqueza — e ajudaria se vocês duas calassem a boca.

A audácia do filho da puta! Aquelas ninfas não tinham nenhum *orgulho*? E porque estaria

fantasiando sobre Jo quando a havia superado com tanta facilidade?

Quando tinha até planejado matá-la?

Deus, este homem a deixava confusa!

Enquanto Dew lutava para soltar o cinto dele, Brook mordeu seu pescoço.

Rune mandou.

— Mais forte, pombinha.

Sim, Jo já vira coisas estranhas no curso de seu voyeurismo, mas este macho tentando reviver sua mordida era bizarro. A despeito de si mesma, suas presas alongaram.

— Eu disse mais forte — ele ordenou.

Eu morderia até ele urrar por misericórdia.

Com a boca cheia da carne dele, a ninfa murmurou.

— Tô 'entando 'ais 'orte que 'osso!

— Não tá dando — ele soltou um som de frustração. — Solte, Dew.

Brook soltou seu pescoço e apontou o dedão para a outra ninfa.

— Ela é Dew.

Aquela ninfa havia finalmente conseguido soltar o cinto dele e brigava agora com o zíper.

— Tanto faz — Rune flexionou as garras. — Afaste-se, estou prestes a sangrar.

— Mas que tesão — murmurou Brook, mas se afastou mesmo assim.

Ele enfiou as pontas de duas garras nos resquícios da mordida de Jo. Ao furar o próprio pescoço, deu um rugido insano e fechou os olhos.

Com um choramingo, Dew tentava abaixar as calças dele.

Conforme a garganta dele trabalhava, o sangue escorria pelo pescoço. Era *mesmo* um tesão. Aquele sangue rico e escuro dele. *Queria tanto mais um pouco.*

Arruinada.

Mas ao contrário das ninfas, Jo tinha orgulho. Queria-o somente pelas coisas que ele roubara — e agora era hora de atacar.

O cheiro dela.

Os olhos de Rune se abriram ao captar aquele exuberante aroma de frutas do campo. Era sua imaginação?

Não, Josephine estava se materializando à sua frente.

— Oh, Ruína... — os ombros dela estavam empertigados, o queixo erguido. Os olhos castanhos cintilavam.

Ele largou Brook. Sem olhar pra baixo, afastou as mãos de Dew de seu zíper.

Será que a vampira havia testemunhado suas tentativas de imitar a mordida dela? Ele fantasiando com ela enquanto usava duas ninfas? Pelo menos não tinha tirado a calcinha dela do bolso.

— Pobre Ruína... muitos tentam me imitar — ela apontou para as ninfas —, mas *nunca* conseguem me duplicar.

Por que se sentia culpado pelas fêmeas como se tivesse sido desleal?

Era sempre leal aos que interessavam. Josephine não era nada para ele. Nada mais do que um mistério a ser resolvido — e uma fraqueza a ser eliminada.

Uma fraqueza com a mordida mais maravilhosa.

Com voz rouca, ela disse.

— Se não tivesse decidido me capturar, eu teria fodido você com minhas presas até você gritar.

Garota safada e perversa. *Eu a quero AGORA.*

Ela sorriu, exibindo aqueles dentinhos afiados, e a mente dele ficou em branco. Como se as pernas tivessem vida própria, cambalearam na direção dela — *Josephine.*

Quando ela ergueu a calcinha rasgada, os passos dele falharam. Ela o enganara de novo? Ele sequer sentiu. Nem tinha captado seu cheiro até aquele momento.

Como? Como?

Em seguida, ela mostrou o colar — que estava de volta ao redor de seu pescoço delgado e pálido.

Ele engoliu em seco. Ambos sabiam o que mais havia em seu bolso.

Pela segunda vez naquela noite, ela ergueu seu talismã com um sorriso maldoso.

Blefe com ela. Ele deu de ombros.

— Não passa de um pingente, vampira.

— Além de tudo é mentiroso, Ruína?

— Meu nome se pronuncia *Roon* — ele disse, distraidamente. — Não *Roo-in*.

— É claro, *Roo-in*. Aproveite o resto da noite — ela meneou a cabeça para as ninfas. — Senhoras — ela começou a desaparecer.

Ele se jogou pra frente de braços abertos, mas a única coisa que restou dela foi o eco de sua risada.

TREZE

Horas mais tarde, Jo se revirava na cama, determinada a não pensar no sangue do fey sombrio. Ou em qualquer coisa relacionada a ele.

Como o sorriso — meio de lado com um toque de sarcasmo.

Ou seu aroma — couro e ervas.

Definitivamente não seu corpo — grande, alto, com músculos esculpidos que ela queria morder.

Já havia se masturbado no chuveiro fantasiando a respeito dele, tinha até mordido o próprio pulso. Quando sentira o gosto do sangue dele misturado ao seu, havia gozado várias vezes até cair de joelhos na banheira.

Agora encarava o pingente dele em cima da mesinha de cabeceira.

— Filho da puta — esmurrou o travesseiro.

No começo da noite ele foi frio com aquela ninfa loura, como um robô. Friamente havia informado que ia gozar. E quase bocejou enquanto gozava.

Com Jo, ele gritara tão alto que a cidade inteira tinha ouvido. Por que iria querer ficar com outras quando gostava mais de ficar com ela?

Eles foram bons juntos.

Por um breve tempo. Antes de decidir matá-la.

Quando é que seria a vez *dela* encontrar um companheiro para segurar *sua* mão? Ansiava por seu próprio noivo, um que a olhasse nos olhos e dissesse *Você é tudo pra mim*.

Mas ansiar era um problema. Enquanto estivesse cheia destes anseios, se conseguisse dormir arriscaria seu tipo característico de sonambulismo.

Sonambu-fantasmismo.

Ela se tornaria intangível, atravessaria a cama, o chão, e então para dentro da terra. Nada a despertaria antes de abrir os olhos para a escuridão total, gritando e arranhando em busca da superfície.

Caso se solidificasse lá embaixo, ela podia morrer — dentro de sua própria tumba.

Pior, e se não afundasse? E se flutuasse? As estrelas pareciam chamá-la...

Finalmente Jo relaxou o bastante para adormecer e surgiu o sonho mais estranho. Estava em um campo pantanoso, labutando sob um sol de rachar. Passou o braço cheio de areia sobre o rosto suado.

Não, não o braço *dela*. Não o rosto *dela*.

Rune? De alguma forma estava vendo uma cena do ponto de vista dele.

Os sinos do castelo soaram seus dobres. A cabeça dele se voltou na direção do som. Meu pai está morto. A maldição mortal que havia recaído sobre o

líder dos Sylvan havia acabado com a existência de um rei imortal.

Bem feito por tentar colonizar o reino Wicca, velho rei. Rune não sentia simpatia pelo pai distante que lhe poupou a vida, mas jamais agraciara o bastardo com sequer uma palavra.

Os demônios escravos que trabalhavam neste pântano lado a lado com Rune lhe viravam as costas. Para eles, um sangue ruim como ele já estava morto, e já ia tarde. Temiam seu veneno. Eles se perguntavam por que ele não fora apedrejado até a morte quando criança como todos os outros mestiços fey.

Talvez tivesse sido uma bênção.

Porque com a morte do rei, viria a minha.

Durante todos seus quinze anos, soubera que seus dias estavam contados. Mas quando o rei pereceu em batalha, enfeitado por um general feiticeiro, Rune pensou que tinha ao menos algumas semanas a mais para planejar.

Agora o pânico o inundou. Como escapar? A guarda de demônios da rainha logo viria buscá-lo.

Iriam querer sua cabeça.

Seus olhos dardejaram. Cruzar os pântanos sem comida ou água fresca seria suicídio. Expôs uma garra, derramando sangue para desenhar um feitiço de invisibilidade em seu antebraço. Seus poderes ainda não estavam desenvolvidos. Talvez desta vez as combinações rúnicas funcionassem.

Quando seu sangue negro escorreu, trabalhadores afastaram seus filhos e correram, amaldiçoando-o aos infernos.

A frustração fervilhou dentro dele, e ele gritou.

— Eu jamais quis ser assim!

Concentre-se. Outro símbolo cuidadosamente desenhado. Do jeito que sua mãe havia lhe ensinado. Só um pouco mais para a esquerda...

A guarda real riscou para os campos, cercando-o.

Ele lutou fortemente, mas as armaduras dos guardas repeliam suas garras e presas. Os demônios já tinham passado pela transição para imortalidade total, eram enormes brutos. Eles restringiram suas mãos para prevenir ataque das garras. Eles o amordaçaram para evitar mordidas.

Estão me levando para o carrasco.

Mas quando o imobilizaram na lama, não o levaram de volta ao bloco. Eles o arrastaram para a casa de banho, tiraram suas roupas e esfregaram sua pele como a de um animal.

Como pensava diariamente desde que podia se lembrar: Deuses me deem o poder de destruir a casa real de Sylvan. Seu pai colonizador, escravizador, estuprador, havia sucumbido, mas e o resto daquela sua execrável linhagem? A rainha, agora viúva, e seus rebentos, os meios-irmãos de Rune.

Os guardas o vestiram em calções finos, uma camisa esvoaçante e sapatos que apertavam seus pés. Mantendo as mãos amarradas, removeram a mordaca, então riscaram com ele para uma câmara cheia de ecos.

Desacostumado ao teletransporte, Rune cambaleou sobre os pés. Aquela era... a corte real? Eles devem tê-lo levado à capital, à Floresta das Três Pontes. Observou os ricos ao seu redor.

Uma única fêmea o aguardava: Magh, a Sagaz, a rainha que o odiava e amaldiçoava sua vida.

Bastaria um arranhão naquele pescoço para a mulher tombar de joelhos. Mas não podia fazer nada de mãos atadas. Os guardas o impediriam antes que pudesse mordê-la.

Ela estava sentada em seu elaborado trono, seus cortantes olhos azuis o estudavam.

— Você se recusa a se curvar diante de sua rainha? — Sua coroa era uma tiara de ouro polido e descansava confortavelmente demais sobre sua loura cabeça real.

Fervilhando de raiva, Rune se forçou a fazer uma reverência.

— Quantos anos você tem?

— Sobrevivo nos pântanos há quinze anos — ele era forte e rijo, podia fazer o trabalho de dois demônios adultos.

— Quanta arrogância, bastardo.

— Meu nome é Rune.

Os olhos dela brilharam ante este desafio.

— Seu rosto não é bonito. E ainda assim, ouvi dizer que conquistou muitas fêmeas da alta classe deste reino.

Lembrado de seu sucesso, ele lançou mão da paciência que aprendera enquanto seduzia senhoras feudais de cabeça-oca a procura de aventuras.

— Sim, minha rainha, elas me honraram — Rune tinha dormido com todas aquelas bem-nascidas para descobrir pistas do destino de sua mãe após ela ter sido tirada dele. Mas nenhuma pôde ajudá-lo.

— Ah, pode ser suave com essa sua língua. Deve ter sido bem convincente para fazê-las se arriscarem às suas toxinas — ela inclinou a cabeça. — Suponho que se abstenha de certos atos.

Beijos e sexo oral. Se eu apenas pudesse encontrar uma fêmea de fey sombrio para desfrutar... Outra mestiça que tenha sobrado.

A rainha continuou.

— Mas e seus fluidos? Você é demônio neste aspecto? Possui um selo místico de demônio sobre seu membro?

Ele não podia acreditar que estava discutindo seu membro com a rainha. Sim. Um demônio podia sentir o prazer do orgasmo, mas não derramava sêmen. Não até penetrar sua fêmea destinada e seu selo desaparecer.

Em outras palavras, nunca acontecerá para mim.

— Duvido que abominações como você encontrem uma companheira, especialmente por que exterminamos sua espécie inteira em Sylvan.

As garras dele doíam de vontade de estraçalhar a carne dela. Mas Rune também tinha medo. Quantas vezes tinha ouvido que feys sombrios eram criaturas que jamais deveriam existir, renegados do alcance do destino?

— Quisera eu que meu marido obedecesse às convenções e também se desfizesse de você. Permitir que tal ser letal permanecesse vivo, ainda que escravizado, sempre me pareceu uma tremenda temeridade.

Deuses me deem força...

— Mas agora vejo mais em você e quase posso compreender o porquê daquelas fêmeas idiotas se

arriscarem ao seu veneno. Você tem a fervilhante sensualidade dos fey e a intensidade sexual de um demônio — ela desviou os olhos dele. — Aparentemente, tenho uma utilidade para você, no final das contas.

Arrepios subiram pela sua espinha e, de novo, perguntou a si mesmo se não teria sido melhor ter morrido apedrejado quando criança...

Os olhos de Jo se abriram.

Aquilo não foi um simples sonho... era uma memória de Rune! Ela a havia testemunhado como que pelos olhos dele. Conhecera os pensamentos e palavras dele como se fossem dela.

Ele suspeitara que Jo leria lembranças de seu sangue. Ela devia ser — do que foi mesmo que ele a chamara? — uma vampira *cosa*!

Que memória ele mataria para impedir que ela visse? Certamente não cenas como estas que acabara de experimentar.

Ardia de curiosidade para descobrir o que a desalmada rainha havia exigido dele. Que uso Magh teria para sensualidade e intensidade?

Jo achava surpreendente que o arrogante Rune já tivesse sido um escravo. Sentiu uma relutante simpatia por ele. Como ele odiava os fey! E desprezava seu sangue. Ele ansiava por uma fêmea de sua própria espécie do mesmo jeito que ela ansiava por um companheiro.

Não era de se surpreender que não tivesse derramado sêmen em Jo. Não era de se surpreender que ficasse tão chocada com ela se alimentando dele. Ele podia fazer tudo o que sempre sonhara com ela.

E ainda assim, havia decidido matá-la.

Ela puxou os joelhos até o peito, pensando em tudo o que aprendeu. Mundos inteiros de aberrações existiam.

Reinos Fey e Wicca. Dimensões imortais com intrigas e guerras.

Demônios podiam se teletransportar, ou *riscar*. Jo supunha que era melhor aprender os nomes das coisas. Riscar era desaparecer e reaparecer, viajando por distâncias.

Então como chamavam quando alguém se “fantasmava” ou se desmaterializava através das paredes?

Será que *sabiam* os nomes?

Se um mundo fey existia, então havia um lugar para criaturas como ela? Talvez o que tivesse iniciado sua transformação não fosse ter sido baleada. Talvez nem ela nem Thaddie jamais tivessem sido humanos. E se eles viessem de um mundo fantástico — talvez de uma nação de vampiros fantasmas?

Dezessete anos atrás, os médicos disseram que sua perda de memória se devia a um golpe na cabeça. Que podia ser por isto que ela esqueceu seu local de nascimento.

Ela se estendeu na cama. Se pudesse descobrir com certeza, *teria* de ir até Thaddie, explicar suas origens, seus poderes e todo este mundo estranho! Ela se tornou incorpórea de felicidade, então voltou a tomar corpo com um franzir de cenho.

Naquele exato momento, não tinha muito o que explicar.

Rune poderia retornar ao bairro esta noite. Informação disponível.

Uma percepção desagradável surgiu: Rune, o Cuzão Insaciável poderia ser a chave para sua reunião com Thaddie.

QUATORZE

Uma vampira pegou a porra do meu talismã.

Rune preferia ter perdido o arco Darklight. O dia todo ele percorreu as ruas de Nova Orleans, procurando qualquer Loreano para fazer perguntas sobre Josephine. A maior parte deles dava uma olhada em sua expressão e fugia. Mesmo as ninfas se retiraram para as árvores ou para o rio.

Ninguém roubava dele. Ninguém era rápido o bastante, habilidoso o bastante. Isso simplesmente não acontecia.

Mesmo assim, a vampira havia feito.

Duas vezes.

Depois que ela havia desaparecido — levando o colar dela, sua isca — ele havia interrogado as ninfas

atrás de qualquer detalhe que pudesse ter perdido, então havia usado as pistas para descobrir o esconderijo dela. Tinha se sentido tentado a pedir que Darach usasse suas habilidades de lobo para rastrear, mas Rune não queria ter de explicar seu novo alvo. Além disto, o tempo passava de forma diferente em Tenebrous, riscar para lá e depois voltar a riscar para cá poderia levar vários dias terrestres.

Maldita sanguessuga!

Ele se pegou tocando aquela marca de mordida de novo. Um dia depois, continuava estupefato por ela não somente o ter mordido, mas se alimentado dele.

Uma vampira consumiu meu sangue contaminado.

Ele cutucou os resquícios da mordida dela com a ponta das garras, procurando recriar uma fração do prazer... mas falhou.

Reagira como um homem insano, não conseguia nem se lembrar do que dissera a ela. Achava que tinha falado com ela em demonês. Sabia que tinha berrado tão alto que sua garganta doía.

Parte dele estava feliz de sua resposta. Dificilmente aquela era a reação de alguém com seu fogo interno completamente extinto! Rune havia *sentido* com Josephine. Algumas brasas enterradas deviam ter permanecido profundamente dentro dele, por que elas estavam... renascendo.

Sua reação a ela — e a dela para ele — o fazia pensar na possibilidade mais estúpida e remota.

E se ela fosse sua companheira destinada?

Quais eram as possibilidades de que pudesse encontrar uma fêmea cujo cheiro o deixasse de joelhos — e que por acaso também fosse imune a seu veneno? Ela disse a ele. *Seu cheiro era irresistível.*

Não, não, não haveria *companheira* para Rune. Ele chegara à conclusão milhares de anos atrás que sua espécie não tinha uma companheira destinada, era uma espécie fadada à solidão.

Jamais encontrou um fey sombrio emparelhado, jamais ouviu falar de uma segunda geração de sua espécie. Seus próprios anos solitários cimentaram esta ideia em sua mente.

Mesmo que tivesse uma companheira, Josephine a vampira não podia ser ela. Ele havia reagido tão violentamente a ela e sua mordida porque ela o havia enfeitado.

O cheiro dela o atraiu mais do que qualquer outro simplesmente por que ela tinha o cheiro mais sedutor. Outros homens na rua respondiam a ela com o mesmo ardor.

Nenhum dos outros Møriør tinha uma companheira. Assumir tal vulnerabilidade gritante teria afetado a posição de Rune. Ele seria condenado ao inferno antes de renunciar à sua posição na mesa deles.

Muitos imortais venderiam a alma para estar em seu lugar...

No final da tarde, Rune dirigiu-se à loja do Lore que as ninfas mencionaram. Era uma loja desmantelada com o símbolo do Lore na vitrine. O toldo dizia *Empório da Loa*.

Talvez encontrasse as algemas ali. Podia finalmente tentar buscar informações.

Sem se barbear e vestindo as roupas do dia anterior, entrou na loja. Uma sineta soou acima da porta. Artigos mortais se amontoavam nas prateleiras. O mercado Loreano certamente devia ser negociado nos fundos.

Uma mulher estava sentada atrás do balcão concentrada em um livro. Seu vestido branco simples contornava sua pele escura, revelando uma figura voluptuosa. Loá, a proprietária?

Ele ergueu as sobrancelhas. *Bem, então este cliente com certeza irá voltar.*

Sua resposta era mais uma evidência de que não tinha uma companheira. Se tivesse encontrado sua companheira destinada, então não estaria planejando foder esta roliça dona de loja na primeira oportunidade! Ele perguntou a ela.

— Onde posso encontrar algemas, pombinha?

Ela não ergueu os olhos do livro.

— Sala dos fundos. As prateleiras estão identificadas.

— Será que conhece uma Loreana chamada Josephine? Morena, de cerca de um metro e

sessenta e sete de altura? — *Corpo incrível, voz sensual.* — Um tanto franca — *meio casca-grossa.* — Está sempre de coturno e tem piercings — *alguns em lugares secretos.*

A mulher umedeceu o polegar e virou a página.

— Ela vive na cidade e anda pelo bairro. Mas é de raça desconhecida — Josephine não era a única. Quando reconheceu o que Loa era, disfarçou um sorriso. Apostava que ela não gostaria que ele soubesse.

Sem tirar os olhos do livro — uma brochura de neurociência — Loa disse.

— São criaturas demais para saber onde todos estão a esta altura do milênio. A Ascensão faz com que eles se aproximem. Pergunte às criaturas mais baixas. — O sotaque dela era lírico e arrastado, mas de um jeito diferente.

— Entre seus artigos, não teria por acaso uma mecha de cabelo de Valquíria, teria? — as ninfas prometeram tentar obter um, mas não estava muito esperançoso. Arrancar informações delas no calor do momento era uma coisa...

— É mais fácil encomendar a cabeça de uma Valquíria — Loa disse.

Ele não achava que seria fácil.

— Você tem informações para vender?

Ela finalmente olhou para cima.

— Pela sua aparência, estou achando que não tem condições de pagar a informação que tenho no catálogo.

Não? A riqueza dele era tão vasta que era incalculável. Ele sorriu para ela, imaginando todas aquelas relíquias que juntara ao longo de eras, as que formavam sua coleção particular. Ah, os segredos que continham.

Ele se pegou imaginando como Josephine reagiria a estes tesouros. Sem dúvida ficara atônita. Como poderia não se impressionar?

— Talvez tenha razão — disse a Loa, voltando-se para os fundos. Localizou a porta oculta e entrou.

Cheiros o sobrepujaram. Cada espécie de criatura do Lore deve ter comprado recentemente ali. Avisos penduravam nas paredes: *"Estoque para Ascensão!"* *"Queima de estoque"*.

Afetando cada imortal no reino de Gaia, a Ascensão era um evento místico que ocorria mais ou menos a cada quinhentos anos, trazendo os Loreanos em contato uns com os outros — para o bem ou para o mal. Alguns imortais se vinculariam, outros entrariam em guerra. Geralmente a maioria das facções lutavam umas contra as outras.

Nix estava tentando mudar as regras do jogo, transformando o que devia ser uma guerra aberta de atrito em uma grande batalha por todo o Lore entre alianças de imortais.

Os Møriør — uma irmandade de assassinos com poucas fraquezas — prevaleceriam. Eles sempre ganhavam. Para seus inimigos, eles eram Aqueles Que Traziam a Destruição.

Embrenhou-se ainda mais dentro da loja. As prateleiras estavam assinaladas: CONTRACEPÇÃO, FEITIÇOS, CONJUIROS... ergueu uma sobrancelha ao ler PREPARAÇÃO PARA O APOCALIPSE. Já estavam se preparando? Perscrutou a prateleira onde se lia BONDAGE, então selecionou um par de algemas com uma etiqueta onde se lia:

Misticamente reforçada e a prova de fuga,
produzida pela Casa das Bruxas

Est. 937

Feitiços de 1º classe, Maldições, Encantamentos e
Poções

Nós não Seremos Desvalorizadas!

info@houseofwitches.com

Member LBBB

Aquelas bruxas formavam um bando orgulhoso, considerando que jamais tiveram permissão de sua soberana para iniciar esta colônia em Gaia — e considerando que jamais pagaram impostos a Aquelarre, a fonte da dimensão delas.

A maioria dos Loreanos preferia enfrentar uma divindade vingativa a um burocrático cobrador de impostos.

No ano de 937 vocês estragaram tudo. Allixta está a caminho.

Ele examinou as algemas, avaliando a magia encerrada nelas. Nada mal. Poderia customizá-las com suas próprias runas, amplificando e direcionando o poder do jeito que fazia com suas flechas.

Sim, se a pequena sanguessuga retornasse esta noite, ele a capturaria. Uma vez que estivesse sob seu domínio, então talvez pudesse tirá-la de seus pensamentos e focar em sua missão.

No balcão enfiou as algemas no bolso de trás, então ofereceu moedas de ouro. Ele havia feito trocas por estas moedas mais novas nos Outros Reinos, mas ainda eram antigas. Não havia escolha senão usá-las.

Enquanto fazia o pagamento, suas orelhas formigaram. Alguma coisa grande se movia embaixo das velhas tábuas do assoalho desta loja, algo... deslizante. Odiava cobras. Internamente estremeceu ao se lembrar da metamorfo de serpente que foi forçado a satisfazer.

— Loá, você mantém uma cobra aqui embaixo?

Ela estreitou os olhos âmbar.

— Para o caso de algum fey sombrio aparecer fazendo perguntas demais.

— Eu me passo por um fey de puro sangue. Como soube?

— Seus caninos. Longos demais. Indicam sangue demoníaco para mim.

— Ah, mas eu podia ser meio vampiro.

— Olhos cor de ameixa preta.

Ele sorriu para ela.

— Observações inteligentes. E eu aqui achando que você estava estudiosamente me ignorando.

— Nenhuma ameaça escapa ao olhar de Loa.

Ela deve possuir uma riqueza de conhecimento sobre seus clientes. Segredos à disposição.

— Como soube sobre os olhos? Não é possível que tenha encontrado muitos de nós.

Os poucos feys sombrios que ele havia encontrado tinham cada um nascido de uma combinação diferente de fey e demônio. Demônio da ira/fey do gelo, fey da floresta/demônio da fumaça e assim por diante...

Suas características e níveis de toxicidade variavam. Mas todos possuíam olhos cor de ameixa preta.

O semblante de Loa se tornou calculista.

— Talvez eu tenha visto uma fey sombria aqui mesmo na cidade. Talvez ela seja bem bonita.

Ele se endireitou, perguntando rapidamente.

— Quanto quer para me dizer como encontrá-la?

— Por algum motivo, o rosto etéreo de Josephine espocou em sua mente.

— Por que eu negociaria com você? — Perguntou Loa.

Rune apoiou os braços no balcão se inclinando. Capturando o olhar dela, mordiscou o lábio inferior com uma presa.

— E por que *não deveria* querer algo mais comigo, pombinha?

As pupilas dela dilataram ao fixar o olhar na boca dele, sua respiração se tornou superficial. Ela piscou várias vezes, então o fuzilou com o olhar.

— Você é um sangue ruim com uma mordida de vampiro recentemente cicatrizada no pescoço, que está comprando *algemas* com uma moeda de ouro antiga demais. O que poderia ter de possivelmente perturbador nisto? — Apesar disto, ela definitivamente estava interessada.

— É uma história engraçada — *que eu jamais contarei*. — Nós devíamos sair para jantar.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Devíamos mesmo?

Ele abaixou a voz para murmurar.

— Sim, e quando fizermos isto, eu vou te convencer a *negociar* comigo. Várias vezes.

Loa cruzou os braços sobre os seios amplos.

— Eu acho que não...

— Ah-ah, pombinha. Conheço fêmeas, e estou olhando agora mesmo para uma que precisa mais do que somente moeda... — ele se interrompeu, de músculos tensos.

Acima de todos os outros cheiros desta loja, capturou um aroma.

Valquíria.

QUINZE

Talvez eu não tenha mais orgulho do que as ninfas, Jo pensou ao se encarar no espelho de vestido novo.

Um tubinho vermelho vivo. Sem alças. Micromini.

Quando decidiu retornar ao bairro para confrontar Rune, avaliou sua arara de roupas vintage, mas não encontrou nada tão sexy quanto o que as ninfas usavam.

Inaceitável.

Então foi a um brechó para comprar algumas coisas. Ou, melhor dizendo, para furtar algumas coisas. Então esquentou uma caneca de sangue para beber enquanto se aprontava. Ela fez uma careta. A caneca ficou intocável, o sangue ficou frio. Já estava choco, de qualquer jeito.

Contanto que não gastasse muita energia, podia pular uma refeição.

Mirou-se no espelho e voltou a virar. Ela optou por um sutiã "levanta tudo" que cobria os piercings de seus mamilos e erguia seus seios quase até o queixo. Secou o cabelo em grandes cachos e maquiou os olhos. Esmalte de glitter claro faziam suas garras

pretas brilharem. Após mordiscar os lábios, deixou-os vermelho sangue e calçou sandálias de salto agulha.

Seu colar de balas afundou em seu decote. Um aro prateado circulava um braço nu acima do cotovelo. Escolheu brincos pendentes para as orelhas e os costumeiros piercings estavam na ponta das orelhas.

Jo gostava de todos os seus piercings, mesmo aquele abaixo do cinto. Cada físgada de dor a fazia se sentir no chão, *encarnada*, ou algo assim. Suas joias a ajudavam a lembrar disto.

Além disto, todos os caras com quem estivera perdiam a cabeça ao vê-los. Era uma surpresa geralmente expressa em contato direto com a língua.

Ajeitou o cabelo mais uma vez e lançou um sorriso para o espelho. Não esperava que Rune olhasse para ela e pensasse *Como deixei este traseiro escapar? Talvez eu não deva matá-la?* Mas esperava que ele tivesse um pouco de escrúpulo.

Seu olhar vagou para a bugiganga feita de osso ao lado da cama. A única coisa que sabia, com certeza? De jeito nenhum aquilo era só um *pingente*.

Ela não tinha bolsos para guardá-lo, mas não queria deixá-lo para trás. Se outras aberrações tivessem os sentidos aguçados como os dela poderiam farejar seu esconderijo. Com um dar de ombros, enfiou a peça no local mais seguro que pôde pensar — o vale entre seus seios.

Porque jamais deixaria Rune tocá-la ali.

Mais pronta do que nunca, Jo "riscou" para o bairro, dirigindo-se diretamente ao pátio. Ela realmente queria ver Rune afundado até o pescoço em ninfas? Talvez ele ainda estivesse tentando reviver sua mordida e então ela poderia rir dele.

Aproximando-se do portão, tornou-se invisível, mas o pátio estava vazio. Após uma busca pelas proximidades, riscou para um telhado que dava vista para a Bourbon. Era uma noite de sábado agitada no bairro, mas e daí? Cada noite trazia algo diferente aqui: os grupos, bandas, avisos de arrependimento.

Depois de algum tempo, um casal andando de braços dados lá embaixo chamou sua atenção. A mulher era baixinha de cabelos pretos e calçava só um pé de sapato. O que parecia um *morcego* se dependurava das costas de sua bata, espiando por

cima de um ombro. O rosto da mulher era cativante, os olhos dourados pareciam reluzir.

Definitivamente não era humana. As aberrações estavam saindo de seus covis.

Apesar da singularidade da mulher, algo nela levantou a guarda de Jo. Só por ela ser sobrenatural?

Jo voltou a atenção para o homem alto que a acompanhava, mas seu chapéu de cowboy bloqueava a visão de seu rosto. Ele usava botas e tinha um passo gingado e confiante.

A fêmea perguntou a ele.

— Você já foi seduzido? Bem, é melhor que não, sendo menor de idade e tudo o mais.

— Não posso dizer que já fui, madame — sotaque do Texas?

Jo empinou a cabeça ao ouvir a voz dele, aquele sorriso no tom de voz dele. O casal virou a esquina para uma rua lateral vazia.

Em modo fantasma, riscou para outro telhado para vê-lo melhor. Ao ver o seu rosto, a boca de Jo secou.

Thaddie!

Irmão!

Ele parecia bem mais velho do que o último recorte que colara em seu álbum de recortes, mas era ele!

Totalmente crescido. Não mais aquele garotinho que andava com ela no Porta-Thad e idolatrava o Aranha.

Ela pôs a mão no peito ao sentir uma dor aguda.

Por que ele estava em Nova Orleans? Talvez um jogo esportivo o tivesse trazido para a cidade. Ou talvez estivesse a passeio, viajando com os colegas de colégio.

Então o que estava fazendo com uma não-humana?
Aliança com aberrações não é aceitável, Thaddeus.

Se ele ia acabar... *andando por aí* com elas, então Jo sacrificara sua vida com ele a troco de nada?

Não, ela o afastaria daquela mulher. Afastaria-o desta cidade. Um inimigo poderia descobrir a conexão de Jo com Thad. Um inimigo como...

Captou um movimento com o canto do olho.

Rune. No telhado do prédio vizinho.

A figura enorme dele estava agachada como um predador, seu corpo parecendo oscilar de antecipação. Pelo que? Os olhos dele estavam pretos.

Ela olhou de Thad para Rune. *Ameaça*. Ela precisava afastar aquele fey sombrio de seu irmão.

Estava a ponto de riscar até Rune quando a mão dele desceu para a aljava. Tateou as pontas das flechas, como se estivesse escolhendo entre elas. Com velocidade ofuscante, tirou o arco das costas e o posicionou, retirando uma flecha preta.

Os olhos dela arregalaram. Ele estava mirando em Thaddie!

Ela focou em um ponto no céu, acima de Rune, riscando pra lá. Girou no ar, mergulhando de cabeça para cima dele, materializando-se no caminho.

Ela jogaria o fey sombrio do telhado até o maldito chão — e o enterraria lá.

DEZESSEIS

Com tantos mil anos de vida, Rune focou no seu alvo e puxou a corda do seu arco.

Ele escolheu sua seta favorita. Sian rindo muito a chamava de "um-e-acabou". Disparada no pescoço de um alvo, a seta cortaria a cabeça completamente.

Rune prendeu a respiração. Ele quase relaxando seus dedos pra soltar quando captou o cheiro de Josephine.

Acima dele?

Um milésimo de segundo depois, ele ouviu seu grito enraivecido.

Ela estava vindo para ele como um foguete, seus olhos pretos com ira. Uma aliada da Nix? Uma protetora! Fora de hábito, ele mudou seu arco em direção à nova ameaça.

Droga!

Ele só teve tempo de tirar sua seta da corda.

Josephine bateu com força nele.

A força era como um meteoro, empurrando-o para trás. BOOM. Em uma explosão de telhas e madeira, o telhado rachou e abriu embaixo dele.

Ela enfiou as garras na garganta dele, segurando-o no lugar enquanto esmurrava seu rosto. Ele tomou os furiosos golpes, lutando para segurar seu arco no punho.

Eles caíram em um sótão. Continuaram caindo. Atravessaram com força o chão do sótão entrando no apartamento abaixo.

Nada podia arrancar o arco do seu aperto. O que o deixava com apenas uma mão para se defender, e muito menos alcançar as algemas. Ainda assim não podia se ver batendo nela.

Enquanto o próximo piso quebrava, viu por um momento uma família atônita em uma mesa de jantar, garfos pairando acima dos pratos.

CRASH. Descendo, ele e Josephine mergulharam no andar abaixo. Dentro desse apartamento, um cara estava no soca-martela com uma garota com o som altíssimo. Nem levantou o olhar.

Invejável. Rune estava tomando uma surra de uma mulher que ele não podia se ver machucando.

BUM. Outro andar quebrado. O impulso deles devia estar diminuindo, mas com um olhar selvagem nos olhos, ela os riscou, acelerando a velocidade. Ela queria levá-lo pra dentro do chão?

— Pare com isto, vampira! Se eu riscar contra você, você vai sair voando...

Ela disparou um soco na sua boca.

Eles atravessaram um último andar, rompendo uma rede de canos de água. As costas de Rune bateram no chão do porão, rachando a fundação e deixando um buraco. Ela caiu sobre ele.

O impacto arrancou o ar dos seus pulmões. Ele inalou uma respiração de poeira de cimento e névoa, tossindo debaixo dela.

Ela se levantou, sentando montada nele, parecendo medir quanto o tinha machucado.

O prédio gemeu e cambaleou. Eles dois congelaram. Um segundo se passou. Então outro. Foi tudo rápido.

— Mas que inferno, mulher? — Josephine com certeza assustou seu alvo com seus gritos, pior ainda quando o edifício inteiro balançou. Ele se esforçou para tentar sentir o cheiro da Valquíria. Nada. — Maldição! — Embora Nix não pudesse prever seu próprio destino, podia ter a habilidade de começar a registrar o futuro dele. Ela conseguiu dar uma olhada no seu rosto?

Se tivesse conseguido, podia predizer onde ele atingiria a cada vez.

Mas esta situação era recuperável. Josephine estava associada a Nix, o que significava que ele podia usar sua nova prisioneira para chegar à Valquíria. Talvez Nix barganhasse pela liberação de Josephine.

Sem falar das informações que ele podia espremer da vampira. Mais outra desculpa para capturá-la. Aquelas algemas no seu bolso de trás aguardavam.

Uma vez que a prendesse, ele a forçaria a devolver seu talismã, então utilizar um de seus talentos particulares.

Interrogar.

— Você vai pagar por este movimento, vampira.

Ela recuou para outro soco. Com sua velocidade, pegou o punho dela. Conforme apertava, ele registrou sua aparência. A névoa dos canos de água deixava úmida sua pele de porcelana, o que seu vestido curto revelava muito. O tubinho escarlate mal continha seus seios fartos e subiu bem alto em suas coxas.

Ela usava joias, maquiagem, e saltos "foda-me", vestindo-se como uma devoradora de homem. *Vestindo-se como?* Josephine, a vampira, era a própria definição de uma devoradora de homem.

Sangue correu pro seu pau com este pensamento: *Ela fez de mim uma refeição ontem à noite.*

Quando ficou duro embaixo dela, ela se remexeu com ultraje, e aquela bainha micro expôs uma visão que deu frutos.

Sua devoradora de homens deixou a calcinha em casa, revelando sua boceta lisa.

Putá. Que. Pariu.

Ante tão bela vista, uma névoa cobriu sua visão. Ardendo por seu beijo, ele pegou sua nuca, puxando-a.

Bam! Outro soco na boca.

— Naturalmente você está pensando em sexo!

— Depois de toda essa preliminar? Claro que estou!

— Preliminar? Em seus sonhos!

Seu olhar imergiu entre suas coxas e de volta pra cima.

— Apenas os devaneios mais doces.

— Você é um... — Ela se interrompeu, vislumbrando olhos trancados em seu lábio inferior.

Ele mexeu a língua, sentindo gosto de sangue. Deu um sorrisinho triunfante quando ela sonhadoramente lambeu um canino.

— Minha vampira está sedenta por um *sangue ruim*? Ah, ela pensa que sou delicioso — a ânsia dela fazia seu peito arquear e seu pau inchar ainda mais. — Não tem necessidade de ficar violenta, mulher. Tudo que tem a fazer é me pedir de um jeito agradável para te alimentar. Uma beleza como você podia

me persuadir a fazer quase qualquer coisa em nome do prazer.

Ela sacudiu sua cabeça com força, mas sua respiração ficou mais profunda e trabalhosa, aqueles seios cremosos subindo e descendo diante de seu olhar extasiado.

Ela claramente lutava por controle. O que significava que ele podia tomá-lo. Ela se debruçou sobre ele, agarrando em seus ombros, seu vestido deslizando mais alto.

O cheiro de sua excitação o tomou, deixando sua mente em branco. Seu alvo foi esquecido, sua missão. Obrigações, vulnerabilidades, deuses, guerras — nada disso importava naquele momento.

As garras dela cavaram em seus ombros. A vampira estava alfinetando sua presa? Essa presa não estava indo a lugar nenhum.

Ele soltou o arco para deslizar a mão entre suas coxas e colocar a mão em forma de xícara em sua bo-

ceta macia. Ele gemeu quando sua palma encontrou carne quente e entregue.

— Mulher, eu vou fazer você gozar até que não possa caminhar.

Ela piscou.

— Rune?

Só seu nome na língua dele o fez tremer.

— Dê-me seus lábios, Josephine. — Deuses, ele precisava do seu beijo.

Ela empurrou a mão dele pra longe então lançou um direto no rosto dele.

— Não se atreva!

— Que inferno, mulher! — Ele agarrou seus pulsos. — Atrever? Porque sou um fey sombrio, talvez? — E dane-se se ele não estava se inclinando para fazer isto novamente, puxando seus pulsos. — Qualquer

barreira entre nós desapareceu quando você bebeu de mim.

Com suas mãos capturadas, ela se defendeu com as pernas, apertando as coxas ao redor da cintura dele, empurrando os joelhos dos lados dele.

O plano dele de tomar sua boca e deslizar o pau dentro dela ainda não estava acontecendo — no momento — então agarrou as algemas. Rápido como um borrão, prendeu um dos pulsos dela no seu.

Ela ofegou quando percebeu, tentando teletransportar. Inclusive fez aquela coisa de riscar devagar novamente, mas não estava indo a lugar nenhum. O metal a seguraria. Mais cedo, enquanto esteve correndo atrás do cheiro da Nix, ele apressadamente gravou runas naquelas algemas, direcionando o poder só para um. Josephine não podia riscar, mas ele podia.

Enquanto ela se debatia para ficar livre, ele pegou um vislumbre de branco entre seus seios.

— E aí está meu tesouro. — Ele pegou o talismã, mas não pôde resistir a uma apalpadela. Ele gemeu. *Uma mão cheia perfeita.*

Ela bateu nele até que relutantemente a soltou, recolhendo o talismã. De volta ao seu bolso onde pertencia.

— Tire esta algema, Ruína!

Ele riu dela.

— Sem chance, pombinha. — Ele deu um puxão na corrente, forçando-a a chegar mais perto. — E é *Rune*.

Ainda assim ela lutou com ele.

— O que você está fazendo?

— Exatamente o que eu disse ontem à noite.

Seus olhos arregalaram.

— Vai me aprisionar? Até que decida me matar?

Ele disse entredentes.

— Até que a morte nos separe, Josie.

DEZESSETE

Rune pode riscar?

Jo cambaleou quando eles apareceram no telhado do edifício. O teletransportar dele era mais duro e mais afiado que o seu, como se eles fossem disparados de um canhão.

Comparado ao riscar dele, o seu era como trocar um Caddie⁵ bem entrosado com o equipamento. Mas ela não podia administrar isto quando presa nessas algemas! Até seu desaparecer fantasma falhou.

⁵ Garoto que carrega os tacos de um jogador de golfe.

Ele recolheu sua seta estranha ao lado do local que caiu. Enquanto ele inspecionava a rua vazia, sirenas soavam em direção ao local em que estavam.

Ele amaldiçoou baixinho.

— Atraindo a atenção de humanos? — Ele balançou a cabeça para ela. — Fêmea imprudente. — Então os riscou novamente.

Quando ela abriu os olhos, eles estavam em quarto ecoando com chão de vidro. Debaixo deles tinha outro andar com piso de vidro e assim por diante.

Seus lábios separaram. Cada andar abaixo estava cheio com todo tipo de criatura. A central do show das aberrações.

Alguns tinham asas, outros quatro pernas. Ela viu seres com pele brilhante, pele escamosa, pele coberta de pus. Reconheceu centauros de revistas em quadrinhos e demônios com chifres das memórias de Rune.

Fêmeas estavam misturadas entre os machos. A maior parte delas ostentavam os seios e usavam menos roupa.

Todo mundo parecia embriagado com taças nas mãos, pinças ou tentáculos. A música peculiar e alta soava na festa.

— O que é este lugar? — Nada em seu voyeurismo a tinha preparado para cenas como esta. Quando viu copulação acontecendo em todos os lugares, seu coração acelerou. Pelo menos esperava que fosse sexo, do contrário as criaturas estavam batendo uma na outra até se matarem.

— Ah, está nervosa sobre o que tem por vir — Rune murmurou, entendendo mal seu alarme. — Você devia estar. Logo vai descobrir algo em que sou muito, muito bom.

— Onde você me trouxe? — E como voltaria para seu irmão?

Desde sua ressurreição (ou sua transformação?), frequentemente se perguntava por que foi dada a ela toda essa força e velocidade, todos seus talentos. *Eu posso protegê-lo.*

Se ela pudesse alcançá-lo.

De qualquer forma, por que Rune teria Thaddie como alvo? Como seu irmão se misturou em tanto perigo? Tal irmã, tal irmão? Ele chutou seu próprio monte de formiga?

Ela se consolou com o conhecimento que a cada segundo que Rune estava com ela dava tempo a Thad de se afastar. Talvez devesse protelar.

— Nós estamos em Tortua, um antro de prazer — Rune disse. — Mantenho uma residência aqui. Este é o observatório.

Algumas das aberrações abaixo estavam *observando* ela aqui em cima de vestido?

Lendo sua mente, ele disse:

— Cada andar pode visualizar quem está abaixo, mas não quem está acima.

Ela inclinou sua cabeça pra cima. Uma sólida cúpula se esticava acima.

— Consegui o último andar desejado. Bem-vinda à sua nova casa.

Espere, Rune queria mantê-la em um *antro de prazer*?

— Em outras palavras, você tem se entrincheirado em um prostíbulo. Se o fey sombrio se encaixa...

Um músculo saltou em sua mandíbula larga.

Oooh, pisei em um calo?

— Uma vampira mais sábia estaria me convencendo a poupar sua vida. Não me insultando.

— Você não vai me matar — como ele podia? Ela levou seis balas na cara. A menos... será que uma estaca de madeira no coração podia acabar com ela?

— Não vou? — Ele perguntou.

— Você gosta demais da minha mordida — não que estaria dando isto a ele novamente. Não importa o quanto se tornou íntima dele naquele porão. Foi tentada só porque não tinha bebido em vinte e quatro horas e consumiu muita energia.

— Eu podia substituir com a de outra vampira.

Seu tom desdenhoso a deixou nervosa. Ontem à noite ele só faltou dizer a Jo que sua vida dependia de mantê-lo interessado.

Viu como ele foi facilmente de uma aparência terrena para uma letal.

Porém, havia um modo infalível de se proteger da morte e Thad de assassinato: tirar Rune primeiro.

— Quantas pessoas você matou? — Perguntou a ele.

— Não posso contar um número tão alto.

Anotado. Ela teria que levar a melhor sobre ele. Provaria-se tão difícil de matar como ela foi?

— Venha — ele virou em direção a uma sólida parede de tijolos, empurrando um símbolo esculpido em pedra. Os tijolos desapareceram para formar uma entrada. Um portal!

Uma estranha memória faiscou em sua consciência como um feixe de farol, brilhante demais num instante então se foi no próximo.

Mas se lembrou de um lugar de caos total, chuvas e terremotos. Apesar de ventos obscurecerem sua visão, viu uma mão pálida levantada para o céu. Acima, estrelas listraram através da noite. Atrás de Jo, havia uma parede de portais.

Não, eles eram... buracos negros.

Eles estavam presos em fileiras um em cima do outro, negro sobre negro. Como olhos de aranhas. Alguém tinha gritado: "É o fim do mundo!".

Isso era memória do Rune? Ou sua?

Antes de Jo poder cavar mais fundo, ele a forçou pelo portal. Este se fechou atrás dela com um silvo.

Uma ponte de pedra se estendia diante deles, iluminada por tochas e flanqueada com grades. Mais símbolos foram esculpidos em várias pedras.

Ele destrancou a algema ao redor de seu pulso e agarrou o dela. Ele só ia desfazer isto? De verdade?

Ele guardou as restrições no bolso, então pareceu estar aguardando sua fuga. *Prazer em te conhecer, otário.* Ela começou a riscar de volta para o quarto. Conseguiu um bom começo, quando atingiu algum tipo de barreira e saltou direto de volta.

Rune riu dela. Ele cavou aquelas bugigangas de seu bolso, outro ponto que marcou contra ela. Com um sorriso convencido ele lançou no ar, pegou em sua grande palma, então guardou no bolso novamente.

— Você é tão idiota — não podia acreditar que esteve enrabichada por ele.

— Eu tenho salvaguardas cercando esta residência inteira. Sou o único que pode viajar através delas. As coisas dentro do meu covil ficam dentro, inclusive o som de seus gritos, no caso de pensar em pedir ajuda. Mesmo que alguém a ouvisse, eles não poderiam entrar por que qualquer coisa lá fora permanece lá fora.

Quer dizer que se ela tivesse sorte e abatesse Rune, sem ajuda — ou a habilidade de escapar — ela ficaria presa aqui.

— Ah, e lá se foi seu ridículo plano de me matar — ele a arrastou junto. — Vejo você trabalhando todos os ângulos.

Não *todos* os ângulos ainda. Ela podia ficar fantasma *dentro* dos limites dali? Neste caso, talvez pudesse ir como fantasma dentro dele, né? Ele nunca poderia sacudi-la. E eventualmente teria que deixar este lugar.

Seus saltos faziam barulho enquanto cruzavam a ponte. Ela olhou por cima da grade, vendo somente escuridão, tão escura quanto um buraco negro.

Ela se recusou a deixar Rune saber como a deixava meio doida.

— Onde fica Tortua? No Pacífico Sul ou algo assim? Eles não filmaram *Survivor* aqui? Fogo representa vida.

— Oh, você está a muito, muito longe da Terra, pombinha. Mas vai gostar daqui, é noite perpétua.

Não na Terra. Ela só teria que... teria que pensar sobre isso mais tarde.

Ele tocou com sua palma estendida em um símbolo elaborado em um pilar, e um segundo portal abriu em uma enorme suíte.

O espaço convidativo tinha sido decorado em tons terrenos, provavelmente não chamavam assim aqui, e era mil vezes melhor que sua própria "casa". Mesmo assim, disse:

— Nada mal, eu acho. Porém a suíte parece como se pertencesse a um chalé de caça de alguém de sangue azul, não a cobertura de um bordel de um sangue preto.

Ele inclinou a cabeça, como se intrigado com ela.

— Eu seguro sua vida em minhas mãos. Meu aperto nela diminui a cada insulto.

Então vou flutuar pra longe. Ela se agitou.

Na área de estar adjunta, um fogo crepitava em uma enorme lareira de tijolos. Mais símbolos embelezavam a pedra ali. Em vários lugares nas paredes,

marcas semelhantes estavam espaçadas do modo em que os interruptores estariam.

Uma enorme cabeceira da cama cercada com criados-mudos dominava o quarto. Postes grossos sustentavam cortinas pesadas. O tecido estava amarrado atrás, revelando lençóis embolados.

— Esta é sua cama? — Ela podia só imaginar quais atividades aconteceram lá. Momentos atrás, ele abriu a palma da mão entre suas coxas naquele porão, tentando beijá-la, mas mais provavelmente tinha aproveitado uma orgia aqui hoje.

— Por que isto?

— Eu teria pensado que sua cama seria maior — ela disse. — Duvido que possa ajustar mais de cinco ou seis ninfas aí.

— Depende do quanto quero ficar aconchegado.

— Você não espera que eu durma ali, não é?

— E se eu quiser?

Ela bateu a palma da mão em sua própria testa.

— Esqueci minha luz preta e equipamento de proteção. Mas você tem que ter preservativos corporais por aqui em algum lugar.

Ele se aproximou ainda mais dela.

— Preservativos? Sou metade demônio — ele se debruçou para dizer: — Mesmo que eu precisasse usar um, tamanho seria um problema. Como você bem lembra.

Revirando os olhos, ela recuou para longe dele. Quando ficava perto, sentia-se fraca. Como ainda podia desejar um galinha como ele? Especialmente depois que ameaçou matá-la?

Por causa do sangue dele. Só por causa do seu sangue.

Ele cruzou até a parede ao lado da cabeceira da cama, empurrando um símbolo. Num segundo a cama estava desfeita, no outro estava refeita, perfeita para se deitar.

Não fica doida, Jo.

— Prático.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Mais algum comentário?

— Não no momento — foi devagar até o fogo para se esquentar. Seu vestido ainda estava molhado e a maior parte de sua pele úmida estava descoberta. Pior ainda, a sede sempre a deixava gelada.

Ela voltou sua atenção para uma confortável espreguiçadeira situada na frente do fogo. Ao lado estava um recipiente com penas e setas para flechas.

Ele fazia suas setas lá. Sozinho.

— Sua área de estar só tem uma cadeira? — Ele era um solitário como ela? Não que ela se importasse.

Seja o que for que ele viu em sua expressão o fez enrijecer.

— Uma amiga ninfa decorou este lugar para mim. A escolha de estilo não indica nada sobre mim mesmo — soltou a aljava ao redor de sua perna, deixando-a encostada na parede.

— Uh-huh. — As escolhas de estilo devem indicar *muuuuito* sobre ele.

Ele desenganchou seu arco e o pendurou em um gancho acima da lareira.

— Tem uma salvaguarda no meu arco aqui. Pegue-o e você será jogada pra trás e cairá de bunda. Se ainda quiser tentar, informe-me para que eu possa assistir.

Babaca!

— Em todo caso, esta é uma residência secundária.

— Prostíbulo de final de semana do Ruína.

Com um olhar irritado, ele apertou outro símbolo e uma entrada larga abriu para revelar uma biblioteca enorme. As prateleiras tinham que ter três andares de altura. Todos aqueles livros eram como cofres cheios de tesouro sem fim, e todo mundo menos ela parecia ter as chaves.

Outro dos símbolos de Rune abriu um segundo quarto adjacente com uma piscina gigantesca. Colunas de mármore a rodeavam. Tochas queimaram à vida todas ao mesmo tempo, suas chamas refletindo na superfície quieta da água. Vapor flutuava de um quarto nos fundos.

Legal!

— Copiado de um antigo projeto romano — ele inspecionou como se vendo a área novamente. — Jus-

to quando julgo os mortais completamente sem talento, um século de escolha aparece...

— Quantos quartos você tem?

— Quantos eu desejar. É infinito.

Novamente, pratico.

— Então é onde você pensa me manter.

— Bom, não exatamente um sofrimento — ele lançou aquele seu olhar satisfeito consigo mesmo, o que usou quando manipulou as ninfas com seu pau, o que a fez querer rasgar seu rosto em tiras.

— Você não tem ideia de como é minha casa — *Grande Desprezível Chorão*. Ela ergueu o nariz. — Em comparação, acho esta... estranha.

— Sorte minha que não dou uma merda sobre seus altos padrões — ele separou os lábios, então pareceu mudar de ideia sobre o que estava prestes a

dizer. — Siga-me — ele virou em uma direção diferente, abrindo outra área.

Quando cruzaram a entrada, ela parou de chofre. *Putá merda*. Relíquias enchiam o quarto. Armaduras, estátuas, joias, vasos, armas de todos os tipos.

— De onde estas coisas vieram?

— Colecionei estes itens inestimáveis ao longo da minha vida.

Jo colecionava coisas também. Uma diferença. Tudo aqui era "inestimável". Ela nunca foi a um museu, queria explorar este lugar por dias.

— Colecionou? Ou roubou?

Ele encostou o ombro numa parede.

— São prêmios de guerra.

— Você é algum tipo de soldado?

— Suponho que você pode dizer isto. Ainda pensa que minha casa é estranha, vampira?— Ele se importava com sua opinião, o que a surpreendeu.

Ela administrou um dar de ombros descuidado.

— Tá ok.

Ele parecia como se quisesse estrangulá-la.

— Agora que me tem aqui, qual é o seu plano? Minha morte está na agenda em algum ponto no futuro, certo?

Ele rexealou.

— Não. Estava com raiva e queria te castigar por atrapalhar minha mira. Uma vidente como Nix não vai passear diante da minha vista tão facilmente da próxima vez.

Sua mudança de tática a pôs no limite.

Espere. Ele estava apontando para a mulher?
Essa garota Nix?

Não Thad!

Rune se aproximou dela.

— Percebi que brigar é a última coisa que quero fazer com você. Vamos colocar o que aconteceu entre nós mais cedo pra trás. Considere isto água debaixo da ponte.

— Oh, realmente?

— Não acredita em mim? — Ele curvou o dedo indicador debaixo do seu queixo.

— Até que a morte nos separe?

— Matar você foi uma opção que eu considerei e desde então descartei permanentemente.

Por alguma razão, acreditou nele. Pelo menos nisso.

Ele escovou seu cabelo úmido por cima do ombro, revelando sua orelha. Seus olhos ficaram encobertos. O cara *realmente* cavou suas orelhas.

— Nós podíamos nos sentar diante do fogo e abrir uma garrafa de vinho. Tudo que você tem que fazer é me dizer quanto tempo esteve aliada a Nix e as outras Valquírias.

Valquírias existiam? Estranho. Por que não contar a Rune que nunca encontrou esta vidente antes? Nix parecia como uma amiga para Thad — mas se era o caso, por que esteve falando sobre a *isca*? Ela o esteve levando direto para uma armadilha?

O que mais podia ter esperado de uma monstruosidade? Jo encontrou poucos deles, mas até agora *não* estava impressionada.

Seu primeiro impulso foi dizer "Não conheço Nix. Ponha uma seta entre seus olhos". Mas aí Rune sabia que Jo esteve protegendo Thad.

Ela não podia predizer como o fey sombrio usaria informações assim contra ela. E não confiava em ninguém — sob a melhor das circunstâncias. Não, manteria aquele petisco perto por enquanto.

O que a deixava com um jogo: persuadir este macho a confiar *nela*, então convencê-lo a liberá-la. *Eu dormiria com ele pela minha liberdade?* Ao pensar no corpo dele em cima do seu, empurrando, ela estremeceu novamente.

— Você deve estar congelando. Pode responder minhas perguntas uma vez que se esquentar — ele disse, tão amável como podia ser. — Tem um roupão do lado de fora da câmara de banho. Os azulejos gravados controlam a água.

Ela podia lidar com o Ruína babaca arrogante. O Rune legal que era um problema. Ainda assim, Jo não se importaria com algum tempo para refletir sobre tudo. Apesar do muito que aconteceu hoje à noite, os fatos eram:

Ela e Rune tinham um inimigo mútuo.

Ele no momento estava olhando fixamente pra ela como se quisesse comê-la.

Ele não estava tentando assassinar seu irmão.

Ou ela.

Onde este novo conhecimento a deixava? A idiota Jo estava meio que caída por ele novamente. E se pudesse construir uma relação (de algum tipo) com ele (se ele deixasse as ninfas frias como peru)?

E aí, com Thad possivelmente voltando a vida de Jo...

Duas conexões estavam dentro de seu alcance! Duas pessoas para notar se ela flutuasse para longe.

— A menos que prefira permanecer comigo enquanto eu janto — seu olhar caiu para seu corpo. — Sei o que eu gostaria de ver no menu.

DEZOITO

Na mesa em frente à lareira, Rune comia sem saborear sua comida, sua mente fixa na vampira.

A nua se banhando em sua sauna.

Se tivesse se juntado a ela, provavelmente teria sido o banho mais sensual que já tinha apreciado.

Duas coisas o impediram. Um: Provavelmente teria sido o banho mais sensual que ele já tinha apreciado. Precisava manter o controle. Se ela o mordesse à vontade...

Dois: Decidiu que teria que assegurá-la à sua cama, garantir que não *pudesse* mordê-lo. Ele pretendia atrair sua costumeira frieza quando a interrogasse, mas melhor assegurar que lamentar.

Ao contrário do que ela pensava, Rune não entretinha companheiras de cama aqui. Era seu santuário. Sua cama não tinha sido equipada com restrições, então teve que voltar ao propósito dessas algemas. Ta-

refa completada, optou por um rápido barbear e um banho em outro banheiro.

Mal acreditava que tinha uma fêmea em sua casa. Se outro Møriør a descobrisse, qualquer um deles a aniquilaria. Ela era a aliada de um inimigo — o que significava que Josephine era uma inimiga dos Møriør também. Mais ainda, era uma obrigação de segurança.

Matá-la era a opção mais lógica. Especialmente uma vez que extraísse qualquer informação sobre Nix.

Ainda que o demônio nele se rebelasse. Até seu lado racional fey exigia que primeiro explorasse por que Josephine podia beber dele. E por que o afetava tão visceralmente.

Tudo a respeito dela era diferente. Quando apontou sua cadeira solitária, mal se impediu de explicar que tinha aliados pelos quais morreria. Que eles viviam comunalmente, e ele vinha aqui apenas para descansar.

Maldição, informações fluíam *para* ele.

Ele não teve nenhum impulso para dizer para a adorável comerciante Loa seus segredos. Nunca em toda sua vida divulgou um. Então por que o desejo de fazer isso com Josephine?

Ele tinha pouco apetite, nunca esteve tão ansioso para interrogar um sujeito. Fique focado, Rune. Cavou em seu bolso pelo seu talismã. Rolou-o em sua mão, contemplando aqueles símbolos indecifráveis novamente.

Recebeu o talismã no dia em que seu pai morreu, no dia que Magh fez seu decreto sobre o futuro de Rune. Ele apontou a falha no plano dela de torná-lo um assassino...

— Eu não posso riscar — se ele pudesse, teria há muito tempo escapado.

— Você possui sangue de demônio, pode aprender com meus guardas.

Excelente. Ele aprenderia a teletransportar, então usaria aquela habilidade para se libertar. Não pensava que Magh — a Sagaz — seria tão estúpida.

— Eu poderia reunir você com sua mãe, se você me servir bem.

À medida que aquilo o atingia, ele ficou de pé.

— Ela ainda... vive? — Por anos ele acreditou que estava morta, o destino mais provável para uma escrava que desapareceu na noite. Imaginou os olhos azuis alegres da sua mãe. Ela tinha sempre um sorriso pronto para Rune, esforçando-se tanto para mascarar sua miséria dele. — Você ou seus asseclas a mataram.

— Por mais que eu tivesse apreciado isto, ela vive.

— E-eu não acredito em você. — Deuses, me deem o poder...

— Não? — Magh estalou os dedos. Um dos guardas riscou para Rune, dando a ele uma bolsinha. O material feito em casa carregava traços do cheiro de sua mãe — tingido com medo.

Ele abriu a bolsa. O pergaminho tinha sido dobrado ao redor do talismã da sua mãe, sua única posse. Ele abriu a nota, esquadrinhando a caligrafia familiar e a linguagem dos demônios, mas um pouco da escrita estava manchada, ilegível:

Meu querido filho, por favor, aceite este talismã como um símbolo do meu amor. Isso sempre lembrará e

—
Eu não conheço as runas, mas acredito que el
_____. Você deve

_____ constantemente e nunc
_____.

Não permita à rainha me usar para _____.
Força e poder fluem através da linhagem da nossa família e os anos comprovarão a seguinte verd

Nunca esqueça isto. Eu amo você tanto e só quer

Rune engoliu em seco, arrastando seu olhar da carta para Magh.

— Onde está minha mãe?

A rainha levantou suas sobrancelhas loiras.

— Não posso dizer a você, senão perderei minha vantagem.

— A carta está manchada — ele a levantou acusadoramente. — Não posso ler ela toda.

— A pobre querida chorou enquanto a escrevia. Eu disse que ela vive, não disse que estava contente com este fato. Existem alguns destinos piores que a morte.

Sua respiração o deixou. Ele faria seja o que for que esta cadela do mal pedisse a ele para livrar sua mãe.

E Rune fez.

A velha rainha esteve certa sobre suas perspectivas como um assassino, sobre o valor de sua natureza sedutora. Seu primeiro alvo tinha levado Rune escondido para dentro de seu santuário, abaixando todas suas proteções. Um erro fatal.

Ele fora mais venenoso do que qualquer um podia ter sonhado.

Com a ação feita, Rune retornou a Magh como um cachorro treinado, deixando pra trás um cadáver contorcido e uma poça de seu próprio vômito.

Mas depois de anos de seu serviço fiel, Magh riu por último, vendendo-o para um bordel...

Um frio súbito o tomou. Ele deu uma olhada ao redor, tendo a impressão que não estava só.

Minutos se passaram. Outro frio serpenteou subindo por suas costas, então a sensação se foi. Estranho. O que podia tê-lo afetado assim?

Josephine retornou não muito depois, distraíndolo de seus pensamentos. Ela usava um roupão branco e seu colar. Seus pés pequenos estavam descalços. Um minúsculo anel de prata circulava um de seus dedinhos.

Sua atenção vagou para cima. Nada de sua maquiagem foi lavada. Aquelas sombras ainda destacavam seus olhos e maçãs do rosto, e sua pele translúcida permanecia tão pálida quanto alabastro. Ela deve ter um glamour no lugar.

Seu olhar trancou nos piercings no topo de uma orelha. Fêmea atraente.

— Você não vê muitos imortais com piercings. Pelo menos, não os nascidos livres — ele foi poupado porque ninguém queria tirar seu sangue.

— Por quê?

— Muito tempo atrás, eles eram usados para marcar escravos.

— Ah isso, huh. — Ela se sentou à mesa diante dele, encontrando seus olhos com uma inesperada franqueza, como se estivesse *desafiando-o*. Ele detectava uma pitada de superioridade?

Estranho. Ele segurava todas as cartas.

— Como foi seu banho?

— A pressão da água estava boa. Sempre um bônus — vapor se levantou de seu cabelo molhado e o fogo ardia, ainda assim ela esfregou seus braços para se esquentar. Devia estar com sede.

Ele franziu o cenho. Ela bebeu até se encher dele apenas um dia atrás, e vampiros mais velhos podiam passar longos tempos sem alimentação.

— Você perdeu sangue ao longo do dia? Alimentando outro, talvez? — Ele nunca tinha considerado que ela pudesse ter um companheiro ou um filho, porque estas coisas nunca importaram com seus interrogatórios antes.

Agora se encontrou se perguntando se ela balançava um bebê para dormir com uma mamadeira morna de seu sangue. Uma mãe faria qualquer coisa para voltar para sua prole.

Mães faziam sacrifícios. A dele certamente fez.

E um filho significaria um companheiro.

— Nunca alimentei outra pessoa — então nenhum filho. Por que isso devia aliviá-lo tanto?

Ele apertou uma runa esculpida na mesa e os pratos começaram a desaparecer. Outra runa materializou um serviço de vinho.

Ela sacudiu para trás e olhou fixamente como uma camponesa. Ela vivia livre de magia? Primitivo.

— Você não sai muito do reino mortal, não é? —
Ele despejou uma taça, oferecendo-a para ela.

— Vinho realmente não é minha praia.

— Eu podia adoçar com meu sangue — uma declaração que ele nunca pensaria em dizer.

Ela inclinou a cabeça, como se não fosse familiar com o conceito.

— Eu tenho um aliado vampiro que vive de vinho de sangue e hidromel.

— Vampiro?

Por que essa menção faria seu coração acelerar? A maior parte do tipo dela podia regular seus batimentos cardíacos. Talvez fosse mais jovem do que ele pensava.

Então como riscou com tal controle? Descobriria todos seus segredos logo.

— Hidromel não é de muito tempo atrás? — Ela perguntou.

Rune teve que checar um sorriso.

— Blace é um vampiro muito, muito velho — o mais velho.

— Ele já visitou você aqui?

— Não. Nunca. — Rune tinha escondido o conhecimento deste lugar até de seus aliados.

— Oh. — Ela pareceu desapontada.

Qual era seu interesse em outro vampiro?

— Talvez se você e eu nos tornarmos amigos, eu vá apresentá-la a ele.

— E o que precisaria para nos tornarmos amigos?

— Nós precisamos estabelecer alguma medida de confiança entre nós. Compartilhar informações sobre nós mesmos.

— Isto soa okay. Sou curiosa sobre muita coisa. Como aqueles símbolos em todos os lugares. O que são eles?

Ele podia dar um pouco para conseguir um pouco.

— Runas. Minha mãe vinha de demônios Rúnicos. Eles tinham o poder de atrelar e intensificar magia com estes símbolos. Acontece que eu tenho magia fey inata dentro de mim.

— Então se eu esculpissem aqueles símbolos, eles não lavariam meus pratos?

— Não. Magia deve abastecê-los. — Forte magia. Ele estava nos seus setenta antes de poder depender de seus poderes.

— Quantas runas existem? Como você as aprendeu?

— Antes de morrer, minha mãe me ensinou quantos pôde lembrar. Mas existiam mais milhares. — Cada um consistia em formas bastante básicas colocadas em camadas ou conectadas em vários e complicados modos.

Ele memorizou cada um, foi capaz de desenhá-los em tal meticuloso detalhe que ela começou a chamá-lo de Rune. Nem sequer se lembrava do nome que lhe foi dado. Ela também o ensinou a ler e idiomas. Pela idade de nove, ele dominava ambos, Fey e Demonish.

— *Existiam* milhares mais? Para onde todos os símbolos foram?

— Demônios rúnicos foram extintos. — Velha fúria ferveu. Quando ficou livre de Magh e foi a procura de outros Rúnicos, eles foram eliminados. Nunca conheceria seu povo.

Um pensamento surgiu, como um bálsamo em sua mente. *Os Møriør são meu povo.*

Josephine perguntou:

— Você não podia usar as runas para neutralizar seu veneno?

Teoricamente, as runas podiam fazer qualquer coisa.

— Se eu soubesse os símbolos e combinações corretas.

— Diga-me mais sobre eles.

Agora sabia que ela estava protelando. Os olhos da maior parte das pessoas ficavam vidrados quando ele começava a falar sobre este assunto, um que só ele amava.

— Você tem algumas em seu corpo, não tem?

— Tenho — como ela logo veria. — Alguns são símbolos de proteção, e umas duas ajudam a riscar.

— Por que você precisaria de ajuda?

Aterrissar em um alvo móvel como Tenebrous era desafiador para qualquer um. Ainda mais...

— Eu não cresci com esse talento — os demônios da Magh o ensinaram a teletransportar, repetidamente o lançando em uma corredeira na montanha. Bem a tempo ele aprendeu como evitar a queda. — Uso algumas runas para comunicação. — Desde que alguém desenhasse símbolos de contato de Rune, a faixa tatuada ao redor de seu pulso direito acendia. Um brilho azul significava que os Møriør precisavam dele de volta ao castelo, branco significava que suas espiãs ninfas o estavam alertando sobre o retorno de Nix a Val Hall. — O link pode esticar até o mais distante dos Outros Reinos.

— Outros que?

— Outros, tipo misterioso e estranho. Essas dimensões são excessivamente isso. Minha casa oficial é no Castelo de Perdishian em Tenebrous. É a capital dos Outros Reinos e a base da minha aliança. — Não era um segredo.

— Como isso parece? Sua casa lá é melhor que esta aqui?

Melhor que...? Mulher Irritante!

— Talvez eu te diga mais quando você começar a falar sobre si mesma. Por exemplo, tem um companheiro ou família?

Uma pitada de tristeza faiscou no rosto dela.

— Nenhum. Estou completamente sozinha.

Uma vampira solitária sem nem mesmo um Coven? Talvez tenha sido assim que Nix a recrutou. Dois podiam jogar aquele jogo. Se Rune virasse Josephine para o lado deles, podia levar a Orion uma vampira poderosa, um recurso.

— Você tem uma Sra. Rune que você habitualmente trai? — Ela perguntou.

Ele deu um sorriso apertado.

— Estou completamente sozinho.

— Nenhum pequeno Rune correndo por aí? Precitaria de outro fey sombrio?

Não existia nenhuma possibilidade dele procriar. Ele resumiu.

— Meu tipo é muito raro nos Outros Reinos. Em Gaia, é mais aceito espécies diferentes acasalarem. Até fey e demônios.

— Você esteve com uma fey sombria?

— Não — mas ele uma vez chegou bem perto. Seu primeiro mestre no bordel, um porco sádico, tinha comprado duas fêmeas raras, prometendo uma para Rune se ele satisfizesse uma cliente particularmente perversa durante uma temporada inteira. *As coisas eu fiz...*

Rune esteve a um passo de beijar a fey sombria antes de ser arrancado pra longe, sua barganha ignorada. Como o mestre tinha rido.

O cretino vendeu as duas. Quando livre, Rune tinha procurado por elas em vão.

Apesar de ter ansiado por aquele beijo, ansiava pelo de Josephine *mais*. O pensamento o deixou desconfortável, então disse.

— Tenho uma pista sobre uma fey sombria nessa mesma cidade.

A vampira pareceu ponderar esta informação.

— Então você nunca foi capaz de fazer tudo na cama?

— Correto — ele ansiava enroscar sua língua com a de outra pessoa enquanto trocavam gemidos de prazer. Morria de vontade de descer pelo corpo de uma fêmea pela primeira vez, saborear seu mel quente diretamente da fonte. Engoliu em seco. Podia com

esta aqui. — Mas você aprende a não sentir falta do que não pode ter — uma mentira.

Ela deu uma risada amarga.

— Mentira.

— Você soa como se falasse por experiência. O que você sente falta que não pode ter?

Ela estudou a faixa em seu roupão. Um beco sem saída.

No momento.

— Conte-me sobre Nix.

Josephine levantou seu rosto.

— Por que você a está caçando?

— Sou um assassino por profissão. — Ele tem sido um assassino por muito mais tempo que tem sido um prostituto. — Ela é meu alvo porque busca me derru-

bar e a meus aliados. — Ela traria abaixo o reino de Gaia inteiro e todos seus planos conectados se continuasse sem freio.

— Quem são seus aliados?

— Irmãos. Não por sangue, mas por escolha. Estamos juntos a maior parte da minha vida.

— Mas eles não são fey sombrios?

— São imortais de todas as espécies diferentes — apesar de terem pouco em comum na superfície, cada *Møriør* buscava alguma coisa em Gaia.

Quando perguntou o que ele desejava, Blace dissera a Rune enigmaticamente. "Eu quero meu sangue." Típico de um vampiro, ele supôs.

Allixta pretendia encontrar e punir as bruxas rebeldes que se estabeleceram ali.

Sian se recusou a especificar, podendo apenas dizer. "Em Gaia deita meu futuro."

Antes de ser recrutada pelo Møriør, Allixta amaldiçoou Sian com um feitiço que causou agonia insuportável. Delirante, o demônio murmurou sobre uma garota fey traíçoeira com um olho âmbar e um violeta.

Talvez Sian ansiasse por vingança. Ele era o único ser que Rune já encontrou que desprezava os feys tanto quanto ele.

E Orion? Seu líder pretendia parar um apocalipse...

— Chega de falar sobre mim, Josephine. Eu nem sei de onde você vem.

— Terra — ela disse. — Texas, inicialmente.

Isso explicava seu sotaque arrastado.

— Você não tem medo da doença vampira no reino mortal? — Ela era provavelmente imune, resistiu a seu veneno com bastante facilidade.

Ainda assim olhava para ele como se nunca tivesse ouvido falar da doença que eliminou fêmeas do seu tipo.

— Muito pouco me assusta — ela esfregou aquele colar.

— Essas são balas.

Ela deixou sua mão cair.

— E daí?

Ela as manteve porque tomou um tiro? As presas de Rune ficaram afiadas, o demônio nele despertando protetoramente. Sua metade fey foi rápida em apontar que o próprio Rune tinha contemplado decapitá-la, e ainda não tinha decidido o futuro de Josephine.

— Quem atirou em você?

— Não importa. Foi muito tempo atrás.

— Essas balas são modernas. Quanto tempo atrás isso pode ser?

Ela ergueu o queixo.

— É passado.

— Eu me pergunto se sua amiga Nix ficou com raiva quando alguém atirou em você. Talvez uma oráculo como ela pudesse ter te avisado sobre o que aconteceria? Ou ela estava ocupada concedendo desejos a outros?

Josephine só olhou fixamente para ele.

— Diga-me como você conheceu Nix — nada. — Seus pais morreram na última Ascensão? Qual o nome de sua família?

Silêncio.

— Não vai responder a nenhuma das minhas perguntas? — Ele suspirou e levantou. — Tenho outros

modos de fazer você falar. Nessa nota, é hora de ir pra cama...

DEZOITO

Na mesa em frente à lareira, Rune comia sem saborear sua comida, sua mente fixa na vampira. A nua se banhando em sua sauna.

Se tivesse se juntado a ela, provavelmente teria sido o banho mais sensual que já tinha apreciado.

Duas coisas o impediram. Um: Provavelmente teria sido o banho mais sensual que ele já tinha apreciado. Precisava manter o controle. Se ela o mordesse à vontade...

Dois: Decidiu que teria que assegurá-la à sua cama, garantir que não *pudesse* mordê-lo. Ele pretendia atrair sua costumeira frieza quando a interrogasse, mas melhor assegurar que lamentar.

Ao contrário do que ela pensava, Rune não entretinha companheiras de cama aqui. Era seu santuário. Sua cama não tinha sido equipada com restrições, então teve que voltar ao propósito dessas algemas. Tarefa completada, optou por um rápido barbear e um banho em outro banheiro.

Mal acreditava que tinha uma fêmea em sua casa. Se outro Møriør a descobrisse, qualquer um deles a aniquilaria. Ela era a aliada de um inimigo — o que significava que Josephine era uma inimiga dos Møriør também. Mais ainda, era uma obrigação de segurança.

Matá-la era a opção mais lógica. Especialmente uma vez que extraísse qualquer informação sobre Nix.

Ainda que o demônio nele se rebelasse. Até seu lado racional fey exigia que primeiro explorasse por que Josephine podia beber dele. E por que o afetava tão visceralmente.

Tudo a respeito dela era diferente. Quando apon-
tou sua cadeira solitária, mal se impediu de explicar

que tinha aliados pelos quais morreria. Que eles viviam comunalmente, e ele vinha aqui apenas para descansar.

Maldição, informações fluíam *para* ele.

Ele não teve nenhum impulso para dizer para a adorável comerciante Loa seus segredos. Nunca em toda sua vida divulgou um. Então por que o desejo de fazer isso com Josephine?

Ele tinha pouco apetite, nunca esteve tão ansioso para interrogar um sujeito. Fique focado, Rune. Cavou em seu bolso pelo seu talismã. Rolou-o em sua mão, contemplando aqueles símbolos indecifráveis novamente.

Recebeu o talismã no dia em que seu pai morreu, no dia que Magh fez seu decreto sobre o futuro de Rune. Ele apontou a falha no plano dela de torná-lo um assassino...

— *Eu não posso riscar — se ele pudesse, teria há muito tempo escapado.*

— *Você possui sangue de demônio, pode aprender com meus guardas.*

Excelente. Ele aprenderia a teletransportar, então usaria aquela habilidade para se libertar. Não pensava que Magh — a Sagaz — seria tão estúpida.

— *Eu poderia reunir você com sua mãe, se você me servir bem.*

À medida que aquilo o atingia, ele ficou de pé.

— *Ela ainda... vive? — Por anos ele acreditou que estava morta, o destino mais provável para uma escrava que desapareceu na noite. Imaginou os olhos azuis alegres da sua mãe. Ela tinha sempre um sorriso pronto para Rune, esforçando-se tanto para mascarar sua miséria dele. — Você ou seus asseclas a mataram.*

— Por mais que eu tivesse apreciado isto, ela vive.

— E-eu não acredito em você. — Deuses, me deem o poder...

— Não? — Magh estalou os dedos. Um dos guardas riscou para Rune, dando a ele uma bolsinha. O material feito em casa carregava traços do cheiro de sua mãe — tingido com medo.

Ele abriu a bolsa. O pergaminho tinha sido dobrado ao redor do talismã da sua mãe, sua única posse. Ele abriu a nota, esquadrinhando a caligrafia familiar e a linguagem dos demônios, mas um pouco da escrita estava manchada, ilegível:

Meu querido filho, por favor, aceite este talismã como um símbolo do meu amor. Isso sempre lembrará e

—

Eu não conheço as runas, mas acredito que el

Você deve

_____ *constantemente* *e* *nunc*
_____.

Não permita à rainha me usar para _____.
Força e poder fluem através da linhagem da nossa
família e os anos comprovarão a seguinte verd
_____.

Nunca esqueça isto. Eu amo você tanto e só quer
_____.

Rune engoliu em seco, arrastando seu olhar da
carta para Magh.

— Onde está minha mãe?

A rainha levantou suas sobrancelhas loiras.

— Não posso dizer a você, senão perderei minha
vantagem.

— A carta está manchada — ele a levantou acusa-
doramente. — Não posso ler ela toda.

— A pobre querida chorou enquanto a escrevia. Eu disse que ela vive, não disse que estava contente com este fato. Existem alguns destinos piores que a morte.

Sua respiração o deixou. Ele faria seja o que for que esta cadela do mal pedisse a ele para livrar sua mãe.

E Rune fez.

A velha rainha esteve certa sobre suas perspectivas como um assassino, sobre o valor de sua natureza sedutora. Seu primeiro alvo tinha levado Rune escondido para dentro de seu santuário, abaixando todas suas proteções. Um erro fatal.

Ele fora mais venenoso do que qualquer um podia ter sonhado.

Com a ação feita, Rune retornou a Magh como um cachorro treinado, deixando pra trás um cadáver contorcido e uma poça de seu próprio vômito.

Mas depois de anos de seu serviço fiel, Magh riu por último, vendendo-o para um bordel...

Um frio súbito o tomou. Ele deu uma olhada ao redor, tendo a impressão que não estava só.

Minutos se passaram. Outro frio serpenteou subindo por suas costas, então a sensação se foi. Estranho. O que podia tê-lo afetado assim?

Josephine retornou não muito depois, distraíndo-o de seus pensamentos. Ela usava um roupão branco e seu colar. Seus pés pequenos estavam descalços. Um minúsculo anel de prata circulava um de seus dedinhos.

Sua atenção vagou para cima. Nada de sua maquiagem foi lavada. Aquelas sombras ainda destacavam seus olhos e maçãs do rosto, e sua pele translúcida permanecia tão pálida quanto alabastro. Ela deve ter um glamour no lugar.

Seu olhar trancou nos piercings no topo de uma orelha. Fêmea atraente.

— Você não vê muitos imortais com piercings. Pelo menos, não os nascidos livres — ele foi poupado porque ninguém queria tirar seu sangue.

— Por quê?

— Muito tempo atrás, eles eram usados para marcar escravos.

— Ah isso, huh. — Ela se sentou à mesa diante dele, encontrando seus olhos com uma inesperada franqueza, como se estivesse *desafiando-o*. Ele detectava uma pitada de superioridade?

Estranho. Ele segurava todas as cartas.

— Como foi seu banho?

— A pressão da água estava boa. Sempre um bônus — vapor se levantou de seu cabelo molhado e o fogo ardia, ainda assim ela esfregou seus braços para se esquentar. Devia estar com sede.

Ele franziu o cenho. Ela bebeu até se encher dele apenas um dia atrás, e vampiros mais velhos podiam passar longos tempos sem alimentação.

— Você perdeu sangue ao longo do dia? Alimentando outro, talvez? — Ele nunca tinha considerado que ela pudesse ter um companheiro ou um filho, porque estas coisas nunca importaram com seus interrogatórios antes.

Agora se encontrou se perguntando se ela balançava um bebê para dormir com uma mamadeira morna de seu sangue. Uma mãe faria qualquer coisa para voltar para sua prole.

Mães faziam sacrifícios. A dele certamente fez.

E um filho significaria um companheiro.

— Nunca alimentei outra pessoa — então nenhum filho. Por que isso devia aliviá-lo tanto?

Ele apertou uma runa esculpida na mesa e os pratos começaram a desaparecer. Outra runa materializou um serviço de vinho.

Ela sacudiu para trás e olhou fixamente como uma camponesa. Ela vivia livre de magia? Primitivo.

— Você não sai muito do reino mortal, não é? — Ele despejou uma taça, oferecendo-a para ela.

— Vinho realmente não é minha praia.

— Eu podia adoçar com meu sangue — uma declaração que ele nunca pensaria em dizer.

Ela inclinou a cabeça, como se não fosse familiar com o conceito.

— Eu tenho um aliado vampiro que vive de vinho de sangue e hidromel.

— Vampiro?

Por que essa menção faria seu coração acelerar? A maior parte do tipo dela podia regular seus batimentos cardíacos. Talvez fosse mais jovem do que ele pensava.

Então como riscou com tal controle? Descobriria todos seus segredos logo.

— Hidromel não é de muito tempo atrás? — Ela perguntou.

Rune teve que checar um sorriso.

— Blace é um vampiro muito, muito velho — o mais velho.

— Ele já visitou você aqui?

— Não. Nunca. — Rune tinha escondido o conhecimento deste lugar até de seus aliados.

— Oh. — Ela pareceu desapontada.

Qual era seu interesse em outro vampiro?

— Talvez se você e eu nos tornarmos amigos, eu vá apresentá-la a ele.

— E o que precisaria para nos tornarmos amigos?

— Nós precisamos estabelecer alguma medida de confiança entre nós. Compartilhar informações sobre nós mesmos.

— Isto soa okay. Sou curiosa sobre muita coisa. Como aqueles símbolos em todos os lugares. O que são eles?

Ele podia dar um pouco para conseguir um pouco.

— Runas. Minha mãe vinha de demônios Rúnicos. Eles tinham o poder de atrelar e intensificar mágica com estes símbolos. Acontece que eu tenho mágica fey inata dentro de mim.

— Então se eu esculpissem aqueles símbolos, eles não lavariam meus pratos?

— Não. Mágica deve abastecê-los. — Forte mágica. Ele estava nos seus setenta antes de poder depender de seus poderes.

— Quantas runas existem? Como você as aprendeu?

— Antes de morrer, minha mãe me ensinou quantos pôde lembrar. Mas existiam mais milhares. — Cada um consistia em formas bastante básicas colocadas em camadas ou conectadas em vários e complicados modos.

Ele memorizou cada um, foi capaz de desenhá-los em tal meticuloso detalhe que ela começou a chamá-lo de Rune. Nem sequer se lembrava do nome que lhe foi dado. Ela também o ensinou a ler e idiomas. Pela idade de nove, ele dominava ambos, Fey e Demonish.

— *Existiam* milhares mais? Para onde todos os símbolos foram?

— Demônios rúnicos foram extintos. — Velha fúria ferveu. Quando ficou livre de Magh e foi a procura de outros Rúnicos, eles foram eliminados. Nunca conheceria seu povo.

Um pensamento surgiu, como um bálsamo em sua mente. *Os Møriør são meu povo.*

Josephine perguntou:

— Você não podia usar as runas para neutralizar seu veneno?

Teoricamente, as runas podiam fazer qualquer coisa.

— Se eu soubesse os símbolos e combinações corretas.

— Diga-me mais sobre eles.

Agora sabia que ela estava protelando. Os olhos da maior parte das pessoas ficavam vidrados quando ele começava a falar sobre este assunto, um que só ele amava.

— Você tem algumas em seu corpo, não tem?

— Tenho — como ela logo veria. — Alguns são símbolos de proteção, e umas duas ajudam a riscar.

— Por que você precisaria de ajuda?

Aterrissar em um alvo móvel como Tenebrous era desafiador para qualquer um. Ainda mais...

— Eu não cresci com esse talento — os demônios da Magh o ensinaram a teletransportar, repetidamente o lançando em uma corredeira na montanha. Bem a tempo ele aprendeu como evitar a queda. — Uso algumas runas para comunicação. — Desde que alguém desenhasse símbolos de contato de Rune, a faixa tatuada ao redor de seu pulso direito acendia. Um brilho azul significava que os Møriør precisavam dele de volta ao castelo, branco significava que suas espiãs ninfas o estavam alertando sobre o retorno de Nix a Val Hall. — O link pode esticar até o mais distante dos Outros Reinos.

— Outros que?

— Outros, tipo misterioso e estranho. Essas dimensões são excessivamente isso. Minha casa oficial é no Castelo de Perdishian em Tenebrous. É a capital dos Outros Reinos e a base da minha aliança. — Não era um segredo.

— Como isso parece? Sua casa lá é melhor que esta aqui?

Melhor que...? Mulher Irritante!

— Talvez eu te diga mais quando você começar a falar sobre si mesma. Por exemplo, tem um companheiro ou família?

Uma pitada de tristeza faiscou no rosto dela.

— Nenhum. Estou completamente sozinha.

Uma vampira solitária sem nem mesmo um Coven? Talvez tenha sido assim que Nix a recrutou. Dois podiam jogar aquele jogo. Se Rune virasse Josephine para o lado deles, podia levar a Orion uma vampira poderosa, um recurso.

— Você tem uma Sra. Rune que você habitualmente trai? — Ela perguntou.

Ele deu um sorriso apertado.

— Estou completamente sozinho.

— Nenhum pequeno Rune correndo por aí? Precitaria de outro fey sombrio?

Não existia nenhuma possibilidade dele procriar. Ele resumiu.

— Meu tipo é muito raro nos Outros Reinos. Em Gaia, é mais aceito espécies diferentes acasalarem. Até fey e demônios.

— Você esteve com uma fey sombria?

— Não — mas ele uma vez chegou bem perto. Seu primeiro mestre no bordel, um porco sádico, tinha comprado duas fêmeas raras, prometendo uma para Rune se ele satisfizesse uma cliente particularmente

perversa durante uma temporada inteira. *As coisas eu fiz...*

Rune esteve a um passo de beijar a fey sombria antes de ser arrancado pra longe, sua barganha ignorada. Como o mestre tinha rido.

O cretino vendeu as duas. Quando livre, Rune tinha procurado por elas em vão.

Apesar de ter ansiado por aquele beijo, ansiava pelo de Josephine *mais*. O pensamento o deixou desconfortável, então disse.

— Tenho uma pista sobre uma fey sombria nessa mesma cidade.

A vampira pareceu ponderar esta informação.

— Então você nunca foi capaz de fazer tudo na cama?

— Correto — ele ansiava enroscar sua língua com a de outra pessoa enquanto trocavam gemidos de

prazer. Morria de vontade de descer pelo corpo de uma fêmea pela primeira vez, saborear seu mel quente diretamente da fonte. Engoliu em seco. Podia com esta aqui. — Mas você aprende a não sentir falta do que não pode ter — uma mentira.

Ela deu uma risada amarga.

— Mentira.

— Você soa como se falasse por experiência. O que você sente falta que não pode ter?

Ela estudou a faixa em seu roupão. Um beco sem saída.

No momento.

— Conte-me sobre Nix.

Josephine levantou seu rosto.

— Por que você a está caçando?

— Sou um assassino por profissão. — Ele tem sido um assassino por muito mais tempo que tem sido um prostituto. — Ela é meu alvo porque busca me derrubar e a meus aliados. — Ela traria abaixo o reino de Gaia inteiro e todos seus planos conectados se continuasse sem freio.

— Quem são seus aliados?

— Irmãos. Não por sangue, mas por escolha. Estamos juntos a maior parte da minha vida.

— Mas eles não são fey sombrios?

— São imortais de todas as espécies diferentes — apesar de terem pouco em comum na superfície, cada *Møriør* buscava alguma coisa em Gaia.

Quando perguntou o que ele desejava, Blace dissera a Rune enigmaticamente. "Eu quero meu sangue." Típico de um vampiro, ele supôs.

Allixta pretendia encontrar e punir as bruxas rebeldes que se estabeleceram ali.

Sian se recusou a especificar, podendo apenas dizer. "Em Gaia deita meu futuro."

Antes de ser recrutada pelo Møriør, Allixta amaldiçoou Sian com um feitiço que causou agonia insuportável. Delirante, o demônio murmurou sobre uma garota fey traíçoeira com um olho âmbar e um violeta.

Talvez Sian ansiasse por vingança. Ele era o único ser que Rune já encontrou que desprezava os feys tanto quanto ele.

E Orion? Seu líder pretendia parar um apocalipse...

— Chega de falar sobre mim, Josephine. Eu nem sei de onde você vem.

— Terra — ela disse. — Texas, inicialmente.

Isso explicava seu sotaque arrastado.

— Você não tem medo da doença vampira no reino mortal? — Ela era provavelmente imune, resistiu a seu veneno com bastante facilidade.

Ainda assim olhava para ele como se nunca tivesse ouvido falar da doença que eliminou fêmeas do seu tipo.

— Muito pouco me assusta — ela esfregou aquele colar.

— Essas são balas.

Ela deixou sua mão cair.

— E daí?

Ela as manteve porque tomou um tiro? As presas de Rune ficaram afiadas, o demônio nele despertando protetoramente. Sua metade fey foi rápida em apontar que o próprio Rune tinha contemplado decapitá-la, e ainda não tinha decidido o futuro de Josephine.

— Quem atirou em você?

— Não importa. Foi muito tempo atrás.

— Essas balas são modernas. Quanto tempo atrás isso pode ser?

Ela ergueu o queixo.

— É passado.

— Eu me pergunto se sua amiga Nix ficou com raiva quando alguém atirou em você. Talvez uma oráculo como ela pudesse ter te avisado sobre o que aconteceria? Ou ela estava ocupada concedendo desejos a outros?

Josephine só olhou fixamente para ele.

— Diga-me como você conheceu Nix — nada. — Seus pais morreram na última Ascensão? Qual o nome de sua família?

Silêncio.

— Não vai responder a nenhuma das minhas perguntas? — Ele suspirou e levantou. — Tenho outros modos de fazer você falar. Nessa nota, é hora de ir pra cama...

DEZENOVE

Jo se levantou e girou em direção ao fogo, mantendo suas costas para ele. *Hora de ir pra cama?*

Depois do banho ela testou seu desaparecer fantasma, e sim, podia possuí-lo, inclusive em sua supertoca. Se ele tentasse forçá-la, tinha um lugar em que podia se esconder.

Dentro dele.

Ele era um mundo longe de suas conchas anteriores. Ela sentiu seu poder desde o primeiro encontro deles, mas dentro dele pôde se encapsular na sua força. Até percebeu seu calor. Seus batimentos cardíacos a acalentaram.

Ele estava removendo suas botas atrás dela? Ele estava tirando a roupa!

Não dê meia volta, não dê meia volta.

— Que outros modos você vai me fazer falar?

— Eles envolvem tortura sexual — sua voz ficou mais áspera e rouca.

Huh?

— Você vai usar chicotes e correntes em mim?

— Só se achar que você gosta assim — ele era tão pá pum, como se a participação dela fosse um resultado previsto. — Mas normalmente uso negação de orgasmo.

Justo como ele fez quando manipulou aquela ninfã. Uma vez que a loira tinha concordado em fazer como ele pediu, recompensou-a com orgasmos. *Boas meninas têm recompensas?*

— Até que você me dê informação sobre Nix, eu a deixarei na borda por horas, por dias até, se for preciso.

Ela franziu o cenho olhando para as chamas. Ele disse aquilo como se fosse uma coisa ruim? Antes da noite passada, suas transas sempre terminavam com ela instruindo seu parceiro como conseguir que ela chegasse lá, ele falhando e ela dizendo: Oh, pelo amor de Deus!— e então ela mesma resolvendo as coisas.

Somando tudo, sua vida sexual totalizava cerca de quarenta minutos, menos que um episódio de *Walking Dead*.

Três caras. Sete vezes. Posteriormente, sempre desejava que tivesse assistido TV ao invés disso. Um ano ou mais atrás desistiu completamente.

Deixar na borda significaria que Rune realmente conseguiria deixá-la na borda. Por horas.

E a cada segundo que ficava com ele significaria que não estaria lá fora caçando, acidentalmente não estava atirando em inocentes conhecidos da Valquíria.

Onde assino? Se ela se aproximasse da borda, podia seduzi-lo para terminar com ela. Ela podia não ter toneladas de experiência, mas suas conchas tinham e assistia pessoas fazendo isso o tempo todo. Se contabilizasse a reação emocionante dele à sua mordida, Jo percebeu que podia confundi-lo.

Pelo seu ponto de vista, eles estavam basicamente prestes a brigar um com o outro, destruindo a mão superior — exceto que isso parecia bom.

Ela estava empolgada! Sua única preocupação era que Rune não resistiria tempo suficiente para tornar isto interessante.

— Ah, seus batimentos cardíacos aceleraram, fêmea. Você está certa em temer isto. Seus segredos estão prestes a terminar.

Deus, sua voz. Rouca, mas retumbante. A respiração dela ficou mais trabalhosa. *Não olhe...*

Naturalmente ela olhou. Quando algum dia *não* olhou?

Ele ficou de pé ao lado da cama, desabotoando a camisa. No pátio ela tinha visto sua bunda de enlouquecer qualquer um e uma visão lateral de seu pau. Depois que se enganchou com ele, ele levantou suas calças tão rápido que mal conseguiu um vislumbre do pacote completo. Mas nunca tinha visto seu peito.

A camisa dele abriu, revelando runas tatuadas. Uma circulava seu umbigo, outra esticava de um lado a outro em sua clavícula. Enquanto seu olhar varria por cima do seu tórax e abdome rígido, os mamilos dela endureceram, esticando o material de seu roupão.

À luz da lareira, sua pele era bronzeada, exceto por algumas cicatrizes mais claras de isqueiro sobre seu tórax e abdome. Aquelas marcas, junto com suas tatuagens, só o faziam parecer mais fodão.

Sua calça jeans era baixa, revelando a trilha de cabelo preto levando até abaixo de seu umbigo.

— Meus batimentos estão mais rápidos por que estou pronta para ficar ocupada — ela disse, removendo seu colar e colocando-o na mesa. A única coisa que podia dizer a ele sobre Nix era que não podia dizer nada a ele sobre Nix. Ainda que Jo tivesse gostado de todo o foco na Valquíria e não em Thad. Manteria desse modo.

— Mas você quer continuar falando em vez de fazer?

Surpresa cruzou a expressão dele.

— E é claro que negarei meu sangue a você.

Oh. Não tão bom. Se qualquer outra coisa estivesse em jogo, cantaria como um canário pelo seu sangue.

Mas mais *estava* em jogo.

Ela estaria vencendo hoje à noite. E quando o fizesse, talvez pudesse marcar o placar com sua liberdade também. Se pudesse só conseguir que ele aceitasse uma aposta...

— Venha pra cama, Josephine. Somos ambos adultos. Nós dois sabemos o que está prestes a acontecer. Eu nem mesmo cortei minha pele. — Quando ele encolheu os ombros de sua camisa, seu torso flexionou em uma exibição merecedora de um babador, cada tendão se contraindo. Seus ombros eram largos, seus braços longos e fortes...

Os olhos dela arregalaram ante seu braço direito. Tatuagens de runas entrelaçadas cobriam totalmente sua pele do ombro até o pulso.

Vermelho quente, Rune. Vermelho. Quente. Seus bíceps generosos se avolumaram quando ele lançou a camisa longe. Quando seu pau endureceu, a calça jeans forçou a ereção a crescer em direção ao lado, estirou até seu quadril.

Ele sabia o efeito que estava tendo nela e seus lábios curvaram naquele sorriso de lado meio convencido, aquele diabolicamente sensual que a fazia arquejar — o que dizia, *estou prestes a fazer coisas sujas em cada polegada sua.*

Só para atíçar sua necessidade, ele colocou a ponta da língua no canto da boca. Esse movimento minúsculo fez seus pensamentos se fixarem em sua boca — o que ele sem dúvida pretendia.

O que faria com aquela língua? Aqueles lábios? Ele lhe daria um beijo de sangue?

Os olhos dele escureceram para o mais profundo magenta à medida que corria seu olhar pelo corpo dela, como se planejando todos os lugares que estava pra provar.

Ela estava conseguindo um gosto da ardente sensualidade de sua metade fey. *Jo gosta.* Ela se viu sorrindo de volta.

Antes de ver capturada nessas coisas, devia lançar sua aposta.

— Você quer fazer uma aposta?

— Sobre o que, pombinha? — Ele começou no inchado zíper de sua calça jeans.

— Você vai tentar conseguir respostas de mim. E vou resistir a você. Devíamos apostar quem vai ganhar.

— Eu tenho milhares de anos de experiência com isto. E ninguém nunca resistiu a mim, mesmo com uma mão amarrada nas costas. Agora? Não existe nenhuma chance disto.

— Então você tem sido um torturador sexual há milhares de anos?

— Fora ser um assassino, também sou um mestre dos segredos. Frequentemente os adquiro por minha própria marca de interrogatório. Encare isto, fêmea, sua bunda é minha.

— Se está tão certo, prometa que me deixará ir se você perder — então ela podia retornar para achar Thad. Pra começar seu novo trabalho de vigiá-lo.

— O que você vai me dar quando eu ganhar, fora todos seus segredos?

Para proteger quem amava, ela resistiria a este cara. Se falhasse, então qualquer outra coisa realmente importaria?

— O que você quiser.

O fey sombrio obviamente estava gostando desse panorama. A magenta de suas íris começou a cobrir o branco de seus olhos.

— Essa é uma oferta de longo alcance. Você não tem nenhuma ideia de que atos eu cometeria com seu corpo...

Suas palavras deviam ter intimidado Josephine, ela se inclinou mais perto com interesse.

— O que te impede de fazê-las agora?

— Nunca forcei uma fêmea na minha vida. Nunca precisei. Eu não começaria com você.

Ela levantou o queixo.

— Vai aceitar a aposta ou não?

— Oh, vou aceitar.

— Como posso ter certeza que você não vai voltar atrás?

— Nós vamos jurar para o Lore, claro — como todos os imortais nos reinos faziam.

— Sim, claro — ela disse apressadamente.

Seus flashes de ignorância sobre as coisas mais básicas o deixavam perplexo. Talvez ela estivesse alistada com os Forbearers, um exército de vampiros criados de mortais. Eles eram uma massa de soldados sem a menor pista sobre o Lore. Apesar dela não ter sido humana, poderia ter sido criada entre eles.

Ela fez um gesto com uma mão para ele.

— Você primeiro.

— Muito bem. Eu juro pelo Lore te liberar de meu aprisionamento se você reter seus segredos. — A derrota dela era uma noção ridícula, mas ele entrou no jogo.

— Certo. Eu juro pelo Lore deixar que você faça o que quiser comigo se conseguir meus segredos.

O que eu quiser. Seu pau pulsou com antecipação. Com o que ele começaria? Como podia decidir? Um homem morto de fome apresentado com um banquete...

— Oh, e outra coisa.

— Hmm? — Seus olhos vagorosamente a devoravam.

— Nós não podemos fazer sexo.

Ele estalou seu olhar para o dela.

— Repita.

— Eu não posso fazer isto hoje à noite.

Não estar dentro dela? Ele estava quase fechando, mas a curiosidade teve o melhor dele.

— Por que não?

— Só farei sexo em um relacionamento exclusivo. Você é tão promíscuo quanto um cara pode ser. E não quero que você me engravide.

— Uma vampira só é fértil se esteve comendo comida por algum tempo. Você esteve?

Ela desviou o olhar. Nenhuma negação? Ela não o convidou para um café? Ela vivia no mundo mortal, pode ter estado comendo para se misturar com humanos.

Ele engoliu em seco. O corpo dela poderia estar pronto para semear. Sacudida interna.

— Em todo caso, tenho um selo demônio. Não posso ejacular dentro de você a menos que seja minha companheira. O que é impossível.

Ele soube que sua espécie mestiça tinha sido desamparada pelo destino. *Mas se uma criatura como ele milagrosamente tinha uma companheira, e se Josephine fosse milagrosamente aquela fêmea, nada podia ser mais desastroso que reclamá-la.*

Seu sêmen esteve esperando liberação por sete mil anos, sua potência — e veneno — fortalecendo com a idade, assim como o resto de seu corpo tinha.

Uma das duas coisas aconteceria se ele se liberasse.

Ela resistiria ao seu veneno mais concentrado e ficaria grávida.

Ou seu sêmen provaria ser tão mortal que ela pereceria com ele ainda dentro dela.

Mas Josephine não era dele. Então esta conjectura era discutível.

Ela o encarou novamente.

— Defina companheira.

— Defina um dos conceitos mais universais no Lore?

— Defina uma companheira de demônio. Pode ser diferente de vampiro — ela tinha um ponto.

— É a única fêmea, fora de qualquer tempo ou qualquer mundo, com a qual um macho demônio é

mais compatível. O destino formaria par com ele, então os vincularia eternamente. Mas aí, sou só metade demônio.

— Eternamente — os olhos dela brilharam como se gostasse do som disto. — Então você percebe que uma mulher é sua por que você pode gozar dentro dela?

— Um demônio teria alguma indicação antes do atual reivindicar. Ele reagiria ferozmente a uma fêmea específica. Saberia que existe uma boa chance de queimar seu selo definitivamente. E tem mais, a maioria dos demônios experimentam muitas, muitas fêmeas diferentes. É um processo conhecido como *tentativa*.

— Ah, então você esteve lá fora *tentando* com as ninfas.

— Não, não acredito que feys sombrios tem companheiros. Somos anomalias, fora do alcance do destino.

Aquele aspecto desafiador estava de volta na expressão dela.

— Ainda assim, quero ser 100% extracuidadosa.

Os punhos dele se fecharam enquanto o demônio dentro dele faiscou.

— Extracuidadosa? — Por que ficar grávida de sua descendência seria tal catástrofe? Será que ela pensava que era boa demais para ele?

— Sexo é tudo que tem em sua cartilha? — ela perguntou. — Tem muitas outras coisas que podemos fazer um com o outro.

A promessa rica de *muitas outras coisas* aplacaram seu demônio.

— Então estamos de acordo.

Ela sorriu.

— Incrível.

Incrível?

Ela se arremessou na cama, saltando para se esparramar de costas.

— Vamos de A a Z.

VINTE

Jo virou de lado com a cabeça escorada na mão enquanto assistia Rune abrir o zíper.

Mal podia esperar para vê-lo nu.

Nunca tirando seus olhos encantadores do rosto dela, ele enganchou os polegares na cintura de sua calça jeans e a deslizou mais e mais para baixo.

Mais para baixo...

O pau dele saltou livre, balançando pra cima e pra baixo ante o olhar fixo dela. A seta grossa sobressa-

ía do tufo de pelos pretos encaracolados. A pele lisa esticada acima de veias proeminentes.

De dar água na boca.

Suas bolas mais escuras pareciam pesadas. Ela queria pegá-las em sua mão em forma de xícara, pesá-las. Puxar e vê-lo gemer. O saco dele enrijeceu diante de seus olhos.

Ele deu um passo fora de sua calça jeans para estar completamente nu diante dela, arrogante como sempre.

A visão de sua constituição esguia e musculosa, e pele tatuada a deixou de queixo caído. Ela tomou seu tempo, olhar vagando de seu cabelo sexy para seu rosto bonito e olhos penetrantes. Depois para seu tórax musculoso. Os cumes flexionando em seu torso atraíam suas garras.

Como se Rune gostasse de seus olhos no corpo dele, ficou muito mais duro. Sangue fluiu para seu

pau tão rápido que este sacudiu. A coroa larga esticava em direção a ela.

Suas presas afiaram para aquela seta cheia de veias. Ela tocou um ponto com sua língua conforme se imaginava mordendo-o lá.

Será que o fey sombrio estremeceria se ela desenhasse uma linha de sangue e caísse em cima? Ela nem sequer teve um beijo de sangue e sua mente já saltava adiante para um boquete de sangue.

Que diversão teria com este cara hoje à noite. Seus lábios curvaram. Melhor. Encontro. Do. Mundo.

A voz dele estava rouca e áspera quando disse:

— Você gosta do que vê — não era uma pergunta.

Ela acenou com a cabeça toda contente. Justo quando percebeu o quanto estava molhada, ele inalou e ficou tenso. Ele podia dizer como a afetava? Claro, ele a cheirava.

— Você está pronta — com uma graça letal, ele deitou no outro lado da cama, todos os 2,10m de físico esculpido de fey/demônio. Uma bebida de sangue comprida e alta.

Ele usou uma garra para picar o dedo e uma gota preta surgiu.

Seus olhos trancaram naquela gota. O odor encheu o ar, deixando-a tonta.

Ele curvou aquele dedo picado, chamando-a.

— Venha e pegue, pombinha — então desenhou uma linha direta até aquele ponto de pulsação enlouquecedor em seu pescoço!

Suas presas estavam *doendo*.

— Olhe para suas presinhas afiadas. Você deseja o proibido, não é?

Com o olhar fixo naquela linha, ela caiu de joelhos, subindo para se juntar a ele. Não podia acreditar que ele estava dando seu sangue tão facilmente a ela. Curvou-se para lamber...

Ele agarrou seus braços com sua velocidade antinatural e a lançou de costas, prendendo seus pulsos em metal.

— Que diabos? — As algemas de antes? Ele a prendeu em uma corrente que ia até a parede. Lutou para se livrar, mas elas ainda eram inquebráveis. — Isto não era parte do negócio, Ruína!

— Este é meu show, vampira. Você segue *minha* liderança. E não me chame de Ruína novamente.

— Babaca!

Sua risada sinistra enviou calafrios sobre ela.

— Quer repensar nossa aposta?

— Isto vai tornar muito melhor quando eu ganhar!

— Vampira, vou ter você me implorando — ele se debruçou adiante como se para checar as algemas, pondo aquela linha de sangue na frente de seu rosto.

— Oooh! Seu idiota!

Sangue secou no polegar dele, o cheiro permanecendo. Ele o esfregou no rosto dela, ao longo de suas maçãs do rosto e mandíbula. As pálpebras dela deslizaram se fechando, sua cabeça rodando.

— Minha vampira ama seu sangue ruim, acha doce.

Deus, eu acho. Eu acho. Seus olhos faiscaram abertos quando a outra mão dele deslizou para o peito dela. Através do tecido grosso do roupão, ele amassou uma de suas tetas.

Elas se sentiam inchadas, doendo tanto quanto suas presas.

Ela umedeceu os lábios e ele gemeu.

— Porra, você me deixa duro quando faz isto — seu sotaque estava mais pesado do que ela já ouviu.

— Vai me beijar?

— Eu queria. Imaginei isto. Mas você roubaria sangue da minha língua, não é?

Ela não podia negar quando estava lambendo uma presa afiada.

Ele soou como se abafasse um gemido.

— Então um beijo será sua recompensa por confiar em mim. Assim que me disser tudo, tomarei seus lábios e te darei sangue. Mas não antes — ele balançou a cabeça com força, agarrando a tira em seu roupão. — Estou ansioso para ver o resto do seu corpo.

Ela queria sentir seu olhar também, estava arquejando em antecipação. Lentamente ele a desnudou.

À visão de suas tetas, negro bifurcou dos olhos dele. Instavelmente afundou de volta em seus calcanhares.

— Seus mamilos são perfurados? Você foi uma escrava do prazer? — Tinha uma nota de esperança em seu tom?

— Não, nunca fui uma escrava.

Ele se debruçou adiante, sua cabeça descendo. Pôs sua boca bem em cima de um bico, então ela pôde sentir sua respiração quente.

Seus mamilos nunca estiveram tão duros.

— Oh, Deus... — Ela não sabia para onde olhar, estava ávida para ver cada detalhe sobre ele. Seus lábios sensuais. Seus olhos extasiados. As mãos dele estavam fechadas em punhos? Seu pau estava *pulsando*.

— Você fez isto a si mesma?

Ela acenou com a cabeça.

— Sua menininha má — a língua dele sacudiu em um mamilo.

Sensação disparou através dela.

— Ahh!

Ele umedeceu. Soprou. Ela arqueou para o estímulo escaldante.

— Um amante quis que você perfurasse? — Ele alargou os joelhos. Sua seta esticada balançou com o movimento.

— N-não. Eu gosto disto.

Ele olhou em seu rosto, como se medindo sua veracidade. Ele prendeu seus olhos enquanto se curvava... enquanto tomava o bico entre seus belos lábios ... conforme chupava. Deus, esta sensualidade latente estava em força total.

Acima do seu gemido, ouviu os dentes dele clicarem contra o piercing, o qual parecia encantá-lo. Ele chupou mais forte, arranhando seu mamilo até o ponto do desconforto — como ela sempre quis.

Apesar de não a ter tocado abaixo da cintura, ela se perguntou se poderia gozar deste modo. Ela estava ensopada, seu clitóris latejando. Seu núcleo apertou, desejando que algo a enchesse.

Ele amassou ambos os seios, as garras pretas cavando. Algo sobre seu aperto possessivo no corpo dela a excitou ainda mais. Ela arquejou, perigosamente perto de gozar. Tanto para estimular!

Encostado em seu mamilo, ele murmurou.

— Doce como um meadowberry⁶ — deixando aquele molhado, ele beijou seu caminho até o outro seio. — Você já está perto — ele não podia soar mais satisfeito consigo mesmo. — Eu nem toquei sua boceta, mas você está ensopada — seus lábios estavam bem acima de seu outro mamilo.

⁶ Fruta pretinha usada em compotas e geleias.

Ela arqueou aquele lado de seu corpo pra cima.

— Rune...

— Paciência, vampira. Nós temos dias disso à nossa frente.

Dias? Ela desmaiaria. Morreria. Entraria em combustão espontânea.

Ele tocou a ponta da língua no bico da mesma maneira que seus dedos beliscaram a pequena haste.

— *Ah, sim!* — sua boceta estremeceu em prontidão, suas próprias garras cavando em suas palmas. Tão perto de gozar...

Conforme ele chupava com famintos puxões, os olhos dela se fecharam e sons a bombardearam. Seus gemidos desesperados. O barulho das algemas.

A sucção molhada de sua boca...

Emoções exaltadas a faziam se tornar fantasma. Mas não tinha medo disso. Estava amarrada pelas algemas, por cada pulsar e cada pontada que dizia a ela que era mais que ar.

Estava encarnada. Carnal. Como podia até mesmo flutuar para longe quando significaria perder isso?

Uma vez que ele deixou os dois mamilos úmidos e inchados, beijou descendo por sua barriga até seu umbigo perfurado. Com outro gemido, ele se aninhou no piercing ali.

Com os quadris balançando, ela alargou os joelhos.

Ele silvou em uma respiração quebrada.

— Sinto o cheiro de sua doçura. Preciso *ver* isto — em um borrão, ele rasgou as mangas do roupão e arrancou a roupa inteira dela.

Quando a deixou nua e ofegando, o olhar dele desceu do seu rosto até os seios, e de seu umbigo até a boceta. Ele estreitou os olhos no anel minúsculo no

topo de seu clitóris, como se não estivesse vendo corretamente.

— Deuses todo-poderosos.

Ela engoliu em seco. Antes mataria para tê-lo entre suas pernas, agora ficou nervosa.

Ele parecia como se estivesse prestes a *consumi-la*.

Ela puxou seus joelhos para cima protetoramente.

— Ah-ah — ele empurrou suas pernas abertas antes dela poder piscar. — Nunca se feche para mim. — Como um animal, ele deslizou entre elas.

Lambendo seus lábios, ele separou suavemente suas dobras. As abas de suas narinas alargaram e seu pau sacudiu. Ele embrulhou seu grande punho ao redor de si mesmo para dar um golpe distraído.

— Eu vou comer viva minha menina má.

VINTE E UM

O sexo úmido da vampira se oferecia como um prêmio a ele. Com suas palavras, ela ondulou os quadris, inebriando-o com os lábios abertos e seu aroma intoxicante.

Soando fora de si, ele gemeu

— Você fez um piercing na boceta só para mim — inclinou para provocar a argola com a língua.

Ela foi à loucura, as coxas se flexionando ao redor do rosto dele.

— Sim, Rune! — Eles cruzaram o olhar acima de seu monte. Os olhos dela estavam brilhantes, faiscantemente negros. Com a respiração entrecortada, ela disse. — Você. Você é um tesão. Isto é... *divertido* pra caralho.

Divertido? Ela não pensaria assim por muito tempo.

Embora ele pudesse ter brincado com aquela argola durante décadas, o aroma da excitação dela o atraía para sua fenda.

Mel. Cálido, direto da fonte.

Era a primeira vez que experimentava tal ato e seria satisfazendo a boceta mais bela que já imaginou. Abocanhando-a, enfiou a língua em busca de seu primeiro gosto.

— Ahhh! — Ela se debateu contra as amarras.

Os olhos dele reviraram. Ele enterrou as garras no traseiro dela, então entrou em pânico, retraindo-as.

Não, não, minha vampira aguenta. Ela parecia até gostar. Ele alongou as garras de novo e agarrou seus quadris. Ela gemeu e ondulou contra a boca dele.

— Porra, você está tão molhada. Precisava disto, não precisava? — Como evitaria machucá-la quando penetrasse aquela umidade tão apertada? A pressão em seu pau o fez cerrar os dentes. A coroa inchou, a fenda supersensível. Suas bolas doíam como se estivessem apertadas. Era assim que se sentia quando produzia semente?

Agonia! Quero mais.

Ele curvou a língua para mais uma carícia, gemendo contra sua fenda. Jamais se cansaria daquilo. Os

pequenos lábios dela flamejavam em oferecimento. Ele sugou um, então o outro.

Ela o observava, com olhos enevoados.

— É a primeira vez que faz isto?

Ele não queria chamar atenção quanto à sua inexperiência.

— Bem, o que você acha?

Dinâmica de poder, lembrou a si mesmo. Mas queria rugir sobre sua descoberta, alardeá-la.

— Você é viciante — ele murmurou, com outra lambida. E outra. Outra. *Não é o bastante!*

— Oh! Bom. Ohhh.

Estou chupando-a e é maravilhoso. Prendeu-a no colchão ao mesmo tempo em que intensificava as carícias.

Ela jogou a cabeça para trás e o cabelo longo se espalhou pela cama. Ela estava quase gozando e ele não se importava. Nada poderia afastá-lo.

— Oh, Deus, oh Deus! — Ela repuxou as amarras, entrando em espasmos sob seus beijos. — Isso, isso!

Ele ergueu o olhar para o corpo dela. Os seios ondulavam, a boca aberta pelos gritos.

Entre lambidas, ele disse.

— *Vai, Josie* — ele soava insano. — *Goza pra mim* — a visão dele embaçou e ela parecer tremular à sua frente.

— Rune, eu vou... **GOZAR!**

Ela gritou de prazer; ele provou de seu orgasmo; sua mente revirou.

Enterrou o rosto entre as pernas dela. Rosnando. Chupando. Devorando. Fodendo-a com a língua. Gemendo enquanto a consumia.

A boceta dela havia sido uma revelação. O corpo dela era tudo.

O latejar em seu membro o fez mover os quadris — esfregar seu membro, afundá-lo, penetrar o núcleo úmido com seu pau ao invés da língua. Ele fodeu os lençóis, esfregando-se na cama em um frenesi. Qualquer coisa para que aquela pressão agonizante parasse. A fricção fazia a coroa e a fenda arderem. Suas bolas pesadas se contraíram.

Já vou gozar tão rápido? Controle-se, segure-se!

Ela estava quase gozando de novo e ele queria mais de seu suculento mel.

— DE NOVO! — Ordenou, afundando as unhas no traseiro dela.

Ela obedeceu com um grito sensual, ondulando contra a língua exploradora dele.

Sensações percorreram a espinha dele. Seu pau pulsou violentamente entre o colchão e seu torso. O prazer o golpeou, tanto prazer... tanto...

Ele emitiu um grunhido brutal contra sua boceta escorregadia e inchada.

LIBERAÇÃO.

Ele jogou a cabeça para trás. Seu grito era como um grito de guerra — enquanto onda após onda inundava seu corpo, levando-o a um lugar onde jamais estivera antes.

Estava fora de controle. Controle era uma piada. Ele se rendeu. Ele se despedaçou.

Suas costas arquearam, seu pau pulsou como se fosse derramar semente. Sentiu tremores de congelar o coração...

Sem parar.

Gradualmente aquela maravilhosa pressão amainou e o grito morreu em seu peito. Enquanto o mundo girava, recostou a cabeça nas coxas trêmulas dela. Só existiam os dois, ele tinha certeza disto.

Ele lambeu os lábios, o gosto dela provando que a experiência fora real. Passou-se uma hora, um dia, uma era. Ele não ligava, precisava descansar. Não por estar saciado, somente porque seu gozo pareceu mudá-lo.

— Rune?

A voz arrastada dela o despertou. Que diabos ele fizera? Havia tanta coisa em jogo, e ele não havia feito uma única pergunta!

Com esforço, ele se sentou. De joelhos, passou o braço sobre boca. Ele a viu nua e perdeu a maldita cabeça... como se nunca tivesse feito isto na vida. Como se não se orgulhasse de seu autocontrole.

Ele gozara se esfregando nos lençóis. Como a velha rainha riria disto. Cerrou os dentes. *Assuma o controle da situação. Comece de novo.*

Ele pesquisou o corpo de Josephine para o próximo round. Onde foi parar sua neutralidade clínica? Pela primeira vez na vida, não sabia qual ato sexual executaria a seguir. Atividades sexuais sempre foram limitadas — *não posso fazer isto, não posso tocar aquilo, não posso botar a boca ali.*

Agora as opções eram infinitas. Seu repertório não o havia preparado para isto.

— Que bom que tiramos isto do caminho — a voz dele parecia rouca. Tensa. Devido ao seu grito de guerra.

Ainda arquejando, ela disse.

— Eu estava tão *perto* de te contar tudo. Não, sério. Juro — ela lhe lançou aquele sorriso enlouquecedor. — Na próxima vez tenho certeza que vou contar. Podemos tentar agora?

Rune ia fazê-la engolir estas palavras.

— Você acaba de me tornar mais determinado, vampira.

VINTE E DOIS

Talvez Jo não devesse ter desafiado o fey sombrio. Pelo que pareceram horas ou até mesmo dias, ele a provocou sem misericórdia.

Repetidamente a levou até à beira, pacientemente brincando com ela. Sempre que estava prestes a gozar, ele recuava. Às vezes, mordia a si mesmo, apimentando o ar só para deixá-la louca.

Seu corpo, da cintura para baixo, não passava de uma ferida dolorida. As algemas cortaram seus pulsos. Os olhos dela estavam úmidos de lágrimas rosadas, a mente febril.

Mas...

Ela era uma mulher de carne — uma mulher desejosa, incompleta e cheia de tesão. E estava *adorando*.

Liberando um mamilo, ele se inclinou sobre os seios dela com a expressão ameaçadora. Conforme a atormentava, ele a questionava sem nenhum resultado.

— Você deve estar tão sedenta — ele cortou a almofada do dedo indicador.

O cheiro a golpeou. Sua sede a escaldou.

— Só um pouquinho, Rune... — as garras dela se afundaram nas palmas das mãos até seu próprio sangue escorrer. Com um grito, perfurou o próprio lábio inferior com a presa.

— Fale-me sobre Nix.

Ela negou com a cabeça.

— Não posso.

Ele correu seu dedo ensanguentado pelo peito dela, marcando-a. O sangue era abrasador, uma marca sobre a pele. Traçou-o sobre um mamilo inchado e ela só conseguiu gemer.

Ele se posicionou sobre o corpo dela, colocando-se à vontade entre suas coxas mais uma vez.

Ela choramingou antecipando o que estava por vir — ou seja, a tortura.

— Olha só essa fendinha úmida e gostosa — ele descobriu que ela enlouquecia quando falava safadezas. — Meu pau vai se enterrar até o cabo, vampira, até você pedir clemência — ele ondulou a língua sobre a abertura dela, dando-lhe um beijo francês. — Agora você precisa de meus dedos te fodendo, pombinha?

— Sim, me fodendo!

Ele escorregou um dedo e o núcleo sedento dela o ordenhou, o corpo dela tentando prendê-lo.

— Sua boceta é linda e apertada — a voz dele estava tão profunda, como o enfiar daquele dedo. — É melhor mesmo a gente não transar ainda.

Ainda.

Ele curvou aquele dedo dentro dela.

— Aqui tem algo que acho que você vai gostar — ele acariciou um... ponto... específico.

Flashes de luz apareceram diante dos olhos dela.

— *Ohmeudeussimmais!* — Ele havia conseguido, fizera-a ver estrelas.

— É isto, querida — repetidamente ele esfregou aquele ponto. — Tão molhada para mim. Não é gostoso?

— Uh-huh — AHHHH!

Ele baixou a cabeça para lambar o clitóris dela enquanto ainda a esfregava por dentro.

Alguma mulher gemia palavras sem sentido algum.
Sou eu?

Em um tom mais baixo, ele disse.

— Precisa de mais, Josie?

Quando a chamava de *Josie* a fazia encolher os dedos dos pés. Ela meneou a cabeça em concordância. *Eu sou uma necessidade ambulante.* Era uma necessidade em formato de Jo.

Ele deslizou mais um dedo dentro dela.

— Tão quente e tão faminta — quando mergulhou ambos os dedos ela jogou a cabeça para trás, os braços se contorceram contra as algemas.

— Ouve como está molhada? Não faria qualquer coisa para gozar na minha mão? Basta me dizer como conheceu a Nix — ele sugou o clitóris tenro, puxando-o um pouco.

Ela arquejou, balançando a cabeça.

Sugada.

— O que ela quer com meus irmãos? — *Puxão.*

— Irmãos?

— Qual o seu envolvimento com as Valquírias?

Jo meneou a cabeça.

Ele emitiu um som de frustração.

— Você é a criatura mais estranha que já encontrei. Você devia me desprezar. Eu sinto o quão inchado seu pequeno clitóris está... ele está latejando contra minha língua. Sua boceta está implorando pelo meu pau. Como pode não querer um fim para esta dor?

— Nunca tem fim. Nunca...

— Não? Então você não está sentindo dor suficiente — ele começou a enfiar um terceiro dedo dentro dela.

A sensação de preenchimento a fez revirar os olhos. Ela imaginou o pau dele penetrando-a. Tão perto... tão perto... Ela ondulou os quadris contra a língua e dedos dele, fodendo a si mesma com eles.

Ele grunhiu

— Maldição, Josephine, você quer que doa tanto? Gosta desta dor?

Ela ergueu a cabeça, dizendo honestamente.

— Você. *Gosto de você* — uma lágrima correu pelo rosto dela. — *Gosto tanto de você.*

Rune jamais se sentiu torturado ao torturar outra pessoa.

Seu pau estava a ponto de explodir. Seu coração não parava de trovejar, seus pulmões arquejavam. Ele agora sabia o que todas as suas vítimas passavam.

E nunca tirava sangue... a menos que fosse esta a intenção. Mesmo assim, os pulsos da vampira sangravam.

— Maldição, mulher! — Machucá-la *não* estava nos planos. Retirou os dedos, então subiu na cama.

Ela podia até querer que aquilo nunca acabasse, mas ao contrário do corpo dele, o dela estava sofrendo com mais do que somente desejo não satisfeito. Lágrimas rosadas corriam de seus olhos. A pele estava pálida pela sede, os olhos pretos e vidrados de desejo. As presas tão afiadas quanto adagas.

Ele não podia continuar machucando-a. O que significava que ela ganhara. Ele exclamou uma praga

em demonês e socou a parede abrindo um buraco. Ela o derrotara.

— Rune? — O lindo rosto dela parecia exausto.

Flexionando os dedos, pegou as chaves das algemas então retornou à cama para soltá-la. Sabia como ela gostaria de comemorar a liberdade. O olhar predatório dela fixou-se em seu pescoço.

Ele a libertou e ela ficou de joelhos. Empurrou-o de costas no colchão e ele permitiu. Onde o morderia primeiro? Ela provavelmente o deixaria seco. Seu pau latejou com a ideia, ao mesmo tempo em que sua mente se rebelava.

Ela venceu.

Disse a si mesmo que poderia levá-la ao limite de novo. Mas não queria mais.

Torturá-la foi uma tortura para mim.

Ela montou nele, sentando-se um pouco acima de seu membro latejante. O sexo dela estava ensopado, atormentando-o com o que não podia ter. Ela cairia sobre ele?

Ela pareceu tentar resistir àquela urgência. Porque não se movia no seu pau? Ela estava se torturando. *Eu não a entendo!*

Ela aninhou o rosto dele entre as mãos trêmulas. Ele não fazia ideia do que lhe passava pela cabeça. Ela não revelava nada...

Ela se inclinou e pressionou os lábios no rosto dele.

Ele deu um suspiro. Porque ela faria isto?

Então ela carinhosamente beijou o queixo dele. A ponta do nariz. A testa. Acariciou o ponto sensível de uma orelha.

— Você está... agradecendo?

Ela recuou.

— Sim.

— Por te causar dor?

Ela meneou a cabeça, os cachos sedosos de seu cabelo cascadeando sobre os ombros.

— Por fazer eu me sentir viva.

O olhar dele desceu até sua boca. Ele tinha de beijá-la, não podia segurar mais. Puxou-a pela nuca.

— Eu quis beijar sua boca desde a primeira vez que detectei seu cheiro.

Uma mentira. Ele quis vida inteira.

Beijar sem matar?

Ela umedeceu os lábios cheios em um convite.

— Beije-me, Rune.

Ele puxou sua cabeça para baixo, para mais perto. Seus olhos se fixaram. Quando somente dois centímetros separavam suas bocas, ele engoliu. O momento estava carregado.

— Esperei tanto tempo... — ele a puxou.

Contato.

Suaves e generosos lábios tremeram contra os seus. Ele se imobilizou, mergulhado neste luxo, seus sentidos inebriados dela.

Após um momento, deslizou a língua para dentro do calor acolhedor de sua boca. Sabia que ela era imune a ele, mas o hábito o deixou tenso.

Como se para encorajá-lo, sua língua encontrou a dele. Quando deu uma lambida gentil, ele a sentiu em cada centímetro de seu corpo. Seu membro pulsou tão forte que a levantou.

Ela gemeu de prazer. Só prazer.

O som mais erótico que seus ouvidos sensíveis já ouviram.

O aperto na sua nuca ficou mais forte, a mão dele começou a tremer conforme aprofundava o contato. Ele tomou sua boca possessivamente, a língua se entrelaçando à dela... até compartilharem a respiração de seus pulmões. Até que a batida do coração dela soasse no ouvido dele no mesmo ritmo que a sua.

O beijo era *correto*. Seus lábios eram *corretos*.

Ele queria tanto aquilo. E era muito melhor do que sonhara. Ele gemeu por mais.

Ela carinhosamente envolveu o rosto dele de novo, e algo dentro do seu peito se contorceu. Os lábios dela... os lábios estavam ensinando ele a precisar. A sentir de novo.

Esta mulher. Esta vampira. Com seu beijo doce e lento.

Ele também queria ensiná-la. Demonstrar por que era um homem que ela devia desejar. Que ele tinha força suficiente para os dois. Ela ouviria este beijo... do mesmo jeito que ouvira seu sangue.

Ele lambeu uma de suas presas. No instante em que o sangue dele atingiu a língua dela, seu corpo se enrijeceu.

Ambos ficaram sem ação. *Tum... tum... tum...*

— *Hmmm* — ela gritou, lambendo-o. Ele se entregou ao beijo, dando o que ela estava dando a ele.

Ainda assim, ela não tinha se movido em cima dele. Ele agarrou os quadris dela e a puxou para esfregá-la contra seu membro.

Foi só o que bastou.

Ela gritou contra a boca dele. Seu orgasmo a fez sugar a língua dele e esfregar-se em cima dele, a boceta escorregadia deslizando da base até a glândula.

Êxtase.

Ele estremeceu à beira de gozar instantaneamente. As razões pelas quais não podia montá-la, penetrá-la e ejacular dentro dela se tornaram indistintas.

Ela se endireitou para ondular os quadris sobre ele ao mesmo tempo em que fechava os olhos. Sangue escorria do canto de seus lábios. *Fora de si.*

Com a voz rouca, ele disse.

— Você beberia de mim por toda a eternidade, se eu deixasse. Você se tornaria uma pequena gluttona com meu sangue.

— Sim — ela gemeu, afastando o cabelo do rosto.

— Eu te morderia dia e noite.

— Só beberia de mim, para sempre.

Ela umedeceu os lábios ao mesmo tempo em que as mãos acariciavam o próprio corpo.

— Só você.

— Já não consegue viver sem meu beijo.

— Não consigo... *não consigo...* — sangue escorreu pelo queixo dela, caindo sobre os seios. O sangue

vital dele jamais parecera mais negro como contra aquela pele de alabastro.

Como papel inscrito com tinta, a pele dela estava marcada por ele. Marcada com o cheiro dele. Ela era sua *posse*.

Obsessão.

Mesmo assim, não sabia nada sobre ela. Estendeu a mão, aprisionando a garganta dela com os dedos.

— Conte-me alguma coisa, mulher. Qualquer coisa que eu não saiba sobre você.

Deslumbrada, ela murmurou.

— Seu sangue não é contaminado. Tem gosto de paraíso.

Ele perdeu o fôlego. Seus dedos ficaram dormentes. Os braços caíram.

— Mova-se em cima de mim, então. — ele ordenou.
— Faça-me gozar!

Quando ela moveu os quadris, aquela urgência de enfiar-se dentro dela se tornou insuportável, seu corpo ardia por liberação.

A ponto de gozar, olhou para a fêmea. Cabelos bagunçados, olhos escuros de desejo, lábios pretos pelo seu sangue. Piercings no sexo, umbigo, mamilos. Seios cheios balançando.

Ele jamais se esqueceria da imagem dela assim. Nem que vivesse mais sete mil anos. Jamais vira algo tão deslumbrante.

Ela poderia me fazer desejar ter uma companheira.

Mas ainda estava fraca, não havia bebido o suficiente. O desejo inegável dele lutou contra uma inexplicável necessidade de cuidar dela. Ele fez um corte no próprio pescoço e a puxou para ele.

— Beba — com os braços apertados ao redor dela, ele aguardou as presas.

— Eu não quero exagerar.

— Beba! — ele ordenou. — Alimente-se de meu corpo até o seu estar satisfeito.

Ele grunhiu ao sentir as presas afundando lentamente, penetrando sua carne com uma lentidão preguiçosa.

De pálpebras pesadas, ele olhou para o teto lutando para controlar suas ações, o que estava sentindo. Quando a mordida dela o fez gozar, ele quase berrou de novo. Em vez disto, abraçou-a fortemente contra si e a embalou enquanto ela se alimentava.

VINTE E TRÊS

Com a cabeça pousada sobre o peito de Rune e o coração dele batendo contra seu ouvido, Jo tentou permanecer acordada para reviver tudo.

Todo o prazer que lhe dera enquanto a interrogava, e então nas horas após ela ter se alimentado.

Todas as coisas que ela aprendera — sobre a vida, ele, ela mesma.

Antes que comesçassem, ele lhe dissera que vampiros precisavam comer para ficar férteis. Ela jamais pensara que poderia querer filhos. Agora, aquilo era uma possibilidade.

Não podia desejar ter de volta os quatorze anos passados longe de Thad, mas talvez pudesse ter um

filho que lembrasse ele quando bebê. Talvez um dia ele pudesse ser um tio amoroso.

Possibilidade. O futuro começava a se descortinar brilhantemente à sua frente. Com aquele pensamento em mente, caiu em um sono exausto.

Sonhos surgiram. Mais das lembranças de Rune? Impressões vagas se filtraram através de sua consciência...

A Rainha Mag o observando em roupa de corte, o orgulho dela quanto à "arma sexual" que havia moldado.

O mau pressentimento que ele teve ao perceber o desejo nos olhos dela, e então a fúria contra ele por fazê-la sentir isto.

As noites insones antes de sua primeira missão. Ele viajava com uma delegação de Sylvan para a nação Wiccae de Aquelarre disfarçado como filho de um embaixador fey. Sua presença era para ser considerada um gesto de boa vontade de um reino em recuperação para outro.

Mas seu alvo não era o que ele esperara. Mesmo para salvar a mãe de um destino pior do que a morte, Rune não tinha certeza de poder executá-lo.

Porque Magh não tinha interesse em assassinar o feiticeiro que amaldiçoara seu marido. Ela queria o feiticeiro vivo para encarar o pesar pela morte de sua adorada filha.

Uma garota que faria dezesseis anos — a idade de Rune.

— Você foi convidado à celebração do aniversário dela. Seduza-a, bastardo — Magh ordenou. — Faça-a te amar do jeito que fez com todos os outros. Então ataque. Ela morrerá com o coração cheio de amor, a mente cheia de sonhos e o corpo golpeado pelo seu veneno...

Conversas no jantar, flertes murmurados durante o jogo de cartas. Não levou muito tempo para a jovem bruxa se apaixonar por ele. Ela era bonita de rosto, mas parecia mais jovem do que a idade.

Será que ele já foi assim tão ingênuo?

Ela sussurrou no ouvido dele.

— Quero você como presente de aniversário — então indicou como chegar a uma alcova secreta ao lado de seu quarto. — Eu desativarei as proteções místicas para você.

Ele forçou um sorriso. Ela era guardada como um tesouro, por magia e feitiços. Nada poderia atingi-la.

Nada, além de mim.

Ele seguiu suas instruções, encontrando a alcova. Lá, perambulou inquieto. Se para salvar sua mãe realmente executasse os assassinatos ordenados por Magh, sua mãe seria capaz de perdoá-lo? Se ele confessasse "Eu tirei a vida de uma garota inocente para te libertar", será que a culpa seria demais para ela?

Uma porta se abriu. De olhos acesos, a bruxa espiou para dentro. Ela trocara o vestido por uma camisola de dormir e soltara os cabelos.

— Tudo limpo — ela desativara suas próprias proteções, como desfizera as tranças.

Ela pegou a mão dele, guiando a morte para dentro de seu quarto.

O aposento era quase um palácio por si só, cheio de amuletos e joias de valor incalculáveis. Pelo menos seus dezesseis anos de vida foram abastados.

Ela foi até a cama, dando batidinhas na colcha ao lado dela.

Como ele poderia levar isto até o fim?

— Talvez estejamos indo rápido demais. Você ainda é jovem — se não obedecesse Magh, não poderia retornar a Sylvan. Onde viveria? Aqui? Talvez se contasse a verdade à bruxa, ela se comoveria para ajudá-lo.

E virar as costas à minha mãe?

— Besteira, fey. Já tenho idade suficiente. E quanto a esta noite, especialmente — em uma voz saudosa, ela disse — só uma coisa poderia tornar meu aniversário mais mágico.

Não posso fazer isto. Meus deuses, não posso.

— Nós nos vemos outra hora, pombinha. Eu já sei o caminho para seu quarto e posso vir à noite.

Os olhos dela umedeceram.

— Eu te desejo agora.

— Ainda ficarei aqui por semanas.

— Mas nenhuma outra noite será meu aniversário
— lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Em vozes mais baixas, a bruxa e Rune continuaram a discutir.

Finalmente ela disse.

— Eu vou gritar para avisar os guardas se você for embora.

O queixo dele caiu. Será que todos os nobres eram assim dissimulados?

— Juro que grito — ela tomou um fôlego profundo.

Ele avançou sobre ela, pousando um dedo sobre seus lábios. Eles ainda poderiam transar sem que a matasse. Como fez com suas outras conquistas. Mas aquelas fêmeas eram mais maduras, conheciam os riscos e como evitá-los. Ao contrário desta garota.

Quando ouvira as sentinelas mudando os turnos lá fora, ele olhara por sobre o ombro. Ele devia riscar para longe dali. Mas então ela saberia o que ele era. E para onde poderia ir?

Ele se virou.

— Preciso que me escute...

A boca dela colou-se à dele. Ela se inclinou pra frente, pressionando os lábios entreabertos nos dele.

Ela roubou seu beijo.

Ele a empurrou e riscou até uma garrafa de vinho, servindo um cálice. Talvez a lenda sobre seu veneno fosse exagerada. Como saberiam? Voltou a ela em um instante.

— Beba!

Com olhos arregalados pelo terror, ela se engasgou com o líquido. O veneno já estava em seu sistema. Seus membros se contorceram, os músculos travaram.

A dor em sua expressão...

Ele observou seu corpo perder a vida, o som das batidas de seu coração em pânico esvaindo-se até tornar-se nada. A jovem bruxa pereceu em segundos.

As lendas não eram exageradas. Rune era mais mortal do que qualquer um suspeitara.

Ele virou-se para o lado e vomitou repetidas vezes até nada restar em seu estômago. Limpou a boca, a compreensão o invadindo: ele ultrapassara uma linha que jamais conseguiria voltar...

Jo acordou abrindo os olhos, confusa por não estar em aposentos cheios de magia com amuletos femininos e morte.

Rune estava acariciando seus cabelos com a respiração profunda e regular.

Ela conteve um estremecimento daquela lembrança de uma vida real, temendo que tudo aquilo só tivesse piorado para ele. Quando era mais jovem do que Thad era agora, Magh o havia forjado em um amante letal com um beijo da morte. Ela havia usado a mãe de Rune contra ele, a mãe que fora tudo para ele, do jeito que Thad era tudo para Jo.

O que Jo teria feito para salvar seu irmão?
Qualquer coisa.

Absolutamente qualquer coisa.

Ela queria mesmo reviver mais destas memórias?
Elas viriam cada vez que tomasse o sangue de Rune?

Suas preferências não importavam. Embora tenha lutado contra o sono, acabou adormecendo, ninada pela batida regular do coração dele.

Outro sonho começou a se desenrolar. Estava na corte de Sylvan. Podia ouvir fontes de água, sentir o cheiro dos arranjos de rosas e vela de cera de abelha. Magh sentada em seu trono olhando para Rune, agora um homem feito.

Ela o convocara porque chegara a uma conclusão: sua utilidade chegara ao fim...

— Você executou seu serviço tão admiravelmente que me restaram poucos inimigos. Os que restam já ouviram falar de você, estão de sobreaviso contra um fey de fala mansa que desaparece nas sombras.

— E espionagem? Interrogatório?

— O mesmo problema. Quem seria o alvo?

— Então cumpri minha parte no acordo — Rune disse a ela, sentindo a excitação crescer dentro de si. — Você jurou me levar à minha mãe.

— E assim farei, bastardo — ela concordou.

Fácil demais. Ele passara tempo suficiente na companhia dos feys para apreender alguns de seus

ultrarracionais hábitos, então soube que sua esperança era irracional. Devia esperar truques de Magh. No final das contas, ela o faria sofrer.

Se a mãe de Rune estivesse em um campo de escravos, Magh o despacharia para lá o escravizando também, mas não importava. Imaginou os amorosos olhos azuis da mãe e o sorriso que sempre tinha para ele.

Juntos, ele e a mãe fugiriam. Recomeçariam a vida do zero. Todas as mortes, o desgosto, o ódio de todos estes anos finalmente terminariam.

Mag estalou os dedos para um guarda.

— Leve-nos até a mãe do bastardo.

Uma reunião realmente iria acontecer? Depois de tanto tempo? O coração de Rune acelerou quando riscaram para um reino envolto em noite e fustigado pelo vento. Semicerrou os olhos devido ao vento, sem ver nada além de um enorme monte de terra.

— Aqui está ela — Magh apontou para o monte.

— O-o que está dizendo?

Seus guardas demônios riscaram na frente de Magh.

— Ela está enterrada aí, junto com centenas de outros. Há séculos.

O choque o engolfou.

— Ela era a favorita de meu marido, gozava de sua proteção, mas a sua posição era precária — a voz de Magh soava distante. — Sua mãe sabia que eu estava de olho em você e que logo atacaria. Ela me implorou para poupar sua vida. Jurei que pouparia, mas só se ela concordasse em silenciosamente te abandonar para uma vida como escrava sexual em um bordel longínquo. Qualquer coisa para salvá-lo! Pobre dela, a querida não havia sido congelada em imortalidade ainda — o que ela devia saber — Magh suspirou. — Ah, os sacrifícios que nós, mães, fazemos... Não se preocupe, ela não ficou muito tempo naquele lugar infernal. Depois de um pouco de atividades sexuais mais violentas, ela... quebrou — Magh examinou as pontas de suas tranças. — A vida dela foi curta, a morte brutal e agora os ossos dela não passam de poeira.

Enterrada.

Brutal.

Poeira.

Os pulmões dele se contraíram. As pernas dobraram. Ao se ajoelhar na frente do grande túmulo, os guardas de Magh o aprisionaram pelo pescoço e amarraram seus pulsos.

— No próximo estágio de sua vida — ela disse em tom jovial — tenho uma nova ocupação para você, bastardo.

— Deuses me deem o poder — ele rosnou. A coleira o impedia de riscar, as amarras, de lutar. — Eu destruirei você e todos os seus filhos.

— Oh, eu acho que seu próximo emprego te manterá ocupado demais para isto...

VINTE E QUATRO

A respiração de Josephine era leve contra o peito de Rune. Ele passava os dedos através do cabelo dela, experimentando este momento pós-sexo. Jamais ficara um tempo depois de ter usado sexualmente uma fêmea. Certamente não após um interrogatório.

Enquanto acariciava os cachos sedosos, sentia novamente cheiro de frutas do campo, trazendo-lhe lembranças de sua infância. Lembrou-se das vezes

em que havia, brevemente, escapado para os planaltos até uma área cheia de frutas. O gosto delas havia sido ainda mais doce do que seu aroma irresistível.

Com doce nos lábios e a brisa farfalhando as folhas, havia se deitado entre elas cheio de alegria, sem querer jamais retornar aos pântanos sufocantes.

Mas o gosto de Josephine foi mais doce do que qualquer coisa que jamais tinha imaginado...

Embora tivesse perdido a aposta para ela, sentia-se surpreendentemente relaxado. Não que ela tivesse propriamente ganhado, ele é que foi derrotado pela sua própria falta de controle. Mas como podia culpar a si mesmo?

A mordida dela lhe dera uma vantagem injusta.

Quando as presas dela penetraram sua carne tão lentamente e sua língua tremulou em prontidão, ele quase perdeu a cabeça. Mesmo agora, estremecia.

Depois dela ter se alimentado, ele tinha ficado deslumbrado, querendo somente explorá-la. Por horas, enquanto davam prazer um ao outro, ele ficara atento a cada tom de sua respiração. Aguardava o

revelador rubor nos seios dela que indicaria o orgasmo iminente. Ele observara suas íris flamejarem.

No passado, estas reações não passaram de sinais que indicavam quando uma testemunha estava pronta a falar.

Esta noite, cada uma das respostas daquele corpo foi uma *descoberta* — sobre uma mulher que o desafiara, revigorara e enfeitiçara.

Ele a acariciou nas orelhas com o nariz até os dedinhos do pé dela se curvarem. Lambeu aquela covinha em seu lábio inferior. Tomou sua boca — ao seu bel prazer, sempre que seu impulso mandava — tantas vezes que seus próprios lábios estavam machucados. Correu um dedo sobre eles agora.

Por eras, seu ultimo beijo fora letal.

Mas não mais. Não havia barreiras entre ele e Josephine, entre seus corpos, seus desejos.

Estaria o Insaciável Rune saciado? Ele ainda estava duro, pronto para mais uma, ainda que pudesse jurar que estava quase lânguido. Talvez não saciado, mas satisfeito.

Repetidamente se perguntava se ela não seria a companheira dele. Se é que teria uma. Mas mesmo que fosse, nada mudaria. Ele não tinha interesse algum em se assentar com uma só mulher. Os Møriør ainda necessitavam de seus talentos — que incluíam extrair informações de alvos — fosse por meios justos ou injustos.

E ele não ia simplesmente *abrir mão* de sua necessidade ardente de destruir a linhagem dos Sylvan.

Embora Magh estivesse morta há um longo tempo, ela vivia em sua vil descendência, como o primogênito, Rei Saetthan. Restava somente quatorze. A maioria vivia em Gaia, escondendo-se de Rune.

A cada Ascensão, coisas escondidas vinham à luz.

Os Møriør o ajudariam a caçar aqueles fey do jeito que Rune ajudaria nos assuntos de seus aliados. Não, ele não abdicaria de seus sonhos quando estava tão perto. Que era porque Josephine jamais se deitaria de forma tão confiante com ele de novo, ele planejava usá-la contra Nix. Ele iria rir por último.

Melhor aproveitar tudo aquilo por ora.

Josephine virou-se contra ele. Como muitos vampiros, ela tinha um sono pesado. Não tinha acordado nem quando ele traçara uma runa de rastreamento temporária em suas costas.

Os olhos dela se moveram por trás das pálpebras. Estaria ela sonhando suas memórias? O que pensaria sobre seu passado? Ele não tinha vergonha de ter sido violado e abusado.

Só de ter eventualmente se submetido...

Horas se passaram com ela adormecida. Ele se ocupou traçando os contornos de seu rosto de tirar o fôlego e se perguntando quais memórias ela poderia ver, se tivesse a habilidade.

Quando acordou, levantou aqueles cílios espessos para revelar brilhantes olhos castanhos. Ela sentou-se.

— Vai mesmo me deixar ir? Tenho que... tenho que ir para casa.

Ele conteve a irritação. Seu primeiro pensamento era fugir. Se ele tivesse dado tanto prazer a outra fêmea, não teria conseguido se livrar dela.

Mas não era assim com Josephine.

— Eu prometi que sim.

— Vou me vestir — ela pulou da cama, dando-lhe uma visão enlouquecedora de seu traseiro atrevido e correu para o banho.

Ele pegou seu jeans, arrependendo-se de não ter dito “Depois de outro round ” ele acabara de prender o arco e aljava quando ela voltou, colocando o colar.

Ela havia roubado uma de suas camisetas para usar sobre o vestido, amarrando a barra e rolando as mangas para cima. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo casual. Mesmo assim, não podia estar mais bela.

— Está pronto? — ela perguntou.

Ele tomou-lhe a mão.

— É claro.

Ela olhou para suas mãos entrelaçadas por vários minutos.

— Josephine?

— Uh, sim, pode me riscar de volta ao bairro?

Estaria totalmente escuro lá, era quase meia-noite.

— Sim — um instante depois eles estavam em pé, lado a lado em uma travessa da Bourbon.

Ela observou a área, então virou para ele.

— Então... estamos aqui.

— Estamos. Corra, pombinha, de volta ao seu ninho.

Ela hesitou em soltar as mãos dele, encarando-o. A tremeluzente luz de um lampião a gás se refletiu em seus olhos.

— Então é isso? Você vai de pensar em me matar a me libertar com tanta facilidade?

— Acreditei que você era um risco à minha segurança. Já não acredito mais.

— Entendi — ela abriu a boca para dizer algo, fechou-a e então tentou de novo. — Eu sei que você é o rei do comer-e-correr, mas por mim, eu gostaria de vê-lo de novo.

Oh, você vai. E logo. Ele podia seguir seu rastro rúnico para qualquer lugar. Só estava usando-a para localizar Nix.

Embora Rune fosse ter a vampira de volta logo, ainda relutava em deixá-la ir. Eles podiam estar em lados opostos de uma guerra imortal, mas não havia terminado com aquela fêmea. Ele usaria seu poder de persuasão para trazê-la de volta para sua cama... mesmo depois de matar sua aliada. Ele se forçou a se afastar dela.

— Talvez a gente se esbarre por aí.

Ele achou ter detectado um toque de tristeza em seus olhos.

— Claro. Esbarrar. Nada demais — ela começou a descer a rua.

Quando virou a esquina, ele desenhou outra combinação rúnica em seu antebraço, um feitiço de dissimulação para disfarçar seu cheiro e torná-lo invisível.

Riscou para o telhado de um prédio para persegui-la, viajando de um prédio a outro. De início, ela caminhou pela vizinhança. Então parou, parecendo detectar um cheiro. Ela arrancou em uma corrida, escrutinando cada rua por onde passava.

Sem dúvida, estava frenética para se encontrar com Nix e divulgar tudo o que descobrira sobre Rune. Ele sentiu uma inesperada pontada ao pensar nisto, mas lembrou a si mesmo de que no amor e na guerra valia tudo.

Espere... aquele não era o cheiro da Valquíria? Sim, lá estava Nix silenciosamente perseguindo Josephine, com aquele morcego no ombro.

Com os olhos fixos no inimigo, ele tateou as pontas de suas flechas, selecionando uma rápida-e-mortal.

Rune posicionou e retesou seu arco, trazendo os dedos para perto do queixo. Era o tiro mais fácil que já dera.

Ainda assim, sua curiosidade fey permanecia com ele. Talvez pudesse bisbilhotar a conversa delas para descobrir o quanto Nix sabia sobre os planos dos Møriør. Segredos estariam à disposição. Ele sempre poderia matar a Valquíria logo depois.

*Seguir as ordens de Orion ao pé da letra e atirar?
Ou ouvir a conversa?*

Velhos hábitos... devolveu a flecha à sua aljava, então jogou-se no chão para espionar.

VINTE E CINCO

Depois de se separar de Rune, Jo detectou o cheiro de Thad, mas quase fora de alcance.

Será que ele estava em um carro em movimento? Um ônibus que se afastava do bairro? Não, a direção oposta!

Disparou na direção do Mississippi, seguindo a trilha até uma área industrial ao lado do rio. Pilhas de contêineres ferroviários ladeados por um desgastado caminho de cimento. Ela riscou atravessando a cerca do perímetro para dentro e observou as sombras. Onde ele estava?

Ela perdeu a trilha.

— Maldição! — De alguma forma o encontraria.

Se é que era possível, estava ainda mais determinada a encontrar Thad para certificar-se de que estava seguro. A memória de Rune, de ser separado da amada mãe, havia deixado Jo devastada. E então saber da morte dela, sentir todo o pesar dele... acordou em pânico para achar seu próprio adorado irmão.

Junto com sua preocupação por Thad, sentia dor por Rune, o assassino involuntário que só queria salvar sua mãe.

O que não fazemos por aqueles a quem amamos?

Esperava que Rune tivesse vingado a morte da mãe contra aquela rainha cruel — se não por todo o resto. Quando Magh mencionara a “nova ocupação” de Rune, Jo sentira arrepios...

— Oh, Senhora das Sombras.

Jo voltou-se para ver uma mulher de cabelos escuros logo às suas costas. Nix. Jo sequer ouviu sua aproximação.

Então ela era o alvo de Rune.

— O que quer? — Jo olhou ao redor. — Onde está Thad?

— Coloquei nosso garoto atraente em um lugar seguro — Nix carregava aquele morcego de novo. Esta noite calçava as duas botas. Seus misteriosos olhos dourados brilhavam ainda mais intensamente do que antes.

Sua camiseta tinha algo escrito, mas Jo não conseguia decifrar as palavras.

— Guardou-o onde? — Se fosse preciso, ela acabaria com esta... *Valquíria*.

Uma brisa se elevou das águas, balançando os selvagens cabelos pretos de Nix.

— Ele está seguro. Bem, por enquanto. Talvez, Josephine, se você cooperar, eu permita que o veja.

— Permitir? — Esta cadela não tinha a mínima noção. Jo não cooperava, ela apertava as coisas até quebrarem. Ela esmagava como Hulk. Se Nix não a levasse a Thad, a Valquíria aprenderia uma lição que jamais esqueceria. — Como sabe meu nome?

— Eu sou um oráculo muito importante, líder do exército Vertas, e logo serei uma deusa. Só tenho uma pequena tarefa a completar antes — ela riu. — Faz um tempo que te observo. Oh, as coisas que eu sei.

— Andou me espionando?

— Já assistiu àquele filme "A última ameaça"? Naturalmente assistiu... é um clássico do cinema. De qualquer forma, eu *nunca* perderia de vista minhas armas nucleares. Exceto se eu me distraísse.

Ela era maluca.

— Por que Thad está andando com você? Ele sabe o que você é?

— Ele sabe. E eu sei o que *ele* é.

A boca de Jo ficou seca.

— O que você acha que ele é? — *Será que Thad é como eu?* Não houve resposta. — Tudo o que precisa saber é que ele é *bom*. — Caridade, serviços comunitários, generosidade.

Nix sorriu.

— Se você diz.

— O que quer dizer?

— Tenho planos para Thaddeus nesta Ascensão. Todos nós temos papéis a desempenhar..

Planos? *Planos?* A Valquíria estava fodida.

— Ninguém faz planos para ele. Ninguém. Ouviu bem? — Ela se aproximou de Nix. — Você vai me levar a ele. *Agora*.

— Impossível.

Jo abaixou o olhar para a fêmea menor que ela.

— Você diz que me conhece? Uh-uh. De outra forma saberia que estou prestes a quebrar todos os seus ossos, um a um, até que me diga onde ele está.

Nix continuou divertida.

— Quebrar meus ossos? Um a um? — Relâmpagos espocaram nos arredores. — Que ideia fascinante.

Que inferno? De seu ponto de observação, no alto de uma pilha de contêineres ferroviários, Rune ouvia com descrença.

Como se enganara. Josephine não estava protegendo Nix, estava protegendo o macho. O vampiro que ela havia confundido como sendo o alvo de Rune!

Não, ela não estava aliada a Nix, mas podia estar apaixonada por *Thad*. Nomezinho ridículo...

Rune lembrou. O macho era alto. Fêmeas o achariam atraente. Mais do que atraente.

Se Josephine estava apaixonada por outro, então tudo o que fizera na cama de Rune fora um estratagema para voltar para o outro.

Rune cerrou os dentes. Ela havia se oferecido para fazer *qualquer coisa* se perdesse a aposta por que estava desesperada para voltar para o outro. Pelo que Rune sabia, uma fêmea podia realmente ficar até *mais forte* se entregasse seu coração a outro.

Josephine sabia que não ia perder aquela aposta.

Aquela cadelinha! Pela primeira vez desde que Magh o escolhera, Rune sentiu prazer sem artifícios. Sem usar. Esta noite *ele* foi... usado.

Eu gosto tanto de você, a vampira havia gritado... com uma lágrima escorrendo pelo rosto. Merda nenhuma!

Ela e a Valquíria começaram a rodear uma a outra.

— Tem certeza que quer desafiar uma criatura como eu? — Nix perguntou. — Você é tão jovem e terna. Só tem um quarto de século.

Que porra de quarto de século??? Josephine só tinha vinte e cinco anos?

Ele a levou para a cama. Ele a *devorou* e lhe deu uma fonte de sangue proibido. Por falar em tabus! *Deuses, eu sou doentio!*

— Oh, tenho certeza — Josephine disse à Valquíria.

— Estamos prestes a duelar? Não, não, isto iria requer golpes das duas partes. Mas você não vai.

Josephine arqueou a sobrancelha.

— Só se lembre: você podia ter evitado isto.

— Muito bem — Nix voltou-se ao seu morcego. — Bertil, observe! — A criatura saiu voando.

Josephine possuía admirável força, mas era jovem demais para lutar contra uma Valquíria ancestral. Nix varreria a rua com ela.

Rune devia permitir para punir Josephine por sua traição. Mas ele tinha uma execução a levar a cabo. Posicionou o arco.

— Eu sei! — Nix girou, desviando habilmente. — Você sempre pensou nele como sendo somente seu, pertencesse somente a você.

Josephine riscou para Nix, mas a Valquíria antecipou seu movimento e desviou de novo.

— Eu vou pegar você. E então vou *acabar* com você.

— Josephine, sua coisinha rara e maravilhosa. Você tem tanto potencial não desenvolvido. Você está morta e é morte, tudo em um. Há poucos de sua espécie.

Delírios malucos? Ou verdade parcial? Se Josephine fosse rara com potencial, podia ter mais valor aos Møriør do que Rune suspeitara.

Josephine exclamou.

— Diga o que sabe!

— Você vem de muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito longe. Você se lembra de chamuscas consumindo oceanos. Uma mão segurando a noite. Estrelas partidas e olhos de aranha.

Estas declarações fizeram Josephine empalidecer, cambaleando.

Hora de acabar com isto. O ar estalou de eletricidade quando puxou a corda de seu arco e soltou a flecha. A rápida-e-mortal.

O fim de uma imortal de vida longa.

Relâmpagos caíram do céu. Lanças brancas se entrecruzaram, formando uma gaiola para proteger Nix.

A flecha dele se desintegrou em cinzas.

VINTE E SEIS

Jo rodopiou, surpresa. Uma enorme gaiola de raios havia descido, aprisionando-a com a Valquíria.

Primeiro pensamento: *Me fodi.*

Segundo pensamento: *Foda-se, eu sou Jo.*

Nix não pareceu notar as barras de raios.

— Você conheceu indescritível beleza — seus olhos passaram de dourados a prata brilhante, combinando com os raios. — Em seu caminho para cá, viu coisas que ninguém no universo viu.

— Do que está falando? — A cabeça de Jo subitamente pareceu se partir. Nuvens se espessaram em volta delas. Ventos golpearam o terreno, açoitando os contêineres de metal e agitando o rio. Jatos de água silvavam contra a gaiola de raios.

Aquele morcego guinchou ao mergulhar e brincar por entre os raios.

Jo ignorava toda a loucura, focada na Valquíria que se interpunha entre ela e Thad.

— Você vai me dar respostas, Nix! — Ela riscou para trás da mulher, preparando um golpe. Bem quando Jo se solidificou para dar um golpe, Nix rodopiou desferindo seu próprio golpe, atingindo o peito de Jo.

Ossos partiram, o corpo de Jo voou para cima, o calor dos raios entrecruzados a escaldavam. Seu controle falhou. Caiu completamente corpórea, esborrachando-se no cimento. Pedrinhas do chão atingiram seu rosto.

O grito de um homem foi ouvido à distância.
Rune?

— Não se mexa, criança — disse Nix. — Esta não é minha primeira briga na gaiola. Não vai ser a última.

— Foda-se! — Jo riscou pelo ar para atingir Nix. A Valquíria conseguiu desviar de novo.

— Ninguém te ensinou a lutar como uma imortal — o tom era monótono, o que era ainda mais irritante.

Jo jogou-se adiante, passando por baixo da gingada de Nix...

Só uma finta. O joelho da Valquíria ergueu-se para atingir Jo no rosto. Seu maxilar rachou, ela voou pelo cimento de novo.

Nix gargalhou.

— Trata-se de prever o próximo golpe.

Jo cuspiu sangue atacando, mas Nix era veloz demais. Ela golpeou Jo como um saco de pancadas.

Foco. Velocidade. *Dor*. Jo caiu contra o outro lado da gaiola, de lado. Suas costelas torraram.

Em um instante, Nix pairou sobre ela.

— Fique aí embaixo, garotinha.

Garotinha?

— Ahhh! — Jo ergueu-se, pronta para atacar de novo.

— Você não conhece metade dos seus poderes. Teme um dos maiores. O chão devia ser seu melhor amigo.

Ela se arqueou na direção de Nix, enfrentando-a!

A Valquíria virou-as em pleno ar, jogando-a no chão.

Jo tentou desvanecer. Falhou. A dor roubou ainda mais do seu controle. Lutou para se libertar, mas Nix era rápida demais, forte demais.

Mais raios caíam ao redor delas. Um golpeou atrás de Nix. Sem olhar, a Valquíria o pegou.

A luz quase fritou os olhos de Jo, mas conseguiu ver Nix moldando o raio até um formato de lâmina.

— Por que iria querer se tornar tangível durante uma luta? — A Valquíria perguntou, pressionando aquele calor estalante contra sua garganta.

Jo não conseguia lutar contra a arma escaldante, só podia tentar suportá-la. Pela primeira vez, não era a predadora na noite. Era a presa.

— Por que se tornar corpórea? — Nix empurrou a arma ainda mais, torrando a pele. — Responda.

Ela vai arrancar minha cabeça. Aposto que isto vai me matar.

— É a única forma de golpear.

— Errado. Vou te dar uma dica sobre seus poderes. Sua mente é sua arma mais poderosa. Use-a para golpear, use-a para se defender. Como a mulher daquela vez.

— Que mulher? — Outra memória espocou, a luz do farol...

— *É o fim do mundo!* — *Alguém gritou. O céu caía. Falhava. Estrelas partidas despencavam para suas mortes, tão brilhantes quanto fagulhas de um sílex.*

Jo arrastou-se até a beira de um vórtex, as garras arranhando o chão. Ao seu redor, mais buracos negros silvavam ao se abrirem, uma parede deles, preto sobre preto sobre preto.

Como olhos de uma aranha.

Sem fazer ideia sobre onde aqueles abismos sugadores a levariam — tomando um deles como a única chance de sobrevivência para eles.

Alguma força incansável estava esmagando a dimensão deles. Havia rumores de uma criatura capaz de esmagar reinos usando nada além de seu desejo.

Mas uma mulher pálida com olhos escuros manchados resistia, tentando escorar o mundo — com a delicada mão erguida para emitir poder. —

Não posso falhar.

Dor ergueu-se, jogando Jo de volta ao presente. Nix havia quebrado seu braço!

Ela gritou.

— *Por que?*

— Ah, tenho sua atenção de novo — sorriu Nix. — Não vamos esquecer que ossos quebrados foi ideia sua. Estou somente prestando homenagem.

Jo sentiu-se presa em seu corpo sólido, e também em sua mente. Ela imaginou ouvir Rune berrando de novo.

— Quem é ela... a mulher? Do meu sonho. Onde...?

— Ela desempenhou seu papel, assim como você desempenhará — disse Nix. — Eles acreditam que sabem qual será o meu papel. Eles acham que estou acelerando o apocalipse. Eles acham que *bancar a Nix é destruir*. Eles acham que *Nix* significa *nada*.

Jo gaguejou.

— Q-quem?

— Os Møriør, Aqueles Que Trazem A Destruição. Eles são bichos-papões, os quais você nem sabia que devia temer. Pesadelos tornados realidade. Imagine

alguém ter os ossos pulverizados. Seria provavelmente algo assim...

CRACK. Jo gritou quando Nix quebrou seu outro braço.

— PARE!

— O reino deserto deles se aproxima — a Valquíria continuou, indiferente à dor de Jo. — Dentro do castelo deles... monstros e demônios. Um dragão que poderia incendiar o mundo inteiro. Um pária venenoso que invade suas fantasias secretas. Um demônio malévolo que se ergueu dos infernos. Eles querem nos escravizar a todos — ela riu. — Embora isto soe terrivelmente divertido e excitante, o Destruidor não é. Ele logo terá a todos nós nas palmas de suas mãos.

Nix pairava sobre ela com aquela estalante lâmina de raio, o rosto contorcido, mas ainda bonito.

— Ele diz que mundos são como esferas de vidro. Quando os manipula, deixa sua marca. Às vezes somente a mais leve mancha — sua expressão ficou mais cruel, a voz se ergueu para um guincho. — Outras vezes, ele os extingue-de-volta-ao-pó!

Raios caíam mais rápido. O cimento explodiu, o rio ferveu. A luz ofuscou os olhos de Jo e o vapor a atingiu no rosto.

Nix jogou sua adaga para longe e se inclinou para murmurar no ouvido de Jo.

— Cada um deles tem habilidades fabulosas. Juntos atingem sincronia. Em batalha, se interconectados, eles vencerão. Mas se não podemos derrotá-los, ao menos podemos apaziguá-los.

— Não e-entendo.

A Valquíria sussurrou.

— Se quer ver Thaddeus vivo, investigue Orion.

— Não sei nem... quem é este.

— E ainda assim, ele impactará sua vida de tantas formas. — CRACK.

O fêmur esquerdo de Jo.

— AHHHHHHH! P-pare! Por quê?

— Às vezes é preciso ser cruel para ser gentil.

— Você é... louca!

— Chega, chega — com olhos inexpressivos, Nix acariciou seu rosto, suas garras afiadas como lâminas rasgando as bochechas de Jo. — Shhh. Quero que nós duas sejamos amigas.

Jo não podia lutar com membros quebrados.

— E-eu aceito — *farei qualquer coisa.*

Nix pressionou o dedo indicador sobre os próprios lábios. Com a outra mão, a Valquíria agarrou o pescoço de Jo e torceu.

Pontos negros toldaram sua visão enquanto encarava os olhos deste monstro. A consciência se esvaiu.

Delirante. À beira da morte.

Quem salvaria Thad daquela Valquíria?

VINTE E SETE

Não consigo chegar a ela. Não restou nenhuma flecha...

Quando todas as tentativas de atirar para dentro da gaiola falharam, Rune havia atacado os raios com

as próprias mãos, agarrando as barras deles até suas mãos torrarem.

A luz queimava suas córneas. Fechou os olhos, desejando que se regenerassem rapidamente. Incapaz de enxergar, só podia lutar, queimar e *ouvir*.

O estalar dos ossos de Josephine. Seu fôlego estrangulado.

Ele rugia de fúria, golpeando os raios com ainda mais força. Nix provavelmente o veria. Ela começaria a tiquetaquear seu futuro, diminuindo suas chances de uma tocaia bem sucedida.

Rune não dava a mínima. Para alcançar Josephine, golpeou por uma brecha na gaiola...

Os raios começaram a se dissipar.

Ele passou as mangas da camisa sobre os olhos, piscando repetidamente para recuperar a visão. À distância, Nix havia se desvanecido e Josephine jazia imóvel no chão.

Ele riscou até ela. O dano era ainda pior do que pensara. Caiu de joelhos ao lado de seu corpo machucado.

Ossos despedaçados, crânio rachado. Pele cheia de bolhas e queimada.

Ele sofrera suficientes ferimentos internos para reconhecê-los nesta pequena fêmea. Seus órgãos sangravam por dentro. Com uma maldição, levantou-a. A cabeça rolou de forma não natural. Nix havia quebrado o pescoço dela.

Ele gritou para a noite.

— Eu vou te matar, sua Valquíria fodida! — Riscou Josephine até Tortua, para sua cama. Rasgou suas roupas, piscando diante do que revelava.

Se ela era realmente tão jovem — e não havia ainda passado pela sua transformação para imortalidade total...

A vampira podia morrer. *Tão brutalmente quanto minha mãe.*

Ele cortou o pulso em busca de sangue, gotejando-o entre seus lábios pálidos. Ela não acordou e não engoliu. Ele precisava de um curandeiro. Como encontrar um? Imortais raramente precisavam deles! Tudo o que precisavam era descansar e esperar até que o corpo regenerasse.

As orelhas de Rune se contorceram. Seu coração disparou conforme as batidas do coração dela diminuíram. Ela podia perecer antes que ele voltasse com ajuda. *Pense, Rune!*

Teoricamente, ele possuía magia suficiente para curá-la, mas precisaria de uma combinação rúnica para acessá-las, um feitiço de símbolos. Será que seria capaz de se lembrar da ordem precisa e formato das runas?

Ele utilizara feitiços curativos para se regenerar rapidamente após um cliente particularmente violento no bordel, mas aquilo fora há milhares de anos.

Vasculhando seu cérebro, tirou sangue negro de seu pulso. Encostou o indicador no peito dela e desejou que sua mente se lembrasse.

Jo acordou, piscando ao investigar seus arredores com o corpo em agonia.

Estava na casa de Rune? Ele estava lá no rio! Deve tê-la salvado da Valquíria.

Jo ergueu a mão até a cabeça se encolhendo. Tontura fez a cama parecer ondular. Ela ousou olhar para baixo. Bandagens a cobriam inteira. Incrições estranhas podiam ser vistas através das bordas.

Ela tentou compreender, mas a cabeça parecia cheia de algodão, ainda que ao mesmo tempo ecoasse. Quanto mais olhava para as bandagens, mais a visão borrava. Logo começou a ver dobrado.

Dois Runes apareceram ao lado da cama. Os dois rostos pareciam exaustos.

— Está acordada — ele sentou-se ao seu lado e rolou a manga para cima. — Deve beber — disse ele, mas seus modos pareciam frios.

Por quê? Ele agora sabia que ela não era aliada de Nix.

— Como me encontrou?

— Eu nunca te *perdi*. Eu te deixei ir só para te seguir quando voltasse para a Valquíria.

— Você me usou como isca?

— Como se não tivesse feito o mesmo — disse ele, com o tom de voz cada vez mais frio. — Parece que você é boa demais em usar os outros.

— Do que está falando?

— Esqueça. Precisa se alimentar de novo — ofereceu o pulso.

A dor engatilhou sua náusea.

— Não consigo. Ainda não.

Ele deu de ombros.

— Você está a caminho de uma recuperação total, regenerando-se sozinha — ele hesitou, então disse.

— Devia ter me dito que não conhecia Nix.

Ela não conseguia decifrar sua expressão.

— Isso teria importado?

— Claro que sim. O que ela quis dizer quando te chamou de rara?

— Não faço ideia — murmurou Jo. — Você fez os curativos?

— Sim. E finalmente consegui fazê-la beber de mim nos últimos dois dias.

Ela se alimentara e nem mesmo se lembrava?
Espere...

— Dois dias? — Ela precisava voltar para Thad... ele ainda estava sob poder daquela mulher! — Fiquei apagada tanto tempo assim? — ela se sentou e a sala girou. Toda a dor em seu corpo aumentou. Em resposta sua mente ficou mais enevoada. Ela voltou a cair de costas.

— Você teve um traumatismo craniano, entre outras coisas. É cedo demais para levantar.

— Oh — recuperar-se de tiros na cara havia sido fácil se comparado a isto.

— Vou levar muito mais tempo para assassinar a oráculo agora que estará atenta a cada movimento meu. E pelo que ela falou, já tem estado atenta aos seus.

— Acho que sim — o cérebro enevado de Jo não conseguia lembrar as coisas que Nix dissera, só os golpes que desferira.

Ele estendeu a mão para Jo, alisando a beirada de um curativo de linho. Sem erguer os olhos, disse.

— O macho sobre quem estavam brigando. Thaddeus.. Você pensou que eu estava mirando nele aquela noite.

Ela concordou com a cabeça, então fez uma careta diante do grande estalo em seu pescoço. Ondas de tontura a engolfaram. A vontade de vomitar cresceu.

— Você me atacou com todo seu poder para protegê-lo. Deve se importar muito com ele.

Confusão.

— É claro que sim.

Rune se levantou, começando a perambular.

— Quem é ele? O que é ele?

Ela tentou seguir seus movimentos, mas o esforço era demais. *O que é Thad?* Ela não sabia. Será que ele era como Jo?

Thad era bom.

— Ele é o melhor cara que eu conheço — sua voz soava cada vez mais distante.

— Na nossa aposta, você conseguiu resistir a mim porque queria voltar para ele.

— Uh-huh.

— Não vai me dizer de que espécie ele é? Então o que ele significa para você?

Tudo.

— Eu morreria por ele — as palavras soaram arrastadas.

Os olhos de Rune dardejaram, negros.

— Você o ama?

— Queeee? — pergunta idiota. — Mais do que tudo.

Rune afundou novamente na lateral da cama. Tão abruptamente quanto, levantou-se. Enfiou a mão no bolso, rolou algo várias vezes entre os dedos. O talismã?

— Você o ama tanto e mesmo assim bebeu de mim? Então me ofereceu seu corpo naquela noite? Como ele se sentiria ao saber que você se refestelou em meu sangue proibido?

O que aquilo tinha a ver?

— Você não entenderia.

Quando ela voltou a adormecer, ele murmurou.

— Eu entendo que o demônio em mim exige a parte dele. Estou de saída para um harém de ninfas.

VINTE E OITO

A cabeça de Rune latejava, os ouvidos zumbiam.

Josephine o havia usado, suspirando seu nome e gozando na sua língua. Ela lhe dera seu primeiro beijo verdadeiro. Mas suas reações eram fingidas, só para que pudesse voltar para aquele a quem verdadeiramente amava.

Amava. Ela havia entregado seu coração. As fêmeas do Lore não faziam isto de forma leviana. *E eu estava realmente preocupado com a possibilidade dela se apegar a mim?*

Na noite em que ela lhe dera o fora, vestia-se como uma devoradora de homens — por que sabia que veria Thad. O corpo onde Rune havia se perdido pertencia a outro cara.

Ele pressionou as têmporas. Planejara procurar o bando das três ninfas, mas não conseguia se forçar a partir. Sua dor de cabeça piorou, e uma agressão nada familiar, ardente, preencheu-o. Maldição, aquela noite com ela significara algo para ele.

Fôlegos compartilhados, descobertas, quebra de barreiras. Foi diferente, foi mais. Quanto daquilo foi real para ela?

Ele é quem usava. Artifícios eram a especialidade dele. Cerrou os dentes, perambulando pelo quarto. Ansiava por sexo raivoso, uma verdadeira foda de ódio. Queria machucar Josephine. Precisava.

Podia voltar a Nova Orleans e acabar com o macho. De sua aljava onipresente, Rune puxou uma flecha cinzenta. Era chamada de "a apagadora". Um tiro no peito com esta e restariam pedaços demais para serem encontrados.

O demônio dentro dele suspirou, Faça isto. E depois vai mijar em cima do túmulo da sua mãe.

O fey dentro dele disse, Ela é jovem demais para saber o que é o amor. Ela é jovem demais para você! Pense a respeito disto e se acalme.

Ela pode ter um homem, mas Rune a manteria longe dele. Não podia permitir um risco de segurança como ela sair dali livre...

Um dos símbolos em seu braço começou a brilhar e formigar. Um alerta. Alguém invadiu seu perímetro interno. *Um intruso em meu santuário.*

Ele imaginou Josephine — pequena e indefesa em sua cama. O demônio nele o comandou a *proteger*. Presas expostas, ele tirou seu arco, então riscou para o observatório. Seu esgar se aprofundou. Ele tinha um *convidado*.

Sian estava bebendo de um cantil observando uma orgia, seu costumeiro machado de guerra embainhado na lateral de seu corpo.

A guisa de cumprimento, Rune disse.

— Como achou este lugar? E como riscou por entre minha segurança? — Ele voltou a colocar o arco no ombro.

Sian pigarreou.

— Você manteve oculto seu conhecimento sobre este local, mas quando li sua mente descobri o bastante — o rosto marcante estampava fadiga, os intensos olhos verdes estavam injetados.

Quanto tempo levaria até a aparência dele começar a mudar? Com a morte de seu gêmeo, Sian

se tornara o Rei de Pandemônia e de todo o Inferno — o que significava que se transformaria de um dos machos mais perfeitos nos mundos em seu próprio estado monstruoso.

Sian ofereceu seu cantil.

— Cerveja? — a bebida favorita dos demônios.

Rune achava o gosto ruim, mas quando garoto bebia só para ter mais em comum com os outros demônios. O hábito havia se arraigado. De seu bolso, retirou seu próprio cantil.

Ergueu-o e deu um gole generoso.

— O que está fazendo aqui? — Será que Sian captaria o cheiro de Josephine nele? Como Rune explicaria que carregava o cheiro de *somente uma* fêmea? — Podia ter me contatado — sua tatuagem do pulso estava escura. — Agora não é uma boa hora.

— Você deve ter mil ninfas à sua espera.

Rune corrigiu-o.

— Mil e uma. Logo — ele já estava na seca há duas noites velando a recuperação de uma fêmea que não o queria. Duas noites de abstinência! *Era por isto que*

ele estava em conflito. Rune não era o único. — Você está um inferno, demônio.

— Logo isto vai ser verdade literal — Sian disse em um tom amargo. — Agora sou o rei de lá e devo fazer jus ao papel.

Rune se solidarizava com Sian. Odiava ter de se transformar, já fora alterado tantas vezes durante a vida que se recusava a voltar a mudar.

— Quanto tempo lhe resta?

Sian não respondeu a isto, seu foco em uma cena quente mais abaixo — uma demônia com três machos dentro de si.

— Deuses, vou sentir falta da atenção de fêmeas desejáveis. Elas ficam me rodeando agora. No futuro me olharão com horror.

Só havia uma cura para um demônio como ele e era tão implausível que Rune tinha pouca esperança pelo amigo.

— Vai ficar parecido com Goürlav? — O gêmeo de Sian foi um gigante com pele verde e estreitos olhos amarelados, considerado repulsivo por todos.

Sian deu um breve meneio com a cabeça.

— Já estou sentindo mudanças diferentes. Serei uma espécie diferente de monstro — ele bebeu de novo. — Perguntei por aí pelo meu irmão, não conseguia entender porque entraria em uma competição por um reino. Já tinha a demonarquia de Pandemônia.

O mundo fonte de todos os demônios.

— Então por que ele o fez?

— Para ganhar uma rainha, uma feiticeira que se voluntariara a ser conquistada — Sian encontrou o olhar de Rune. — Vê? Ele ansiava por uma esposa de boa vontade e não viu outro jeito de ter uma. — Sian deu um longo gole de seu cantil, então abaixou o olhar para ele. — Os espectadores daquela competição o consideravam um monstro quando tudo o que ele queria era companhia. Logo, eu me tornarei o horrível e solitário. Como *ela* se divertiria com isto.

— A garota fey? A de olhos de cores diferentes?

Sian olhou para ele.

— Temos tão poucos segredos entre nós.

— Ela era sua companheira?

— Eu nunca a tomei, então não tenho certeza — respondeu ele. — Mas tive uma sensação forte de que era minha.

— Você disse que ela era traiçoeira.

— Tão traiçoeira quanto adorável — Sian esfregou a cabeça, um gesto frequente... muito eloquente. Um demônio de puro sangue infernal como ele deveria ostentar chifres negros e grossos, mas ele fora mutilado quando jovem demais para se regenerar. Mesmo depois de tanto tempo sentia falta deles. Como membros fantasmas.

Um elemento predatório e defensivo, chifres também eram órgãos sexuais, sensíveis ao toque. Amputá-los devia ser um pesadelo.

— Eu faria tudo pela possibilidade de me vingar — Sian virou o cantil, secando-o, então passou a manga da roupa sobre a boca. — Mas não vamos falar do passado. Vim te chamar para a batalha.

Ainda melhor do que uma visita às ninfas.

— Contra quem?

— A Demonarquia do Gelo. Eles andam fazendo sacrifícios para deuses antigos tentando despertá-los.

Idiotas. Não faziam ideia do que estavam fazendo. Os Møriør que se deparavam com isto, às vezes, eram velhos o bastante para terem encontrado pessoalmente a maioria dos deuses antes de adormecerem. Os demônios do gelo brincavam com poderes mais malignos do que os Møriør poderiam sonhar em se tornar.

Será que Nix manipulava aquela facção como parte de seu exército Vertas? Se fosse isto, ela os manipulava direto para o apocalipse. E ainda culpava os Møriør e Orion?

Poucos sabiam uma verdade fundamental sobre os Møriør: *Aqueles Que Trazem a Destruição não causavam o apocalipse, eles o anunciavam.*

Sian guardou seu cantil vazio e ficou em pé.

— Eu viajei para aquele reino eras atrás. Conheço nosso ponto de encontro.

— Então vamos — Rune agarrou um de seus ombros fortes e o Rei dos Infernos os transportou

para os domínios congelados dos demônios do gelo, aninhado no topo de uma plataforma coberta de neve.

Ventos gélidos sopravam. Uma lua de cera iluminava fileiras de guerreiros abaixo deles que se estendiam até o horizonte.

Darach, Blace e Allixta já estavam na beirada, junto com o parente da bruxa. Os bigodes de Curses estavam congelados e brancos.

Darach parecia prestes a se transformar, seus olhos tão azuis quanto as geleiras que os cercavam.

Blace parecia tão impassível quanto sempre. Ninguém diria que estava para entrar na briga.

Rune olhou de Blace para Darach. Será que um dos dois já cobiçara uma fêmea para distração? Se perguntando se ela poderia ser sua companheira?

Algum deles já teria sido usado por alguém a quem desejavam?

— Oh, é o sangue ruim — Allixta disse enquanto lutava para manter o chapéu na cabeça por causa do vento. — O assassino que não consegue matar uma mísera Valq... — ela se interrompeu quando Rune

encostou uma flecha nos lábios, os olhos estreitados em ameaça.

Silêncio, bruxa, ou morra esta noite. Ele bem podia estar louco o bastante para fazer isto.

Embora a mão dela brilhasse com magia defensiva, virou para se afastar do desafio dele. Garota esperta.

Blace lhes disse.

— Nós não sabemos quem pode estar ouvindo nestes penhascos rochosos. Comuniquem-se em silêncio — eles frequentemente se comunicavam telepaticamente na presença de outros. — *A Valquíria te enganou, Rune?*

— *Por pouco tempo, vampiro. Tenho tudo sob controle...*

Blace arqueou a sobrancelha.

— *Então por que está tão perturbado?*

Teria o vampiro reconhecido com tanta facilidade por raramente sentir isto?

— *Se estou, é por pouco tempo* — Rune celebraria sua vitória com um bando inteiro de ninfas.

Blace puxou sua espada, então se virou para Sian.

— *Você não tem nenhuma restrição em matar alguém de sua espécie?* — Estaria o vampiro amolecendo com o tempo?

Sian aprontou seu machado de guerra.

— *Os Møriør são minha espécie...*

Exatamente o que Rune pensava! Sian sabia onde depunha sua lealdade. Por que Rune permitiu que Josephine vivesse depois de tomar seu sangue?

Porque ela me torna fraco. Arriscava sua posição entre os Møriør por uma fêmea que nem mesmo o queria.

Sua aliança significava tudo. Rune focava seu olhar nos batalhões de demônios guerreiros logo abaixo. Cada um daqueles machos estava determinado a derrotar os irmãos de Rune. Em roubar a vitória de suas mãos.

Roubar o triunfo que tenho desfrutado desde que me juntei aos Møriør.

Allixta perguntou.

— Foi oferecido a eles uma chance de se renderem?

— Nós sempre lhes damos esta escolha — Sian girou o machado. — Vamos acabar com isto.

Rune anuiu.

— Boa luta, *Møriør* — enquanto esperava Blace, Darach e Sian atacar, os pensamentos de Rune se voltaram para uma memória de muito tempo atrás.

Estava treinando no campo de treinamento em Perdishian, ficando cada vez mais frustrado. À distância, Kolossos, um dos primeiros a se juntar a Orion, estava dando uns saltos, então o chão — e o alvo de Rune — se mexiam.

Orion havia aparecido ao lado de Rune.

— Como está indo, arqueiro?

— Não entendo porque não posso usar uma espada e deixar este arco para outro — ele apontou uma flecha para Blace, treinando com Sian. — O vampiro está me ensinando.

Se Rune dominasse os movimentos com a espada, então poderia lutar com seu meio irmão Saetthan de igual para igual. Saetthan carregava a espada de seus

ancestrais, uma arma passada de geração a geração. O metal ancestral fora forjado nos fogos de um mundo que nascia: Titania, o segundo dos três grandes reinos fey.

Saetthan tinha muito orgulho daquela arma. Mas também, ele sempre adorara esfregar na cara de Rune qualquer coisa que houvesse herdado como herdeiro legítimo de Sylvan.

Orion dissera:

— Acha que poderia se equiparar aos talentos de Blace? Se tornar nosso espadachim?

Rune tinha potencial. Mas jamais poderia ser melhor do que Blace.

Naquele momento, Uthyr aparecera acima deles soltando um jorro de chamas. O dragão gigantesco voara por entre as chamas, aquecendo e limpando suas escamas. Mais um Møriør fantasticamente poderoso.

Orion olhara para cima com seus olhos insondáveis, pensativo.

— Porque não tentar respirar fogo?

Rune fizera uma careta. Ainda se sentia como se não pertencesse àquele lugar. Blace era o vampiro mais antigo, cheio da sabedoria de eras. Sian era o príncipe do inferno, filho do primeiro demônio e um Møriør de segunda geração, após a morte de seu pai.

Rune? Um assassino das sombras e prostituto.

— Do mesmo jeito que os Møriør são membros de uma única entidade, aquele arco deve se tornar parte de você — afastando-se, Orion dissera: — Remova as faixas de couro das mãos.

Suas luvas de arqueiro? Rune dissera.

— As pontas de meus dedos ficarão despedaçadas.

Sem se virar, Orion havia falado em sua mente. *Você quer se tornar o Arqueiro sem dor?*

Rune despertou de sua memória quando Sian deu um rugido feroz.

A batalha começou.

Sian e Blace começaram a investir através das fileiras daquele exército com pouca resistência. Rune perdera flechas estratégicas para cobrir os dois, embora eles não parecessem precisar de ajuda. Da

floresta de gelo atrás deles, Darach urrou, focado na trilha de alguma coisa.

Em quinze minutos, a vitória estava próxima.

— *Atire com a morte-dos-ossos, Rune!* — Blace ordenou. — *Flanco esquerdo...*

Rune pegou uma flecha branca de sua aljava.

Allixta cautelosamente disse.

— *Você configurou aquela magia para tornar os Møriør imunes?* — ela preocupava-se com razão.

— *Logo vai descobrir* — Rune esticou seu arco ao máximo mirando em um seixo no campo cheio de pedras abaixo. Ajustou a mira pelo vento, orientando a direção com as pontas sensíveis de suas orelhas.

Silenciosamente disparou a flecha.

Ela cortou o ar. Ao atingir a pedra, a rocha congelada explodiu.

Ondas de calor e pressão se expandiram do alvo abrasando a neve, atingindo os demônios mais próximos, então varrendo muitos quilômetros.

Ao redor de Sian e Blace, demônios caíram de joelhos com gritos de angústia enquanto seus corpos

se partiam. Logo seus ossos viraram poeira e eles se contorceram no chão. Ninguém se regeneraria, cada um deles se tornaria um fardo imortal ao que restara de seu povo.

A batalha acabara. O *esmaga-ossos* sempre assegurava uma vitória decisiva e ruidosa.

Observar seus inimigos se contorcerem indefesos deixava Rune ainda mais perturbado! Entendia por que isto precisava ser feito, a demonstração de força acovardaria os inimigos e evitaria conflitos futuros. Além disto, se os Møriør não prevalecessem, todos esses demônios morreriam de qualquer jeito.

Mas ele não apreciava isto.

Nix descrevera os Møriør como o puro mal, uma aliança de monstros e demônios. Aquela Valquíria maliciosa havia há um longo tempo se aliado aos fey, teria ela chamado a exteriormente bela Magh de monstra?

Sian e Blace riscaram da devastação e voltaram a se juntar a eles com rostos graves. Ninguém comemoraria isto como uma vitória.

Rune pendurou seu arco.

— Eu me pergunto por que Orion simplesmente não destruiu esta dimensão com a palma de suas mãos...

Santos Deuses, Rune havia mesmo dito aquilo para os outros?

Aparentemente. Orion se materializou naquele momento, seu olhar sinistro pousado em Rune. Esta noite o Destruidor se parecia com um demônio, um horrendo como o gêmeo de Sian, Goürlav, fora. Com mais de três metros e meio, Orion tinha pele escamosa, duas fileiras de chifres e presas gotejantes. Mas seus frios olhos pretos continuavam os mesmos.

— Esta demonarquia tem valor estratégico e está cheia de recursos. Mais alguma dúvida, arqueiro?

Fingindo indiferença, Rune deu de ombros.

— Nenhuma, meu soberano. Se estou dispensado do meu dever aqui, vou embora.

— Tudo bem — Orion disse, sua expressão demoníaca não revelava nada.

Rune sentia-se tentado a voltar para Josephine, mas não podia prever seu comportamento. Sua caça

por Nix não recomeçaria até a noite cair em Nova Orleans. Só restava uma coisa a fazer.

Ele riscou até Dryads, seu bando favorito de ninfas. Elas viviam em árvores ocas tão grandes quanto um prédio de apartamentos. Cada ninfa tinha seus próprios aposentos, seu "ninho". Elas se espalhavam por entre os galhos da árvore. A área de convivência central era um bar na base do tronco.

Quando apareceu lá dentro, as ninfas festejaram sua chegada. Todas estavam de topless, os corpos voluptuosos pintados com formas de folhas. Adornavam-se com joias âmbar.

Os outros machos presentes fizeram caretas, sabendo que Rune acabara de furar fila.

— Bem, olá, pombinhas — lançou às ninfas seu sorriso mais selvagem. Elas se amontoaram em volta dele, bajulando-o, torcendo para serem escolhidas.

Era isto que precisava! Ele já transara com a maioria delas, o que significava que estavam ansiosas por um repeteco.

Mas Josephine havia acordado após passar a noite com ele com somente uma pergunta nos lábios: *Vai mesmo me deixar partir?*

Aqui ele era o primeiro escolhido, o melhor para qualquer fêmea desfrutar. Aqui ele só tinha uma preocupação: decidir quais ninfas ele honraria com seu pau.

Segunda opção? Não entre estas beldades.

VINTE E NOVE

— Rune? — Jo chamou ao acordar sozinha na cama. Ela mexeu o corpo, movendo braços e pernas.

Estava totalmente curada! Hora de voltar para Nova Orleans.

Mas Rune não respondeu. Ergueu-se olhando para suas muitas bandagens. Ele cuidara dela. Então onde estava?

Ela verificou os outros quartos que ele lhe mostrara. Nem sinal dele. Vagamente se lembrava de ter conversado com ele enquanto sentia muito dor, mas não se lembrava do que falaram.

Até que ele retornasse, estava presa em casa de novo. O que significava que Thad continuava desprotegido sob o controle de uma cadela maldosa. Jo estremeceu ao se lembrar de Nix quebrando seus ossos como galhos secos.

A Valquíria queria que ela espionasse um cara chamado Orion e relatasse suas descobertas. Nix disse que ele impactaria sua vida de muitas maneiras. O que podia ser verdade, mas Jo não fazia ideia de quem era.

Lutando para tirar sentido daquela briga, dirigiu-se até o banheiro. Ao desenrolar as camadas de ataduras e bandagens, mais detalhes invadiram sua consciência. Rune a usou como isca para chegar até Nix! Mas também a salvou no fim. Por que outra razão a Valquíria teria parado antes de assassiná-la?

Ele berrara enquanto Nix a torturava... como que desesperado por salvar Jo. Como se ele se importasse muito com ela.

Nua, olhou para o próprio corpo. Estava coberto de runas pretas. Ele havia meticulosamente inscrito formas rúnicas com o próprio sangue.

Aquele vinho delicioso.

Ela traçou a ponta dos dedos sobre cada uma delas amando as marcas dele sobre sua pele. Teria se curado sozinha em alguns dias, mas ele não sabia disto. Ela se lembrou do pânico dele e do temor expresso em sua voz.

O fey sombrio estava começando a sentir algo mais por ela!

Depois da noite juntos, os próprios sentimentos de Jo podiam ter se aprofundado a algo mais do que paixonite. Seus sonhos com o passado dele a afetaram também. Vê-lo tão vulnerável e jovem, ainda que pretensioso, a sensibilizou. O amor que sentira pela mãe a havia amolecido.

Ela foi invadida pela decepção quando ele a riscara para o bairro e dissera para correr pra casa para sua cama.

Huh. Aquilo foi só parte da estratégia dele.

Na espaçosa área do chuveiro, pressionou alguns azulejos e a água morna começou a cascadear do teto. Estava relutante em apagar os símbolos dele, mas precisava lavar as teias de aranha da sua cabeça.

Entrou debaixo d'água olhando para o ralo. O sangue lavado de sua pele tingia a água como tinta e agilizava seu apetite. Quando Rune voltasse lhe daria mais sangue? Quase gemeu ao pensar nisto.

Ela poderia confiar nele o suficiente para revelar a proposta da Nix? Talvez ele e Jo pudessem trabalhar juntos em seu problema mútuo, a Valquíria.

Depois do banho, Jo andou de roupão até um closet para surrupiar uma camiseta. As roupas dele estavam amarfanhadas e emboladas, muitas delas rasgadas e furadas. Amava esse jeito meio desleixado.

Conquistador com um grande e balouçante pau? Oh, yeah.

Mas não precisava ficar matutando sobre um jogador como ele. Nada importava mais do que salvar Thad de Nix. Enquanto se vestia Jo repassava cada palavra da maluca. Algumas coisas faziam mais sentido do que outras.

O chão devia ser seu melhor amigo... Por que iria querer se tornar tangível durante uma luta?... Sua mente é sua maior arma. Use-a para atacar, use-a para se defender...

Nix estaria dando a Jo dicas para ajudá-la com sua missão espiã? Jo estava receosa de acreditar na Valquíria ainda que tivesse a sensação de que Nix falara a verdade. Ótimo. Agora tudo o que Jo tinha a fazer era descobrir como usar a mente para golpear.

A Valquíria havia também mencionado uma mulher. Será que Nix se referia àquela no pesadelo do despertar de Jo, a que emitia poderes para escorar o céu?

Embora Jo não fosse uma pessoa crédula (eufemismo), talvez devesse revelar a Rune tudo o que aprendera e se lembrara. Maldição, onde ele estava?

Outra memória a atingiu. Um pouco antes de desmaiar, ele dissera que estava saindo... para se servir de um harém de ninfas!

Seus olhos se arregalaram.

— Puto! — Ele estava na cama com outra fêmea naquele exato momento. Ou *fêmeas*, no plural. Aparentemente, Rune *não* estava começando a ter sentimentos por ela.

Aquele gigantesco canalha.

Qual era a dele com as ninfas? Cerrou os punhos e as luzes piscaram. Móveis começaram a vibrar.

Ela ofegou. Aquilo não acontecia desde o dia no necrotério. Já tinha quase esquecido.

Ela havia acabado de mover os móveis com a mente? Só tinha um jeito de saber. Voltou para o museu dele cheio de relíquias preciosas. As relíquias de valor *incalculáveis* dele. Que lugar melhor para testar um poder desconhecido?

Mirou um vaso do outro lado da sala. Inalou, exalou, então se imaginou erguendo-o...

O vaso bamboleou!

Putá merda, ela *era* telecinética! Mais claramente viu aquela visão de um mundo sendo destruído e a mulher de olhos escuros — ela usara a mão para controlar a telecinese.

Jo apontou a palma da mão para o vaso e tentou erguê-lo. A coisa se espatifou. *Oh-oh. Espero que ele não goste muito daquele.* Virou-se para outra antiguidade, uma caixa de aparência delicada sobre um pedestal de mármore.

Baixar algo telecineticamente devia ser mais fácil do que erguer. Ela se concentrou em endireitar a caixa e ondulou a mão para baixo. A caixa — e o pedestal — se espatifaram.

Incrível!

Mas não estava conseguindo um feixe concentrado como o da mulher. Jo precisava praticar mais. A coleção de Rune ia dar uma excelente galeria de tiro.

Virou-se para um busto de tamanho médio de algum homem que provavelmente escrevera livros que Jo não conseguia ler. *Cuzão*.

BOOM! Ela riu enquanto pedaços de mármore voavam pelo quarto. Okay, não concentrado, mas destruição generalizada e irrestrita era mais a cara de Jo.

Então veio o verdadeiro teste. Seria capaz de emitir sua telecinese enquanto em forma fantasmal?

Ela se desmaterializou. Flutuou como uma partícula de nada e olhou de um tesouro para outro. Em qual praticar? Ele dissera que aquilo eram prêmios de guerra, mas apostava que alguns eram presentinhos da mulheres que ele comera.

Quando Jo o imaginou na cama com belas ninfas — olhando para elas com aqueles sedutores olhos — uma onda de poder explodiu em sua mente.

O som da destruição soou em seus ouvidos. *Quebrando, rasgando, despedaçando.* Quando a poeira abaixou, ela piscou em descrença. Tinha destruído tudo o que havia no quarto.

Destruição completa e irrestrita.

Ele tinha orgulho demais daquela casa, ficaria furioso quando visse o dano. A Senhora das Sombras olhou ao redor com um olhar perspicaz.

Vou destruir tudo em pedaços. Hora da vingança por partir seu coração.

Ela se virou para o próximo quarto para *praticar* um pouco mais. Já era uma assassina antes. Com estes novos talentos, seria invencível.

Ela franziu o cenho. Nix insinuara que Thad era como Jo. Se fosse isso, como ele estaria lidando com mudanças como estas?

Com a ajuda da Valquíria?

Jo foi forçada a deixar a Sra.B criar Thad, maldita fosse ela se Nix fosse assumir daqui por diante.

Mudança de planos, Nix. Jo iria definitivamente ter acesso a Thad, mas não do jeito que a Valquíria havia previsto. Jo não ia espionar mais ninguém, ao invés disto, faria o que fazia de melhor.

Antes de Rune ter outra chance com Nix...

Eu vou matá-la.

TRINTA

O rosto de Rune estava enterrado entre o par de seios mais belos do Lore, suas mãos cheias deles e estava beijando uma trilha até um mamilo enrijecido.

Justamente o que precisava.

Suas calças (que logo seriam rasgadas) eram a única coisa que o impediam de meter em sua parceira, Dalliance.

A palavra foi derivada dela, a epítome de brincadeira amorosa. Ela era há milênios. Tinha cabelos longos e pretos, olhos grandes e cinzentos, e

um corpo que homens já tinham realmente matado para possuir.

Ela arqueou as costas toda pronta, os dedos se emaranhando nos cabelos dele. Os lábios dele estavam fechados ao redor de um mamilo, mas os dentes não tilintaram um piercing. Nenhum metal morno provocou sua língua.

Frequentemente imitada, jamais duplicada.

Concentre-se no que está fazendo! Sabia do que ela gostava, podia satisfazê-la até dormindo. Os dois tinham uma história juntos, compartilharam clientes e protetores, fodendo para entretenimento de outros em espetáculos exclusivos.

De vez em quando, eles se encontravam em nome dos velhos tempos. Ele a selecionara hoje, ao invés de um bando inteiro só pra si.

A diferença entre ele e Dalli? Ela escolhera seu ramo de atuação desde o início.

Na noite em que Magh o vendera para um bordel, ele havia acabado de ver o túmulo de sua mãe e estava devastado por ter descoberto seu destino.

Então descobrira sobre o seu.

— Já faz tanto tempo que você é um prostituto, achei que devíamos oficializar tudo — Magh dissera. — Aqui você irá satisfazer os clientes, bastardo. Ou morrerá. No final de cada noite, um guarda irá erguer uma espada sobre seu pescoço. Se tiver sido um bom prostituto ele poupará sua vida. A primeira reclamação que ele receber será sua última. É melhor se apressar. O amanhecer se aproxima e ninguém em sua fila parece... satisfeito.

A criatura no início da fila era horrenda, ainda assim sabia que de alguma forma tinha de satisfazê-la, engolir seu desgosto e ignorar a ira escaldante que sentia a respeito da morte da mãe.

Satisfaça ou morra. Nos anos vindouros, muitos de seus clientes não se "satisfaziam" com nada menos do que seu corpo espancado e ensanguentado.

Concentre-se. Logo Dalli notaria a distração dele. Voltou seus pensamentos à vampira para manter-se duro.

Sua mente vagou de uma imagem a outra. Os dentinhos dela. Suas curvas incomparáveis que pareciam feitas somente para ele. Seu rosto etéreo

quando estava a ponto de gozar. Os faiscantes olhos castanhos quando sorria.

Ele a fizera sorrir. Ela sorrira na cama com ele. Ela havia *agradecido*.

Não! A vampira amava outro. Tudo foi fingimento. Tudo sobre a noite deles juntos foi falso.

Dalli pigarreou e sentou-se.

— Chamei seu nome duas vezes. Mas você não está nem aqui, está? — Ele não negou. — Eu sempre consigo perceber quando seu pensamento vagueia... seus olhos ficam vidrados — ela sabia mais sobre seus primeiros séculos do que qualquer outro ser que ainda vivesse. Só ela sabia que ele tinha medo de ter se tornado tão amortecido que jamais se sentiria vivo de novo.

— Qual o problema, Dalli? Meu pau está duro o bastante.

— Por favor. Eu já o vi endurecer por um demônio de pus.

Ele recuou e se sentou na beirada da cama com a cabeça entre as mãos.

— Tenho coisas demais na cabeça — levantou e começou a perambular de pés descalços silenciosos sobre o tapete do quarto dela.

Ela recompôs o roupão.

— Pode me dizer o que há de errado?

— Não importa — talvez em algum nível ele suspeitasse que não estivesse no clima. Talvez tenha escolhido Dalli por que precisava mais de uma amiga do que de uma trepada.

— Claramente importa — raios de luz do sol se infiltraram pela janela, destacando os cinzentos olhos dela. — Não vai confiar em mim?

Ele negou com a cabeça. Como seria possível explicar uma criatura como Josephine?

— Não pergunto aonde você vai quando não está aqui — disse Dalli. — Não pergunto o que faz com sua vida ou que planos tem para o futuro — ela sabia que ele era um mestre dos segredos em uma aliança nebulosa, mas não lhe dera nenhum outro detalhe.

— E é por isto que ainda somos amigos.

Como se não houvesse dito nada, ela continuou.

— Eu jamais fiz estas perguntas por que podia ver por mim mesma que você não estava *completamente* miserável com sua vida.

Ele parou de perambular.

— Como assim?

Dalli se levantou, caminhando até o vinho para servir doses aos dois.

— Alguém da sua idade sem uma companheira? Sem descendência? Fica escrito na alma.

— Falando por experiência própria? — Ela tinha quase a idade dele, a ninfa mais velha que ele conhecia.

— Hoje estamos falando de você. E como agora está total e *completamente* miserável.

Ele fez uma careta.

— Eu só quero transar. É por isto que estou aqui.

— Ahã. Deve se tratar de uma fêmea.

— Por que diz isto?

Ela estendeu uma bebida, então se sentou com a sua nas mãos.

— Não me faça de boba — sentada, ela o chamou para perto dela. — Estou no jogo do desejo há muito, muito tempo.

Ele passou os dedos pelos cabelos.

— Há uma garota. Ela mexeu comigo.

— É melhor trazer a garrafa.

Boa ideia. Ele a pegou e juntou-se a ela, pousando-a na mesinha de apoio âmbar. Afundou-se ao lado de Dalli.

— Só a conheço há quatro dias — dos milhões que já vivera. — Comparado à minha vida, isto é um piscar de olhos. — Na vida de Dalli também.

— Você acha que esta garota pode ser a sua predestinada?

Talvez? Não. Não!

— Eu jamais terei uma companheira. Não espero uma fêmea destinada para mim.

— Por causa de seu veneno? Eu sei o quanto o odeia.

Eu odeio demais. Mas por um tempo, seu ódio amainou — por que Josephine se nutriu ao se

alimentar dele. Era faminta por seu sangue. Mas não queria ser dependente de uma vampira só por que ela podia tolerar seu sangue odiado.

Ele não queria querer alguém que amava outro.

Mesmo se Josephine escolhesse Rune, que tipo de futuro teriam? Ele jamais seria exclusivo com ela, não conseguia se imaginar passando os próximos muitos milênios na cama com uma única fêmea.

Especialmente quando seu valor para os Møriør dependia dele dormir com outras.

Ele esvaziou sua taça e a colocou de lado. *Esqueça a vampira.*

— Vamos acabar com isso — esfregou a palma da mão sobre o pau até ficar duro o bastante. — Importa para você se estou concentrado ou não? Eu vou te fazer gozar. Sempre faço.

— Tem certeza?

Eu quero estar dentro de Josephine. Dentro do calor aveludado que acariciou com a língua. Quero ver a reação dela quando eu penetrá-la pela primeira vez.

— Cem por cento de certeza.

Dalli mordiscou o lábio.

— É melhor começar a falar. Qual o nome dela? Quero saber tudo sobre ela.

Ele exalou, resignado.

— Muito bem. O nome dela é Josephine — ele serviu outra dose generosa para ambos.

— E o que ela tem? — Dalli perguntou, excitada ao máximo. — Por que é diferente de todas as outras?

Como colocar em palavras o que ele estava sentindo?

— Ela é uma contradição ambulante. Ela é poderosa, mas jovem. Parece cansada do mundo às vezes, mas novamente, é jovem pra cacete. Ela é insanamente fechada, e ainda assim, sincera a ponto da grosseria. — Ele se lembrou dela dizendo "Você. Eu *gosto*. Gosto tanto de você." Como podia ser tão convincente durante a excitação?

— Quando diz jovem...?

Ele hesitou, então admitiu.

— Um quarto de século.

Dalli engasgou com o vinho.

— Eu sei. E o mais condenado de tudo, ela é uma vampira.

— Como pode? Vampiras são tão raras.

— Eu não sei muito — *nada* — sobre ela. Mas é definitivamente uma vampira.

O excitamento de Dalli diminuiu.

— Rune, eu sinto tanto. Pudera você estar tão miserável — ela colocou a mão sobre a dele. — Talvez sua Josephine possa beber de bolsas de sangue ou algo assim. Não se alimentar de seu companheiro seria um sacrifício, mas tenho certeza que ela tentaria por você.

Por sobre a borda da taça, ele disse.

— Ela bebe meu sangue negro. Não poderia gostar mais — seu tom de voz era cálido.

— O que? Como é possível?

— Ela diz que é por que ela é terrivelmente forte e tudo o mais.

Os olhos de Dalli ficaram divertidos.

— Já estou gostando dela. Ela já passou pela transição?

— Ela foi ferida recentemente. Eu a curei com runas, mas suspeito que teria se regenerado sozinha.

— Ele ainda não conseguia acreditar em ter se lembrado daquela combinação de runas depois de tanto tempo. *Mas pudera, eu necessitei delas tantas vezes naquele bordel.*

— Então não há barreiras físicas entre vocês dois? Pode estar completamente com ela?

— Até agora, tudo bem — embora não a tivesse penetrado ainda. *Se ela era sua companheira...*

— Isto deve significar que ela é sua. Você a achou, Rune! Entende quão abençoado isto te torna?

Aquela palavra *jamaís* foi usada para descrever uma criatura como Rune.

Dalli estudou o rosto dele.

— Você se sente... comprometido quando está com ela?

— Comprometido? Quando gozo com ela eu berro tão alto que minha garganta dói. Digo coisas sem pensar. Começo a balbuciar em Demonês! — Sua cabeça caiu para trás e ele começou a olhar para o teto coberto de folhas. — Eu perco o controle

totalmente. A primeira vez que provei de seu sexo meus olhos reviraram nas órbitas — aqueles lábios inchados... aquele anelzinho enlouquecedor no clitóris...

Perdido em lembranças, ele disse.

— Ela fica tão molhada. Quando goza na minha língua é uma recompensa succulenta para mim. E deuses todo poderosos, quando perfura minha pele com aquelas pequenas presas afiadas dela meu coração acelera, e minhas bolas se contraem e doem como jamais antes. Meu pau parece que vai explodir...

Dalli pigarreou.

Ele piscou, surpreso ao perceber que estava se acariciando. Ela riu. Ele fez uma careta e puxou a mão.

— É isto que quero dizer... fico completamente sem controle!

— Você não pode ter isto das duas maneiras, Rune. Não dá para temer perder o controle e se tornar amortecido.

Dalli tem razão.

— Acho que você está se apaixonando por ela.

— Tipo amor? Minha espécie não ama, não somos capazes de amar. Muito menos eu, com meu passado.

Ele vivera com a ameaça daquela espada sobre seu pescoço por eras antes de um mestre justo aparecer, libertando-o e oferecendo uma porcentagem. Entorpecido às violações e cego a alternativas, Rune dissera: por que não? Ele não se considerava nada mais do que um prostituto que funcionava à base de moedas.

Seus pensamentos nunca se voltaram para o futuro. Seus sentimentos estiveram atrofiados, tão frio como cinzas.

Ainda estavam? Josephine o deixou excitado, frenético e agitado. Frenesi havia tomado controle. Estariam as brasas dentro dele voltando a pegar fogo?

Com ela ele foi levado a um lugar onde jamais estivera antes.

Eu quero voltar para lá.

Dalli disse.

— No passado você tinha de se distanciar de si mesmo para sobreviver. Mas não mais.

Para sobreviver aos clientes — e Magh. Quando ela soubera que ele havia aceitado voluntariamente continuar sendo usado, ficara irada. Má até o núcleo, ela o recapturou, aprisionando-o na masmorra. Ela o desejava e odiava a si mesma por isto. Então a verdadeira tortura havia começado...

— Pare agora mesmo — Dalli disse, chamando sua atenção. — Pare de reviver o passado. Você pode começar de novo com Josephine. Alguém tão jovem pode te ajudar a ver o mundo de uma nova forma.

— Eu não *quero* começar de novo — Magh o remodelara tantas vezes que o molde deve ter quebrado. Fora de escravo a trabalhador, a matador, a prostituto involuntário, daí a prostituto voluntário, daí a escravo chicoteado. Tudo por causa de uma mulher má. Estava *farto* de mudar.

Mesmo assim, não se considerou alterado após o primeiro orgasmo com Josephine na cama?

— Tudo isto é inútil, de qualquer forma — as brasas dentro dele pegaram fogo pela fêmea errada. — Ela ama... outra pessoa. — Rune esvaziou sua taça e voltou a perambular. — Um cuzão qualquer que calça botas de cowboy — será que o macho de Josephine

estava procurando por ela? Perguntando-se por que ela não havia voltado para sua cama para outro encontro noturno?

— De que espécie ele é?

— Eu não sei — Rune esteve tão concentrado em seu alvo que mal havia prestado atenção ao acompanhante de Nix, *Thaddeus*. Incapaz de se lembrar do cheiro do macho, Rune imaginou sua aparência. — Ele é grande. Alto e de ombros largos — o rosto do panaca era muito mais bonito do que o do próprio Rune. O que significava que ele era chato. Ele admitiu. — Atraente, eu acho.

— Você parece estar com ciúme.

— Não estou com ciúme, estou puto da vida. Ela me enganou. Passamos uma noite juntos e foi... diferente. Eu nem transei com ela — *respirações compartilhadas, limites derrubados. Tudo uma armadilha*. — Ela brincou comigo do jeito que eu brincava com os clientes, fazendo-os acreditar que eu amava unicamente cada um deles.

— O que ela fez?

— Eu achei que ela estava meio apaixonada por mim. Mas o tempo todo aquilo era um plano para voltar para ele, a quem ela realmente ama.

— Então a conquiste, tire-a do outro. Ambos sabemos que você é um mestre na arte do sexo. Ataque-a com todo o seu arsenal... e ela será sua.

Rune parou de andar.

— Você tem razão. Se eu não retiver nada, posso fazê-la comer nas minhas mãos — sim, ele a faria amá-lo ao invés do outro. E quando o fizesse, Rune a machucaria do jeito que ela o machucou.

Não que ele estivesse machucado. Estava só *irritado*.

— Este é o espírito!

Ele franziu o cenho.

— Digamos que eu a conquiste, acho que é do tipo ciumenta. Vai esperar monogamia e não posso fazer isto.

Dalli deu-lhe um sorriso triste.

— Isto não é tão ruim. A maioria das criaturas quer um companheiro devotado que possam chamar de seu.

— Ninfas não.

— Talvez desejemos liberdade ainda mais — o olhar dela ficou distante.

Lembrando de algo em particular?

— Dalli?

Ela ergueu o rosto.

— A propósito, sugiro que tome banho antes de ir. O cheiro da excitação de uma ninfa não vai ser um bom ponto de partida se ela faz realmente o tipo ciumenta.

— Ela vai ter que se acostumar por que *vou continuar* a transar com outras.

— Rune, confie em mim nisto.

— Muito bem, só desta vez — ele arrancou as calças, então foi até o banheiro.

Quando passou por ela com o pau balançando, Dalli suspirou.

— Eu vou sentir falta disto.

— Acredite em mim, pombinha. Não vai parar de tê-lo. Rune, o Insaciável não banca o monogâmico.

TRINTA E UM

— *Aquela vampira filha da puta!*

Ao entrar novamente no museu destruído de Rune, Jo o ouviu murmurar.

— Eu devia ter trepado com Dalli de cabeça pra baixo! — Fosse lá o que isso significasse.

Ele se virou para encarar Jo.

— Que diabo é isso?

Ela deu de ombros com um sorriso.

— Não sei.

— Não te entendo! Você sabia o quanto eu valorizava estas coisas — as pontas dos cabelos dele estavam úmidas de um banho recente. Com quantas esteve desta vez? — Você sabia que esta coleção era de valor incalculável.

— Sim. — Como ela ainda podia achá-lo tão atraente? Com as calças pretas de couro e a túnica branca, parecia tão maravilhoso como sempre. O arco pendurado sobre o ombro e a aljava na perna só aumentavam seu índice de gostosura. Por fora — maravilhoso, por dentro — *não*.

A expressão dele se tornou ameaçadora.

— Você acha que não vou te punir?

Tente. Não vai gostar do resultado. Não precisava necessariamente revelar seus poderes a ele. Não havia motivo para isto, já que não iria vê-lo nunca mais. Mas o faria se necessário. Ela se voltou para seguir para o quarto, mais perto do fogo.

— Estou pronta para ser levada daqui agora.

Ele a seguiu.

— Você destruiu tudo só por que não conseguiu sair? Você não é prisioneira! Os bloqueios são mais para sua proteção do que qualquer coisa.

— Se não sou prisioneira, então me deixe ir — ela sentou no braço da poltrona favorita dele.

— Sem repercussões...? — ele mediu com os olhos a camiseta que cobria o corpo dela como se acabasse

de se dar conta do fato dela estar nua debaixo dela.
Ele é insaciável de verdade.

— Eu podia ter destruído sua biblioteca também — mas a deixara intocada, embora não soubesse ler respeitava os livros. Talvez mais ainda por nunca ter mergulhado em seus mistérios.

— A única razão pela qual não estou espancando seu traseiro agora mesmo é por que vai me retribuir sexualmente — ele se aproximou, avultando-se sobre ela. — E, Josephine, você não pode imaginar o tamanho da encrenca na qual se meteu.

Uma risada escapou pelos lábios dela.

— Não pode estar falando sério.

Ele jogou a cabeça para trás, confuso.

— *Eu* sou o prejudicado aqui! Eu! É assim que me agradece por ter te riscado até aqui e cuidado de seus ferimentos? Destruindo minha casa? Eu salvei sua vida!

Ela empertigou-se para demonstrar que não estava intimidada.

— Menos, Rune. Eu teria sobrevivido.

— Você é jovem. Há uma chance de que não tenha ainda congelado em completa imortalidade.

— Congelado significa...? — quando ele franziu o cenho, ela disse. — Pode ser que a gente chame de outro jeito lá de onde venho.

— Quando um Loreano está em seu auge e para de envelhecer. Quando consegue se regenerar de perda de membros e coisas assim. A transição para a imortalidade total.

— Ah tá. Quando foi que você *congelou*?

— O que? Eu tinha vinte e nove anos.

— Então acha que vinte e cinco seria uma boa idade para mim? — Se fosse assim, como Jo regenerou o rosto e cérebro aos onze anos? Outra questão para adicionar à lista.

— Está na média para uma fêmea. Machos congelam mais tarde. Como pode não saber destas coisas? Está aliada aos Forbearers, não está? E é claro, também deve ser protegida devido à idade.

Forbearers?

— E o que seria um Forebear? Pode ser que a gente chame de outro jeito.

— Uma ordem de vampiros que já foram mortais, e que ainda vivem com os humanos. Eles se recusam a beber direto da carne, como monges vampiros... eles se mantêm à parte do Lore. Se foi criada entre eles, tudo fica explicado.

— Me pegou — com tanta coisa em comum com eles, talvez devesse tentar encontrá-los.

— Não nega? — Com voz dura ele disse. — A minha carne foi a primeira que tomou? — As sobrancelhas pretas estavam tensas, os olhos magenta flamejavam.

Ela pegou seu corpo respondendo àquele olhar. *Ele acabou de sair de dentro de outra pessoa, Jo!* Mas recusou-se a revelar o quão ciumenta se sentia.

— Estou pronta para ir embora.

— Para onde? Tão rápida em me deixar para trás?
— O tom de voz dele era grosseiro.

Audácia! Ele andou por aí fodendo ninfas... estava de banho recém tomado de suas aventuras.

— Eu tenho minha própria vida. Tenho coisas pra fazer.

— Ou seja, seu macho.

— Do que está falando?

Ele puxou um cantil do bolso da calça e deu um grande gole.

— O homem que eu vi com Nix é seu.

— Eu juro que não é.

A expressão ameaçadora de Rune se acalmou antes de retornar com força total.

— Então por que disse que o amava? Ah, isto é perturbador? Deve doer. Eu me pergunto por que é que estava vestida como uma devoradora de homens na outra noite. Com certeza era para impressioná-lo!

Ela considerou contar a verdade sobre o irmão, mas não havia motivo. Quanto menos Rune soubesse sobre ela, melhor.

— Já cansei disto tudo.

— Não vou deixá-la ir até transar com você.

Deus, ele a deixava confusa!

— Já não teve seu quinhão de ninfas?

— Eu não transo com ninguém desde que te vi a primeira vez! Quatro dias!

Ela o fuzilou com o olhar.

— Então só saiu para tomar um banho?

— Eu fui até um bando de ninfas. Estive com uma velha amiga e começamos a ficar — como se as palavras estivessem sendo arrancadas dele, disse. — Mas não fui até o fim.

— Devo acreditar nisto? — *Eu quero acreditar nisto.*

Ele deu de ombros.

— Não me importa se acredita.

Estava dizendo a verdade! A noite que passaram juntos *havia* significado algo para ele. Ele foi sincero com ela. Por que já estava se apaixonando por ela!

Por falar em se apaixonar... e *se* ela fosse a companheira predestinada dele? E se o destino realmente pareava pessoas? Rune disse que uma companheira era a única fêmea em todos os tempos e locais com quem um demônio seria compatível.

Compatível? Oh, sim. Ele reagiu a ela muito mais intensamente do que reagiu com aquelas ninfas. Além disto, Jo era a única imune a seu veneno.

Sério, o cara não conseguia beijar outra fêmea sem matá-la. *Ding ding ding.*

Ele acreditava que os feys sombrios não tinham companheiras, mas ela mentalmente desacreditava nisso por que homens geralmente acreditavam em coisas estúpidas.

Mordiscou o lábio inferior enquanto pensava sobre o museu dele. Provavelmente encontrou a outra metade de seu vínculo inquebrável e meio que destruiu todas as coisas dele. Talvez devesse contar sobre seu poder de telecinese?

Ele interrompeu seus pensamentos.

— Você é jovem demais pra mim. E tem esta estranha veia ciumenta. Aniquilou meus pertences como um filhote de cão perdigueiro dos infernos que escapou de um canil. Mas ainda acredito que quero transar com você — ele a encarou enquanto dizia roucamente. — Mais do que uma vez.

— Este é seu jeito de me pedir em namoro? É por isto que foi fiel?

— Fiel? — Ele pareceu horrorizado. — Devagar aí, vampira. Não quero te deixar com a impressão de que

eu seria monogâmico por que isto *nunca* vai acontecer. Se passarmos um tempo juntos teremos de trabalhar neste seu ciúme.

Ela queria estrangulá-lo!

— Olha quem está falando de ciúme... você está se consumindo nele! Por causa do meu "macho".

— Besteira. Estou *irritado* por que não gosto de ser usado. Tudo o que fizemos na cama... as coisas que você disse. Tudo mentira.

— Tipo o que?

— Você disse que beberia de mim, somente de mim, por toda a eternidade. Disse que não poderia viver sem meu beijo. Palavras bonitas para levá-la de volta ao seu macho.

Rune podia negar o quanto quisesse, mas estava com ciúme. O que significava que ele *ligava* muito.

Talvez depois de tanto tempo não conseguisse ver a si mesmo como nada além de um solteirão e estivesse lutando contra este sentimento. Afinal, saiu dali disposto a fazer sexo e não conseguiu levar o intento adiante. Se ele tentasse no futuro não

aconteceria a mesma coisa? Seria ainda pior se ele se apaixonasse por ela!

Os pensamentos dela vagaram para aquele casamento onde esteve como fantasma. Uma vez que Rune amasse Jo do jeito que aquele noivo romântico amava sua noiva, ele jamais conseguiria traí-la.

Agora se ela só conseguisse aprender a confiar do jeito que aquela noiva confiava.

De qualquer forma, o caminho de Jo estava claro. Garantir que Rune se apaixonasse por ela... talvez através de atividades vinculantes como o assassinato de uma Valquíria.

— Por que se importaria se eu estive com uma ninfa ou não? — Perguntou Rune. — Você ama outro. Já está tomada.

Josephine revirou os olhos de novo.

— Não estou nada.

Ele não conseguia acreditar que estava brigando com ela desse jeito. O anoitecer se aproximava em Nova Orleans. Precisava estar em terra, caçando sua presa.

— Mas quer ser tomada por aquele macho — os punhos de Rune cerraram. *Mate Nix, mate o pretenso amante desta vampira. Serviço para uma noite.* — Você se arrumou para seduzi-lo. Admita.

Ela se aproximou do fogo, mas quando se virou ele notou um brilho de descrença em sua expressão.

Espere... e se o macho fosse conectado a ela de outra forma, talvez pelo sangue? Ela não tinha idade para ter um filho daquele tamanho. Talvez um irmão.

Rune se juntou a ela na lareira. Curvando seu dedo indicador sob o queixo dela, ergueu seu rosto para seu escrutínio. Não era nada parecida com Thad, à primeira vista. Mas se removesse seu glamour, especialmente ao redor dos olhos...

Os dois tinham aquela cor de olhos única.

O zumbido nos ouvidos de Rune começou a diminuir. Talvez se importasse com isso mais do que admitiria a si mesmo.

— Ele é seu irmão.

Ela deu de ombros. Ele estava começando a perceber que aquele gesto significava *Sim, Rune*. De

repente a ira pela destruição de suas coisas diminuiu para uma mera irritação.

Ela não o usou. Não teve artifício nenhum.

— Por que não me contou?

— Por que não queria que você usasse isto contra mim.

— Não somos inimigos, Josephine — *ela não tem um macho*. Rune ia beijá-la tanto esta noite que seus lábios ficariam doloridos.

— Ele é meu irmão caçula. Impossível protegê-lo o bastante.

Esta conclusão trazia sua própria carga de desafios.

— Thaddeus está aliado a Nix?

A expressão dela endureceu.

— Por pouco tempo.

— Você pode ser protetora com ele, mas não estou vendo o contrário. Ele sabia que Nix iria atacá-la?

Ela negou com a cabeça.

— Ele nem sabe que estou viva.

— Como assim?

— Fomos separados quando ele ainda era uma criancinha.

— Quantos anos ele tem? — Como irmão mais novo, Thad não podia passar de vinte e quatro por que ela mesma só vivia há *um quarto de século*. A nuca de Rune enrubesceu.

— Thad tem dezessete anos.

Grandalhão para a idade. Mas o garoto ainda não foi congelado na imortalidade. O que significava que Josephine tinha uma vulnerabilidade gritante: ela se importava com uma criatura que podia ser facilmente morta.

— Como vocês se separaram? — Quando imortais tinham filhos eles geralmente mantinham a família unida. *Ao contrário do meu próprio pai*. — Seus pais morreram?

Ela cruzou os braços sobre o peito, esticando o tecido da camiseta dele contra os mamilos com piercing.

— Rune, eu gosto de você. E amo o que fizemos na cama.

Ele subiu os olhos de seu peito para o rosto. Sabia que aquela noite foi diferente!

— Mas por que eu revelaria mais alguma coisa para você? Me dê uma razão — os olhos dela estavam quase suplicantes.

— Por que pode confiar em mim.

Ela exalou em clara decepção.

— Que é exatamente o que uma pessoa não-confiável diria.

Rune deixou passar.

— Eu vou descobrir seu segredos logo — ele planejava apresentá-la ao hidromel de sangue na primeira oportunidade. Antes que pudesse pedir mais, ele disse. — Os aliados de Nix são ferrenhos. Seu irmão pode escolher permanecer com ela.

— Oh, isso nunca vai acontecer.

— Por que tem tanta certeza?

Os olhos dela flamejaram, as íris pretas como a noite.

— Por que eu vou matá-la.

TRINTA E DOIS

— Admiro o seu otimismo, mas ela acabou com você — Rune pegou aquele cantil de novo. — Ela se divertiu com você.

— Nosso próximo embate vai ser diferente — Jo garantiu. — Estarei mais preparada.

— Você é uma vampira muito, muito, muito jovem que jamais devia se meter a lutar contra uma primordial.

— Com relação a você, até o big bang é jovem. E o que é um primordial?

— Não sabe nem isso, Forbearer? É o primogênito de uma determinada espécie, ou pelo menos, o mais velho ainda vivo.

— Você é o primordial dos fey sombrios?

Uma sombra baixou sobre o rosto dele.

— Acho que nunca saberei.

— Seja ela o que for... eu vou dar um jeito.

— Digamos que consiga vencê-la de alguma forma, por que eu abriria mão de minha chance de assassiná-la?

— É assunto pessoal? — Perguntou Jo.

— É *importante*. Ela anda brincando com forças que é jovem e confusa demais para entender, forças que podem jogar o universo inteiro no caos. Ela flerta com o apocalipse. Por acaso eu faço parte do grupo que se opõe a ela.

— O que Nix quis dizer quando mencionou os Møriør?

— É o nome de minha aliança. Eu sou um Møriør.

— Mas você não é um pesadelo vivo — nem um Daqueles Que Trazem A Destruição. Jo achava que Rune precisaria manter o pau dentro das calças por mais de um minuto para ser um *dos que trazem destruição*.

— E você não é uma bomba — ele disse. — Concorda então que Nix fez alegações ridículas?

A Valquíria disse que ficou de olho em Jo e Thad: suas armas nucleares.

— Você divide o castelo com monstros?

Ele passou um dedo sobre o queixo.

— Esta parte é verdade. Mas o resto não.

— Que diabos? — Seu pretendente morava com monstros? Problemas com companheiros de quarto levados a todo um novo nível.

— Estávamos falando de Nix.

— Ótimo — Jo voltaria ao assunto dos monstros no futuro. — O que ela quer comigo? *Com Thad?*

— Depende do que você seja. Nix disse que você é rara. Se é meio vampira, então qual a sua outra metade? Da primeira vez que nos vimos, você me cortou assim que perguntei o que era... como se eu tivesse atingido o limite de minha utilidade. Mas você *sabe?* — Seja lá o que ele viu em sua expressão, o fez entender. — Como pode não saber? Se você foi criada por pelo menos um de seus pais, como podem não ter contado nada sobre o outro? Você disse que estava completamente sozinha. A geração anterior a você não existe mais?

Jo ainda não conseguia se forçar a compartilhar sua história. Se ele tivesse lhe dado pelo menos *uma* boa razão para confiar nele...

— Muito em breve terei acesso a seus segredos, Josephine.

Era a segunda vez que ele falava isto. Por que estava tão confiante?

— Já que é imune a meu veneno, pode ser que seja uma das espécies místicas — disse ele — como Sorceri ou Wicca. É possível que seja fey. A maior parte dos fey possui um pouco de magia.

Ela se lembrou de seu sonho com o primeiro assassinato de Rune.

— Talvez você seja inimigo dos Wicca ou Sorceri. Você é metade fey, mas não parece ser muito fã deles — ela se perguntou se ele admitiria odiá-los.

— Eu desprezo os fey, mas não te faria uma inimiga só por ter o sangue deles. E quanto aos Wicca, jurei aliança a uma bruxa. Ela é uma dos Møriør. Não me importo nem um pouco com os Sorceri — ele deu outro gole de seu cantil, a mente um mistério. — Híbridos de vampiro são incomuns, mas qualquer combinação destas atrairia atenção de uma Valquíria primordial? — ele encontrou seu olhar. — Quando eu matar Nix, esta informação vai ficar sem resposta.

Jamais saber?

— Contanto que Thad esteja a salvo, não me importa.

— Então me deixe cuidar dela. Como disse, sou um assassino profissional já faz milhares de anos.

— Eu preciso ter certeza de que você não vai acidentalmente eliminar meu irmão. Eu vou estar observando. Ou vamos juntos ou vou sozinha.

Ele inclinou o ombro contra a cornija da lareira, examinando as garras pretas. Seus anéis prateados brilharam à luz do fogo.

— Então vou mantê-la presa aqui.

— Cuzão! Então volto a ser uma prisioneira? E se pergunta por que não confio em revelar mais informações sobre mim?

— Você precisa limpar essa bagunça. E mais... — ele riscou para longe por uma fração de segundos, voltando com um livro enorme. Jogou-o na poltrona ao lado da lareira. — É melhor ler isto e aprender um pouco sobre o Lore.

Deixa eu ver se entendi.

— O que tem neste livro?

— Tudo o que sempre quis saber sobre os imortais.

Ela mordiscou o lábio. *É claro.* O tesouro que ela mais precisava.

— Sem jogos, Rune. Nada importa mais para mim do que manter meu irmão a salvo.

Ele sorriu afetadamente.

— Eu farei o possível para não fazer dele uma casualidade colateral.

Que arrogância! Rune parecia levar aqueles juramentos ao Lore bem a sério. Por que não tentar um? Ele amava quando bebia dele, então...

— Se não formos parceiros na morte de Nix, se eu não for junto a qualquer lugar aonde você vá no que diz respeito a esta missão, então juro pelo Lore que não vou beber sangue.

— Você não disse isso! — ele chegou a cambalear.
— Você estará presa a este juramento, compelida por ele, mesmo que mais tarde decida o contrário. Você deu poucos qualificadores... e nenhum limite de tempo.

— E daí?

— Digamos que eu retorne aqui em cinco segundos com a cabeça da Valquíria e seu irmão são e salvo. Todos os seus problemas estariam resolvidos. Mas por que você não estava comigo, não conseguirá beber sangue... nunca mais. O juramento te impedirá de ingeri-lo. Será incapaz!

Ele devia estar exagerando. De jeito nenhum algumas palavras teriam tanto poder.

— Então ou faço de você uma parceira ou permito que morra de fome — ele apontou um dedo para ela.
— Adivinha para o que estou inclinado, vampira! — Ele estava mais bravo do que havia ficado sobre suas coisas. — Você não devia brincar com as palavras, muito menos tão levianamente! Foi imaturo. O que é *completamente* compreensível, pela sua idade.

— Ouça, eu jamais jurei pelo Lore antes de te conhecer, está bem?

— E ainda assim se recusa a ler o *Livro do Lore* e aprender mais?

Uhg! Não havia nada que ela quisesse mais!

— Estou tendo dificuldades em acreditar que palavras podem me fazer morrer de fome.

Ele puxou aquele amuleto do bolso.

— Jure pelo Lore que jamais vai tirar este talismã de mim sem minha permissão.

— Então ele passa de pingente para talismã — ela se aproximou. — Me diga o que é.

— Talvez eu diga um dia. Se fizer o juramento.

— Está bem. Eu juro pelo Lore que jamais tirarei isto de você sem permissão.

Ele o estendeu para ela.

Quando tentou pegá-lo, sua mão desviou para a direita como se repelida por alguma força invisível. As sobrancelhas abaixaram, ela tentou de novo. Mesmo resultado. Ergueu o queixo.

— Então meu voto é a prova de balas. Bom. Isto significa que vamos trabalhar juntos para matar Nix.

— Eu *já matei* sozinho uma vez ou duas, vampira.

— Você já falhou duas vezes com ela. Eu impedi sua tentativa no telhado...

— Porque *escolhi* não matar você — ele endireitou os ombros, claramente desacostumado a críticas quanto às suas habilidades. — Em um nanossegundo eu podia ter atirado em você e disparado outra flecha para a Valquíria.

— Você não conseguiu atingi-la quando ela me atacou. Acredito que estava tentando. — Quando ele ficou gritando para Jo.

Ele cerrou os dentes.

Rá, ela o pegara!

— Então isto resolve tudo. Somos parceiros de crime nesta missão.

— Eu farei com que seja uma missão *muito* curta — ele caminhou até ela. — Começamos agora.

— Primeiro preciso passar em casa para pegar roupas — apontou para os pés descalços.

— Há mais uma coisa que quero dizer sobre suas ações... minha ira não está aplacada... mas estou curioso sobre sua casa, desde que achou a minha *estranha*.

— Depois disto a gente vai procurar Nix? — Jo tentou imaginar a casa de uma Valquíria doida. — Ela vive em uma dimensão diferente?

— Ela mora perto de Nova Orleans em uma propriedade chamada Val Hall. Mas não há necessidade de ir até lá. Tenho espiões a observando a cada minuto do dia. Elas me alertarão quando ela voltar para lá.

— Como?

— Esta runa irá brilhar — ele apontou para uma faixa tatuada ao redor de seu pulso direito. — De qualquer jeito, espero que não volte. Os espectros que guardam Val Hall tornam o local mais seguro para ela.

— Espectros?

— Criaturas fêmeas espectrais. Elas voam ao redor da mansão impedindo que estranhos entrem.

— Como as matamos?

— Não dá, elas já estão mortas — ele a pegou pelo braço. — Seria melhor apenas te mostrar. Mas não diga nada sobre nossas intenções. As ninfas escondidas ao redor de Val Hall ouviriam.

Escondidas?

— E daí?

— Daí que elas estão lá para me ajudar por dois motivos. Um: trepei com cada uma delas. Dois: elas acreditam que só quero dormir com Nix. Não podem nos ouvir discutir sobre a melhor maneira de assassiná-la. — Ele riscou Jo até um descuidado pedaço de bayou enevoadado na zona rural.

O mofo se dependurava dos carvalhos. A névoa envolvia a área. Havia para-raios espalhados por toda a propriedade, encurralando repetidos raios.

— Estamos no território das Valquírias agora. Elas soltam raios segundo suas emoções. Elas se alimentam deles também.

— Todas controlam os raios como Nix, fazendo gaiolas e lâminas?

Ele negou com a cabeça.

— Como a primordial de sua espécie, ela deve ter aprendido a controlá-los em outro nível.

— Este lugar parece o laboratório de um cientista louco.

— Você ainda não viu nada.

Quando ela e Rune se aproximaram de uma clareira, uma enorme e assustadora mansão apareceu. Contra um pano de fundo de relâmpagos, fêmeas fantasmais em trajes esfarrapados voavam pelo ar, circulando a estrutura.

— Os espectros?

— Também chamados de Flagelos Ancestrais — disse Rune. — Elas são tão fortes quanto aço Titânico e ainda mais velhas do que eu. Não é possível passar por baixo delas, não se pode voar acima delas, não se pode riscar por elas. Vencê-las é impossível.

Ela ergueu o rosto para cheirar o ar. Thad estava aqui! Por trás das guardas deles? Ela só atentou para *algo* quando Rune agarrou seu antebraço e a riscou de volta a Tortua.

— Por que fugiu? — ela puxou o braço de volta. — Thad está lá! Posso desafiar Nix. Ela pode sair para lutar comigo!

— Ela não está em Val Hall.

— Podemos esperar lá até ela voltar.

— As outras Valquírias não tolerariam isto. Eu podia mantê-la a salvo, mas não posso fazer nada para seu irmão até cuidarmos dos cães de guarda. Se você provocar os habitantes de Val Hall, eles poderão vir para cima de você.

Jo soltou um ruído de frustração. Resignando-se a esperar, ela disse.

— Não posso acreditar que Thad está lá — pelo menos não detectou medo no cheiro dele. Ele e Nix *tinham* mesmo parecido amigos. — Se Nix não está lá, quem o está vigiando?

— As irmãs Valquírias dela. Provavelmente o estão mimando, convencendo-o a se juntar à aliança delas.

Em outras palavras, estavam fazendo lavagem cerebral em seu irmão.

— Deve haver um jeito de passar por estes espectros. — Se riscar através deles não funcionava, tentar em forma fantasmal também não seria uma opção.

— Por ora, nossa melhor aposta é caçar Nix. Precisa ser paciente.

— Paciente? Não é minha virtude preferida. Tem um plano B?

Ele desviou o olhar e murmurou.

— Sempre.

Por que será que aquela única palavra a fez sentir arrepios subindo pela espinha?

TRINTA E TRÊS

Josephine pegou a mão de Rune e o riscou até sua casa, que prometia ser alguma grandiosa mansão ou castelo imponente. Quando começou a teletransportar, ela e Rune pareceram deesvanecer antes de viajar. Apesar do riscar de Sian ser rápido e regular, o da vampira o deixou balançando.

Rune franziu o cenho para os arredores, uma salinha sombria com tapete vermelho gasto até rasgar e a pintura descascando das paredes de tijolos. Uma colcha floral cobria a cama e o ar condicionado chiava.

— Para onde nos trouxe?

— Minha casa.

— *É aqui que você vive? Isso é uma toca de rato! E teve coragem de chamar minha casa de estranha?* — Em um canto do quarto, perto de pilhas de revistas em quadrinhos, havia pilhas de dinheiro. — Se você tem dinheiro, por que não conseguir um lugar melhor? — Aquilo era lamentável e humilhante. A única coisa positiva que conseguia ver? Estava impecavelmente limpo.

— Gosto de ser discreta. Não me importo com as condições daqui.

Uma mesa de piquenique se estendia na extensão de uma parede coberta de coisas aleatórias: um telefone, uma tiara, contas de plástico, uma vareta de metal com uma câmera na ponta.

— Imortais poderosos simplesmente não vivem assim.

— Não tenho documentos, está bem?

— Posso conseguir para você em uma hora — ele mordeu a parte de dentro da bochecha. Ela jamais precisaria de documentos por que ele jamais a libertaria no mundo. Ela ainda potencialmente poderia acessar suas memórias. — Então é aqui que a bela Josephine dorme. Desde que tomou meu sangue

aquela primeira noite, sonhou comigo? Visualizou cenas no meu passado?

— Ah sim, constantemente. Adoro vê-lo foder duzentas ninfas de uma só vez e chutar cachorrinhos.

— Eu *nunca* chutei um cachorro.

Revirando os olhos para ele, atravessou para o rack de roupas cheio de roupas escuras em vários estágios de uso. Selecionou jeans pretos e uma camiseta sem mangas com o logo de alguma banda, então as jogou na cama.

— Por que se vestiu como uma mulher fatal naquela noite? — definitivamente não foi para seduzir Thaddeus. — Você vestiu aquele vestido vermelho sumário para *me* impressionar.

— Pare de se sentir — não foi uma negação.

Havia um espelho de corpo inteiro rachado pendurado na porta do banheiro. Ela teria inspecionado sua aparência antes de sair para encontrá-lo?

— Talvez tenha sido por isto que fez aquele juramento, por que deseja estar perto de mim. E

agora estamos presos juntos pelo tempo que durar esta missão — ele ainda devia estar irritado pela jogada dela, ainda assim pegou os cantos de seus lábios se curvando.

E por algum motivo, seu pau ficou meio duro.

— Acredite no que quiser, Rune, mas eu te disse por que fiz aquele juramento, para proteger o meu irmão.

Se Nix achava os dois irmãos valiosos, então os Møriør também achariam. Embora Rune pudesse estar tendo dificuldades em assassinar a oráculo, ele podia atingi-la recrutando as armas que Nix queria: Josephine e Thaddeus.

Não iria importar que Josephine conhecesse os segredos de seus aliados se ela também se tornasse uma aliada.

Ele foi até a mesa de piquenique lendo a inscrição: *Parque da Paróquia de Orleans*. Ele inspecionou um telefone coberto de lantejoulas, então passou para outro item.

— O que é tudo isso? — Ele girou nos dedos uma tiara de plástico.

Ela a tirou dele.

— Lembranças de minhas vivências — ela pousou a tiara, arrumando-a.

— Então você roubou meu talismã só para ter algo para se lembrar de mim?

Um dar de ombros. O que significa *Sim, Rune*.

— Como pode roubar tão facilmente? E por que nada de valor significativo?

— Como suas relíquias? Aquilo era um convite a A&I.

Diante da expressão neutra dele, ela disse.

— Arrombamento e invasão? Pessoas entrando no seu território para roubar suas coisas?

Ele havia notado um ferrolho na porta do quarto do hotel. Ela podia ser uma híbrida, mas era tão territorial quanto qualquer vampiro que ele já tinha conhecido.

Ela andou até algumas gavetas, abrindo uma cheia de roupas de baixo, selecionando duas peças de renda negra.

— Então, qual é a desse talismã, de qualquer forma? Eu já vi você mexendo com ele no bolso.

— Vou começar a falar do meu passado assim que você me contar alguma coisa sobre o seu — ele sentou na cama, o bom-humor inalterado. Como podia se sentir deste jeito depois de tudo o que havia perdido? Por milênios, sua coleção havia sido sua única busca não-mortal. Talvez ela mascarasse suas falhas em outras áreas.

Sem gerações a descobrir antes dele, sem gerações seguintes a ele, sem esperança de uma companheira.

Agora enquanto olhava para a vampira prestes a se despir, tinha dificuldade em se lembrar qual peça fora sua favorita. Qual era a mais recente. Pelo menos ela havia poupado sua preciosa biblioteca. Ainda assim, ele disse.

— Eu devia destruir tudo por aqui como revanche.

Ela sorriu por sobre o ombro.

— Faça isto para ver o que vai conseguir.

Ele se inclinou na cama com as mãos atrás da cabeça, inalando o aroma de fruta do campo do travesseiro dela.

— Então você acreditou que eu estava me divertindo com as ninfas, daí destruiu meus pertences? Devia estar sentindo muito ciúme. — Possessividade sempre o deixava horrorizado. Estranhamente, a dela fazia seu pau endurecer.

Mas ele ainda ia fazê-la desistir disto.

— É por isto que precisamos trabalhar em suas questões de ciúme... — ele parou de falar quando ela tirou a camiseta que pegou dele, deixando-a nua na frente do espelho rachado.

Esfregou seu pau agora dolorido. Quando pôde tirar os olhos da bunda dela, encontrou o olhar dela no espelho. Negro dardejou contra os seus.

— Se vamos ser parceiros nesta missão, seremos parceiros em outras coisas.

— Como assim? — Enquanto ela vestia um pequeno fio dental, a luz refletiu no metal de seus piercings do mamilo.

Ele precisava sugar aqueles mamilos tão forte que ela o sentiria no dia seguinte.

— Prepare-se para jogos de sangue e cama — uma vez que a tarefa estivesse completa, eles não sairiam do quarto por semanas.

— Está falando de novo sobre sexo? Não estou procurando por uma trepada sem maiores consequências. Esteja ciente: vou me entregar inteira para o próximo cara com quem dormir. Relacionamento, confiança, compromisso, amor. A coisa toda.

Tão jovem. Tão imatura...

— O que você sabe sobre qualquer dessas coisas?

Ela fechou um sutiã de renda sobre tetas que nunca deveriam ser cobertas.

— Eu já vi o amor e o quero para mim. — A bebedora de sangue de coturnos queria romance?

Mulher fascinante. Mesmo assim, ele fez um ruído de zombaria.

Os olhos dela flamejaram ao explicar.

— Quando duas pessoas se apaixonam formam um vínculo inquebrável, é como um reator que se alimenta do poder, do calor e de uma sensação de pertencer. Isto as torna *fortes*. Elas são os verdadeiros super-heróis.

Ela falava com tanta convicção e paixão que ele quase conseguiu se imaginar acreditando. Então se lembrou da *realidade*.

— Feys sombrios não amam. Não somos capazes disto.

Ela olhou para ele ao pegar os jeans.

— Não dê uma de Spock pra cima de mim. Todo mundo é capaz de amar.

— Spock?

— *Star Trek*? Série de TV? Ele é todo lógica e orelhas pontudas.

— Então Spock é um fey? Eles são conhecidos por estas duas características — Rune até era versado na cultura pop mundial desde que suas fontes, as ninfas, o fossem. Mas não estava cem por cento certo quanto ao Spock.

Josephine revirou os olhos.

— De qualquer forma, jamais vou dormir com você a menos que sejamos exclusivos.

— Em sua estranha imaginação, quanto tempo devo não estar com outra? — que ele estivesse sequer considerando *um dia* de monogamia...

— Se fizer sexo comigo, você estará admitindo que quer um compromisso, um vínculo entre somente nós. Que você jamais irá querer outra fêmea enquanto viver.

Ele inclinou a cabeça enquanto ela enfiava os jeans sobre seu traseiro arrebatador. Então suas palavras assentaram.

— Dados os seus parâmetros, sexo está definitivamente fora de jogo — disse ele, mesmo sabendo que dormiria com ela em breve. Ele a seduziria até desistir deste tipo de pensamento.

Sedução era o que ele fazia.

— Sua visão é ingênua. Isso não me surpreende.

Ela colocou a camiseta.

— Azar o seu.

Ele estava satisfeito com a vida agora. Ou, pelo menos, não *completamente miserável* como Dalli dissera. Qualquer outro macho mataria para ter a existência de Rune, viajando por mundos, guerreando e transando com fêmeas diferentes a cada noite.

Agora esta vampira queria mudar Rune de novo?

— Você me conhece há quatro dias... e esteve desmaiada por dois deles. Mesmo assim acha que me conhece o suficiente para ter um relacionamento?

Ela deu de ombros. *Sim, Rune.*

— Eu sei que não vou dormir com um cara sem um compromisso antes.

— Ingênua — repetiu ele — vou te convencer a desistir disto. Como eu disse, vamos trabalhar este seu ciúme.

— Eu juro pelo Lore que jamais vou fazer sexo com você até que sejamos...

Ele riscou em um instante, tapando-lhe a boca com a mão. *Exclusivos?*

— Não termine. Você não sabe o que está dizendo.

Ela se desvencilhou dele.

— Você pareceu apavorado!

— Não aprendeu a lição? Não se pode brincar com estes juramentos!

— Está bem, está bem. Você sabe como me sinto neste assunto — ela calçou as meias e coturnos. — E você sabe como posso ser teimosa.

— Demônios precisam de sexo várias vezes por dia — ele informou a ela, enunciando um fato bem conhecido pelos Loreanos. Ele acreditava que ela era uma Forbearer? Não particularmente. Mas acreditava que ela sabia tão pouco quanto eles. — Já estou sem há dias — desde as quatro ninfas.

Quando se lembrou daquele encontro, não sentiu nenhuma reação abaixo da cintura. Mas imaginar Josephine contra a parede do pátio enquanto bombeava entre suas coxas deixava seu pau tão duro que chegava a ser doloroso.

— Você não vai querer nem *tentar* me conquistar através do sexo?

Ela ficou em pé, testando as botas.

— Passo.

Não importa. A resistência dela de agora faria a rendição eventual ainda mais recompensadora. Ele se virou para as gavetas, abrindo uma. Dentro havia uma mochila e um álbum de recortes com as bordas de fotografias saindo pelos cantos. Ela havia desenhado desenhos abstratos na capa.

Ela pulou na frente dele, fechando a gaveta com o quadril.

— Estou pronta.

— Agora sei onde olhar da próxima vez — tantos segredos para um mestre descobrir.

— Melhor se certificar que seu retorno não tenha *nada* a ver com a missão para matar Nix ou eu jamais vou poder beber de novo.

E se ele fosse a um bando de ninfas e Nix aparecesse? Se ele matasse a Valquíria lá, o assassinato engatilharia o juramento de Josephine! Como ele poderia deixar a vampira? Novamente, a pressão para matar Nix pesou sobre ele.

— Vamos então. Precisamos começar a caçar. Além disto, estou ansioso para sair deste lugar lastimável.

— Vá pro inferno, Ruína.

Os ombros dele ficaram tensos.

— Eu já disse para não me chamar assim — a vampira não ia querer desafiá-lo, não quando ele ainda estava duro de observá-la se trocar e sua metade demônio sofria pela falta de sexo. Não quando o futuro deles se tornava cada vez mais interconectado. A pressão aumentava por todos os lados. — Então cala a porra da boca.

Ela arregalou os olhos.

— Cala a porra da boca *você, Ruína!*

Deuses, ela era sexy quando estava brava.

— Não estava brincando sobre espancar seu traseiro, garotinha — imaginar isto fez seu demônio babar.

Ela deu um sorriso atrevido.

— Tenta, velhote.

O desafio *dela...* apelava para cada necessidade primal dele de prendê-la na cama e fazê-la se submeter. Cobri-la e meter até a pressão nele diminuir um pouco.

— Você não conseguiria se sentar por dias.

— Duvido, Ruína — ela empurrou o peito dele com as presas expostas.

Como acionar um tipo de interruptor.

O demônio nele reagiu fora do controle de Rune. Pulou para ela, uma mão agarrando sua nuca, a outra apalpando o traseiro enquanto voavam até a parede. Tijolos de concreto racharam. Ele trilhou os lábios pelo pescoço dela.

— Me desafia? — *Ela não o faria se eu a marcasse. Estaria ocupada demais gozando, se rendendo.* — Quando sou tão mais forte que você? — *Ela respeitaria o macho que a dominou.*

— A parede ainda está em pé. É só isso que tem, pau murcho?

Ele se enfiou no meio das pernas dela.

— Tá aqui a porra do pau mur... AHHH!

Ela enterrou os dentinhos afiados no pescoço dele.

Ele jogou a cabeça para trás. Lutando para não gozar de imediato, grunhiu.

— Você é louca por mim!

Ela concordou com a cabeça, lambendo e sugando.

— Ah, deuses, é isto, baby. Beba. Quero que me engula — usando o aperto no traseiro dela para mantê-la no lugar, roçou seu pau inchado entre suas coxas. *Preciso estar nela, dentro dela.*

Ela não parecia ter o suficiente dele também. As garras se enterraram nas costas dele, as pernas enrodelharam ao redor da cintura dele.

— Ah, sinto seu cheiro! Sua bocetinha apertada já está toda molhada. Doce e escorregadia. Não consigo parar de pensar no seu gosto — ele tentou segurar, para aumentar o prazer deles. Mas podia ouvi-la engolindo enquanto o consumia, podia imaginar seu sangue vital quente enchendo o corpinho delicioso dela, percorrendo-o inteiro. — Ah, *porra* — ele gemeu. — É bom demais! Vai gozar pra mim?

Ela choramingou contra seu pescoço, sugando desenfreadamente, puxando, puxando...

— Mais forte! — seu pau latejou, suas bolas contraíram. — Você me disse que me foderia com suas presas... *faça!*

Ela afundou as garras ainda mais fundo e o mordeu ainda mais forte.

A mente dele revirou. Seu pau entrou em espasmos nas calças. Ele empurrou e empurrou, palavras irromperam de seus lábios. O prazer o inundou, golpeou, fez seus joelhos enfraquecerem. Seu grito foi como uma explosão nos pulmões.

Ela soltou a mordida só para jogar a cabeça pra trás. Ainda se esfregando nele, gritou, a garganta pálida trabalhando.

Ele sussurrou em seu ouvido.

— É isto. Você gosta do jeito que te faço gozar...

Quando ele terminou com um estremecimento, encarou seu olhar. As íris dela estavam pretas, os lábios tão inchados como se os tivesse lambido por mais de seu gosto.

Eles recuperaram a respiração, ainda languidamente se movendo um contra o outro. O momento estava espesso com... algo. Ele sentia como se pudesse dizer palavras das quais se arrependeria. Ou ela.

Mas parecia não poder soltá-la...

Uma batida na porta soou e ela silvou para a porta.

Ele relutantemente a colocou no chão, então ajeitou o pau sensível. Curioso com como ela interagiria com outros... ele só a viu com Nix... ele disse.

— Atenda.

Ela riscou para abrir a porta. Um macho humano estava parado lá fora.

— Você *quer* ser esfolado — ela disse a ele. — Para contribuir com minha colcha de retalhos de homens. Volte domingo. É o dia em que costuro.

O rosto do homem estava pálido e ele fedia a urina. Estendeu um pedaço de papel.

— Uma mulher chamada Nix deixou essa mensagem hoje cedo.

TRINTA E QUATRO

Jo arrancou o bilhete das mãos do proprietário do hotel, então bateu a porta na cara dele.

— Vamos lá — disse Rune. — O que a Valquíria escreveu?

Boa pergunta. Jo entregou o bilhete a ele.

— Estou nervosa demais para ler.

Ele desdobrou o papel e leu em voz alta.

— Pegue-me se puder. Estou em um barco rumo à China para um alto chá. O mais alto deles — ele encarou Jo. — Ela quer que a gente vá atrás dela.

— Você acha que ela está mesmo indo para lá? — *Eles* iriam pra lá? Jo nunca saiu do Sul, o máximo até o oeste tipo Texas e leste na Flórida. Mas depois de beber do sangue fresco de Rune e ter um orgasmo de parar o coração, sentia-se pronta para qualquer coisa.

— Acho que sim. Ela é doida demais para temer os inimigos e gosta de jogar. Ela é pior do que Loki — seja lá quem for. — Se está nos deixando mensagens podemos ter quase certeza de que está cronometrando nossas ações.

— Então ela não vai prever cada movimento nosso?

— Provavelmente — ele amassou o bilhete. — Maldição!

— O que fazemos agora?

— Vamos caçá-la até lá — ele lançou a Jo um olhar ressentido. — Isto não quer dizer que eu simplesmente desisti.

— Talvez ela cometa um erro.

— Suponho que você não tenha visitado a China durante os poucos anos de sua vida?

— Não.

Ele correu os dedos pelo cabelo.

— Também não posso nos riscar até lá.

— Como sabe? Já tentou?

Como se falando com uma criança, ele disse.

— Por que os Loreanos só podem riscar para lugares onde já estiveram previamente ou lugares que podem ver.

— Eu sabia disso. Espere... Você é tão velho, mas nunca foi até a China?

— Eu vivi nos Outros Reinos a maior parte da minha vida. Eu *visitei* Gaia. Só estive na Austrália e América.

— Como vamos viajar? Não tenho passaporte — ela não podia pegar um avião. Não podia nem copiar uma página do livro de Nix e pegar um navio. Não que pudesse ler o livro de Nix.

— Vamos via demônio, temos de encontrar um que já tenha estado lá. Por um preço ele nos teletransportará até lá — Rune atravessou até o estoque de dinheiro dela. — Para nossa viagem — ele guardou notas no bolso, deixando grandes moedas douradas em troca.

— Como encontramos um demônio?

— Eles gostam de frequentar os bandos de ninfas.

— Naturalmente a solução para nossos problemas envolve ninfas de alguma forma — Rune era um pônei de um truque só. Ele buscava ninfas do jeito que um viciado em jogos buscava um dado. — O que elas têm de mais? — diante da sua expressão de descrença, ela disse. — Podemos valorizá-las diferente do lugar de onde venho.

— As ninfas se escondem em todos os lugares. Se você tiver uma conversa secreta, não a tenha atrás de uma árvore, rocha ou lago, porque uma ninfa pode estar dentro deles.

— As que estão espionando Val Hall para você estão *dentro* dos carvalhos lá? — Soava como se elas tivessem fantasmado!

Ele anuiu.

— Elas são as Driades, ninfas das árvores.

— Existem diferentes tipos?

— Sim, baseado nos elementos. Desde que os imortais começaram a manter registros, os Nymphae tem se mantido neutros durante as guerras do Lore, lutando apenas para se defenderem. Seus bandos são zona neutra e atraem todas as espécies de imortais, o que significa que dá para observar os inimigos sem se preocupar de ser morto. Ou dá para achar um demônio que possa te riscar para outro país.

— Você não podia soar mais admirado.

Como se ela nem tivesse falado, ele continuou.

— Dada sua neutralidade, elas vivem vidas excepcionalmente longas e adquirem muito conhecimento... isto também significa que há legiões delas. Dizem que os bandos são a cola que mantém o Lore unido.

— Bom, elas certamente são grudentas com você.

Ele deu um sorriso seco.

— Podemos ir até o bando Nephele.

— Nephele?

— Ninfas das nuvens. São mais visitadas por criaturas interdimensionais. Mas primeiro preciso ter uma locação mais precisa de Nix. Me diga qual o local mais alto na China para tomar um chá. Ligue seu computador e procure no google — ele franziu o cenho. — Não posso acreditar que eu disse essa frase.

— Google?

— Eu ouvi falar dele pelas...

— Deixe-me adivinhar. As ninfas?

— Alguns de seus visitantes me disseram que o Google é como o Oráculo dos Outros Reinos. Se fizer a pergunta exatamente correta obterá uma resposta adequada.

Jo estudou a barra de sua blusa.

— Não tenho um computador. Eu meio que não sei nada de tecnologia — ela parecia profundamente embaraçada pela sua falta de conhecimento, e não

queria que Rune descobrisse sobre ela antes que tivesse completamente apaixonado por ela e tudo o mais.

Veze sem conta Jo imaginara o que teria acontecido se tivesse aceitado a oferta de adoção da Sra.B, morando com uma maldita bibliotecária, uma amante de livros.

Jo aprenderia a ler. Não teria sido baleada na cara. Não teria renascido.

Só que agora começava a achar que sua transformação teria sido inevitável. Fora inevitável para Thad? As evidências indicavam que sim.

E se ele fosse como Jo, como a Sra.B teria lidado com seu precioso filho bebedor de sangue?

Rune disse.

— Se não tem um computador, temos de ir à biblioteca.

Jo ia lá frequentemente... sozinha. Com Rune lá seria o pior lugar do mundo para disfarçar sua inabilidade para ler.

— Ou podemos ir direto para uma lanhouse perto da faculdade. — Ainda perigoso.

— Vamos logo.

Fora da lanhouse, Jo observou Rune se desvencilhar de uma fila de admiradoras. Mulheres faziam fila para mostrar a ele como usar o Google.

Jo continuamente pensava *Eu acabei de gozar com este cara*. E ainda assim ele dava a cada uma delas um sorriso de molhar calcinhas.

Com a ajuda de uma das garotas, descobriram o Monte Hua, uma montanha imensa na China. Rune acreditava que o bilhete de Nix se referia à casa de chá que havia no cume desta montanha.

Para alcançá-la era preciso escalar centímetro a centímetro ao longo de um retalho raquítico de tábuas pregadas na lateral da montanha. A subida era considerada a mais mortal do mundo. Trechos traiçoeiros da trilha tinham nomes como "Precipício dos 100 pés", "A Queda do Falcão Pardo" e "Cume do Dragão Negro".

Os mortais caíam para suas mortes o tempo inteiro. Jo estava ansiosa para viajar por um local tão

exótico e excitante, Rune parecia bem menos entusiasmado.

Agora o que tinham de fazer era encontrar um demônio para levá-los à China.

Finalmente, Rune emergiu.

— Vamos para um local discreto para eu poder nos riscar.

Se ela estivesse sozinha teria desaparecido na frente de qualquer um. Com um dar de ombros, caminhou ao seu lado.

— O cara que trabalhava na lanhouse sabia muito sobre computadores, mas você escolheu uma aluna qualquer para nos ajudar? — Jo apostava que Rune não se dava bem com ninguém que tivesse um pau. Não podia imaginá-lo tendo muitos amigos.

— A mortal tinha interesse sexual em mim, então estava particularmente motivada a me ajudar na pesquisa.

— Você sempre leva tudo para o lado do sexo?

Ele piscou para ela.

— Quando quero algo de alguém? Sim.

Ela podia realmente esperar algo diferente? Rune, o Insaciável usara sedução como arma há eras. Ainda usava.

Jo franziu o cenho para ele. *Ele tem outros motivos para me seduzir?*

TRINTA E CINCO

— O Nephele fica aqui perto — disse Rune. Ele os riscou para uma campina sob um céu estrelado.

Sem as luzes da cidade as estrelas pareciam bem mais brilhantes. Depois daquele flash de memória durante a luta com Nix, será que Jo voltaria a olhar para o céu do mesmo jeito? Estava ficando convencida de que as respostas do seu passado residiam nas estrelas.

— O bando fica ali na frente — Rune apontou para uma faixa espessa de névoa. — Elas gostam de cruzar com criaturas terrenas, tanto que trouxeram suas nuvens para perto do solo.

Como um banco de névoa.

Ele tomou seu cotovelo e se aproximaram mais. *Lá vou eu. Para o Lore.* Ela podia lidar com isto.

Ela se esgueirou pela névoa, murmurando.

— Por que você acha que Nix foi para o Monte Hua?

— Você não leu a história?

Ela desviou o olhar.

— Me distraí.

— Peregrinos costumavam procurar a imortalidade entre os picos daquela região. Talvez haja um grão de verdade nas lendas e algo a esteja puxando para lá. Talvez queira se testar em uma escalada mortal. É melhor não procurar as motivações da loucura ou vai acabar louca também.

Música e risos eram carregados pela névoa. Como uma batida dispersa de tambor, gemidos soaram.

— Você acha mesmo que ela é insana?

— O humano que nos trouxe o bilhete fedia a medo. Ela deve ter feito alguma demonstração de poder para ele, expondo-se e sem nenhuma razão discernível? Somente isso já provaria sua insanidade.

— É ruim demonstrar poder na frente de humanos? — Como esmagar as bolas de um cara com

uma mão só enquanto mascava chiclete? Na frente de todo mundo da vizinhança? O suficiente para ganhar um nome de supervilã?

— Está brincando, né? É a única lei no Lore que todas as facções respeitam. Os deuses podem punir por qualquer infração. No mínimo, expor-se a humanos notoriamente traz má sorte.

Caçar sempre pareceu deixá-la em apuros. Então por que não conseguia parar?

— Você andou atraindo atenção? — perguntou ele.
— Além de me usar para tentar demolir um edifício?

Ela deu de ombros.

— Às vezes eu puno um pouco os humanos. Quando me mudo para um lugar sinto como se aquele fosse meu território... e as pessoas dentro dele são minhas também. Se cafetões, traficantes e membros de gangues mexem com o que é meu, eu os caço. Machuco. Sumo com eles.

Ele não pareceu surpreso.

— Vampiros são conhecidamente territorialistas.

Somos? Puder, ela se sentir tão compelida a caçar!

— Eu meio que sou protetora das prostitutas.

Ele enrijeceu ao lado dela.

— É para ser engraçado?

Ela piscou para ele.

— Não. Eu sou mesmo — ela precisava planejar uma visita de manutenção em breve. — Então por que os deuses ficam bravos quando nos expomos?

— Este é o mundo dos mortais. Embora os Loreanos gostem de acreditar que também é deles, *não é*. Eles invadiram para colonizar aqui. Deuses fazem vista grossa contanto que os Loreanos não mudem o curso da história humana.

— Então por que os seres vêm para cá? — a névoa ficava cada vez mais espessa, a grama mais molhada.

Rune posicionou sua mão quente nas costas dela para guiá-la. Não era tão bom como quando andavam de mãos dadas, mas era um início promissor.

— Gaia não passa de um plano paradisíaco — disse ele. — A vida é bem fácil aqui comparada às dimensões natais de várias espécies. Imortais se juntam em determinadas cidades... tais como Nova

Orleans. Comunidades se estabelecem, o que beneficia a todos.

Aquilo explicava por que Jo vira tantos mais esquisitos por lá.

— Quantas dimensões há?

— Alguns dizem que o número é infinito. Muitas continuam inexploradas.

Infinitas. Uau. Quão legal seria explorar novos mundos? Talvez com um cara ao seu lado.

— Estamos perto do bando — ele puxou o colarinho para esconder a marca da mordida.

— Tem vergonha dela?

Ele se voltou para ela com a voz mais profunda.

— Justamente o contrário. Tenho uma linda vampira que não consegue manter as presas longe de mim.

Isto é justo.

— Mas não quero revelar o que você é. De todas as espécies com quem as ninfas confraternizam, vampiros são as menos bem-vindas, já que costumam querer beber todo o sangue de uma ninfa. Você tem

olhos claros e não tem cheiro de vampiro, então não deve ter problema em se passar por outra espécie. Eu também não quero revelar sua imunidade ao veneno do meu sangue, não até eu descobrir de que outra espécie você é híbrida.

— Entendi. Vou tentar não matar nenhuma ninfa enquanto estiver lá.

Fêmeas sorridentes andavam pela névoa dos arredores usando vestidos finos que pareciam feitos de névoa. Joias prateadas penduravam nas orelhas com mais peças no cabelo.

Jo usava jeans, coturnos e uma camiseta surrada da *Red Flag*.

As ninfas se juntaram a um grupo de demônios corpulentos com chifres curvos e de cor de conchas. Aqueles chifres eram seriamente foda. Jo virou a cabeça. Qual seria a textura deles?

Ela sentiu o olhar de Rune em cima dela. Estava acostumada a espionar quando tinha vontade. Agora ele a observava observar os outros.

Mais à frente na campina, veio outro grupo. Ela piscou. Não podia estar vendo direito.

Centauros estavam montando ninfas extasiadas.

— Como isto é sequer possível? — Centauros estiveram em Tortua, mas vê-los em ação a fazia apertar as pernas juntas, do jeito que caras faziam quando estavam excitados.

Rune desviou o olhar.

— Um corpo imortal é capaz de coisas inacreditáveis.

— Acho que você vê cenas de orgias ninfomaníacas como estas o tempo inteiro — ele *estrelava* cenas como esta.

— Você não? Os Loreanos não são tímidos. E as ninfas podem ser vistas fodendo em todos os lugares do Lore. Especialmente em um reino compacto como este.

— Compacto o que?

Ele exalou.

— Não me lembro quando foi a última vez que encontrei alguém tão ignorante quanto as coisas do Lore. Um reino compacto é uma dimensão que divide as mesmas características de Gaia. Mesmo sol, estrelas, clima, etc — ele ergueu a cabeça. — Você

obviamente foi protegida, e só tem vinte e cinco anos. Isto me faz me perguntar quantos amantes você teve.

Ele empinou o queixo.

— Três.

Ele riu.

— Três. Outra evidência de que você foi criada entre monges — ele murmurou de novo. — Três — como se fosse uma piada. — E faz quanto tempo?

— Um pouco — o que ele pensaria se dissesse que só fez sexo um punhado de vezes? — Com quantas você já esteve?

— Não consigo chegar a um número tão alto.

— É a mesma resposta que deu quando perguntei sobre a quantidade de assassinatos que cometeu.

Todo o bom humor prévio dele desapareceu. Lançando-lhe um olhar estranho, ele disse.

— Você ficaria surpresa com o quão próximo estes dois números são.

Não. Não, ela não ficaria. Jo sabia alguns detalhes. Ela considerou confessar os sonhos, mas

lembrou a si mesma que quatro dias atrás ele quase pegou sua faca... por que *suspeitou* que ela pudesse ser uma *cosa*ç.

Provavelmente não faria bem para a relação florescente deles se ele de novo decidisse matá-la.

Eles se aproximaram de uma clareira na névoa espalhada sobre uma área da campina. A neblina flutuava acima parecendo um grande toldo. No centro, uma fonte jorrava vinho. Ninfas se espalhavam por lá, como supermodelos em uma convenção de vinho.

— Rune! — uma guinchou.

O resto gritou o nome dele aplaudindo excitadamente. Quando começaram a dar pulinhos, seus vestidos de nuvem deslizaram, expondo seios.

Elas agiam como se uma estrela do rock tivesse entrado no recinto.

Ninfas o rodearam, brigando para ficar mais próximas, afastando Jo. Com expressões de idolatria, acariciavam os braços e peito dele. Cada uma lhe prometia segredos. Elas definitivamente estavam a fim.

E eu achei que conseguiria fazer Rune se apaixonar por mim? Jo estúpida. Porque na Terra — ou em qualquer outro lugar — um macho abriria mão deste tipo de estilo de vida?

— Pombinhas, estou aqui para encontrar um demônio — ele disse e elas se aquietaram. — Um que possa me riscar a qualquer continente em Gaia.

— Sei de um — disse uma ninfa com um arranjo de grossas tranças loiras no topo da cabeça. — O que esta informação valeria?

A mina tava tentando fazer Rune transar com ela? E ele *iria*?

— Valeria um pequeno favor — ele disse suavemente. — Eu podia procurar o demônio sozinho, mas estou pedindo a vocês, garotas, para poupar tempo. O que significa que não vou poder enrolar por aqui como costume fazer.

Jo podia imaginá-lo *enrolando*. Como uma orgia de um homem só funcionaria? Seria na base de liberdade para todos? Talvez elas fizessem uma fila, do jeito que fizeram no pátio. Suas presas alongaram agressivamente.

Por mais que gostasse de Rune, jamais dividiria um homem. Então, a menos que ele conseguisse se manter dentro das calças, ela teria de seguir adiante. Isso podia ser um problema se eles estivessem ligados pelo destino e tudo o mais.

Ela lembrou a si mesma que nada importava mais do que libertar seu irmão. Logo Thaddeus estaria na vida de Jo de novo. Se ele fosse como ela, ensinaria tudo o que sabia sobre se fantasmear e a telecinese. Eles aprenderiam o resto juntos. A esperança a deixou zozza. Seu futuro era tão estranhamente brilhante.

Por que se importaria se estas mulheres estavam apalpando Rune? Sim, Jo tinha uma paixonite por ele, mas paixonites podiam acabar.

A ninfa das tranças disse.

— Eu direi, mas só se você jurar pelo Lore que estará em nosso próximo bacanal.

— Isso é fácil — ele disse grandiosamente. — Eu juro pelo Lore que estarei... a menos que uma emergência ocorra — detalhe para o qualificador.

— Você usará o vestuário tradicional? — Outra perguntou excitadamente.

— Como mais eu viria? — disse ele, lançando a todas elas aquele sorriso.

Uma ninfa *desmaiou*.

Cheia de importância, a ninfa das tranças disse.

— Eu conheço um demônio da tempestade chamado Deshazior. Ele era um pirata, mas agora só faz transporte. Ele já esteve em todos os lugares de Gaia.

Um pirata? Interessante!

— Onde ele estará, pombinha?

— Ele e sua equipe gostam de ir num lugar chamado Lafitte. Fica em Nova Orleans.

Rune pareceu confuso, então Jo disse.

— Eu sei onde é.

As ninfas se voltaram para ela e franziram o cenho, como se só agora tivessem tomado consciência de sua presença.

A ninfa das tranças perguntou.

— Quem é ela, Rune? — Não havia ciúme no tom de voz dela, só um leve interesse.

— Oh, eu? — Jo soprou as garras. — Eu sou só a mina que o fez gozar nas calças. *Duas vezes.*

TRINTA E SEIS

— Saiam... Saiam... Saiam. Saiam do caminho — Josephine ordenava aos pedestres enquanto ela e Rune se apressavam pelo bairro. A placa do Lafitte estava bem à frente.

Mortais se dispersavam. Pressentindo em algum nível que ela era uma predadora?

— Saiam... saiam... saiam da porra do caminho — nenhum polido *com licença* vinha da vampira. Enquanto machos abriam caminho para ela, eles encaravam, espantados com sua aparência extraordinária.

— Eu podia ir à frente — Rune ofereceu, cada vez mais irritado pela reação deles.

— Está tudo sob controle. Claramente.

Ele nunca teria pensado que se sentiria atraído por uma fêmea tão impetuosa... especialmente não

uma que se deliciou em contar a um bando que ele gozou duas vezes nas calças. Sozinho com ela de novo, ele perguntou.

— Divertiu-se? — ela deu de ombros *Sim, Rune...*

Quando a multidão diminuiu, ela perguntou a ele.

— Você dormiu com todas aquelas... como você chamou?... Nepheles?

— Nephelae. Tenho quase certeza que dormi com todas elas. Gosto de espalhar o amor. Se não, elas se sentem negligenciadas. — Importante evitar.

O inferno não se equiparava em fúria a uma ninfa negligenciada.

Aparentemente ele havia transado com cada Dríade no bando de Dalli, exceto uma, a graciosa Meliai, e ela estava furibunda por ter sido deixada de lado. Antes que ele deixasse Dalli mais cedo, a ninfa havia parado, esperando se juntar a eles. Quando ele a rejeitou, ela disse que possuía uma chave que poderia fazê-lo passar pelos espectros... e que só a trocaria por sexo.

A runa de seu pulso ainda não mostrava alerta nenhum das ninfas em Val Hall. Até Nix estar na

casa, os espectros eram uma preocupação secundária...

Josephine havia parado de caminhar, forçando-o a se voltar para ela.

— O que?

— Desprezada? Espalhar o amor? Não te entendo. Às vezes acho que é a melhor coisa já inventada desde bolsas de sangue. Outras vezes, como agora mesmo, não consigo imaginar o que é que eu vi em você — ela passou por ele se dirigindo para uma das portas do bar lotado.

Ele olhou para ela. Ela não podia mentir, realmente queria dizer isto.

Do jeito que as informações fluíam *para* ele, as fêmeas fluíam *para* ele. Tudo o que tinha a fazer era ser ele mesmo perto delas e as situações funcionavam bem. Agora teria de monitorar tudo o que dizia?

Não, não, quando começasse a transar com a vampira a atitude dela em relação a ele ia melhorar. Ele a alcançou.

Quando entraram, ele scrutinou a localidade em busca de inimigos. O reino fey de Sylvan era um reino compacto de Gaia. Mais cedo ou mais tarde, Rune se depararia com os caçadores de recompensa de Sylvan ou mesmo o próprio Rei Saetthan.

Ele imaginou o rosto de seu meio-irmão, um que se parecia tanto com o próprio Rune. Embora Saetthan tivesse herdado os cabelos louros e olhos azuis de Magh, ele tinha a constituição alta e feições do pai deles.

Saetthan era o alvo mais ansiado de Rune... dos quatorze que restavam da linhagem de Magh... e considerava-se um protetor dos outros.

Rune não viu nenhum fey no lado de dentro, mas no sombrio fundo do bar uma turma tagarela de cinco demônios estavam sentados numa mesa. Cada um tinha um formato diferente de chifre, indicando espécies diferentes.

— Acho que aquele é nosso contato — Rune acenou na direção do maior deles. O macho tinha um peito colossal e os longos chifres apontando para a frente de um demônio da tempestade. Quando em pé, ele tinha mais de 2,10m de altura.

Josephine suspirou.

— Eu vou conhecer um demônio de verdade — ela apressou os passos.

Rune a seguiu.

— *Você tem estado com um demônio de verdade. Eu sou metade demônio, esqueceu?*

— Sim, mas você não tem os puta chifres legais daquele cara.

Eu devia. Rune desejou isto a vida inteira, do mesmo jeito que desejou ter o demoníaco sangue vermelho.

Seu olhar varreu a vampira. E se o sangue dele fosse vermelho? Do jeito que ela amava seu sangue ruim, como podia ansiar mais pelo de outra espécie? E se seu sangue ruim fosse *especificamente* o que a atraía? Mais tarde ele exigiria saber qual tipo ela preferia.

À mesa, Rune se dirigiu ao demônio da tempestade.

— Deshazior é você?

— É, sou eu — disse ele com um sotaque inegavelmente típico de pirata. Sua mão grande como uma pata se curvava em volta de uma caneca de hidromel.

— Disseram que você poderia nos ajudar em uma viagem.

Deshazior o ignorou, virando a cadeira para encarar Josephine.

— Está procurando uma carona, minha bela? — uma indiscreta “secada” no corpo dela acompanhou suas palavras.

Rune não gostou disto. Deshazior tinha de assumir que ela estava com Rune. No mínimo, o interesse aberto do demônio era desrespeitoso. Em última instância poderia ser tomado como sinal de hostilidade contra Rune.

— Sim, precisamos — ela disse.

O demônio ficou em pé, perto demais dela, então estendeu uma pata.

— Sou Deshazior. Pode me chamar de Desh.

Ela aceitou sua mão, a dele engolindo a sua.

— Josephine — disse ela, esticando a cabeça para cima, parecendo encantada com o macho. — Mas você pode me chamar de Jo.

Jo?

— Ah, minha adorável Jo, vamos dar uma volta lá fora e conversar um pouco — ele finalmente libertou a mão dela. — Preciso saber quando e onde te pegar.

Sério, demônio, duplo sentido? Como se este pirata tivesse chance!

Nenhum dos dois prestou atenção a Rune enquanto seguiram para a saída. Perto da porta Josephine disse.

— Oh, abaixe! Não vai querer bater os chifres.

Deshazor lançou-lhe um olhar acalorado.

— E ela ainda é considerada?

Protegida ou não, ela devia saber que a mera referência aos chifres de um demônio podia ser considerado um convite!

Na rua, Deshazor fez um gesto na direção de Rune.

— Eu acho que ele é um fey. Mas e você, o que seria?

— Sou uma vampira — ela revelou ao demônio aquilo, ainda que tivesse se recusado a revelar informações básicas a Rune.

— Nunca vi muita utilidade em vampiros — disse Deshazior — até conhecer uma pequena chamada Jo, minha primeira vampira — ele acenou indicando-a dos pés à cabeça, perguntando. — Vocês são todas assim atraentes?

Ela sorriu, o sorriso deslumbrante.

— E vocês demônios, são todos tão charmosos?

Deshazior se inclinou para mais perto.

— Fui cruel com sua espécie no passado, mostre-me que eu estava errado.

Ela também se inclinou, encarando-o.

— Faça de novo, rato de porão, e vou elegantemente te morder, e então executar um keelhaul⁷.

⁷punição capital aplicada a marinheiros que infringiam regras severas de conduta, consistia em amarrar o réu em uma corda,

lançá-lo ao mar e puxar a corda de modo a fazer com que o infeliz passasse por debaixo do casco (haul) da embarcação de

bombordo a estibordo ou de proa à popa. Como no casco dos navios antigos era comum crescerem cracas, mariscos e outros

animais, o atrito entre o corpo do réu com a superfície irregular causava sérios ferimentos, porém a causa mais comum da morte

Deshazor pôs a mão no peito e sussurrou.

— Misericórdia!

Ela riu. *Riu!*

— Eu assisti *Piratas do Caribe*.

Rune foi completamente esquecido.

— Onde tal cativante vampira precisar ir? Por que posso te levar pelo mundo inteiro.

Rune exclamou.

— Precisamos ir para a China. Ao Monte Hua.

Deshazor disse a Josephine.

— Está com sorte. Conheço aquele país inteiro. Posso te deixar diretamente na base.

— Inteiro? — perguntou ela. — Ninguém te pergunta sobre os chifres? — mencionando-os de novo!

— Vê minha camiseta? — estava impressa com as palavras Big Easy — Elenco.

Ela inclinou a cabeça.

— Estou vendo.

— Os caras acham que estou usando prótese para um filme.

— Oh, legal. Eles são realmente grandes — disse ela, o que excitou o demônio, e aqueles chifres começaram a crescer. Os olhos dela arregalaram. — Que foda! Posso tocá-los?

O queixo de Rune caiu.

Deshazor não conseguiu abaixar a cabeça rápido o bastante.

— Mulher, realize meu sonho!

— Já chega — Rune cortou. — Estamos quase atrasados — eles não estavam nada atrasados.

— Em outra ocasião? — perguntou Josephine.

Com a voz bem baixa, Deshazor disse.

— Oh, decididamente, amor.

Jo estava dando em cima de Desh!

Não do jeito que deu em cima de Rune, mas sentia uma atração curiosamente forte pelo afável demônio.

Desh era bonito de um jeito jogador-de-futebol-americano sobrenatural e o sotaque dele era tão sexy. Seus chifres eram ainda mais fodões vistos de perto.

Quando ele sorriu para ela, ela ergueu os olhos para ele com um sorriso confuso. Para alguém que praticamente odiava todo mundo, tinha uma boa impressão deste cara. Quase podia imaginar estar fazendo um amigo.

Seu primeiro!

Tantas coisas estavam começando a mudar em sua vida. O futuro se estendia tão brilhante...

Mesmo que só tenha levado um instante para gostar de Desh, Rune e o demônio pareciam ter se odiado à primeira vista.

— Dê seu maldito preço — perguntou Rune.

Será que o fey sombrio estava com ciúme? Ou isto era só um exemplo de Rune não se dar bem com alguém que tivesse um pau? Ela suspeitava do último.

— Eu levo a dama de graça — Desh não hesitou nem um pouco. — Você custará um dobrão de ouro... ou ela vai sozinha.

Jo abafou uma risada.

Com olhos estreitados, Rune tirou uma moeda do bolso, jogando-a ao demônio.

Desh pegou a moeda, parecendo pesá-la.

— É ouro bom — ele afundou uma presa na beirada. — É ouro *antigo*. De onde é, estranho?

Os lábios de Rune expuseram as presas.

— De um lugar onde demônios não se metem nos assuntos dos outros.

Jo olhou para ele.

— Você parece um fey, mas está expondo as presas de um demônio. Eu devia ter percebido pelos seus olhos — Desh franziu o cenho para ela. — Sabia que ele é um desprezível sangue-ruim, amor? Veneno ambulante e azar dobrado. Se estiver com sede, o sangue de um demônio da tempestade... — ele bateu no próprio peito —... é encorpado e saudável. Tenho mil anos, então meu sangue deve ter envelhecido como um bom vinho.

Rune rosnou.

— Que caralho é isso, demônio? Estamos aqui para negociar.

Desh virou-se para ele.

— Não vejo marca nenhuma no pescoço dela — *Marca?* — Se a reconhece como sua companheira, vou respeitar. Se não, ela é jogo limpo. O mais limpo.

Rune não acreditava que feys sombrios tinham companheiras, ainda menos que Jo fosse a dele. Então como poderia responder a este desafio?

— Ela não é minha companheira — Rune endireitou os ombros. — *Mas está na minha cama* — então completou — atualmente.

Filho de uma puta! Jo disse a Desh.

— Não que a gente seja exclusivo, nem nada disso. Hoje mesmo estávamos discutindo o quão *não-exclusivos* nós somos. Ele insiste. Nem mesmo chegamos a transar.

Rune admitiu.

— Ainda.

Jo o ignorou.

— Nunca.

— Bom saber. Vou te dar meu número.

— Ótimo! Ou dá uma passada lá em casa. Eu moro não muito longe daqui, no Big Easy Sleeps — ela apontou sobre o ombro.

— Não brinca? Naquele moquifo! — ele riu.

— Exatamente!

Rune se aproximou dela, dizendo a Desh.

— Precisamos partir para nosso destino. Ou você nos leva ou estará nos fazendo perder tempo.

— Eu aceitei o ouro, sangue-ruim, aceitei o trampo.

Rune acenou para Jo e disse.

— E vá para algum lugar coberto.

— Já pensei nisso. Conheço um lugar — o demônio estendeu a grande mão para ela. — Vamos, minha bela — voltando-se para Rune, ele rosnou. — Seu braço — ele segurou o antebraço de Rune, então os riscou. O teletransporte dele foi violento e rápido, como o de Rune.

Quando Jo piscou e abriu os olhos estavam sob a sombra de uma rocha suspensa. Além das sombras

havia uma grande extensão de céu azul. Nuvens brancas fofas acotovelavam o céu. O dia estava fresco, uma grande mudança da noite úmida no bairro. O cheiro de pinheiro pinicou seu nariz.

Estou na porra da China!

— Isto é incrível! — Ela podia ver as bases de duas montanhas, mas não via nenhum pico. A pedra era de cor clara, a superfície empoeirada com tufo de verde. Ela queria ver mais! Riscou para um campo próximo espiando para cima, para os picos cobertos de nuvens.

Ela cambaleou sobre os próprios pés, a mente perplexa. *Tão lindo! Tão grandes.* Suas primeiras montanhas de verdade.

Dash riscou para o lado dela.

— Deuses todos poderosos — o olhar deslumbrado varreu o rosto dela. — Você é uma vampira que caminha sob o sol.

— O que tem isso? — ela olhou para além de Deth, Rune também estava estupefato.

— Muito — Desh disse em uma voz meio engasgada. — Você devia ter queimado até virar cinzas.

Então o sol queimava mesmo os vampiros.

— A luz nunca me incomodou — se ela tivesse amigos, gostaria de ter ido à praia com eles. Se deitar. Beber sangue de uma taça com um guardachuvinha. — Deve ser porque sou forte pra caramba, algo assim.

— Eu já vi muitas coisas em meus dias, mas nunca nada assim. Nunca — Desh a encarou do mesmo jeito que ela havia encarado os topos das montanhas cobertos de nuvens. — Você realmente bebe sangue?

— Minha dieta integral.

De repente o corpo de Desh foi ao chão, jogado contra uma rocha sólida. Rune investiu contra o demônio e agora tinha a faca na garganta de Desh.

— Qual o seu problema? — ela gritou. — Não o machuque! Eu juro pelo Lore que vou te fazer se arrepender!

— Outro juramento? — Rune rosnou. — Ele sabe demais! Se não fizer isto você será caçada. Para sempre.

Maldita fosse ela antes de Rune decapitar o gentil demônio na sua frente!

— Não vou dizer nada sobre a garota! — O olhar de Desh encontrou o dela. Ele parecia estar mais preocupado com ela do que consigo mesmo. — Saia de perto deste bastardo pestilento, pequena. De qualquer jeito.

Ela pensou em usar sua telecinese, mas Rune tinha a lâmina pressionada contra a garganta vulnerável de Desh. Se não conseguisse controle suficiente para focar um feixe controlado, podia acabar explodindo a ambos em pedaços.

Mas um de seus talentos ela controlava à perfeição.

— Faça eu me arrepender então, Josephine — o tom de voz de Rune era como aço. — Mas não posso arriscar — ele apertou ainda mais o cabo da lâmina.

O que significava que era hora dela revelar todos os seus segredos.

TRINTA E SETE

Josephine a vampira estava sob um céu azul. Sob a maldita luz do sol. Na frente deste demônio qualquer.

Pensamentos demais para processar:

Ela é uma vampira que anda durante o dia, uma híbrida. Mas de que?

Que trunfo para os Mørjør.

Nem mesmo Blace pode sair ao sol.

Proteger o trunfo.

Proteger. O. Que. É. Meu.

Rune agarrou o cabelo de Deshazior, puxando a cabeça do demônio para trás.

De repente um arrepio o varreu. Ele ergueu o olhar. Josephine sumiu...

Sua lâmina se afastou do demônio, fora de seu controle. Sua outra mão cerrou em um punho... e bateu em seu próprio queixo! E de novo!

— Que caralho, demônio?

Libertado, Deshazior riscou pela clareira.

— Não sou eu, sangue-ruim.

Rune lutou com toda sua força, finalmente conseguindo dominar a força.

Outro arrepio percorreu seu corpo. Então Josephine *saiu de dentro de seu corpo*.

Ela estava tenuemente delineada, a pele em volta dos olhos tão escura... O cabelo ondulava enquanto ela flutuava.

Ela esteve *dentro* dele. Ela o possuiu! Os olhos sombreados, a imunidade ao sol...

Josephine era metade *fantasma*.

Ele se virou para Deshazior, viu que o demônio reconheceu a mesma coisa. *Não posso permitir que ele viva.*

— Já é o bastante, Rune? — a voz dela era tão fantasmagórica quanto sua aparência. Ela afundou no solo.

Ele girou ao redor, olhando de um lado para outro. Onde diabos ela estava?

Uma mão espectral rompeu a superfície agarrando seu tornozelo e o puxando para baixo.

Ele lutou, mas seu próprio corpo estava se desmaterializando! Cada chute passava pelo solo. Não havia defesa contra isto. Se quisesse, ela poderia arrastá-lo para o núcleo deste mundo onde ele seria esmagado até a morte.

Ou pior, e se ele *não* morresse?

Ele gritou de frustração quando afundou até a cintura e seus braços inutilmente passaram pela rocha.

— Josephine! — Para seu horror, ela escalou seu corpo até estarem cara a cara, suas mãos fantasmagóricas agarrando o peito dele.

Ela estava tênue, sua visão quase incolor, exceto pelas íris. Em sua forma fantasmal elas brilhavam, azul brilhante e âmbar.

— Conversamos sobre você machucar Desh. Não vai acontecer, entendeu?

— Me solte!

— Se soltar você ficará sólido. Tem certeza que é isto que quer? — Eles começaram a se erguer, como ar aquecido. Quando saíram do solo, ela o soltou.

Conforme ele se materializava, ela levitava, o rosto assustadoramente bonito.

— Você — ela apontou para Deshazior — jure pelo Lore que jamais dirá nada a meu respeito. Você — apontou para Rune — jure que não vai machucar Desh.

O demônio disse prontamente.

— Eu juro pelo Lore que não direi nada sobre você a ninguém.

O olhar de Rune travou em Deshazior.

— Você e eu sabemos o que ela é. E sabemos que este juramente não é bom o bastante — ele riscou para sua face, dizendo a Josephine. — Vai confiar em mim pelo menos uma vez? O demônio tem de morrer. — Quando ele se inclinou para o oponente, ela deu um grito cheio de pânico.

O corpo de Rune voou, batendo contra a face da rocha. Pedra rachou, costelas quebraram. A montanha inteira vibrou.

Ele caiu no chão. Telecinese também? Lutando para respirar, fez uma careta pela dor dentro de si.

— Já chega, mulher!

O rosto sobrenatural dela estava cheio de ameaça.

— Enfia isto na cabeça: você não vai matá-lo, entendeu? Vou continuar fazendo isto até você jurar.

Quando ergueu a mão para ele, Rune resmungou as palavras.

— Eu juro pelo Lore não machucar este demônio. Hoje — assim que a noite caísse...

Ele revirou os vívidos olhos diante disto.

— Outro qualificador.

— Aceite este juramento, não foi feito com facilidade — ele se forçou a ficar em pé, as costelas gritando. — Nós três viveremos. Hoje — embora seu arco fosse indestrutível, ele o verificou por danos. Ileso. Ele exalou em alívio, então se encolheu de dor.

Deshazior cautelosamente se aproximou dela.

— Tudo bem com o juramento, Jo — seu olhar admirado passou sobre o rosto pálido dela. — Nunca se sabe o que vai surgir durante uma Ascensão, né?

Ela se materializou, ficando em pé.

— Você sabe mesmo o que sou? Por que eu não sei.

— Você é parte — a voz do demônio baixou para um murmúrio — fantasma. Você é uma metamorfa entre vida e morte.

— Fantasma — as íris dela ondularam de novo. — *Fantasma* — ela disse a palavra como se a testasse. — É... eu gosto disto.

Nix dissera, *Morte e morta, tudo em um.*

— Você me salvou, pequena, e eu não vou esquecer. Ela sorriu.

— Eu te disse que eu era forte pra caramba.

Rune a observou, incrédulo. *Ela não faz ideia.* Ele já não tinha intenção de deixá-la ir, agora havia ainda mais motivos para mantê-la por perto.

O que não tinha nada a ver com o fato de que... no calor do momento... ter pensado nela como sua.

TRINTA E OITO

— Você acha que vão caçá-la? — Desh perguntou a Rune. — Quero só ver quem é que conseguiria pegá-la. *Exatamente!* Jo pensou.

Com malícia no olhar, Rune correu os dedos pela corda do arco em seu peito. Se ela tivesse de adivinhar, ele estaria planejando um assassinato na primeira oportunidade.

Ela tinha de extrair mais juramentos dele ou algo assim.

— Talvez seja melhor você ir, Desh — ela agora tinha ainda mais respeito pela força de Rune. De certo modo ele lutou contra sua possessão! Ninguém jamais havia chegado perto disto antes.

O demônio olhou para ela.

— É... acho que já vou indo — ele tomou uma das mãos de Jo entre ambas as suas. — Se algum dia precisar de algo sabe onde me achar. Se cuide, minha bela — ele beijou sua mão.

Awww. Ele era como um grande, quente e chifrudo ursinho de estimação.

— Até um dia — Desh desapareceu.

Um dia? Que tal neste final de semana no Lafitte?

— Que diabos, Josephine? — Rune brigou, ao estarem sozinhos. — Você me atacou? Estou do seu lado, lembra?

— *Atualmente, você quer dizer. Mas assim que esta missão acabar, vamos tomar caminhos separados. Você deixou isso bem claro — e isso machucou pra caramba. Ela suspeitava que ele iria conquistá-la e sumir, mas saber disto com certeza...*

— Não coloque palavras na minha boca — ele se arrastou até uma rocha para se sentar. — Eu estava te protegendo e é assim que retribui? Você não hesitou um instante em fazer revelações sobre si mesma para Deshazior, mas me deixou totalmente no escuro! Como pôde não me dizer que tinha esses poderes?

Ela estava orgulhosa de não o ter esmagado telecineticamente! *Um A+ para a Jo!*

— Mantive minhas habilidades escondidas porque imaginei que um dia poderia precisar usá-las contra você. Obviamente precisei.

— Cadê sua família? Qual dos seus pais era o fantasma? De onde você vem?

— Por que deveria te dizer qualquer coisa sobre mim? Dividimos alguns orgasmos. Ambos queremos matar a mesma Valquíria. Como você foi rápido em

afirmar... não há laço entre nós. Só estamos juntos atualmente, o que significa *temporariamente*.

— Laço? Deixe-me explicar novamente. Você precisa de aliados. E rápido!

— Por que está fazendo tanto estardalhaço sobre isto? Wicca ou Sorceri devem ter poderes semelhantes. Sua aliada bruxa não pode mover coisas com a mente?

— Sim, mas não consegue obter poder do sangue de outro. Ela não pode riscar. Não consegue possuir um inimigo e afundá-lo no chão.

— Oh.

— Oh? — ele estava ficando cada vez mais bravo. — Pudera Nix ter te chamado de especial! Pudera ela estar tão interessada em você e seu irmão. Eu devia ter matado Deshazior.

— Ele não vai falar. Ele jurou.

— E se um *cosa* beber dele? E se ele sair... — Rune capturou-lhe o olhar. — Vampiros irão querer estudá-la... no mínimo. Outros irão querer cruzá-la para obter uma progênie que possa suportar a luz do

dia. Se a Horda um dia coroar um novo rei, pode ter certeza que ele tentará te capturar.

Então ela fantasmou aquele rei para dentro de uma montanha.

— Você conhece outros fantasmas?

— Eles são raros. Posso ter conhecido um punhado em meus anos. Mas um híbrido de vampiro/fantasma? Eu não acreditava que existiam. Você tem mais algum poder que eu ainda não conheça?

Eu consigo sonhar suas memórias.

— Não. Só isto.

— Como se fosse pouco. Precisamos nos mexer o mais breve possível, mas saiba disto: você *vai* me contar sua história hoje — ele ergueu a camiseta para analisar a lateral de seu corpo. Seu torso estava roxo escuro.

Ops.

— Hemorragia interna. Bom trabalho. Tenho de me curar antes de enfrentar Nix — lábios pressionados juntos, removeu o arco. — O demônio está certo sobre uma coisa. Você deve ser um produto da Ascensão.

— Vocês vivem falando esta palavra — Nix dissera que todos tinham papéis a desempenhar.

— Deixa eu adivinhar... pode ser que vocês chamem por outro nome lá de onde você vem? — ele arrancou a camisa, flexionando os músculos.

Apesar de tudo o que aconteceu, sentiu-se atraída por ele, devorando seu peito largo com o olhar.

— Uma Ascensão é uma força mística que ocorre mais ou menos a cada quinhentos anos. Ela faz com que imortais entrem em contato para o bem ou para o mal. Loreanos conseguem encontrar companheiros e fazer alianças, mas no geral ocorrem mortes para reduzir a população imortal. O Lore já é um local violento, está perto de ficar muito pior.

— Ascensões parecem perturbadoras.

— Também é época de maravilhas históricas e descobertas. Por exemplo, um híbrido de vampiro/fantasma pode surgir — ele franziu o cenho, as engrenagens definitivamente funcionando. — Não só um. Seu irmão também está no jogo.

Jo ergueu a mão de novo.

— Deixe-o fora disto, Rune! Nem ouse pensar em Thad.

— Você devia ter pensado nele. Se os Loreanos souberem o que você é e se reunir a ele, ele também se tornará um alvo.

Merda, ele tinha razão.

— Você não me deixou escolha a não ser demonstrar meus poderes. Além disto, Nix já sabe sobre nós. Estamos tão a salvo... ou fodidos... quanto ela quiser.

— Esta é uma péssima posição para se estar, Josephine. Dizem que ela está conduzindo a Ascensão inteira rumo a uma grande guerra, ao invés de tentar evitar uma. Eu te disse que ela flerta com o apocalipse.

— Agora você sabe por que quero matá-la. Posso arrastá-la para o centro da terra e torná-la sólida lá.

— Você me deu uma amostra do quão horrível isso seria — ele furou o pulso com uma garra. Afundou o dedo no sangue, usou-o para desenhar sobre o lado ferido de seu torso. O aroma encorpado a atingiu enquanto um símbolo fascinante se formava.

Ele havia desenhado aquilo nela! Ela queria saber o significado de cada runa. Para recriá-las.

— Isto vai acelerar o processo de cura?

Ele anuiu.

— Forçosamente, por que minha *parceira* nos atrasou — em um tom decidido, ele disse. — Eu voltei a me lembrar de combinações curativas quando tratei *o seu* corpo ferido. E não vi nenhum sinal de agradecimento.

Ele a estava fazendo sentir-se uma víbora. Para ser justa, ele só quis matar Desh para protegê-la. E ele a salvou de Nix. Por causa de Rune eles estavam na trilha da Valquíria.

E mesmo assim, Jo tinha meio que quebrado todas as coisas dele. A culpa pesou sobre ela.

— Obrigada por me ajudar.

Ele não estava ouvindo, sua atenção estava toda em sua face.

— Você não usa um glamour.

— Não sei o que é isto.

— Algumas criaturas usam feitiços para melhorar a aparência. Eu pensei que as sombras ao redor de seus olhos e a pele pálida fossem parte de sua aparência.

— E são.

— Que bom — ele disse. — Bom — parecendo lutar para desviar o olhar, ele avaliou a lateral do corpo. Por baixo daquele símbolo, seus hematomas já se desvaneciam. — Pudera o modo como você risca ser tão peculiar. Você nos torna intangíveis antes.

— Sim. Posso fazer as coisas que toco se tornarem ar se eu quiser.

— As ramificações... — ele estava claramente avaliando todos os ângulos daquilo. — É fácil possuir os outros?

— Fácil como respirar. Às vezes eu chamo isto de fantasmar. Eu *me fantasma* para uma *concha*.

— Quantas *conchas* você já *fantasmou*? — Ele voltou a vestir a camisa, então cruzou o arco no peito.

— Inúmeros. Eu ando por aí neles.

— Então não passei de outra concha hoje.

Ela deu de ombros. Precisava roubar uma lembrancinha dele. Infelizmente não poderia ser o talismã.

— Não acha que devíamos começar?

— Essa conversa não acabou de jeito nenhum. Voltaremos a falar disto mais tarde.

— Do mesmo jeito que discutiremos como você *não* vai machucar Desh depois do dia de hoje acabar.

Rune apontou o dedo para ela, abrindo a boca como se estivesse a ponto de brigar com ela, mas então só fez uma careta.

À distância, ela ouvia vozes excitadas. Um grupo de turistas? O entusiasmo deles era contagiante.

— Vamos, Rune — Jo apontava para uma das montanhas. — Hora de subir!

As íris dele tremeluziram ao olhar para cima e para cima e para cima.

— Mal posso esperar...

TRINTA E NOVE

Os pensamentos agitados de Rune não eram suficientes para manter sua mente longe do abismo sob seus pés.

Ele e Josephine subiram por degraus escavados para chegar ao "Caminho de Tábuas para o Céu": uma trilha de madeira a milhares de metros no ar fixada na lateral da montanha íngreme, uma das mais íngremes deste mundo.

Estranhamente, o elevador que os pouparia de horas de subida estava fora de serviço.

Havia humanos insensatos e em busca de emoções ao redor deles, então ele e Josephine não podiam riscar para o topo. Além disto, ele não conseguia ver onde pousar e nunca esteve lá antes.

Ele seguiu pelo caminho estreito composto de placas de madeira pregadas juntas. A trilha de tábuas não tinha corrimão, só uma extensa corrente pregada na face rochosa para servir de apoio à mão. Ele a agarrou com mãos pegajosas. O sol os golpeava e o suor pingava de sua testa, fazendo os olhos arderem.

Rune tinha poucos medos verdadeiros; acrofobia, o medo de altura era um deles.

Adiante, Josephine saltitava pela trilha totalmente destemida.

Completamente surpreendente.

A determinação de Rune de levá-la para a cama só se aprofundou. A demonstração de força dela só havia colocado mais lenha na fogueira de seu desejo, mas o sexo também seria um vínculo a prendê-la a ele... e também aos Møriør.

Sua missão havia expandido: matar Nix e recrutar Josephine. E uma vez que Rune o fizesse, talvez o irmão resolvesse seguir a irmã para o lado deles?

Os Møriør bem podiam ter *dois* híbridos de poder inimaginável.

Ele a perdeu de vista em uma curva acentuada. Não muito atrás dele, mortais cheios de adrenalina riam e gritavam uns com os outros.

Ele transferiu seu aperto suado de uma corrente pra outra. Ele tinha 2,13m de altura; estas tábuas não foram feitas para aguentar alguém do tamanho dele.

Quando Josephine correu de volta para ele, as tábuas vibraram só com o pouco peso dela. Os pregos

enferrujados que mantinham as tábuas presas às rochas guincharam.

Suor porejava da testa dela e umedecia a camiseta. Fios de seu cabelo brilhante estavam úmidos. O sol acariciava seu rosto e ele se maravilhou de novo por ela ser uma caminhante do dia. Sob a luz ela parecia tão delicada quanto uma teia de aranha, a pele pálida levemente ruborizada. Ela estava animada, os olhos parecendo ainda mais brilhantes contra aquelas sombras sedutoras.

Ele estava feliz por ela não usar glamour algum. Sua aparência sempre seria única dela. Poderia observar seu rosto espectral por horas.

— Lá em cima a vista é fantástica! Dá para ver a quilômetros de distância — ela descobriu o desconforto dele e se deliciava metendo-lhe medo. — E não há mais tábuas. Só uns buraquinhos para colocar os pés escavados na rocha. Hmmm. Seus pés são enormes. Será que vão caber?

Josephine podia flutuar ou se fantasmar ou fosse lá como ela chamava aquilo. Ela só não podia voar.

Quando casualmente inclinou um ombro contra a rocha e cruzou os braços sobre o peito, ele quis puxá-la para mais perto.

— Por que tem medo? Se cair pode riscar de volta para cá.

— Não tenho medo. Isto é... cautela. Eu te disse que não cresci com a habilidade de teletransportar. Minha *cautela* se desenvolveu durante a infância.

— Mas você pode riscar agora.

Ele sabia disto. Mesmo assim, fobias não eram racionais.

— Este não é meu elemento natural — ele havia nascido e crescido para trabalhar nos pântanos, assassinar os inimigos de Magh e foder com seus alvos políticos. Ele jamais imaginaria que precisaria escalar montanhas.

— Seu elemento natural é estar em cima de ninfas. Vê quão limitador isto é? — ela lhe deu um franzir de cenho exagerado.

Apesar de sua inquietação, ele desejava beijá-la.

— Eu queria estar em cima de você.

Ela oscilou em volta dele, segurando a corrente com um dedo só.

— Tudo o que tem a fazer é sussurrar promessas no meu ouvido.

Não era segredo que ela queria mais de Rune... tipo amor e comprometimento... mas ele suspeitava que isto era só uma paixonite de uma fêmea *muito muito* jovem.

— Eu vou possuí-la, eventualmente. Eu sei que deseja fazer sexo comigo.

— Desejo um monte de coisa que não posso ter. É assim que a vida é.

— Não é possível para mim me tornar exclusivo.

— Possível? — ela rosnou. — Por que você é um puta conquistador? Porque seu grande pau balançando diz, “querida, tenho de me libertar?”

— Já parou para pensar que não é porque eu deseje outras mulheres? Como mestre dos segredos, uso sexo para obter informações. É meu trabalho... mas você espera que eu me demita bem diante da Ascensão? — O que, em nome dos deuses, custava aceitá-lo como ele era?

Ela anuiu em compreensão.

— Um dia você vai encontrar uma boa fêmea que aceitará o seu “trabalho”. Ouça minhas palavras, Rune: esta fêmea não sou eu. Se pisar na bola comigo, chuto o seu traseiro na próxima curva.

— Você acha que não posso te seduzir até mudar de ideia e fazer as coisas do meu jeito?

— Nunca. É melhor você dar adeus a tudo isso — ela gesticulou para o próprio corpo — e ir atrás daquela fey sombria de quem ouviu falar.

Ele franziu o cenho ao se lembrar. Durante os dois dias em que ficou velando a recuperação de Josephine, podia ter retornado à loja de Loa, desfrutando da dona da loja e depois indo atrás da fey. No passado ele teria caçado Loa.

Agora, ele tinha dificuldades em se imaginar com qualquer outra fêmea além de Josephine.

— Talvez eu pudesse ser persuadido a tentar um relacionamento aberto com você... um relacionamento de longo prazo que nos permita ficar com outras pessoas, desde que sempre voltemos para a cama que dividimos.

— É esta a sua ideia de compromisso? Talvez a gente chame de outro jeito lá de onde venho — a vadiazinha piscou para ele. — De qualquer forma, por que eu aceitaria menos do que preciso quando só tenho vinte e cinco anos?

— Por que você podia ser flexível.

— Quem disse? Quero promessas de que meu macho não vai estar em outra cama além da minha.

— Sem dúvida um juramento pelo Lore? Você é doidinha por estes juramentos. E se nos comprometermos e você perceber então que seus sentimentos por mim não passavam de paixonite? Um amor de colegial? Nós nos conhecemos há tão pouco tempo.

Ao invés de reassegurá-lo que sentia mais, Josephine disse.

— Aposto que eu conseguiria convencer Desh a se comprometer comigo.

Os olhos de Rune se estreitaram.

— A propósito, os chifres de um demônio macho são considerados órgãos sexuais. Pedir para tocá-los equivale a oferecer uma punheta. Você

provavelmente não sabia disto, já que é mentalmente equivalente a uma humana. Vou te dar o benefício da dúvida.

— Tem razão, eu não sabia disto — ela batucou uma garra preta contra o queixo. — Mas vou saber da próxima vez que eu pedir a ele.

Rune cerrou o maxilar. Ela *podia* propor a Deshazior... fazer qualquer coisa que quisesse com o demônio... e Rune não poderia dizer uma palavra a respeito.

Algo em sua expressão a fez se iluminar.

— Meu velho está com ciúme de Desh! Eu te deixo ver.

— Ou talvez eu só esteja furioso por aquele demônio da tempestade inexperiente ter me desrespeitado. Ele era só um cisco nos olhos do pai dele quando eu já tinha seis mil anos!

Cantarolando, ela disse.

— Ci-úúúúú-mes — ela flutuou mais para mordiscar a ponta de sua orelha sensível!

Ele não sabia se aquilo o fazia querer fodê-la, espancá-la ou abraçá-la.

— Talvez eu encontre alguma *Orea* aqui, ninfas que vivem em montanhas altas. Então veremos quem é que tem ciúmes.

Ela voltou a pousar nas tábuas.

— E o que ia fazer com elas? Trepar? Com todo esse medo?

— Não estou com medo. Só não estou me divertindo.

— Meu homem velho, ciumento e medroso também — o sol atingiu seu sorriso deslumbrante.

Deuses, ela era fascinante.

— Eu simplesmente preferia estar em outro lugar. Agora cala a boca, criança.

— Então não vai te incomodar se eu fizer isto? — ela pulou pra cima e pra baixo, fazendo as tábuas oscilarem. — Será que as *Orea* virão salvar o garanhão favorito delas?

— Você vai pagar por isto quando estivermos em terra firme.

— E se eu fizer isto? — ela se aproximou dele. Mais perto. Ela não parou quando o alcançou, só continuou... para dentro de seu corpo.

— Josephine, *não!* — arrepios correram por sua espinha. Mas ao mesmo tempo, tê-la dentro dele era curiosamente... erótico.

Eles começaram a se desmaterializar.

— O que está fazendo? — O terror o invadiu quando seus dedos atravessaram a corrente.

Ela deu um passo para a porra do abismo, eles pairaram no ar.

Ele espiou para baixo, para a queda. Seus pulmões contraíram, o coração trovejou. *Risque para longe!* Ela se moveria com ele? Ou tentaria sair dele? E se ela perdesse o controle e caísse? Com a mente em caos, ele berrou.

— Chega!

Ela o flutuou de volta à trilha, então se desentrelaçou dele. Uma vez que estava solidificada ao lado dele, sua fobia se tornou raiva, também contra ela.

— Fique na maldita trilha — ele a enfiou entre ele e a montanha — deixando espaço somente para a lateral de seus dedos em cima da tábua.

— Para que isto? Você agora está pendurado na beira.

Ele rosnou.

— Eu não sei! Você precisa ficar perto. Mas não dentro de mim, porra — nesta posição, ele conseguia ver fundo no decote dela. Só para distraí-lo uma gota de suor escorreu pelo pescoço dela, descendo entre aqueles montes de alabastro. Ao se concentrar naquela vista, achou que a situação não era assim tão ruim. De fato, ficou duro. Ele queria lambar o suor de cada centímetro da pele dela.

Ela correu os dedos pelo peito dele acima até brincar com os dedos em sua nuca.

— Meu fey sombrio está me protegendo de novo?

Ele ergueu os olhos para seu rosto.

— Não seria a primeira vez. Eu realmente tentei te proteger lá embaixo.

— Você foi tão rápido contra Dosh! E é bem mais forte do que eu achava. O que quer dizer muito, já

que eu o vi derrubar um prédio enquanto te espionava.

Ele sequer detectara seu cheiro quando o espionara... por que ela não passara de *ar*.

— Minha força vem com a idade. No Lore, *mais velho* significa *mais forte*.

— Eu sinto sua força quando estou dentro de você. Possuí-lo me dá um barato.

— Você fez isto mais de uma vez? — ele caiu em si. — Em Tortura.

Ela anuiu em concordância.

— Eu queria ter certeza de que poderia sair se você quisesse me enganar ou coisa assim.

— Por que sequer se materializar? Você é invencível quando intangível. Por que não ficar assim o tempo todo?

— Eu gosto de ter um corpo.

Ele iria gostar de ter o corpo dela também.

— Já possuiu outros enquanto faziam sexo?

Ela fez uma careta.

— Oh, sim.

Ele a puxou para perto.

— Você os faz fazerem coisas?

— Eu só observo. Tento não controlar as conchas. Isso bagunça com as mentes deles.

— Não diga! — o queixo dele ainda doía dos socos que dera em si mesmo. — Eu não fazia ideia do motivo de estar batendo na minha própria cara. E então pisar no abismo?

— Eu geralmente não consigo sentir nada dentro de uma concha, mas senti o gosto de seu medo e senti seu coração trovejando. Desculpe por ter te assustado. — Do jeito que os dedos delicados dela subiram, eles começaram a descer.

— O que está fazendo, Josephine? — ele mal reconheceu a própria voz. Deuses, ela o fazia se sentir indefeso. E eufórico.

Jovem.

— É como se eu tivesse te *algemado*. Você não pode escapar do meu agarre — a mão dela afundou pela cintura de suas calças, então para dentro. Ela

arfou ao encontrar seu pau ereto e dolorido por atenção.

— Por que eu iria querer escapar? — ele perguntou, silvando uma respiração quando ela passou o polegar por toda a glândula em um círculo lânguido.

Ela gemeu, os mamilos enrijeceram contra a camiseta. Ele precisava tocá-la também! Lutando contra seu medo, ele soltou a corrente e recompensou suas mãos com sua carne firme.

QUARENTA

— Eu mataria para ter você — murmurou Rune, acariciando a orelha dela com o nariz. — Eu te comeria aqui mesmo.

Ele espalmou os seios de Jo, tão excitado como se tivesse esquecido o abismo abaixo deles.

— Sério? — ela estremeceu quando ele passou os polegares sobre os mamilos.

— É só dizer. Embora eu me pergunte se aguentaria o bastante para te deixar pronta — as sobrancelhas dele se juntaram. — Eis outra frase que eu jamais achei que diria.

— Me deixar pronta? — perto de seu arco a camisa dele se abriu em um V, revelando pele úmida e aquela runa em seu peito. Ela queria traçá-la com a língua.

— Você é tão apertada, Josie. Vou fazer de tudo para não machucá-la.

Ela agarrou o pau dele pela base. Não conseguia fechar a mão.

— Eu vejo o que está dizendo. Mas não tem que se preocupar com o quanto sou apertada... — ela se inclinou para beijar aquela runa... — por que não vou dormir com você a menos que sejamos monógamos — ela disparou a língua pela pele dele. O gosto era delicioso, o sal de seu suor limpo a fez gemer.

Ela queria continuar a beijar seu torso até a runa ao redor do seu umbigo. Então descer mais até a parte quente e inchada do corpo dele que pulsava na sua mão. Quando o acariciou, ele bombeou em sua mão.

— Você é uma provocadora perversa — ele torceu seu mamilo, arrancando um choramingo dela. Sua outra mão afundou na frente dela.

— Provocadora? Não viu nada. E se eu usasse a telecinese para te acariciar? — ela moveu a mão sobre ele. — Você podia estar do outro lado da sala e ninguém veria eu te acariciar. Você jamais saberia quando esperar.

Os olhos dele se acenderam de excitação.

— Eu quero!

Então fique comigo.

— Logo. Isto ainda é novo pra mim. Acabei de aprender como fazer isto lá na sua casa.

— Foi por isto que destruiu tudo? — ele começou a desabotoar as calças dela.

— Mais ou menos. Eu *também* estava com ciúme.

Ele descer seu zíper, então enroscou os dedos no elástico de sua calcinha.

— Eu sabia.

— É assim tão ruim querer isto — ela apertou o pau dele — só para mim?

As narinas dele alargaram.

— E então você podia me ter exclusivamente também.

— Eu quero... — ele se interrompeu. — Maldição! Mortais se aproximam.

A montanha estava fervilhando deles. Com uma última carícia que o fez estremecer, ela tirou a mão de dentro da calça dele.

Ele praguejou baixinho, então subiu de novo o zíper da calça dela.

— Em outra ocasião?

— É a segunda vez que diz isto hoje — disse Rune.
— Qual ocasião virá antes, a minha ou a de Desh? — ciúme total!

Ele podia negar o quanto quisesse. Inferno, ele estava tentando negar até os sentimentos *dela*. Paixonite colegial? Besteira.

Ela ergueu os olhos para seu olhar penetrante... magenta brilhante sob o sol... e as coisas ficaram mais claras. Os fatos: ele lhe dera mais prazer do que qualquer outro antes, e sua expressão prometia mais em breve. Ele era o homem mais forte que ela já havia conhecido, o mais esperto, o mais focado.

Tomar seu sangue a fazia sentir-se conectada como jamais antes.

Ela sabia de suas memórias que quando Rune amava, era profundamente.

Porque *ela não iria querê-lo só para ela?*

Ele e Josephine se sentaram em um banco observando o sol começar a se por, e mesmo Rune podia admitir que a vista era um espetáculo. Talvez ela *estivesse* mesmo fazendo-o ver o mundo com novos olhos.

Mais cedo, eles chegaram ao topo e exploraram, então foram à casa de chá. Ele não detectara nenhum sinal de Nix, nenhum aroma remanescente de Valquíria. Eles a perderam ali.

A maior parte dos humanos estava se dispersando... restavam alguns casais e ocasionais escaladores noturnos com seus capacetes com lanternas... então ele e Josephine encontraram um lugar para sentar para observar o sol se pondo.

Ambos estavam perdidos em pensamentos, mas o silêncio era confortável.

Josephine provavelmente imaginava sua reunião com o irmão. Temia que ela estivesse criando tamanha expectativa com aquele encontro que a decepção era quase certa.

Um pensamento perturbador.

Ele devia estar planejando suas próximas ações, mas seus pensamentos estavam voltados pela caminhante do sol ao seu lado.

Passou a mão no queixo revivendo a interação deles. Ele realmente havia esperado que ela tivesse negado as acusações de paixonite, talvez o convencendo de seus sentimentos.

O que aconteceria de verdade se a paixonite dela diminuísse? Não seria irônico? Rune querendo uma garota mais do que ela o queria?

Ele ainda não acreditava que ela o possuía. Mais inacreditável ainda... não se importaria se ela fizesse de novo. Contanto que não o voasse para fora da montanha...

Quando um jovem vendedor apareceu com um carrinho de coisas para vender: comida, luvas e até jaquetas, ela pediu a Rune.

— Compre alguma coisa para mim?

Ela não parecia estar com frio e não estaria interessada na comida.

— Ah, você quer um souvenir. Para juntar aos outros — disse ele, claramente deliciando-a. — O que vamos comprar para sua mesa no quarto de hotel?

Os contornos dela pareceram tremeluzir.

— Não importa o que... contanto que seja daqui.

Ele se levantou e avaliou o carrinho. Barras de chocolate, energético, amendoins. A única coisa com escrita distintamente chinesa era um tipo de bebida em um cântaro de cerâmica.

Rune apontou para o cântaro, erguendo as sobrancelhas para o vendedor. O macho mortal imitou o gesto de beber, então cambaleou em um círculo. Josephine riu.

Ah, álcool. Rune comprou um. O vendedor ficou contente de aceitar o dinheiro americano.

Voltando para o lado dela, Rune perguntou.

— Quer experimentar isto?

— Beba você, pobrezinho. Depois deste dia estressante que teve?

Ele riu.

— Ria enquanto puder — ele soltou a tampa, olhos lacrimejando com o cheiro. — Bons deuses, isto vai ser forte — experimentou o gosto.

— E aí, que tal?

Incomum.

— Não queima ao descer, mas dá para saber que a quantidade de álcool é grande — perfeito. Quando ela se alimentasse dele mais tarde, ficaria bêbada. Ele deu um grande gole, bebendo por dois.

Já havia planejado soltar as inibições para obter informações dela, mas agora tinha ainda mais razões. Embora aquele dia tivesse respondido diversas questões, acabaram surgindo inúmeras outras.

Por que ela foi separada do irmão a quem amava? E por que não conhecia a própria espécie? Onde estavam os pais dela?

Por que não sabia ler?

Antes, quando sugeriu que ficassem perto do cume, ela disse.

— Onde vamos dormir? Talvez em uma daquelas cavernas de ermitão que vimos no caminho? Você não deve tê-las visto com os olhos fechados de medo e tudo o mais...

Espertinha.

— Vamos pegar um quarto na montanha.

— Como sabe que tem quartos aqui?

— Há uma placa em inglês no quadro de avisos — ela ficou em pé ao lado dele, parecendo ler.

— Ah sim — ela desviou o olhar — me lembro de ter lido sim.

Com aquela declaração, ele percebeu duas coisas.

Ao contrário de vampiros de sangue puro, Josephine era fisicamente capaz de mentir.

E provavelmente não sabia ler.

Em Tortua, ele jogara o *Livro do Lore* para ela. Pensando bem, podia se lembrar do quão frustrada ela ficara. E o fato de que não havia danificado

nenhuma página em sua biblioteca era revelador; ele acreditava que ela *queria* aprender.

Ensinar Inglês a ela não seria difícil, mas exigiria tempo e comprometimento. Pela primeira vez na vida, não sabia aonde o futuro o levaria com uma fêmea. Deu outro longo gole do cântaro.

A luz final do dia atingiu os picos, raios raiando a rocha. Quando foi a última vez que assistiu a um por do sol?

Quando a noite caiu sobre a montanha, a temperatura caiu rapidamente. Ele passou o braço ao redor de Josephine, puxando-a para perto. Uma onda nada familiar de... *algo* o inundou.

Relaxamento? Satisfação?

Ela olhou para ele com aqueles olhos luminosos.

Morta e Morte, de uma vez só? Então por que ela parecia tão *viva*?

— O que foi?

Depois de hesitar, ela encostou a cabeça nele e suspirou.

— Neste momento, aposto que está pensando que sou a melhor coisa já inventada desde bolsas de sangue.

— Neste momento, você realmente não é nada mal, bobo.

Para um macho que nunca havia esperado ter uma fêmea predestinada, ele combinava com Josephine em um nível alarmante.

Só a conheço há um piscar de olhos...

Então por que estava imaginando suas emoções como uma chama crescente?

QUARENTA E UM

Jo e Rune estavam sentados próximos em um restaurante na montanha. Lá fora a temperatura continuava a cair e o vento a aumentar, o que fazia a estrutura estremecer, mas o canto onde estavam era quente e confortável. Lanternas de papel lançavam um brilho difuso. Trechos suaves e exóticos de música soavam ao redor.

Mesmo para uma bebedora de sangue, o aroma da comida era tentador. Ela precisaria roubar algo

deste lugar para se lembrar de seu primeiro encontro para jantar.

Rune havia negociado um quarto em uma pousada com direito a refeição. Jantar e cama. Ela se perguntou quantas vezes ele já não fizera aquilo com uma fêmea.

Somente três noites por ano significaria vinte e uma mil vezes.

Deixa para lá, Jo. Ela não pensaria demais nisto, não quando passou um dia tão incrível com ele. Ele lhe comprou um souvenir — seu primeiro souvenir *de verdade* — e então se sentaram em um banco, como aquele casal em Nova Orleans.

Aquilo estava realmente acontecendo!

Depois do pôr do sol, voltaram por alguns minutos para Tortua e seu quarto de motel para pegar roupas mais quentes. Ela havia colocado aquele cântaro vazio na mesa ao lado das abotoaduras do noivo.

Graças à sua nova recordação, ela se lembraria do dia em que explorou uma montanha na China com o cara de seus sonhos.

— No que está pensando? — ele perguntou agora.

— Neste dia inteiro.

— Qual sua parte favorita?

— Provocá-lo na trilha de tábuas foi divertido. E amei assistir ao pôr do sol com você — quando ele passou o braço ao seu redor, Jo havia concluído que, quanto mais a conhecia, mais gostava dela. Então decidiu se abrir com ele esta noite.

É claro que ele se retraiu um pouco... por que *ela* fazia o mesmo. Uma vez que percebesse o quanto ela era incrível, ele entraria na linha.

O garçom, um homem idoso de cabeça raspada e gingado nos passos, trouxe os menus, indicando que deveriam ler uma das laterais.

Uma lateral, *Chinês*. A outra, *Inglês*. Merda. Ela teria de comer alguma coisa para se passar por humana!

— Quer que eu peça por você? — Rune perguntou.

Aliviada, ela lhe entregou o menu.

— Por favor.

Ele pediu algo que soou como *bee-yang* junto com um pouco de *bie-jo*.

— O que pediu? — ela perguntou quando o garçom se afastou.

— Macarrão e mais daquela bebida de antes. Agora que me ocorreu, eu devia ter te perguntado. Certos alimentos podem temperar meu sangue e pele. Você deve ter preferências.

Ela não sabia. No interesse de se abrir mais, ela admitiu:

— Nunca mordi ninguém além de você. Bem, exceto meu próprio pulso — masturbação vampírica.

Ele inalou profundamente.

— Se eu te visse fazendo isso, provavelmente gozaria na hora — então se deu conta do resto da declaração. — Eu fui o seu primeiro? — o tom de voz dele não podia ser mais convencido.

— Sim, seu sangue me converteu. Nunca mais vou conseguir tomar de bolsa de sangue.

Ele riu.

— Isso é bom. Pergunto-me se gosta do meu *porque ele é negro*.

— Talvez sangue vermelho tenha o gosto diferente quando tomado direto da veia. Tipo a diferença entre comida fresca e congelada. — Mesmo assim, jamais se compararia ao de Rune. — Terei tempo para descobrir.

O sorriso dele se apagou.

— Você pretende beber indiscriminadamente? Só vampiros da Horda fazem isto. Eles se apoderam de tantas memórias alheias que seus olhos ficam vermelhos e as mentes apodrecem — até então, estive relaxado, mas agora percebia-se a irritação.

— Você tem ciúme de me imaginar mordendo outro, hein? É *mesmo* tipo sexo... com as lambidas, os lábios e a penetração. Pense bem, outros caras podem reagir do jeito que você reagiu. Eu consigo o sangue; eles ficam excitados. Do jeito que a natureza manda.

Ele não disse nada, mas cerrou os punhos.

Excitante!

— Bem, não é como se eu tivesse de me preocupar com isto agora. Só estou bebendo de você — ela lançou a ele um sorriso indiferente. — *Atualmente.*

O garçom voltou, interrompendo a tensão à mesa. Ele serviu um cântaro decorativo, semelhante ao que Rune tomara antes, junto com duas taças pequenas. Quando serviu o líquido claro, a força do álcool atingiu o nariz de Jo.

Rune bebericou, anuindo sua aprovação. Quando o garçom se afastou, Rune bebeu de sua taça, usou sua velocidade fey para tomar a dela também, então se serviu de mais uma rodada.

— Você sempre bebe tanto assim?

— Estou bebendo por dois.

— Ohhh. Eu vou ficar bêbada de seu sangue?

— É o que vamos ver — ele virou para encará-la, seu contorno grande escondendo-a da vista. Usou uma garra para furar seu indicador. — Veja só como olha para meu sangue. Acha que vai conseguir trocá-lo assim tão fácil?

Ela agarrou a mão dele.

— Eu nunca disse que não adorava o seu.

Sob a luz das lanternas, os olhos dele escureceram para o ameixa mais profundo quando ele murmurou.

— Chupa.

Ela pôs o dedo dele na boca, fechou os lábios e sugou. O sangue tinha um gosto diferente esta noite.

Ele abafou um gemido, usando a outra mão para endireitar a ereção.

— Olhe para mim enquanto se alimenta.

Ela ergueu os olhos e ele murmurou.

— É isso. Porra, eu podia gozar agora mesmo.

As garras dela afundaram na pele dele. Ela sabia bem do que ele estava falando!

— Você adora o meu gosto.

Sentindo a cabeça leve, ela suavizou a sugada, mas ele disse.

— Ah-ah, um pouco mais.

Ela deu mais uns goles, então o liberou, lambendo os lábios.

Ele mexeu na ereção de novo.

— Como estava o jantar?

— Delicioso como sempre, mas com um toque a mais.

Como se ela tivesse provado um ponto, ele disse.

— Foi o que eu pensei — o bom humor dele tinha voltado — e como está se sentindo?

Ela não conseguia parar de sorrir.

— Maravilhosa.

— Suspeitei que ia subir rápido à cabeça. O álcool deve entrar em seu sistema muito mais fácil do que no meu.

— Isto é a coisa mais forte que já bebeu?

— No reino de Pandemônia os demônios fazem um hidromel chamado licor lava que é capaz de te deixar de joelhos.

Ele era tão viajado. Pudera se sentir tão fascinada. Ela pousou os cotovelos na mesa, descansando o queixo em ambas as mãos enquanto o encarava.

— Em quantos reinos já esteve? Espere... deixe-me adivinhar... Você não consegue contar tão alto?

— Exato — uma insinuação de sorriso curvou seus lábios sedutores.

Ela suspirou.

— Lembre-me de descobrir o quão alto você consegue contar. Qual o seu mundo favorito?

Ele sustentou o olhar dela.

— Neste momento, a Terra está *muito* bem posicionada — o Rune paquerador era irresistível.

— Teria vindo para cá se não fosse em uma missão?

— Visito ocasionalmente. Mas Tenebrous, o lar dos Møriør, fica longe demais de Gaia e seus planos. Riscar esta distância pode ser cansativo, mesmo para imortais da minha idade. O reino está se aproximando cada vez mais, mas ainda leva dias para chegar lá.

— Reinos podem se mover?

— O nosso pode.

— Conte-me sobre os Møriør. Quantos são?

Ele pareceu apreciar seu interesse.

— Dez, contando comigo. Mas eventualmente seremos doze. Møriør significa *doze*. Ou *destruição da alma*. A maioria de nós está unida há milhares de anos.

— Como se envolveu com eles?

— Eu estava em uma masmorra. Orion, nosso líder, me libertou. Ele descende de deuses, *muito* poderoso.

Ela pousou a mão sobre o braço de Rune.

— Por que estava preso?

— Longa história...

— Deixe-me interromper agora mesmo. Se te interessa saber, nunca vou querer a história mais curta.

Ele lhe deu um olhar especulador, mas ela podia dizer que havia gostado.

— Muito bem. Meu pai era o rei do reino fey de Sylvan. Minha mãe era uma escrava de quem ele abusava. Quando nasci ele poupou minha vida... indo contra os costumes... mas não me deu uma vida digna de ser vivida. Ele morreu quando eu tinha quinze anos. Sua viúva, a Rainha Magh, me forçou a me tornar um assassino usando a vida da minha mãe contra mim. Só mais tarde soube que já estava morta.

— Eu sinto muito, Rune — ele acabava de confirmar aqueles sonhos que teve, eram realmente

suas memórias. O que mais ela veria? — Então o que aconteceu?

— Eu era bom demais no meu trabalho. Com o tempo já não havia ninguém a matar, ninguém a interrogar. Então Mag me vendeu como... escravo. Suponho que ela esperasse que eu ficasse louco ou me afundasse em miséria. Mas me tornei mais frio e sobrevivi. Ela me forçou a voltar para Sylvan só para me torturar. Orion me encontrou nas masmorras dela e me libertou. Por causa dele fui capaz de me vingar de Magh.

— Então ele tem meus agradecimentos. Fico feliz de não ter aceitado espioná-lo.

— Do que está falando?

— Nix queria que eu obtivesse informações sobre ele, caso contrário não me deixaria ver Thad.

Rune ergueu as sobrancelhas.

— Então sua solução é assassiná-la? Parece uma abordagem meio extrema, não?

— Sim. Elimina o obstáculo. Meu lema? Aperte até algo quebrar.

— Estou descobrindo que você gosta de manter as coisas o mais simples possível.

Ela anuiu.

— Mesmo que eu não esteja espionando quero saber mais. Você já tinha encontrado Orion antes dele libertá-lo?

— Não, nunca. Mesmo assim, de alguma forma, ele sabia que eu me tornaria o maior arqueiro de todos os mundos.

Rune disse aquilo objetivamente, como ela fazia quanto informava às pessoas que era forte para caramba. *Não é presunção se é verdade.*

— Você me disse que seu arco era um presente de valor incalculável. Foi Orion quem te deu?

— Sim, o arco Darklight — ele tocou a corda. — Então você sabe escutar.

— De vez em quando. Por que ele é chamado de Darklight?

— Ele foi feito a partir da Yggdrasil, uma das árvores do mundo. A madeira foi colhida sob uma lua cheia de caçador, mas curado com o fogo de um dragão do sol. Mesmo minha força não conseguiria

quebrá-lo. O que significa que posso atirar muito, muito longe e muito, muito rápido. Com a flecha certa, eu podia perfurar uma montanha com facilidade. Nos Outros Reinos sou conhecido como Rune Darklight. É meu sobrenome, tanto pelo arco quanto pela minha espécie, eu acho.

Josephine Darklight. Suspiro. Ela adoraria ter o nome dele, finalmente se tornar alguém além de Josephine Doe. Ele lhe perguntara sobre sua família só uma vez, mas havia prometido obter todos os seus segredos. Logo confiaria nele para revelá-los.

— Talvez eu te leve para atirar um dia desses — ele ofereceu com o tom de voz casual.

Um dia era igual a futuro.

— Seria legal — ela abaixou os olhos para sua aljava onipresente. — Porque suas flechas são de cores diferentes?

— Cada uma tem uma utilidade diferente. Eu uso runas de sangue para enfeitiçá-las.

— Eu queria aprender aqueles símbolos.

Ele franziu o cenho.

— Por quê?

— Porque são fodásticas. E porque foi delas que veio o seu nome.

— É mais fácil falar do que fazer. Talvez te ensine algumas.

Algumas? Ela já memorizara todas as que ele desenhara nela e a que ele usara hoje.

— Vamos ver suas flechas.

Ele tirou uma com a ponta e penas brancas. Suas runas brilhavam sob a luz difusa.

Ela estudou os símbolos.

— Esta é uma flecha *esmaga-ossos* — disse ele. — Quando toca o chão, pulveriza os ossos de qualquer um que esteja por perto — a expressão dele era impassível; não soava orgulhoso, nem envergonhado.

Mesmo assim ele considerara aterrorizante ser fantasmado para dentro do solo?

— Esta flecha não machuca a você ou seus aliados?

— Eu nos tornei imunes. Irei adicionar runas para incluí-la na imunidade também.

— Então era disto que Nix falava — *enquanto quebrava meus membros*. — Você já atirou uma dessas?

— Hoje mesmo usei contra as tropas de demônios do gelo antes de ir à casa de Dalli. A amiga de quem falei. — Ele voltou a guardar a flecha.

— Dalli e você tem uma amizade colorida? — Não houve negação. Ele esteve com aquela fêmea há menos de um dia. As garras de Jo alongaram. Parecia ter se passado semanas. — Então você teve tempo para se meter com uma ninfa e ir pra batalha?

Ele deu de ombros em atitude de *não é grande coisa*, então pegou uma flecha negra.

— Esta é chamada — ele batucou o dedo nas penas da ponta — *rápida-e-mortal*. Quando atiro em um alvo no pescoço, a flecha arranca a cabeça na hora, o que a torna muito útil quando é necessário levar uma prova do assassinato — os dedos dele selecionaram uma flecha cinza. — Esta é a *apagadora*. Ela explode o corpo de um imortal em pedacinhos.

Isso provavelmente seria uma coisa horrível de se ver.

— E as vermelhas?

— Afundei as pontas delas no meu sangue. A maior parte dos Loreanos não sobreviveria nem mesmo a esta pequena dose.

— Quem foi a última pessoa que assassinou?

— Um descendente daquela rainha. Antes de matar Magh jurei que acabaria com a linhagem inteira dela. — Só falar naquela fêmea já fazia os olhos dele brilharem de ódio. — Cada Møriør quer algo nos reinos de Gaia. Eu busco vingança.

— Os outros também têm *vendettas*?

— Alguns, mas há mais — ele parecia estar decidindo se revelava mais.

— Tipo o que? Vocês querem dominar o mundo? — ela perguntou, tentando suavizar o humor dele de novo.

Mortalmente sério, ele disse.

— Sim.

Uau.

— Vocês pretendem instituir alguma espécie de ditadura?

— E em que isto seria diferente do que você faz lá onde mora? Você policia e protege seu povo de ameaças. Imagine se somente suas ações mantivessem sua vizinhança... não, sua *nação*... a salvo da destruição absoluta — ele tomou sua dose e então ergueu a dela. — Quero que você conheça Orion. Ele é o melhor para explicar isto a você.

Rune queria apresentá-la aos seus?

— Você arranjaria um encontro?

— Com o tempo. Como eu disse, você precisa de aliados. Não há melhores.

— Algum dos outros tem companheiras?

Ele engasgou com a bebida.

— Por que quer saber? — ele pigarreou, esvaziou o cântaro, então pediu mais um.

— Porque sou só sua.

Ele pareceu confuso.

— Eu não sou nem mesmo um demônio. Sou um fey sombrio... e eles não tem companheiras.

— Quem disse?

— Nunca conheci um fey sombrio que tivesse uma.

Engraçado como ele não disse que *Jo* jamais seria uma possibilidade.

— Mas você não conhece muitos deles, não é?

— Pensei que tínhamos concordado que o que você tem é uma paixonite.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Não. Eu jamais concordaria com isto.

— Então explique como pode ter tanta certeza.

— A primeira vez que o sangue tocou minha boca, eu soube que seria uma bebedora de sangue para sempre. Não precisei namorar com o Sangue por alguns meses, me mudar para a casa do Sangue ou conhecer a família inteira do Sangue para ter certeza.

— Sim, mas isto é instinto.

— Exatamente. Não confia no seu?

Ao invés de responder, ele perguntou.

— Você acha que o oposto também é verdade? Que sou seu?

— Pensei que os dois vinham juntos.

— Frequentemente, mas nem sempre — ele se inclinou mais perto, encarando-a nos olhos. — Eu... sou... seu?

Ela se inclinou também.

— Eu... acho... que... é... possível.

Ele bebeu de novo.

— Quando um macho do Lore encontra sua companheira em uma espécie diferente, a fêmea geralmente resiste. Eu já vi mais do que um conhecido passar o diabo até conseguir se estabelecer com uma companheira diferente. Era de se esperar que você lutasse contra mim o tempo inteiro. E não pedir um compromisso no quarto dia!

— Que novidade que eu sou! Ouça, sei o que quero e pelo que tenho esperado. Então seja franco comigo. O que aconteceria se eu fosse sua companheira e fizéssemos sexo?

— Meu corpo reconheceria o seu. Eu começaria a produzir sêmen por você — disse ele, sua voz cada vez mais rouca.

— Gosta de imaginar isto?

Os olhos dele escureceram ainda mais.

— A ideia de te encher de porra? Caralho, claro, isto é erótico pra diabo — esfregou uma mão sobre a boca. — Mesmo assim a realidade se provaria diferente... Se fosse sequer possível. Tudo em mim é envenenado. Por que eu esperaria que meu sêmen fosse diferente?

— Mas sou imune a tudo em você — ela voltou a pergunta contra ele. — Por que deveríamos esperar que fosse diferente com seu sêmen?

— Você se arriscaria? Se há uma chance infinitesimal de que seja minha, há uma chance de que morra em agonia.

— Eu sou imune a você; você é delicioso para mim. Parece que somos *compatíveis*, huh?

Ele estava surpreso ou frustrado pela atitude *blasé* dela, ou ambos.

— Há mais. Depois de te dar a semente à qual pode não sobreviver, o demônio em mim precisaria marcar seu pescoço com uma mordida, assinalando para sempre para outros machos que você é minha.

Então era disso que Desh havia falado.

— Seria como fazer uma tatuagem? Você tem tatuagens... Eu quero uma!

— Não, não, não é isso — definitivamente frustrado. — Ela seria invisível a todos, exceto a outros demônios.

Ela fez biquinho.

— Eu não conseguiria ver minha própria tatuagem?

— Vai me deixar terminar? Eu enterraria minhas presas... também letais... profundamente em sua carne. Será que suportaria esta quantidade de veneno em seu corpo? E se o efeito for acumulativo?

— Você me foderia, gozaria dentro mim e me morderia o pescoço? Você acabou de descrever o encontro de meus sonhos! — ela estremeceu. — Então o que aconteceria comigo?

Ele tomou outra dose.

— Fêmeas geralmente gozam com a mordida de um demônio.

— Pode. Contar. Comigo.

Ele estava ficando agitado. Quando serviu mais de sua bebida, um pouco se derramou da beirada.

— Por que eu teria passado sete mil anos sem uma companheira? Qual a explicação? Eu te digo a minha: porque jamais iria acontecer, de qualquer forma. Não vai conseguir mudar minha opinião sobre isso. Passei eras até aceitar meu destino.

— Por que eu ainda não tinha nascido, bobo — cutucou o peito dele com o dedo indicador. — Eu só entrei em cena há vinte e cinco anos. Além disto, é a Ascensão. Você disse que os Loreanos encontram companheiras nesta época. Então, mesmo que sete mil anos pareçam maus, na verdade só perdi as treze primeiras Ascensões da sua vida.

Ele engoliu em seco.

Dããã.

— Não tinha pensado nisto, não é?

— Você acha mesmo que é minha?

— Sim.

Ele abaixou os olhos.

— Garanto que não é.

Ela anuiu em compreensão.

— Porque eu sou de Desh? Acho que podia ter meu encontro dos sonhos com ele.

Rune cerrou os dentes até um músculo latejar em sua larga mandíbula.

O garçom voltou naquele momento com uma bandeja de comida servindo duas tigelas grandes. Em cada uma delas tinha porções de macarrão com vegetais por cima. O cheiro era apetitoso e o pobre Rune ia precisar de todas as suas forças esta noite.

— Vá em frente e coma. Eu ainda vou ser sua companheira em vinte minutos.

QUARENTA E DOIS

— Vou dar uma de idiota agora — Josephine começou grandiosamente enquanto caminhavam ao longo de um terraço — e fazer uma declaração óbvia. Eu gosto de álcool — ela cambaleou, mas Rune passou o braço ao seu redor.

Pode ser que tenha lhe dado muito. Ela tinha tomado de seu dedo mais duas vezes.

— Acho que criei um monstro — pelo menos estava pronta para ser questionada.

— Aquele hidromel de sangue que você mencionou? Definitivamente não vou nem provar. Ei, andei pensando em fantasmas...

Ela perguntara uma enormidade de coisas sobre sua espécie, mas ele tinha pouca informação para dar.

Toda séria, ela disse.

— Se um fantasma tiver um orgasmo, seria um *fantasgo*?

Ele sorriu.

— Acho que sim.

Ela ergueu a cabeça, parando.

— Olhe para as estrelas. Adoro olhar as estrelas.

— Você já andou de avião? — no jantar ela havia admitido que jamais saiu do sul dos Estados Unidos.

— Uh-huh.

— Então nesta altitude você está o mais perto das estrelas do que jamais esteve.

Ela curvou os lábios. Então suas sobrancelhas cerraram.

— Não houve outra ocasião...?

— Outra ocasião?

— Elas não são tentadoras? Talvez um dia eu flutue até elas — ela ergueu os braços como se pudesse tocá-las. — Elas são minhas. Eu vi primeiro.

— O que quer dizer?

— Nada não — Josephine o encarou de novo. — Onde está me levando? — Com os braços ao redor dos ombros dela, ele a guiava por um caminho de pedras. — Eu te disse. É uma surpresa — ele ergueu o rosto para o vento, mas não detectou nenhum Loreano nesta montanha. Não ouviu nenhuma Orea. Hora do interrogatório. — Estou curioso sobre algo. Como pode não saber quem é? Não conheceu seus pais?

— Eu não sei.

Mesmo bêbada, ela ia evitar suas perguntas?

— Ou você os conheceu ou não conheceu.

Ela chutou um pedregulho no caminho tropeçando, mas ele a firmou.

— Eu não tenho lembrança nenhuma de antes dos oito anos mais ou menos. É só um vazio branco.

Ele parou, virando-a para encará-lo.

— Como pode ser? Qual sua primeira lembrança?

O olhar dela ficou distante.

— Havia uma mortalha de cristal me cobrindo e um pacotinho quente no meu casaco. Eu fiquei em pé, bati a cabeça contra o cristal, que quebrou. Então o pacotinho se moveu! Eu estava segurando um bebê.

Santos deuses.

— Continue.

— Eu supus que fosse meu por que não sabia minha idade. No fim, Thaddie era meu de qualquer forma.

Pudera ela ser tão protetora com ele.

— Eu não sei onde estava. Quem eu era. *O que* era. Mas sabia que o bebê precisava comer. Meu Deus, ele gritava. Então saí. Caminhei até os pés sangrarem, até sermos encontrados.

Ela e Thaddeus foram abandonados. Rune apertou a ponte do nariz.

— Quem os encontrou, humanos ou Loreanos? — perguntou, apesar de já saber a resposta.

— Humanos. Eles disseram que eu balbuciava de forma incompreensível. Culparam minha falta de memória a um ferimento na cabeça.

Aquilo explicava como ela podia saber tão pouco sobre o Lore.

— E então, o que houve?

— Eles nos deram nomes, publicaram avisos buscando nossos pais, então nos colocaram sob custódia do serviço social. Passamos a ser as crianças "Doe". Nós fugimos de nosso primeiro lar adotivo.

— Por quê?

— O cara enfiou a mão dentro das minhas calças.

Os punhos de Rune cerraram, as garras se afundaram nas palmas das mãos com a necessidade de matar.

— Me diga onde encontrá-lo.

Ela fez um gesto como se aquilo não tivesse importânciaaaaa.

— Eu me vinguei. Incendiei a casa dele com seu próprio isqueiro.

No futuro Rune rastrearía aquele macho e faria muito, muito pior. Em algum lugar neste mundo, um humano não fazia nem ideia de ter sido marcado para tortura e morte por um assassino imortal. Mas mesmo os planos sombrios de Rune não aplacaram sua raiva. Ele respirou fundo procurando se controlar.

— Levei Thaddie e começamos a viver nas ruas. Eu o criei desde bebê. Ele era a coisa mais importante da minha vida.

— Você era uma criança! O que poderia saber de cuidar de um bebê?

— Eu não sabia merda nenhuma, tive de descobrir tudo bem rápido. Apreendi a falar inglês em tempo recorde — ela e Thaddeus deviam ter sido extremamente vulneráveis, ainda assim ela conseguiu mantê-los vivos. Para tornar tudo ainda mais difícil, ela era uma híbrida em um mundo de humanos. — Como escondeu seus poderes? Sua necessidade de sangue?

— Eu adquiri meus poderes e comecei a beber sangue no mesmo dia. Quando tinha onze anos.

— Por quê?

— Eu meio que incendiei a casa de um chefão do tráfico (percebe a ironia?) então ele meio que atirou no meio da minha cara. Seis balas na cabeça. *Ow, sabe?*

O olhar de Rune pousou sobre o colar dela. Esperava que ela não tivesse ainda acabado com aquele fodido. *Adicionando-o à minha lista de matança.*

— Acordei no necrotério em um saco de cadáveres. Pensei que eu era uma assombração.

Aos onze anos. Embora só tivesse vinte e cinco anos, viveu mais traumas e incertezas do que alguns imortais que viviam há séculos.

— Naquele mesmo dia, cortei a garganta do cuzão.

Já está morto. Pena.

— Continue.

— Quando o sangue dele espirrou, entrou na minha boca.

— Você não o mordeu?

— Eu teria nojo de encostar os lábios nele, quanto mais a língua e as presas — ergueu o olhar para ele,

com solenidade. — Eu sou uma pessoa muito seletiva com minha alimentação, Rune.

— Anotado. Por que se separou de Thad?

— Depois que morri devido aos tiros, uma bibliotecária ficou com ele. A Sra.B. Quando fui roubá-lo de volta, ele não me reconheceu porque eu estava toda vampirizada... Minha aparência mudou devido à nutrição adequada, acho. A Sra.B e o marido eram bons para ele, e achei que eu tinha virado tipo um demônio mau reencarnado ou algo assim. Achei que seria melhor para Thad ficar com sua própria espécie — disse calmamente, mas estava alternando entre tangível e intangível, traindo seus sentimentos. — Eu devia estar em uma cova, que direito tinha de ficar com ele? — ela ergueu o colar. — É por isto que uso isso. É um lembrete do dia em que me tornei algo que jamais deveria estar perto de um garoto inocente — ela franziu o cenho. — Ou, ao menos, *era* um lembrete.

Não saber sobre o Lore... ou sua própria espécie? Como desenvolveu um sentido tão forte de si mesma? De onde vinha a autoconfiança dela? Como antes,

estas eram perguntas que só imploravam mais respostas.

— Eu me afastei, deixando Thaddie viver sua vida. De alguma forma mantive distância, sem nunca mais voltar a vê-lo — ela fixou o olhar em Rune. — Até eu achar que você estava tentando matá-lo.

QUARENTA E TRÊS

Jo deixara de mencionar certas partes de sua história, como seu medo de flutuar para longe, mas orgulhou-se de si mesma por revelar tanto. *Vá aos poucos.* O álcool a fez sentir facilidade de confiar coisas e a fez sentir-se... espetacular. Espectacular! Então o que será que Rune achou de sua história?

Apesar da expressão dele não dar pista nenhuma, ele a apertava com mais força.

— O que fará agora que sabe que Thad é um Loreano igual a você?

— Não tenho certeza de que ele seja. E não acho que ele beba sangue. — Alguns meses atrás, ele esteve em uma competição beneficente de

comedores de cachorro quente. — E ele não é pálido como eu, nunca teve aparência doentia como eu.

— Mas se é seu irmão de sangue...

— Ele é. Tenho um forte pressentimento disto. Às vezes, tenho lembranças bem vagas de uma mulher com olhos sombreados. Eu acho que ela pode ser... nossa mãe. Mas por que eu teria poderes e ele não?

— Talvez sua transição tenha sido catalisada pelos tiros.

— Você disse que fêmeas congelavam na imortalidade lá pelos vinte anos. Como pude me regenerar tão jovem?

— Não sei — ele admitiu. — Não consigo me lembrar de nenhuma outra espécie se regenerando tão jovem. Pode ser um poder exclusivo aos híbridos.

— Então eu não teria sido transformada a partir de um humano, nem nada assim?

Ele negou com a cabeça.

— Transformada em vampiro? Talvez, embora fêmeas não costumem sobreviver à transição. Em um fantasma? De novo, improvável. Em ambos? Impossível.

— Então Thad é igual a mim — Jo sussurrou, fantasmando de novo.

— O interesse incomum de Nix nele só serve de mais evidência.

— Eu fiquei tanto tempo longe dele — o pesar cresceu dentro dela. Todos aqueles anos perdidos...
— Não consigo explicar como foi difícil.

Ele pousou as mãos em seus ombros.

— Você não teve ninguém com quem contar? Você disse que teve três machos em sua cama... teve relacionamento com algum deles? Amou a algum deles? — Antes ele riu quando ela disse o número. Agora os olhos dele flamejaram enquanto esperava a resposta. — Bem, você já se apaixonou?

Jo negou com a cabeça.

— Eu não me encaixava com os humanos e jamais falei com um Loreano além de você.

Josephine estava completamente sozinha.

Aquelas duas ninfas em Nova Orleans disseram a Rune que ela vagava pelas ruas parecendo triste. Ele não foi capaz de compreender na época...

Ela observava sua reação. Sentiu que ela pararia de falar se ele demonstrasse pena, então manteve a expressão neutra.

— A mulher que você se lembra... acha que ela era um fantasma?

Josephine anuiu.

Como aquela fêmea foi separada de seus dois filhos? Será que houve uma guerra? Uma invasão?

— Além da Valquíria, há alguma outra coisa que impeça a sua reunião com Thad? — *De ambos se juntarem à nossa causa?* Thaddeus se tornaria um alvo no Lore tanto quanto Josephine; os Møriør poderiam mantê-lo protegido até sua transição.

— Ele tem aquela mãe adotiva. E até mesmo uma avó. Ele é realmente chegado a elas. A Sra.B não me aceitava quando eu tinha onze anos, duvido que me aceite agora que tenho tanto sangue nas mãos. Em qualquer caso, quero o que for melhor para Thaddie.

Eu poderia me manter a distância se achasse que isto iria ajudar.

Não iria ajudar.

— Você pode ter de aceitar isto quando eliminarmos a Valquíria da equação.

— Eu sei que você acha que estou dizendo isto porque estou bêbada, mas não é por isto — ela o encarou. — Quando estávamos observando o pôr do sol, decidi me abrir mais com você.

Ela havia pensado em mim?

— Por que agora?

Uma leve neve começou a cair. Ela ergueu o rosto pálido para os flocos.

Ele gentilmente segurou seu queixo para chamar sua atenção.

— Por que agora?

— Porque quanto mais você me conhecer, mais vai gostar de mim.

Ele não podia negar isto.

— Você está assim tão determinada a me fazer gostar de você?

Ela deu de ombros. *Sim, Rune.*

— Você deve gostar de sua companheira.

Ele abaixou a mão.

— De novo isto? — Estava prestes a voltar ao discurso de *nos-conhecemos-há-apenas-quatro-dias...*

Espere. Não, era pior do que isto. Ela estava apaixonada por ele... simplesmente porque ele era o primeiro Loreano com quem falava!

Ela jamais conheceu outra criatura com poderes. O destino podia ter substituído qualquer macho imortal por Rune na noite em que se conheceram. Josephine teria então bebido o sangue de outro e então o amaria.

Maldição! Ela não respondeu a Deshazior com semelhante entusiasmo? Se aquele demônio tivesse chegado a ela primeiro, teria se apaixonado por ele!

— Por que a brisa está tão quente? — ela olhou por cima dos ombros dele. — O que tem depois daquela curva?

— Vai ver — ele rosnou, seguindo-a até um estreito desfiladeiro. Como transformar a paixonite de alguém em algo mais duradouro? Então ele poderia se certificar de que ela se unisse aos Møriør.

Quando o desfiladeiro se abriu, ela correu na direção de uma pequena piscina.

— Água aquecida? Que incrível, Rune — ele leu a respeito daquele lugar naquele mesmo dia.

O vapor se erguia da água. Pedras altas circulavam a piscina, protegendo-a do vento. A neve acumulava-se nas pedras, mas os flocos derretiam alguns metros acima da água. Fileiras de lanternas de papel se estendiam de um lado a outro, fazendo a névoa parecer brilhar.

Ela nem perdeu tempo para começar a se despir: botas, jeans, camiseta. De calcinha e sutiã de renda, desceu os degraus de pedras naturais até a água.

Aquele corpo seria a morte dele.

Ela mergulhou e emergiu, ajeitando o cabelo úmido para trás revelando suas orelhas perfeitas.

— Venha!

Ele se lembrou das palavras de Dalli "Conquiste-a". Ele queria um vínculo de aço com Josephine.

Então seria melhor que a forja estivesse bem quente.

QUARENTA E QUATRO

Jo não sabia o que deu em Rune, mas ao caminhar para a beira da piscina termal com os olhos tão escuros e ameaçadores, sua risada morreu. Como respondendo a uma ameaça, seu corpo ficou tenso e a mente se tornou mais alerta.

Ele começou a se despir com movimentos cada vez mais rápidos, até que partes dele se tornassem um borrão.

Ela piscou e ele estava na água com ela, nu. Engoliu em seco ao vê-lo se aproximar. Vapor umedecia sua pele suave e os cabelos pretos. Quando o corpo flexionava, as tatuagens brilhavam sobre seus músculos esculpidos. Logo a água apagaria aquela runa de sangue em sua lateral.

Em pé à sua frente, ele usou uma garra para rasgar seu sutiã e calcinha, jogando as tiras para longe.

— Não quero nada entre nós — ele passou o nó de um dedo sobre um mamilo, os anéis de prata tilintaram o piercing. — Me diga por que encasquetou comigo, Josephine. — Ele a enlaçou com os braços, puxando-a para perto e aprisionando seu pau duro entre eles. Ele era mais quente do que a água. — Por que quer mais de mim?

Sem fôlego, ela disse.

— Porque você é meu.

— Por que *eu*? — ele a agarrou pela nuca. — Eu vou te dizer... por que sou o primeiro macho do Lore que você conhece. Se tivesse encontrado outro antes de mim suas atenções estariam fixadas nele.

Cuzão! Como se ela não conhecesse sua própria mente? *E* ele estava cortando seu barato.

— Você é jovem demais, além de inexperiente para...

Ela agarrou o saco dele e apertou.

— *Josie?*

— Você está fazendo eu me sentir idiota. O que não combina comigo sendo extraordinária em todas as maneiras, combina? — puxão.

Gemido. Ele abriu ainda mais as pernas para ela e ondulou os quadris.

— Se me subestimar, Rune, sempre vou te pegar assim: pelas bolas. Entendeu?

O olhar dele se travou nela.

— Dois podem jogar este jogo — ele agarrou a boceta dela com um aperto firme.

Ela prendeu a respiração.

Ele esfregou a palma da mão no clitóris dela enquanto murmurava.

— Você vai querer ser boazinha comigo?

Jo queria, ela realmente queria. Ela soltou as bolas dele... e agarrou o pau.

Cada vez que ele a massageava, ela acariciava.

— Isso, Josie — a mão livre dele pegou a dela e os dedos entrelaçaram.

Eles olharam um para o outro, ambos se acariciando sob a água, ambos respirando fundo. As mãos unidas dos dois apertavam ritmicamente.

Então ele se inclinou para tomar sua boca, a língua buscando e se entrelaçando à dela. Ela gemeu ante o beijo, fazendo-o gemer de novo.

Ainda a acariciando, ele deslizou o dedo médio dentro da boceta dela. Ela vagamente percebeu que seus pés não tocavam mais o fundo da piscina; ele a sustentava com a palma da mão. Ela gemeu, acariciando-o mais rápido.

Ele tomou sua boca repetidas vezes, inclinando os lábios. Ele a beijou como se quisesse derretê-la. *Marcá-la.*

Seus seios comprimiam contra o peito rígido dele, os mamilos se esfregavam pela sua pele. Quando ela passou o polegar pela cabeça do pau dele, outro dedo deslizou para dentro dela.

Quando ele interrompeu o beijo, ela ficou mole, apoiando-se na mão dele.

Em voz rouca, ele disse.

— Eu vou te possuir.

O primeiro pensamento: *Onde?*

— Ohhh, me *possua*, me possua — talvez ainda estivesse *um pouquinho* bêbada. — Mas hoje na montanha eu estava pensando...

— Sobre o que?

— Vou precisar das minhas mãos para isto.

Com a curiosidade nos olhos e uma das orelhas sedutoras contorcendo, ele a liberou e colocou no chão.

Ela correu as mãos pelo torso tatuado dele, esfregando os mamilos lisos — e claramente sensíveis — e então entrelaçou as mãos atrás da nuca dele. Ela o puxou para baixo para poder alcançar a orelha dele. Esfregando o nariz no lóbulo da orelha dele, ela sussurrou.

— Quero chupar seu pau, Rune. Não consigo parar de pensar nisso.

Ele estremeceu.

— Uma possibilidade *muito* tentadora — ele riscou para longe dela até os degraus, sentou-se no degrau mais alto, o que deixou a maior parte de seu pau acima da superfície.

Ela se adiantou até a água ficar à altura da cintura, demorando a se juntar a ele, amando a visão.

Com o olhar escaldante devorando-a viva, ele começou a masturbar seu grande pau para ela.

— Você quer tomá-lo entre os lábios — ele sussurrou, a língua parecendo ter vida própria. — Você precisa chupá-lo — aquela sensualidade escaldante...

Ela fez que sim com a cabeça, enfeitiçada. Cada carícia daquele grande punho fazia a necessidade se apertar na barriga dela. *Para cima. Para baixo. Cima... Baixo.*

Quando chegou perto dele, inclinou para beijar sua garganta, mas não para morder. Ela se abaixou para lambe gotículas de seu peito.

Ele espalmou os peitos dela, testando o peso e massageando.

Quando ela esfregou os dentes sobre um dos mamilos, todos os músculos de seu poderoso corpo ficaram tensos.

— Vão vou ser provocado esta noite — ele apertou o peito dela para mostrar que estava falando sério.

— Uh-huh. — Ignorando-o, moveu-se para o outro, girando a língua ao dar uma sugada crepitante.

Ele respirava entrecortadamente.

Quando ela mordiscou, ele estocou os quadris.

— Que sensível — continuando para baixo, ela passou o nariz sobre os pelos úmidos ao redor de seu umbigo. Em suas fantasias naquele dia, seus lábios seguiram a tatuagem, a língua chicoteando levemente.

— Chega! Não vê o que está fazendo comigo? — ele elevou os quadris, lançando o pau para cima. — Acabe com a minha miséria.

Ela agarrou o pau dele, prestes a beijá-lo.

— Ah-ah. Olhe nos meus olhos. Quero ver sua verdadeira reação.

Ela ergueu o rosto.

— Reação?

— Algumas fêmeas anseiam por isto, algumas não. Nunca liguei a mínima antes. Agora...

Sustentando o seu olhar, ela lentamente lambeu a ponta.

Ele gemeu e apertou os peitos dela com mais força.

Ela girou a língua ao redor da cabeça, então lambeu a fenda. Quando o provou com a ponta da língua, as pernas tremeram ao redor dela.

— Garota má.

O gosto dele! Ela podia fazer isto para sempre. Enquanto despejava beijos por toda a coroa inchada, tentou manter os olhos fixos nos dele, mas o prazer tornava suas pálpebras pesadas.

— Você adora isto, não é? — ele ondulou os quadris para lhe dar acesso às suas bolas.

Quando as acariciou com o nariz, a cabeça dele caiu para trás. Então lambeu aquela carne enrugada. Ele gemeu quando ela sugou uma, então a outra. Mas o pau a chamou de volta — duro como pedra — Sob a pele retesada, veias pulsavam. Ela ansiava por seu pau magnífico e pelo sangue que o enrijecia.

Ele baixou a cabeça para observá-la.

— Você disse que jamais seria duplicada. Eu também não sou facilmente substituível, sou? — Os lábios dele se curvaram naquele sorriso arrogante.

Ela queria varrer aquele sorriso da cara dele.
Você pediu por isto, fey sombrio.

Ela raspou uma presa ao longo de seu pau, arrancando sangue.

Rune inalou um fôlego surpreso, louco para mais deste jogo sangrento, ansiando pelo beijo mais sombrio dela. Será que poderia convencer sua *comedora seletiva* a mordê-lo lá...? A ideia o tornou ainda mais duro.

Ambos observaram o sangue escorrer.

Ela o lambeu com deleite, arfando por mais.

— Vá em frente! Afunde as presas no meu pau — ele espalmou seu adorável rosto, comandando-a com os olhos. — Perfure-me como foi perfurada para fazer seus piercings.

Fazendo que sim com a cabeça, abriu a boca para tomá-lo. Ele sentiu a respiração dela contra a cabeça bulbosa quando esticou os lábios ao redor dele, prendendo-o.

— Sim! — sua boca era um paraíso quente. — Agora morda. *Agora.*

Sob a coroa, suas presas lentamente se afundaram na carne, perfurando-o.

Ele berrou aos céus.

— AH! Meus deuses! — ele espalmou a cabeça dela, segurando-a com firmeza.

O gemido lascivo dela vibrou em toda sua extensão. Com a primeira sugada as costas dele arquearam incontrolavelmente, como se uma força física o arqueasse para ela. Ele quase gozou instantaneamente, segurando-se bem na borda.

Mas precisava vê-la, testemunhar esta fêmea tomando-o. Ele abaixou o queixo.

— *Porra* — sussurrou enquanto ela sugava.

A coisa mais erótica que já viu.

Em um tom admirado, ele disse.

— Você está se alimentando do meu pau — como um macho poderia se preocupar com dinâmicas de poder quando uma fêmea tão linda lhe proporcionava tal prazer proibido?

Isto era uma fantasia tornada realidade, uma que ele nem sabia que tinha. Entrelaçou os dedos entre os

cabelos dela, revelando a mordida. Bem quando achava que a visão não poderia ficar mais gostosa, uma das mãos dela se afundou na água, entre as coxas.

Descrença.

— Você está se masturbando?

Ela não precisava responder, seus fascinantes olhos ficaram ainda mais pesados.

Se masturbando. Enquanto chupava sangue de seu pau enrijecido.

— Deuses poderosos — as bolas dele se contraíram, mas ele lutou para se segurar.

Com a outra mão, ela empunhou a base do seu pau, as presas afundando. Os instintos dela estavam dizendo para segurar a presa? Vampiros eram possessivos. Será que considerava o pau dele como sendo dela?

— Mais! — As veias inchadas dele estavam cheias *demais* de sangue. Ele tinha mais do que suficiente para ambos. — Eu quero que você chupe tudo.

Os gemidos dela aumentaram, lamentando. Ela liberou as presas, ainda sugando de sua pele

perfurada enquanto afastava a cabeça. Quando os lábios inchados dela deslizaram ao longo do seu pau, as mãos dele a guiaram mais pra baixo, os quadris ondulando.

Ela o engoliu ao máximo... então sugou até as bochechas ficarem ocas.

— *Uhn!* — Ele podia *senti-la* sugando de suas veias. A pressão acumulava na base de sua espinha, sua liberação iminente, mas precisava resistir até ela ficar saciada, saciada em mais de uma maneira. A voz dele ficou gutural — Isso. Chupa como se fosse seu.

Ela engoliu ainda mais dele, e desejou ter sêmen para lhe dar também.

— Se eu pudesse ejacular, faria você beber cada gota da minha porra.

Ela choramingou. Embaixo d'água os movimentos da mão dela ficaram mais velozes.

— Gosta disto? Eu te encheria com meu sangue e porra. Faria você aceitar tudo de mim. — A pressão continuava a aumentar. Seus músculos flexionaram em prontidão. Suas bolas doíam, seu pau latejava. Impulsos nada familiares o transpassavam.

Ele precisava mordê-la. Afundar suas presas de demônio naquela pele pálida de fantasma.

Possuí-la. Estar dentro do corpo dela.

Possuí-la.

Quando ela se contorceu contra a própria mão, o gemido abafado contra a extensão dele, ele gritou.

— Não consigo segurar mais!

Ela estava gozando com o pau dele na boca. Ela estava chupando tudo — ao gozar, tomou mais e mais dele, até a garganta se fechar ao redor da coroa toda.

— Oh, PORRA! — A pressão era angustiante. Ele se sentia indefeso diante dela. Nada importava mais do que liberá-la.

O calor explodiu nele irradiando do seu pau.

— AHHHHHHH!

O êxtase golpeou seu corpo, perfurando-o como as presas dela. Seu pau pulsou contra a língua dela repetidas vezes enquanto ele gozava.

Com a cabeça girando, ele flutuou, sentindo-se tão leve quanto quando ela se incorporou em seu corpo...

Com um beijo terno, ela o soltou. O rosto dela estava enrubescido, os olhos brilhando.

— A sobremesa estava deliciosa.

— Venha aqui, beleza — ele estendeu o braço para ela, puxando-a para seu colo, apertando-a bem forte. Descansou a testa contra a dela, recuperando o fôlego. Mal reconheceu a própria voz ao dizer. — Já é hora do café da manhã?

QUARENTA E CINCO

Mais tarde naquela noite, Jo sonhou.

Ela adormeceu em uma cama de pousada, os membros emaranhados aos de Rune; mesmo assim agora se via em uma cela fria e úmida, espancada e ensanguentada após uma sessão com Magh e outros torturadores.

Isto havia acontecido a Rune, era outra das memórias dele...

Ele olhava para o teto de sua cela. Qualquer coisa que aquela cadela quisesse dele ela conseguia, mudando-o e reformatando-o tantas vezes que ele achava que poderia se quebrar.

Agora ela estava quebrando seu corpo repetidas vezes nesta cela pútrida.

Ela tinha acabado de acabar com ele.

— Você vai engolir seu orgulho, vira-lata — ela pendurou seu chicote favorito. — Não vou descansar até você implorar por misericórdia. — Cada vez que ele se recusava, ela soltava seus guardas demônios em cima dele.

Esta noite quebraram sua perna direita; a contorcida extensão de seu fêmur se projetava de sua pele. Duas costelas saltavam de sua pele também. Suas mãos estavam amarradas atrás das costas, então não podia usar runas para se curar.

— Um prostituto inferior não deveria estar abaixo da atenção de uma rainha? — Ele rosnou, cuspiendo sangue escuro na direção dela. — Mas este é o porquê de me visitar todas as noites. Você acredita que se conseguir me fazer rastejar, vai poder se livrar deste seu desejo por mim. Então vai parar de fantasiar a meu respeito enquanto estiver fodendo com outros.

A ira brilhou nos olhos dela.

— A próxima noite não vai acabar tão bem para você, vira-lata. Vou trazer o alicate...

Durante horas depois que os guardas se foram, Rune encarou o teto em agonia, murmurando sua prece de sempre:

— Deuses me deem o poder de destruir aquela cadela e a casa real inteira...

— E daí se te dermos? — uma voz dissonante interrompeu.

Rune virou a cabeça ao redor até ver um estranho nas sombras. O rosto do macho era indistinto, mas os olhos eram escuros como poços sem fundo.

— Nós? — Rune tentou sentar recostado à parede, abafando a dor. — Você é um... entre os deuses?

O imenso macho atravessou para ficar fora da cela, muito mais perto do que a maioria se atrevia.

— Sou um entre cinco. Em tempos serei um entre doze. Meu nome é Orion.

— Por que está falando comigo? Deve saber quem eu sou.

O tal Orion somente encarou com a expressão indecifrável.

— Eu sou Rune. Sou um prostituto há séculos — ele acenou para o corpo. — Atualmente sou o saco de pancadas favorito de Magh.

— Vim até aqui por você — disse Orion. — Agora responda a pergunta, arqueiro.

Arqueiro?

— Se me der o poder de destruí-la e a toda sua linhagem?

— Sua decisão jamais falhará?

Este ser não fazia ideia! Cerrando as presas, Rune lutou para se levantar. Embora uma de suas pernas estivesse despedaçada, conseguiu se apoiar na outra.

— Nunca.

Orion recuou para inspecionar a porta da cela.

— As barras e a cela são reforçadas misticamente — disse Rune com a respiração entrecortada. — Nenhuma criatura pode quebrar...

A porta se abriu.

O queixo de Rune caiu.

— Como fez isto?

— O universo está cheio de fraquezas, arqueiro — Orion entrou na cela. Com outro aceno de sua mão, ele libertou as algemas de Rune.

Não havia tempo para estranhamento. Rune furou um dedo em busca de sangue, então começou a desenhar símbolos na perna.

Enquanto Orion observava com interesse, Rune disse.

— Eu tive de reaprendê-las quando os clientes ficavam violentos demais — a magia reconstruía pele e ossos quebrados. A experiência o ensinou a manipular os ossos para facilitar a cura.

Seu braço quebrado vinha em seguida. Orion aguardou pacientemente até o corpo de Rune se restaurar, então disse.

— Por que não se despede de Sylvan, arqueiro?

— Não sou um arqueiro — disse Rune. — Se me libertou por achar que eu era um arqueiro, agradeço seu engano, mas não sou.

— *Você irá se tornar um arqueiro.*

Se você diz. Rune jamais erguera um arco em toda sua vida. Ainda assim, havia algo tão fascinante no macho... Como se Orion soubesse segredos que Rune jamais saberia sem ele.

Orion disse.

— *Sobre seu gosto de triunfo, junte-se a mim e conhecerá ainda mais. Vidas inteiras disso.*

Após uma vida inteira de fracassos?

Rune não tinha tempo para discutir. Ninguém jamais escapou daquela masmorra; Magh jamais esperaria que ele fosse o primeiro. Ela podia não ter bloqueado o túnel secreto que levava a seus aposentos. Se ele pudesse derrotar sua guarda pessoal, ela estaria indefesa.

Como um animal louco, ele riscou para o túnel. Não estava bloqueado? Que arrogância!

Com cada passo que o aproximava de seu alvo, Rune ficava mais enraivecido. Esta noite ela morreria. Sua longa vida imortal terminaria.

Mesmo assim, em meio a sua fúria, ele continuava a pensar no macho misterioso na masmorra. Rune

podia ver que Orion não queria sexo dele — ou derrotá-lo. Então qual seria seu interesse? Por que salvar alguém como eu?

Vidas inteiras de triunfo? Rune ansiava tanto por isto que estremeceu.

Primeiro a vingança. Ele caiu em cima dos guardas de Magh. Movendo-se tão rápido que não passava de um borrão, usou as presas para despedaçar as gargantas deles antes que pudessem gritar.

Dentro dos aposentos da rainha, olhou para a figura adormecida dela com repulsa. O suor dele misturado com seu sangue de demônio escorreu por sua testa, atingindo-a no rosto.

Ela acordou, olhos se abrindo enquanto tomava fôlego para gritar.

Ele a pegou pela garganta, sufocando-a.

— O monstro que você criou voltou à criadora. — Ele a riscou até o túmulo de sua mãe, então a soltou.

Ela esfregou o pescoço.

— C-como se libertou? Ofereceu favores sexuais a algum traidor?

— Olha a língua, Magh. Ou vou arrancá-la fora.

O olhar dela voou para a cova.

— O que quer de mim?

— Retribuição.

Com expressão calculista, ela se aproximou dele.

— Posso te dar um castelo cheio de ouro.

— Acha que vai ser assim tão fácil? Quanto está oferecendo pela vida de minha mãe? Pelos séculos que me forçou a me prostituir? — Cada amanhecer, estar sob aquela espada...

— E você obviamente adorava! — ela silvou. — Quando lhe foi oferecida a liberdade você preferiu continuar trepando com criaturas em troca de dinheiro.

— Adorava? Do mesmo jeito que você adorava me torturar? Você está louca de desejo pelo seu saco de pancadas e isto te enoja.

A verdade jogada na cara dela.

— Se você me machucar, meus filhos me vingarão — ela disse. — Saetthan arrancará sua cabeça com a

espada ancestral. A última coisa que verá será aço titânico.

— Não. Por que vou caçar seus rebentos e seus descendentes. Saetthan cairá igual aos outros.

— É este seu plano? Meus herdeiros são muito melhor guardados do que eu era. A maioria deles vive em outra dimensão. Como vai encontrá-los?

— Um... por... vez.

Ela engoliu em seco.

— Vai me matar primeiro? Vai me enterrar aqui?

— E poluir o túmulo da minha mãe com seu sangue podre? Nunca.

Confusão.

— Então o que?

Pensei em fazer com você o mesmo que fez comigo. Vendê-la para um bordel e observar os clientes brutalizarem a ex-rainha. Eles pagariam um extra para que você usasse a coroa — disse ele, saboreando seu olhar de pavor. Ele sempre fantasiara séculos de vingança contra ela. Mas isto levaria tempo e envolveria riscos.

Um pensamento errante surgiu: Orion aguarda, prometendo triunfo.

— Em vez disto, vou te dar o que você sempre precisou e secretamente quis.

— E o que seria?

— Meu beijo.

Verdadeiro terror brilhou nos olhos dela. Ele a puxou para perto. Ela tentou se virar, mas ele era muito mais forte.

O beijo dele era frio como cinzas. E mortal como as chamas...

Jo acordou chocada, lutando para respirar. Rune havia aguentado aquela tortura? Sobrevivido a ela?

Por eras Magh havia clamado seu último beijo. Os lábios que trouxeram tanto prazer a Jo haviam trazido a destruição a outros.

Bom. Ela estava contente dele ter conseguido se vingar daquela cadela! A satisfação de Jo desvaneceu quando se lembrou do que havia descoberto.

Mais cedo, Rune havia confessado que Magh o vendera só para comprá-lo de volta para torturá-lo.

Mas ele não fora somente um escravo; aquela rainha o forcara à escravidão sexual.

Jo se lembrou dele perguntando a ela na cama "Você era uma escrava do prazer?" e então houve uma nota esperançosa no tom de voz dele. Quando ela disse que era protetora de prostitutas ele ficou tenso.

Ela colocou as mãos no rosto. Chamara a casa dele *de bordel de finais de semana*.

Com a face em chamas, sentou-se e o observou dormir. A luz pré-amanhecer se filtrava por uma janela adoravelmente pintando seu fey sombrio. Seu rosto estava relaxado, virado para ela. A cabeça estava inclinada, o cabelo caído para trás para revelar a lateral de seu crânio raspado e a orelha. Ela se contorceu. *Mesmo adormecido ele está atento aos ruídos de ameaça.*

Seu coração doeu com este pensamento. Ele jamais conheceu paz? Esperava que Orion tivesse lhe dado os triunfos que prometera.

Ela teria de confessar estas memórias logo a Rune. Mas ele e Jo já haviam chegado tão longe,

mesmo no último dia. Como reagiria ao saber que ela descobrira seus segredos mais bem guardados?

Exalou uma respiração longa. Querendo somente confortá-lo, olhou para seu corpo. Ele estava duro debaixo das cobertas

Ele precisava; ela queria dar. Ela podia não conseguir lhe dar paz, mas podia lhe dar prazer.

Missão cumprida, Jo pensou ao ouvir Rune assoviar do banheiro ao lado.

Eles acabaram de dividir um rápido e morno banho depois do "café da manhã". Enquanto esperava que ele terminasse de se barbear, ela tirava roupas da mala.

Ela só tinha intenção de lhe fazer um boquete, estava beijando a cabecinha quando ele acordou.

— Estava sonhando justamente com isto — ele disse com a voz rouca de sono. — Minha garota bonita quer café da manhã?

Ele manobrou o corpo até ela estar montada sobre sua boca ao mesmo tempo. Entre beijos, ele a mandou se alimentar.

Depois dela gozar até sua visão ficar borrada e ele gozar tão forte que os calcanhares se plantaram no colchão, ela tentou engatinhar para fora dele, mas ele deu um tapa na sua bunda. Em um tom de voz grosseiro, ele grunhiu.

— Também quero meu café da manhã — então languidamente lambeu e acariciou até fazerem os dedos dos pés se curvarem...

Apesar de seus orgasmos cataclísmicos, a luxúria despertou de novo. Como se seguraria para não fazer sexo com ele?

Quando ele enfiara os dedos dentro dela, dizendo o quão terrivelmente queria que fosse o pau no lugar, ela também queria.

Depois de seus sonhos, não sabia se ele um dia se comprometeria com ela, fosse sua companheira predestinada ou não, considerando o que sofreu no passado. Mas sabia que nunca conseguiria compartilhá-lo.

Ela havia acabado de se vestir quando ele voltou com uma toalha ao redor da cintura e um sorriso largo. Ele podia ser mais lindo?

— Alguém está de bom humor.

— Uma fascinante híbrida me acordou com um 69. Meu humor está *ótimo* — ele deixou a toalha cair, pegando suas roupas. — Vou ter de insistir em café na cama todos os dias.

Enquanto ele puxava as calças de couro ao longo das pernas musculosas, ela seguia os movimentos do seu pau até ele guardá-lo.

— Conte com isto.

— Você acordou com fome ou com tesão? — Ele enfiou uma camiseta cinza pela cabeça.

— Nenhum dos dois. Eu só queria fazer você se sentir bem.

Ele franziu o cenho como se não compreendesse. Ele se sentou na cama e a chamou com um dedo encurvado.

— Vai ter de me explicar isto — puxou-a para o colo. — Vou ter que te embebedar antes?

Ela pousou as mãos no rosto dele e o beijou nos lábios com ternura. Quando se afastou, o cenho dele estava franzido.

— Femeazinha, o seu beijo diz muito. Mas não compreendo a linguagem...

Um trovão soou, fazendo a pousada estremecer.

Eles dividiram um olhar.

— Nix? — Jo levantou-se de um pulo.

Ele correu do quarto como uma bala. Ela estava logo atrás dele. O sol estava se erguendo no horizonte, raios atingiam nuvens e se refletiam na neve nova.

Com seus olhos de caçador, ele perscrutou a área e apontou para o terraço mais alto.

— Veio do topo — ele levou uma fração de segundo para agarrar a mão de Jo antes de riscar para lá, sempre cuidadoso em tê-la na missão.

As nuvens podiam escondê-los de humanos. Não importava no momento. Ambos queriam tanto ver Nix morta que se arriscaram à exposição.

Nenhum dos retardatários no terraço notou Jo e Rune aparecendo, estavam ocupados demais esfregando os olhos depois do que deve ter sido um relâmpago de brilho infernal.

Jo girou no lugar, não vendo a Valquíria.

— Está a detectando?

Ele negou com a cabeça.

— Onde ela está?

— Ela voltou a Val Hall?

Ele verificou o pulso. Escuro.

Um monge saiu da casa de chá se dirigindo diretamente a eles. Com um sorriso acolhedor, entregou-lhes um bilhete. Ele falava em chinês, mas Jo detectou "Nix" algumas vezes.

Agradecendo ao homem, Rune aceitou o pergaminho e o monge fez uma reverência antes de se afastar.

— Outra pista? — Rune rasgou o envelope. — A Valquíria está de brincadeira com a gente. Está cavando a própria cova. — Ele leu o bilhete.

— E? — perguntou Jo.

— E agora vamos para o Rio.

QUARENTA E SEIS

DOZE DIAS DEPOIS

O Rio foi um fracasso total. Assim como as outras oito locações para onde a Valquíria os mandou.

Agora Jo e Rune esperavam na Ponte dos Pináculos em Veneza e nem sinal de Nix.

Já passava das três da manhã e a ponte estava vazia. Jo viu um motorista bêbado errante — versão gôndola —, mas pedestres eram esparsos.

Rune caminhava com o arco em prontidão escrutinando a noite com aqueles intensos olhos de arqueiro. A brisa bagunçava seu cabelo e sua camisa branca folgada, e a luz do luar se refletia em suas calças de couro.

A cada dia ele parecia estar mais maravilhoso. Qual seria o limite?

A marca de mordida no pescoço dele estava cicatrizando e logo ele insistiria em alimentá-la. Eles descobriram que duas vezes por dia era o melhor para ela. Quando se passava muito tempo *ele* ficava inquieto.

— Ela não vai vir — disse Rune. Estavam ali desde as duas, horário que a Valquíria dera em seu último bilhete.

Considerando a facilidade com que Nix estava despistando-os, ela devia estar usando seus poderes de previsão para antever seus movimentos.

Embora Jo se preocupasse com o irmão, Rune assegurou que ele estaria a salvo — ainda mais com a Valquíria longe, fazendo-os se perderem naquela trilha de migalhas de pão.

Rune decidiu dar a esta busca apenas mais uma noite antes de pedir ajuda aos Møriør. Infelizmente, o reino ambulante de Tenebrous ainda estava a dias de distância. E não queria chamá-los para ajudar com a responsabilidade *dele*. Mas por Jo ele o faria.

O que significava que ela teria Thad de volta em breve. O que ele acharia de Rune? Pela primeira vez, Jo teve de considerar como pedaços diferentes de sua vida poderiam se encaixar.

Rune não se dava bem com outros homens, então podia se revelar arrogante demais para o amigável Thad. Seu irmão podia parecer a Rune imaturo demais.

Na idade de Thad, o fey sombrio já era um assassino experiente. Ainda assim, ele jamais perseguiu um alvo tão esquivo quanto Nix...

Nos últimos doze dias enquanto ele e Jo seguiam as pistas da Valquíria através de mundos incríveis, Jo encontrara uma maravilha após a outra. Ela testemunhara um estouro de boiada na dimensão centauro. Assistira a exposições estupendas no Museu Mórbido de Anatomia do Brooklyn. Ela se esquivara de alturas inimagináveis na terra dos gigantes e descobrira que eles não usavam roupa de baixo (uma visão terrível!).

Ontem a pista de Nix levou Jo e Rune para o Troll de Fremont sob a ponte de Seattle. Humanos pensavam que a escultura de cimento fora criada como arte, mas na verdade assinalava um portal para o reino dos trolls.

Eu jamais vou querer voltar a Trollton!

Ela gostara de observar Rune em ação nas várias terras que visitaram. Ele sempre era calmo, nada o tirava do sério. Todas as criaturas que encontravam o olhavam de baixo, exceto os gigantes, é claro. Mas mesmo estes o respeitavam.

Rune falava uma poção de línguas, e se ele puxava aquele arco Daklight, as criaturas guinchavam. Era mais bem conhecido em outras dimensões do que no plano mortal, e parecia gostar disto.

Muitas vezes Jo e Rune foram forçados a atrasar a viagem esperando por um teletransportador demônio ou por um Troll peladão passar.

Naqueles intervalos eles continuavam a explorar sua química incendiária, ainda que ele não tivesse dado indicação nenhuma de que passariam a ser exclusivos. Ela mantinha que jamais aceitaria nada menos.

Quanto tempo mais vou aguentar negar sexo a ele? Especialmente agora que começou a perder seu coração para ele.

A noite passada ele murmurou em seu ouvido.

— Recuse-me então, mas nós dois sabemos que é inevitável. Foi inevitável desde o primeiro momento em que te vi. Do primeiro momento em que detectei o seu cheiro...

Jo olhou para a corrente iluminada pelo luar sob a ponte. Ela e Rune estavam presos em um impasse.

Por que ele não consegue se comprometer comigo?
Apesar da tensão sexual, eles se assentaram em um fluxo fluido de camaradagem. Se um deles se sentia desencorajado, o outro tentava diverti-lo. Se um sentia vontade de falar, o outro ouvia.

Eles se tornaram tão antenados que frequentemente terminavam as frases um do outro. A última vez que isto aconteceu, ele lhe deu um olhar confuso.

— Às vezes parece que me conhece mais do que os aliados ao lado de quem eu luto há milênios... aliados que podem ler minha mente e falar telepaticamente comigo.

Ela sorriu com prazer, dizendo a ele com sua expressão: *É porque sou sua companheira predestinada, bobo...*

Depois do Monte Hua, eles esperaram por Nix no Rio, lagarteando em um hotel a beira mar. Com a cabeça de Jo pousada em seu peito, eles ouviam as ondas rolarem. Ela disse a ele.

— Eu quero saber mais sobre os símbolos que desenha.

— A maioria das pessoas desvia os olhos quando falo sobre runas. Você se lembra das que você viu?

Ela se endireitou.

— Posso desenhar todas elas.

Sorriso afetado.

— Claro.

Olhar.

— Observe.

Ele ficou chocado quando ela desenhou um... e ainda mais trinta.

— Você lembra mesmo de todas!

— Tipo, é difícil?

Ele traduziu para ela. A maioria era simples.

— Esta aqui significa *pureza de propósito*. A segunda significa *vitória*, ou melhor, *domínio*. Aquela significa *pesadelo*. As combinações são tão importantes quanto os desenhos.

Sempre que tinham tempo, ele ensinava mais a ela. Enquanto desenhava ele ficava mais relaxado,

frequentemente dando a ela detalhes adicionais sobre sua mãe.

— Ela podia ter me odiado, o filho de um inimigo desprezível... sem falar que eu era considerado uma abominação... mas ela me adorava.

Enquanto falava Jo vivenciara um flash de memória: a visão da mãe dele sorrindo para o filho com amor completo no rosto bonito... e a completude no coração de Rune por sua adorada mãe. Jo percebera que podia não se lembrar de todos os seus sonhos-memórias até que algo desencadeasse suas recordações.

Ele disse a Jo que seu talismã foi o último presente da mãe, era seu bem mais precioso.

Então Jo havia roubado. Duas vezes.

— Rune, sinto muito.

— Eu o recuperei — ele acariciou o rosto dela com os dedos. — E mais.

Perguntando a si mesma se ele confiaria nela, Jo perguntara.

— Como sua mãe morreu?

Ele deixara a mão cair antes de cerrá-la em um punho.

— Magh a enviou para um bordel. Embora minha mãe não tivesse ainda feito a transição em completa imortalidade ela foi só para que Magh poupasse minha vida. Minha mãe era jovem demais para sobreviver aos... atos.

E então Magh o vendera para o mesmo local. Se a mãe dele havia morrido lá, o que fizera Rune viver?

Ele jamais mencionava nenhuma palavra sobre aquele período da vida, mas Jo vinha tendo relances de seu sangue... cenas de tortura que reviravam o estômago; não mais questionava o propósito dele de acabar com a casa real de Sylvan.

O sangue dele também lhe dava relances de seus aliados. Jo havia parado de vagar pelo passado... lembranças de Magh o enraiveciam... e começou a perguntar sobre os Møriør.

Ele falava sobre Orion em tom respeitoso, mas admitia que queria conhecer melhor seu soberano. As maneiras de Rune ficavam mais casuais quando falava de seus compatriotas, como Darach Lyka, um lobisomem de verdade!

— A forma Lykae dele é aterrorizante — Rune dissera. — Darach é o alfa primordial, o maior e mais feroz de sua espécie inteira, mas ele tem pouco controle sobre si mesmo.

Sian, um demônio e agora o Rei dos Infernos, era notoriamente atraente.

— E expressão "bonito como o diabo" foi cunhada por causa dele.

Rune franzira o cenho ao explicar seu aliado Kolossós.

— Eu o acho indescritível. Vamos deixar assim: há doze lugares à nossa mesa. Para alguns Møriør, eles não passam de lugares de honra...

Agora Rune exalou, chamando sua atenção para seus arredores. De novo, ele verificou a faixa em seu pulso.

— Nix não está lá. E não está aqui.

Durante suas viagens, eles também procuravam por uma mecha de cabelo de Valquíria. Rune disse a ela que os espectros guardavam Val Hall em troca dele. Quando eles trançassem as mechas até um certo tamanho, poderiam curvar todas as Valquírias à

vontade deles. Rumores diziam que a trança estava quase completa.

A morte controlando a vida. Jo desejava sorte aos espectros.

— Quanto tempo mais teremos de esperar? — perguntou a ele.

Em um tom oblíquo, ele disse.

— Você tem algo mais urgente para fazer? — os olhos dele flamejaram enquanto dizia. — Eu sei onde gostaria de estar ao invés de estar aqui.

Seu corpo respondeu como se ele tivesse tocado. Ele continuava a fazer comentários sobre sua suposta paixonite, mas ela *sentia* como se eles fossem destinados. Como convencê-lo?

Se ao menos se comprometesse com ela, ela dormiria com ele, e então o selo dele se quebraria provando o que ela sabia o tempo todo. Ele não poderia negar uma evidência daquelas! Nada poderia ser mais convincente... nem os argumentos dela, nem suas revelações.

E se ela desistisse? Será que a prova inegável catalisaria o futuro deles juntos?

Ou partiria seu coração?

QUARENTA E SETE

Embora Rune e Josephine estivessem liberando a tensão algumas vezes por dia, só estar perto dela o fazia arder de necessidade. Estava tendo dificuldade de se concentrar. Neste momento, devia estar atento contra ameaças ao longo do canal veneziano e não a encarando.

Mas sob a luz da lua, a pele cremosa dela parecia ainda mais pálida, os olhos ainda mais escuros. Os cabelos brilhavam parecendo quase negros. Naquele momento ela prendeu um cacho atrás da orelha, como se para provocá-lo.

Ela se voltou para a água, mas não antes dele ver seus olhos ondulando de desejo. Ele não era o único com necessidades.

— Vamos esperar mais quinze minutos — ela se inclinou pra frente para descansar os antebraços no corrimão da ponte, chamando a atenção dele para sua minissaia preta.

Com a ereção pressionando as calças, ele fantasiou em tomá-la daquele jeito mesmo. Ergueria a saia pelos quadris dela, puxaria a calcinha de lado, então enfiaria seu pau nela aqui mesmo. Se ela fosse dele, ele gozaria nela e a clamaria para si.

Ele se forçou a desviar o olhar para estudar os arredores, notando pontos cegos e outros de vantagem. Sabia que Nix estava brincando com eles antevendo seus movimentos, mas ainda assim não sentia que aquelas semanas foram perdidas. Rune usou o tempo para recrutar Josephine.

Agora podia admitir que estava cultivando a lealdade dela por ele mais do que pelos Møriør.

Quanto tempo mais ela vai continuar me recusando? Enquanto a determinação dele parecia diminuir, Josephine se tornava cada vez mais poderosa em todos os aspectos. Mesmo ela notara isto, atribuindo sua velocidade e força crescentes ao sangue dele.

A alimentação constante dele não tivera efeitos negativos. Bem o oposto. Ele sentia-se energizado. Mas se passasse um intervalo muito grande entre as

alimentações, ele sentia calores como se tivesse sangue demais dentro dele.

Todas as partes de seu corpo. Seu pau o acordava latejando todas as manhãs. Ele se cortava, acordando-a com o odor de seu sangue, então de forma faminta a puxava para seu pau.

Ele lhe dissera que ela não podia ficar sem pelo menos duas vezes por dia. Quando ela perguntara se aquilo incluía "lanchinhos" ele a jogara por cima do ombro e batera em sua bunda, informando-a que nada nele era padrão lanchinho. Ela riu e riu...

Por mais que estivesse bebendo, ela vinha sonhando suas lembranças? Às vezes quando ele revelava algo sobre si mesmo, ela não parecia nada surpresa.

Ele estava apreensivo sobre ela ver seu passado naquele bordel. Ela fugiria correndo e gritando? Ou teria pena dele? Ele achava que não conseguiria lidar com a pena dela.

Como se achasse que poderia aguentar ela correndo dele! Já se sentia viciado à risada dela, sua sinceridade, sua sexualidade escaldante. Era mais

tentadora do que campos de frutas para um escravo morto de fome...

Eu vou ter de contar logo a ela.

— Ela não vai vir — Josephine murmurou — Isto está ficando cansativo.

— Pensei que você estava se divertindo comigo.

— De você eu gosto. Disto, nem tanto. Ela podia pelo menos furar conosco de formas mais interessantes.

— Cada vez que mais eu sinto que estamos entrando em uma armadilha. — E por que, ele se perguntou pela centésima vez, Nix não havia contatado seus inimigos passando a eles a locação prevista de Rune? Rei Saetthan, por exemplo, tinha estipulado uma recompensa colossal por sua cabeça e era um aliado fey de Nix...

— Rune, olhe. Na água.

Um barco em miniatura flutuava pelo canal. Ele se virou para Josephine.

— Todo seu.

Ela começou a se tornar intangível.

— Não, Josie. Use sua telecinese — ele andava a encorajando a praticar.

Ela anuiu, dirigindo sua mão para o barco. Suas sobrancelhas se juntaram enquanto o erguia, atraindo-o para mais perto. Descontrolou-se um pouco, levitando para mantê-lo no ar. Mas pelo menos não o destruiu totalmente. Ela rasgou um bilhete grudado ao mastro.

Ela não mais fingia saber ler, apenas estendeu a carta.

Em uma semana ela aprendera tanto da linguagem das runas; aprenderia o inglês com a mesma rapidez. Ele abriu o envelope, encontrando um convite em papel grosso. Quando tudo isso terminasse, quando se assentasse em Tortua, ele a ensinaria. Por ora, ele leu em voz alta:

VOCÊ ESTÁ CORDIALMENTE CONVIDADO A
COMPARECER AO 2915º BAILE ANUAL DA CORTE
DE TITANIA. NA NOITE DA LUA ROSA.

— O que é Titania? — ela perguntou.

— Um reino fey — a lua rosa era a lua cheia deste mês. Ele olhou para o céu. O baile seria esta noite.

Com a diferença de tempo, eles mal tinham oito horas até que começasse.

Josephine ergueu a cabeça.

— Está bem, qual é a desse troço de baile?

Ele amassou o convite.

— Uma armadilha.

Rune parou próximo ao fogo em Tortua observando as chamas. Estava vestido em seus trajes formais para *esse troço de baile*, só aguardava Josephine.

Ele queria deixá-la em segurança ali, mas o juramento dela o forçava a mantê-la perto. Então ele cogitou não ir. Titania era um aliado ferrenho de Sylvan, e ele achava que Nix nem apareceria.

De fato, achava que a vidente havia planejado estes doze dias só para levá-lo àquele baile — como um favor ao Rei Saetthan.

Ainda assim, o dever de Rune para com os Møriør exigia atenção, o que significava que Josephine também iria. Ela estava ansiosa por ele, embora

tivesse explicado tudo contra o que estariam se colocando.

Apesar de suas idades semelhantes, Saetthan jamais lutaria mano-a-mano com Rune. Como um puro fey, Saetthan era mais rápido; o demônio de Rune o tornava mais forte. Seria uma boa briga se Saetthan tivesse colhões suficientes para enfrentá-lo.

O rei se recusava, mesmo que fosse seu dever sagrado proteger seu povo. Todos consideravam Rune um monstro, um bicho-papão que comia os membros inocentes de sua família.

Bicho-papão? Sim.

Inocentes? Ele nunca havia encontrado tal coisa na linhagem de Magh.

Depois dele e Josephine saírem de Veneza, ele a levava às compras em busca de um vestido. Ele disse que dinheiro não era problema, que podiam ir a qualquer lugar do universo.

Só para ser do contra, ela os levava a um brechó de roupas usadas perto da *Canal Street* em Nova Orleans.

Ele andara em círculos enquanto ela provava vestidos sem jamais permitir que ele tivesse um relance do que ela iria vestir.

Do lado de fora do provador, ele murmurou.

— A nobreza fey veste tecidos obscenamente caros. As fêmeas preferem cores pálidas e tecidos vaporosos. Talvez você devesse escolher algo assim.

— Uh-huh — ela disse, claramente ignorando suas sugestões.

Rune não queria que ela se destacasse mais do que o necessário para que não se sentisse incomodada.

— Embora estejamos provavelmente entrando em uma armadilha, devíamos ao menos *tentar* nos divertir.

Ele já tinha planos para Josephine aquela noite — seduzi-la por inteiro — então ele havia se preparado. Tirando o provável ataque, o arranjo era perfeito. Fêmeas eram loucas por bailes. Ele e Josephine beberiam um pouco, dançariam um pouco, e ela seria dele.

Só a morte o impediria de estar dentro dela.

Mesmo assim, seus planos não dariam certo se ela estivesse infeliz. Ela era uma mulher. *Uma jovem mulher.* Elas não eram todas supersensíveis sobre coisas como chamar atenção de forma negativa?

— Vaporoso, huh? — disse ela de dentro do provador — Estilo contos de fadas? — Então espiou pela cortina e sussurrou. — Você está ciente de que eu provavelmente não sou da nobreza fey, certo?

— Espertinha.

— Mas vou precisar de algo de você. Para ajudar a compor o meu visual.

Visual. Ele mentalmente se encolheu. Não somente *um* vestido ou acessório impróprio.

— E o que seria? — esperava que ela pedisse joias. Ela respondeu criticamente.

— Seu sangue em um copo...

Agora ela chamou do quarto.

— Estou saindo. Aviso: estou gostosa pra caramba.

— Então venha — disse ele, resignado. — Não aguento mais esse suspense.

Ela saiu. Ele teve de firmar os pés para não cambalear.

— Você... você está... — *Vampira. Fantasma.* De alguma forma ela complementava ambos os lados.

Ela vestia um vestido tomara que caia simples de cetim preto que acentuava suas sedutoras curvas vampíricas. Seus seios generosos erguiam-se acima do corpete justo.

O material era tão suave que refletia a luz, brincando com a pele translúcida e graciosas maçãs do rosto altas. As sombras contornando os olhos luminosos estavam mais escuras, sobressaltando sua cor castanha incomum.

Ela prendeu os sedosos cabelos no alto da cabeça, revelando os anéis em suas orelhas e o pescoço delicado.

Ao redor de sua garganta...

Ele engoliu em seco. Ela havia usado o sangue dele para desenhar uma coleira com suas próprias pequenas runas.

— Gostou do desenho? Tive de cortar o estêncil com minhas garras. Não tente fazer isto em casa. Eu fiz as runas para sorte e vitória.

Ela está pintada com a minha tinta. Possessividade. Minha fêmea mestiça está usando as próprias runas.

Nada no mundo impediria Rune de possuí-la naquela noite.

QUARENTA E OITO

— Você está bem, eu acho — Jo disse a Rune, embora mal conseguisse se recuperar do primeiro relance dele vestido em traje fey formal: calças justas, botas pretas e um casaco de alfaiataria de algum material cor de creme que moldava seus músculos.

Ele era alto, magro e elegante, mas com aquela camada dura sob a superfície.

Quando conseguiu tirar os olhos de sua óbvia ereção, notou outros detalhes. O cabelo dele estava preso atrás, revelando as laterais raspadas de sua

cabeça e suas orelhas fey. Negro dardejava de seus olhos quando ele olhou para ela.

— Você... só...

— Rune, eu avisei. Recomponha-se, cara.

O olhar dele fixou no dela. Os lábios se curvaram em um sorriso torto e ela suspirou.

— Ah, Josephine, você é boa de papo. Eu sabia que estava te vencendo.

— Que seja, velhote — ela desejou que pudesse negar de forma mais convincente, mas ele *estava*.

— Esta é a primeira vez que te vejo sem o colar de balas.

— Não preciso mais dele — ele já havia servido a seu propósito.

— É mesmo — ele pendurou o arco e amarrou a aljava, ambos invisíveis. — Se sobrevivermos ao baile de hoje, vou te levar a um lugar onde jamais estive. Um dos meus lugares favoritos. Vamos beber vinho e você pode observar as estrelas o quanto quiser.

Observar estrelas? Com outra pessoa?

— Eu adoraria! Mais um incentivo para sobreviver.

Ele lhe ofereceu o cotovelo.

— Venha.

Ela o aceitou e, em um instante depois, chegaram em um jardim iluminado pela lua.

— Onde estamos?

— Titania. Não posso permitir que vejam o modo como viajo, por isto risquei para a área externa. O palácio fica ali na frente — ele apontou para um castelo não muito distante.

A estrutura parecia algo saído de um conto de fadas, brilhando na noite com torres altas e flâmulas tremulantes. Uma ala inteira era feita de vidro, suas facetas brilhavam como diamantes. Trechos de música orquestrada os alcançaram e flores exóticas perfumavam o ar cálido.

De braços dados, eles se aproximaram. Perto do castelo o caminho estava mais cheio de gente com Loreanos trajados de modo formal de todas as espécies. *Lá vou eu de volta ao Lore...*

Ele a acompanhou por um lance de escadas até a entrada iluminada por tochas. Demônios uniformizados controlavam as portas. Os chifres

polidos deles brilhavam à luz do fogo quando se curvavam para cumprimentar convidados recém-chegados.

Rune entregou seu convite a um deles, então a guiou para um mezanino acima do evento.

Ela prendeu a respiração com a vista. O salão de bailes era grande como um auditório e completamente feito de vidro. Enormes candelabros se dependuravam de um domo crescente. O centro do teto transparente emoldurava a lua acima. As paredes foram congeladas para ficarem parecidas com florestas cheias de folhas, geleiras, chamas e oceanos.

Abaixo, uma pista de dança de vidro brilhante já estava cheia de imortais. No plano de fundo, os músicos tocavam.

Ela estava aqui, em um baile — sem a confortante segurança de uma concha — sim, isto era vida real, e sim, ela estava realmente vivendo, mas sentia-se nua. As fêmeas altas e graciosas lá embaixo usavam vestidos em cores suaves — um mar de azul bebê, pontilhado de róseos e verdes.

— Eu me destaco como sangue na água.

— Ainda mais com esta coleira — ele estava olhando tanto para o pescoço dela que podia jurar que *ele* era o vampiro. — Está se sentindo desconfortável?

— Se eu fosse um cara e tivesse de escolher uma garota daqui, eu me escolheria na hora. Mas você falou tanto sobre o estilo fey, talvez você goste mais dele — ela batucou no queixo. — Rune, talvez você *seja* um idiota.

— Se não percebeu pela minha reação sem palavras de antes, você quase me deixou de joelhos. Você fácil, fácil é a fêmea mais sexy aqui. E é só minha.

— Estou mais acostumada a estar dentro de uma concha em ocasiões como esta.

— Se quiser entrar em mim, será bem-vinda — nas últimas duas semanas ele a havia recebido em seu corpo algumas vezes.

— E se eu ficar excitada demais e me corporificar? — ela ainda tinha dificuldades em controlar seu modo fantasma.

— Então você tem de ficar ao meu lado, onde eu possa exibi-la — ele a levou até a escadaria.

— Essas coisas são assim tão populares?

Ele anuiu.

— Especialmente durante uma Ascensão.

Será que todos estes Loreanos conseguiram encontrar seus companheiros? Ou inimigos?

— Então me explica. Com quantas daqui você já dormiu?

— Não acho que você vai querer saber disto. Mas digo que eu *quero* dormir com somente uma aqui.

Owww. Ele era bom.

Enquanto desciam os degraus, ele disse.

— Você está atraindo ainda mais olhares de admiração do que eu.

Ela notou alguns caras virando a cabeça para secá-la com o olhar, fêmeas também.

— Que bom que você nunca fica com ciúmes.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Vamos dançar?

— Achei que estávamos aqui para lutar — ela mordiscou o lábio inferior. — Eu não sei dançar.

— Eu te guio. É só me acompanhar, amor.

Ela congelou.

— Você me chamou de “amor”.

— Besteira. Eu disse “por favor”.

Ela endireitou os ombros.

— Besteira. Você disse “amor”.

— Eu já disse que um fey sombrio é incapaz de amar, mas imagine o que você quiser, *por favor*.

— Se estivéssemos em meu quarto de hotel, eu te diria pra se foder até você me jogar em uma parede.

— Eu me lembro frequentemente daquela noite — ele passou uma mão sobre a boca. — Em vez disto, é melhor que a gente dance.

— Mesma coisa, acho.

Ele a tomou nos braços e dançou com ela pelo salão. De início Jo sentiu-se desconfortável, mas tão logo o deixou guiar, aconteceu um milagre.

— Olhe pra mim! Eu sou uma dançarina boa pra caramba. Você também é passável.

Os lábios dele se curvaram.

— Você é boa pra caramba em várias coisas — então ele ficou sério. — Você sabe o quão orgulhoso estou de suas runas? — Seu olhar ficou tão solene.

Como ela podia resistir a ele quando agia assim? Quando a experiência toda era como um sonho?

Estou caindo de cabeça...

Tantas coisas lembravam a Jo daquele grandioso casamento que invadira. Ela se sentiu como uma noiva em seu vestido elegante. A música não era muito diferente. A dança parecia a mesma.

Ela espiou para Rune. *Ele é o meu homem. Meu noivo.* Quando os olhos dele sustentaram o seu olhar, não se incomodou em esconder o que sentia.

Adoração.

A mensagem deve ter sido recebida por que ele lhe deu um aceno, então engoliu em seco como se estivesse nervoso. *É, isto é pra valer, Rune.* E ela suspeitava que ele estivesse começando a sentir o mesmo.

Enquanto ele a rodopiava pelo salão, ela se entregou àquela noite. Confiando nele, inclinou a cabeça para trás e só *sentiu*.

Tontura. Vertigem. Alegria. Quase se fantasmou de prazer. Estava vivendo um conto de fadas, nunca queria que acabasse...

— Estou à beira de um ataque — os músculos do torso dele contraíram sob a mão dela.

Jo ergueu a cabeça.

— De emoção?

Ele murmurou.

— Não, *de espadas* — ele olhou ao redor. — Cinquenta homens com espadas estão vindo para cima de mim.

QUARENTA E NOVE

O ataque iminente deixou Rune confuso.

Se Saetthan tivesse enviado estes caçadores de recompensas, então por que não contratar o dobro daquele número?

Rune concluiu que eram todos fey, mas provavelmente não ex-militares. Carregavam espadas curtas, e não demonstravam nem o porte marcial dos soldados de Sylvan nem as espadas longas dos Titânios. Eles não carregavam arcos Draiksulianos.

Talvez estes machos pudessem oferecer a ele um desafio. Talvez fosse por isto que eram em pouco número.

— Josephine, quero que fique aqui perto da parede e se torne intangível — ele desejou poder enviá-la completamente para longe.

Ela riu.

— Esqueça. Vou lutar também.

— Se me der espaço, volto em questão de minutos.

— Convidados próximos emitiram sons ultrajados quando os caçadores acotovelaram seu caminho em direção à pista de dança. A orquestra silenciou, um instrumento por vez. Um silêncio caiu sobre o salão de baile. Os convidados mais sábios dispersaram.

Um macho empunhando uma espada pisou na pista, então outro, e outro. Todos focados em Rune.

Sua única hesitação era a respeito da fêmea ao seu lado.

— Se você estiver vulnerável, meus pensamentos se dividirão — ele desamarrou o arco.

— Eu posso usar a telecinese enquanto estiver em modo fantasma.

— Pode se concentrar o bastante para escolher só um dos inimigos? Quero dizer... confie em mim, Josie. Deixe eu te mostrar do que sou capaz.

Ela hesitou.

— Se você morrer, vou chutar tanto o seu rabo!

Embora Jo obedientemente tenha se movido para a parede e se tornado incorpórea, seus nervos faziam seu contorno tremular, então ela continuava visível em flashes.

Ela era a garota que estava tomando um chá de cadeira mesmo querendo estar na pista de dança — para poder lutar.

Todo mundo saiu da área, exceto por alguns espectadores idiotas espiando pelas portas e balcões escandalizados pela promessa de uma luta.

Caçadores de recompensas avançavam em Rune, cercando-o. Como ela podia não lutar por ele? Eles continuavam a vir, estreitando o círculo.

Um deles soltou um grito de guerra. Com o coração na garganta, ela observou o ataque.

Completamente calmo, Rune pegou *cinco* flechas vermelhas — das envenenadas. Ele virou o arco na horizontal e as soltou. As flechas espalharam no ar, atingindo a primeira fila de homens, então a segunda... então a terceira.

Quinze homens derrubados! Eles gemeram no chão, morrendo pelo veneno agonizante de Rune.

Ele pegou mais cinco flechas, repetindo o tiro. Pelo menos uma dúzia caiu.

Como um borrão, ele varreu pelos caídos colhendo as flechas da última onda de corpos. Enquanto voltava a encher sua aljava, manteve uma flecha na mão para golpear pescoços, derrubando ainda mais inimigos.

Ele era mais rápido do que as jugulares que jorravam sangue. Comparados à Rune, seus atacantes pareciam se mover em câmera lenta. Eles cambaleavam e escorregavam no vidro ensanguentado.

Ela o viu em ação, mas jamais assim. Nunca contra tantos oponentes.

Com a aljava cheia, ele se arqueou para um balcão. Três casais estavam escondidos ali. Embora Rune tenha lhes dado somente um olhar de passagem, os machos o encararam com terror. As fêmeas suspiraram por ele a ponto de desmaiar de desejo. Uma esticou a mão para arriscar um toque em sua perna.

A próxima rodada de flechas de Rune voou em uma trajetória curva. Ele as arqueou para tornar golpes impossíveis, então desceu para outra colheita de flechas usadas. Nem uma gota de sangue o manchava.

A preocupação dela diminuiu. Uma vez ele havia falado sobre suas metades fey e demônio, uma mais metódica, uma mais agressiva. A parte fey metódica estava no controle enquanto Rune fria e

eficientemente destruía a ameaça. Somente poucos deles permaneciam em pé.

Ele era magnífico. E ele *sabia*. No meio da matança, ele se voltou para verificar a reação sem fôlego e admirada dela.

O fey sombrio arrogante havia *piscado* para ela.

Ela jamais o desejara tanto.

Uma vez que ele terminasse de cuidar deste lixo, ela beijaria aquele sorrisinho afetado dos lábios dele e mordiscaria o lábio inferior até ele gemer. Quando estivessem sozinhos, ela tiraria a roupa, revelando a lingerie que havia comprado naquele dia.

E se o deixasse tê-la esta noite? Ele lhe diria que faria de tudo para prepará-la. Ela o imaginava acariciando-a com aqueles dedos incríveis até que estivesse molhada e dolorida, e então enfiaria aquele pau enorme nela. E quando estivesse enfiado até a base, será que o beijo dele roubaria o seu grito?

Enquanto fantasiava sobre seu corpo forte golpeando-a e se movendo sobre ela, começou a arfar. As batidas de seu coração aceleraram. *Este é o meu homem*. Ela precisava dele desesperadamente.

Esta noite. Esta noite ela ia se render...

Aço beijou sua garganta.

CINQUENTA

Um suave ofego.

Rune virou a cabeça ao redor. Ele acabara de derrotar todos os atacantes, mas um havia se esgueirado para alvejar Josephine.

Maldição! Por que ela havia se tornado corpórea?

O macho a puxou para perto dele, pressionando uma faca no seu pescoço frágil.

Era por *isto* que os Møriør não tinham companheiras — porque Orion não tolerava vulnerabilidades. Rune não podia ter uma mais forte do que sua necessidade por Josephine.

Quando a lâmina cortou a pele tenra dela, ele quase perdeu a cabeça. Expôs suas presas de demônio ansiando massacrar o macho, destroçá-lo com as garras venenosas.

Sangue escorria pelo pescoço dela. Sangue *negro*.

De tanto beber dele. Um pensamento que não podia nem conceber surgiu.

Apesar do perigo, ela não estava com medo. Os olhos escureceram e as sombras ao redor dos olhos se aprofundaram — um predador assinalando ameaça.

Em seu pânico por ela, Rune esqueceu que ela não era uma simples fêmea. Era uma força. Ela era morta e morte, tudo em uma só, e ela mal parecia conseguir se segurar para não atacar.

Rune disse ao cara.

— Solte-a. Ou vai ter uma morte de pesadelo. É meu único aviso.

Movimento no balcão. Ele ergueu a cabeça.

Saetthan.

O meio-irmão de Rune se aproximou vestido em traje formal com a espada do pai deles empunhada. Um par de guardas reais o flanqueavam.

— Que bagunça você fez, sangue-ruim — ele observou todos os corpos com expressão divertida que lembrava a do próprio Rune.

— Eu sabia que você estava por trás disto — disse Rune. — Planejamento ruim e porco é sua marca registrada.

Como um dragão retorcendo a cauda, Saetthan girou aquela espada.

Rune esperava mais guardas se alinharem no balcão, mas nenhum veio, deixando apenas os dois. Ele nunca teve oportunidade de atacar seu meio-irmão desprotegido deste jeito.

— Da próxima vez me ofereça um desafio de verdade — ele disse. — Está faltando dinheiro em Sylvan?

— Não preciso de um exército pra te derrubar. Só preciso te distrair... enquanto pego sua companheira. Meus espiões disseram que você encontrou a sua, mas mal pude acreditar que uma abominação como você tem uma fêmea predestinada.

A mão de Rune abaixou para a aljava. Ele queria um tiro limpo; Saetthan estava mirando sua mulher. Chega de jogo.

Seus dedos tatearam entre as flechas pela rápida-e-mortal. Ele a enfiou entre quatro flechas de

veneno. Aquelas atingiriam baixo, os guardas cairiam e deixaria Saetthan para enfrentar a flecha mais precisamente letal de Rune.

— Ah-ah, Rune — Saetthan censurou, cheio de confiança. — Se atirar em mim seu bichinho bonito vai perder a cabeça.

Rune riu.

— Se acredita nisso então seus espiões não te contaram o suficiente sobre ela.

Saetthan ocultou uma expressão de confusão.

— Esta noite será ou a sua vida ou a dela, para pagar a morte da minha mãe.

Mantendo Saetthan sob suas vistas, Rune disse.

— Josie?

— Deixa comigo. Faça o que tiver de fazer — ela começou a desmaterializar para choque do atacante. Descendendo ao solo, ela forçou o macho intangível para baixo também. Ela o fez com lentidão, mistério.

— Que truque é este? — Saetthan exigiu. — Sua companheira é uma abominação igual a você!

Enquanto Saetthan observava, Rune preparou as flechas, atirando-as com toda sua força.

Cada guarda recebeu duas.

Reagindo com velocidade sinistra, Saetthan girou a espada para cima para rebater à rápida-e-mortal.

A ponta da flecha se conectou com a lâmina.

Surgiu uma luz. Um ruído de explosão como um trovão.

A espada... explodiu!

Metal escaldante caiu sobre a pele de Saetthan. Estilhaços silvaram e esfriaram enquanto despencaram, ressoando contra o chão de vidro. A explosão atingiu o domo de vidro acima, fraturas ameaçadores se espalharam.

Meus deuses. Rune havia destruído a espada — o símbolo de união daquela família inteira amaldiçoada. Ele rapidamente disparou outra flecha na fumaça.

Na hora em que o ar havia clareado, Saetthan desapareceu.

Rune voltou-se para Josephine. Ela havia arrastado o atacante até a cintura e ele

compreendeu seu destino; não havia como combatê-la. O caçador estava aterrorizado, seus gritos curtos eram enregelantes.

Os dois afundaram pelo chão de vidro, visíveis por alguns momentos como um tremular encolhido. Arquejos soaram entre os convidados ainda presentes na área do salão de festas.

Josephine emergiu. Sozinha.

Seu segredo foi revelado. Ela precisaria da força de uma aliança para protegê-la.

Ela olhou ao redor para os espectadores abalados.

— Alguém mais quer morrer hoje? Eu posso enterrá-los tão fundo que jamais encontrarão seu corpo lá embaixo. Pode ser que morram. Mas pode ser também... que *não*.

Oh sim, ele podia se acostumar a tê-la por perto.

Ela voltou-se para ele com um sorriso caloroso.

— Melhor. Encontro. Do. Mundo!

Os lábios dele se encurvaram para cima. E ainda não tinha acabado.

Rune pode ter perdido a chance de matar Saetthan, mas aquela espada foi aniquilada. Josephine estava ilesa. Tudo estava bem.

Assim que o pensamento ocorreu, outro ruído soou de cima enquanto fraturas se espalhavam como teia de aranha.

— Rápido — ele disse. — Vamos ver se conseguimos uma pista. — Eles correram para um espadachim que ainda não havia sucumbido ao veneno. De olhos arregalados, o homem tinha espasmos de dor com os membros contorcidos. Rune se abaixou para ele.

— Alguma mensagem de Nix? Com certeza foi ela a lhes dar sua localização.

Silêncio.

— Fale ou o fantasma te levará para o inferno.

Os olhos dele de alguma forma arregalaram ainda mais.

— Cada um de nós carregamos um bilhete para você. No bolso!

Rune o pegou.

Parabéns, você passou para o nível bônus! Agora é sua vez de tentar passar pelos meus espectros. Thaddeus e eu estaremos em Val Hall amanhã à noite aguardando o prazer de sua (fracassada tentativa de nos fazer) companhia.

XOXO, Nix, A Que Tudo Sabe.

Rune recompensou o homem com uma rápida decapitação.

— O que diz? — perguntou Josephine.

— Nix está nos convidando para ir a Val Hall. Amanhã a enfrentaremos... no covil dela. — Considerando o dano que sua flecha fizera àquela espada, como os espectros conseguiriam resistir a elas?

Quando Josephine anuiu, sua atenção se fixou no corte no pescoço dela e seu coração acelerou de novo. O sangue seco dela combinava com a cor da coleira que ela havia desenhado com o sangue dele.

Meu sangue corre pelas veias dela. Só minha.

As fraturas continuavam a se espalhar lá em cima. *Preciso riscá-la para longe.*

Ela tomou as mãos dele. Com um sorriso, ela os tornou intangíveis. Ela ergueu os olhos para ele com o mesmo olhar de adoração que havia lhe dado no salão de dança. Fêmeas haviam lançado aquele tipo de olhar para ele por eras.

Pela primeira vez, ele quis *merecê-lo*.

O teto rachou, então se despedaçou em uma explosão ensurdecadora. Ele e Josephine sorriram um para o outro enquanto estilhaços caíam como chuva passando inofensivamente através deles.

CINQUENTA E UM

Eu estou na porra da Austrália usando um vestido de festa!

Rune pegou uma mochila de suprimentos em Tortua, então a riscou até ali: à base de Ayers Rock no meio do deserto.

Ele ficou atrás dela, as mãos cobrindo seus ombros, os anéis quentes contra a pele dela.

— O que acha? Também acha *esquisito*?

Ela deu uma cotovelada nele.

— Este lugar é irreal! — A rocha era da mesma cor de um vaso de terracota. Mas enquanto o sol se punha, parecia tingido de roxo.

Da cor dos olhos de Rune quando relaxado.

Por cima do ombro, ela perguntou.

— Já veio aqui antes? — A lua cheia que curtiram em Titania estava apenas surgindo ali.

— Algumas vezes. O portal para o reino de Quondam é próximo daqui. Entre mortais, este monólito é o centro da cultura aborígene. É chamado de rocha ancestral. Os aborígenes reverenciam seus ancestrais — ele os riscou até o platô.

— Oh, meu Deus! — ela girou para observar ao redor. — Nunca pensei que veria coisas assim. Estas duas semanas foram incríveis! — De sua altura, ela observou a paisagem alienígena. Eles poderiam estar em Marte.

Ela ergueu a cabeça. Já tinha visto tantas estrelas? Elas brilhavam como faróis.

— Gosta?

Ela abaixou o olhar para absorver uma visão tão arrebatadora quanto: o sorriso de Rune. Ele sabia que havia maravilhado.

De sua mochila ele tirou uma coberta grossa e estendeu-a no chão. Ele indicou que ela sentasse, então lhe ofereceu um cantil decorado.

— O que é isto?

— Hidromel de sangue. Você vai gostar.

Ela sentou cheia de felicidade, o vestido de cetim farfalhando.

— É negro? — O calor emanou da superfície da rocha fazendo-a ainda mais confortável.

O sorriso dele aprofundou.

— É de sangue-ruim, como minha vampira gosta.

— Ah, mas você não é mesmo cheio de surpresas?

— Ouvi dizer que observar estrelas é um trabalho que dá muita sede — ele se sentou ao lado dela com o próprio cantil de cerveja de demônio.

Ela deu um gole no hidromel e arregalou os olhos.

— É mesmo gostoso. Tem uma coisa nele.

— Quando o sangue bate, né?

— Pudera seu amigo Blace adorar essa coisa — então estrelas, uma coberta e goró? Definitivamente um clima de sedução.

Rune sabia que este passo final significaria que eles seriam exclusivos; ela não poderia ter deixado seus sentimentos mais claros. E ainda assim, ele a trouxe a este lugar de sonho com sexo na cabeça.

Ele estava pronto. Em sua excitação, ela brevemente se desmaterializou.

E quando seu selo quebrasse, ele jamais duvidaria de novo da conexão predestinada entre eles. *Que é o motivo de você estar prestes a se render, Jo.*

— Eu já te disse o quão linda você está esta noite? — Ele estendeu a mão para prender um cacho rebelde atrás da orelha dela. — Seu vestido foi um imenso foda-se à soberba fey. Cetim preto ganha de tule pastel em qualquer circunstância.

— Esta coisa velha aqui? — ela provocou. Elogios também? *Já ganhei, bobo.* — Falando em soberba fey... quem era o cara louro? Ele meio que parecia

com você — ele se referiu a ela como a companheira de Rune e ele não negou!

— Rei Saetthan, meu meio-irmão.

— Por que ele estava tão inclinado a te matar?

— Deve ser porque eu quero tanto matá-lo. Ele agora é o chefe da linhagem real que planejo destruir. Se você estiver comigo, situações como a de hoje vão voltar a acontecer. A recompensa pela minha cabeça é alta. Você será caçada por associação comigo.

Rune estava dando uma chance a ela de desistir... antes deles se tornarem eternos.

— Eu já serei caçada só por ser o que sou, não é? Isto só vai acrescentar um nível a mais de excitação.

— ela bebericou de seu cantil. — E o convite? Como vamos conseguir entrar em Val Hall?

— Se minha flecha pode destruir uma espada feita de metal titânico, por que não destruiria espectros?

— Aquilo foi realmente fodástico — ela deu um soquinho no ombro dele. — Fodástico de verdade.

— De fato. Em Van Hall usaremos minha flecha mais poderosa. Se isto não funcionar, você pode tentar sua telecinese.

— Talvez eu possa dispersar o eixo do mal deles. Antes que possam voltar à posição, riscamos para a porta. Você cuida de Nix e eu pego Thad — ela soava otimista, mas tinha de se perguntar: por que Nix a teria alertado sobre seu poder telecinético?

Ou Nix era uma psicótica de merda além de uma Valquíria realmente estúpida... ou estava brincando com eles de novo.

— Se tudo falhar, você pode nos fantasmear para dentro — disse Rune. — Temos opções.

— Nix soou muito convencida naquele convite.

— Talvez esteja divagando. Afinal, ela é louca.

— Mesmo assim, quer me contar seu plano B? — talvez ele já tenha requisitado ajuda de seus aliados e eles estivessem a caminho de se juntarem a eles como superamigos. Hmm. Qual seria o equivalente vilão da Sala da Justiça?

Rune acariciou o rosto dela.

— Provavelmente não precisaremos dele. Por ora, vamos comemorar a vitória de hoje e beber à nossa batalha futura.

Confiante, ela ergueu o cantil.

— Boa batalha — ela mordeu a língua assim que as palavras saíram de seus lábios. Em seus sonhos ela ouvira Rune dizer isto aos seus aliados, até para inimigos a quem respeitava.

Todo o relaxamento o abandonou e ele se levantou.

— Há quanto tempo?

Ela ficou em pé.

— Desde a noite em que nos conhecemos.

— O que você viu?

— No começo eu vi Magh convocá-lo e seu primeiro assassinato. Você era muito jovem.

Os músculos dele ficaram tensos e ele admitiu.

— Eu roubei, matei e fodi por aquela cadela. Eu fiz tudo o que ela quis de mim e ainda assim não consegui salvar minha mãe — ele estreitou os olhos. — Você viu o que aconteceu depois de Magh me vender? Eu

não era um simples escravo do jeito que eu falei — ele avultou-se sobre Jo com um tom de desafio na voz. — Ela me jogou em um bordel, Josephine.

Ele achava que sua admissão a faria voltar correndo pra casa?

— Agrade ou morra, Magh havia me dito. Todas as manhãs um guarda erguia a espada no meu pescoço para me arrancar a cabeça caso eu tivesse falhado em satisfazer um único cliente daquela noite — Rune a deixou compreender isto. — Sem comentários? Sem observações contundentes?

Ela precisava tocá-lo, mas não queria dar a impressão de estar com dó dele.

— Eu queria que isto não tivesse acontecido com você, mas fico feliz de que tenha feito o que foi necessário para sobreviver. Pra se vingar. Eu vi isto também, Rune. Eu só queria que Magh estivesse viva para poder caçá-la e arrastá-la para dentro da terra para sempre.

Ele bebeu do cantil.

— Por que não me contou sobre os sonhos?

— De início por que estava preocupada de que você tentasse me matar de novo. Então eu não queria que nada ficasse entre... nós.

— O que mais você viu? — como se a cabeça dele estivesse subitamente doendo, ele pressionou suas têmporas.

— Seu primeiro encontro com Orion. E vi uma batalha... pareceu há muito tempo... onde vocês todos lutavam juntos.

— Você me viu dormindo com outras?

Ela negou com a cabeça, admitindo.

— Mas vi você naquele bordel.

O olhar dele se desviou.

— Depois que fui libertado escolhi permanecer lá.

Ela se aproximou dele.

— Você não conseguia imaginar a vida ficando melhor porque por tanto tempo ela não melhorou. Orion tem minha lealdade apenas por ter te mostrado um novo futuro.

— Mas o passado não pode ser desfeito e o meu é sórdido. Estou maculado em mais de uma maneira —

ele deu um gole profundo. — Aposto que você jamais esteve com um prostituto antes.

Incapaz de se segurar, ela pousou uma mão em seu rosto forte.

— Você não é mais. — *Estou me apaixonando por você. Quero estar com você para sempre.* — Você é um macho diferente.

— Diferente — ele deu uma risada ausente de humor. — Quantas vezes um macho pode ser *diferente* no espaço de uma vida, Josephine? Eu queria ir para um lugar onde não tivesse de voltar a mudar de novo — ele olhou para ela como se quisesse dizer mais do que as imagens diziam.

Ela percebeu que ele estava pronto para ela; agora ele acabava de confirmar.

— Eu sinto muito não ter te contado. Estava esperando pela hora certa.

Ele exalou.

— Você não fez nada errado. O contrário, você viu meu passado e não fugiu correndo. E não sentiu dó de mim — como se tivesse acabado de registrar estes

fatos, ele a agarrou pela nuca. — Deuses, isto significa tanto pra mim.

— Você não vai se livrar de mim tão fácil, Rune Darklight. E como eu poderia sentir dó de um macho como você, meu arqueiro? — ela percebeu que ele gostou disto.

— Estou aliviado que você saiba. Eu teria confessado tudo isto a você eventualmente.

Antes de fazerem amor? Depois que dessem um passo à frente?

— Eu te contarei quando voltar a acontecer.

Ele anuiu, então passou um braço ao redor dos ombros dela.

— Isto era para ser uma comemoração — ele a puxou para o cobertor junto dele. — Observe, mulher.

Pouco a pouco a tensão amainou e a camaradagem usual os envolveu. Em silêncio observaram a noite cair e a lua subir mais alto — embora ela pudesse ter jurado que Rune estava olhando mais para ela do que para o céu.

Todas às vezes no passado quando voltava seus olhos indagadores para as estrelas, ela estava sozinha.

Mas não mais.

Ele a puxou para perto. O céu acima era vasto e desconhecido, envolvendo-os como um escudo. Ela suspirou.

— O mundo é tão grande...

CINQUENTA E DOIS

Rune se virou de lado, observando o doce perfil de Josephine.

O olhar dele passou pelos lábios dela, nariz, maçãs do rosto e cílios. Estrelas se refletiam em seus olhos enquanto ela olhava para cima admirada e ele sentiu um aperto no coração. *Este mundo é na verdade muito pequeno, amor.*

Ele podia mostrar a ela milhares de mundos. Precisariam de várias vidas para poder ver a todos.

Ele tomou mais cerveja. Estava com ela há um mero piscar de olhos, mesmo assim agora ele ia

viajar? Viver uma vida de ócio? Ele tinha guerras a combater e segredos a descobrir.

Talvez depois da Ascensão...

Suas sobrancelhas cerraram enquanto a observava. Ela não estava só observando as estrelas... parecia estar esperando por alguma coisa. Quase como se estivesse *ouvindo*.

— Eu quero saber por que observar as estrelas é a sua coisa favorita — disse ele.

— Quando olho para elas sinto como se estivesse a ponto de relembrar meu passado.

— Acha que seus pais estão vivos?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não acredito que minha mãe esteja. Tenho esta impressão vaga de fogo e caos. Como se tivesse ocorrido um desastre natural ou algo assim. Nunca tive esta impressão sobre meu pai.

— Sua mãe poderia ter riscado para longe de um desastre natural, não? — a menos que estivesse longe de seu lar.

— Eu nem sei se aquelas cenas são sonhos ou minha imaginação, ou parte de minhas lembranças — ela bebericou de seu cantil. — Queria tanto e há tanto tempo conhecer meus pais que posso ter inventado tudo.

Por tanto tempo? *Tipo seus vinte e cinco anos de idade.*

Pelo menos Rune conhecia o nome de seus pais.

— É por isto que anseia tanto por um vínculo? Pela falta de uma família? — Certamente recuperar Thad para ela ajudaria a preencher aquela necessidade... e aliviar um pouco da pressão que ela vinha pondo sobre Rune.

— Não, é mais do que isto. Quando incorporo uma concha eu experimento outras vidas. Uma vez me fantasmei para dentro de uma noiva em sua noite de núpcias. Seu noivo era um homem dos sonhos que olhava para ela como se ela fosse tudo. Ele prometeu que morreria por ela... e eu acreditei nele — ela virou-se de lado também, encarando Rune. — Este homem estava olhando para *mim* nos olhos e me dizendo aquelas coisas. Eu sei, não era realmente eu, mas ainda assim isto me abalou. Outras pessoas

subestimam serem amadas. Mas para alguém que jamais teve isto, após ter um contato assim passa a necessitar.

Homem dos sonhos. Tudo. Promessas. Amar.

Maldição, sem pressão, Josephine. Ela havia se incorporado em um casamento... um evento programado para ser ideal... e construía todo um ideal para o amor de sua vida.

Não pela primeira vez, Rune reconhecia que não era o homem a realizar os sonhos de Josephine. Ele tentou ser delicado.

— A bebedora de sangue de coturno quer romance.

— Se eu tivesse este vínculo, coisas em minha vida seriam... consertadas.

— Tipo o que?

— Eu tenho um medo tão forte quanto a sua fobia de altura — ela mordiscou o lábio inferior. — Tenho medo de que eu vá simplesmente flutuar para longe. Especialmente se fantasmagórico.

— Fantasmagórico? É tipo sonambular?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu flutuo atravessando a cama até o chão. Quando acordo estou basicamente enterrada. Por que não temeria o contrário? E aquelas estrelas parecem me chamar.

— Você nunca fez isto nas duas últimas semanas.

— Só acontece quando estou cheia de... perda. Ou ansiedade. Se eu tivesse um vínculo com alguém ele poderia... não sei... talvez me ancorar aqui.

Ela teme flutuar para longe, eu temo extinguir minhas emoções para sempre.

Cada vez que ele agia friamente com um alvo, ele se perguntava se era como Darach... uma transição predestinada para longe da permanência. Ou como Uthyr, o metamorfo de dragão que abandonara sua forma humana e se tornara um dragão para sempre.

Josephine queria que Rune fosse sua âncora? Abraçá-la e mantê-la junto a ele? Aquilo pelo menos parecia aceitável. Em troca, ele podia se certificar de que seu coração jamais virasse cinzas de novo.

Talvez possamos ser a âncora um do outro.

Ele esticou a mão para tocá-la, acariciando o dedo sobre o lábio inferior, aquela covinha. Os olhos dela se tornaram ainda mais luminosos. Enquanto olhava para eles, ele disse.

— Eu podia mantê-la comigo.

O rosto dela se iluminou. O dele apagou.

Ele não usara nenhum qualificador. Estaria ela o enfeitando de novo? Exasperado, ele disse.

— Eu quero você, Josephine. Não vou esperar mais — estava prestes a repassar todas as razões pelas quais a recusa dela era ridícula.

— Está bem.

Huh?

— Eu te quero inteira.

Os lábios dela se curvaram.

— Tipo sexo. Eu quero sexo — ele estava hesitante. O que infernos estava errado com ele?

O sorriso dela aprofundou.

Ele podia despir Josephine de suas esperanças agora mesmo. Ou podia deixá-la acreditar que eles

seriam exclusivos quando tinha toda a intenção de continuar transando com outras.

Todas as intenções do mundo de se manter do mesmo jeito.

Ela disse que tinha expectativas, e elas eram altas. Amanhã ele podia lidar com elas. *Ela* podia mudar. Se eles fossem ter algum tipo de futuro juntos, poderia ser nos termos dele... ou então nenhum futuro.

— Tem certeza que quer se arriscar ao meu veneno?

— Já te disse que não acho que vai ter risco algum. Mas se estamos falando de riscos, então você deve saber que há alguma chance de que eu seja sua companheira.

— Não vou mentir. Eu acho mesmo que haja esta chance. Estou protegido — ele enrolou a manga, para revelar uma combinação rúnica que havia inscrito em preparação.

— Esses símbolos eu nunca vi.

— É um método ancestral de contracepção para me impedir de ejacular — estava prestes a conseguir

o que queria. Ele venceu. Ele seduziu a sensível Josephine com um baile, bebidas e elogios.

Se ela soubesse o quanto ele tinha manipulado... um mestre de milênios de idade contra uma mulher jovem e inexperiente.

— Mas como saberá se sou sua companheira?

Rune já sabia. Naquele salão de festas quando viu o sangue negro dela... mesmo em meio a seu pânico, um desconcertante pensamento havia se erguido: *Ela é minha e eu sou dela.*

— Isto realmente importa? Esta noite não vai mudar o modo como vai ser nosso futuro. Nós ainda ficaremos juntos.

Juntos na cama. Nos Møriør. Na guerra.

CINQUENTA E TRÊS

— Eu adorei isto em você — Rune murmurou contra a coleira de Jo.

Ela estava sentada no colo dele enquanto ele acariciava seu pescoço com o nariz. Por baixo da bunda dela, estava duro como pedra.

— Amei vê-la usando meu sangue-ruim — a respiração cálida dele a fazia estremecer. Quando ele a clamasse como sua companheira esta noite, ele morderia seu pescoço. — Seu próprio sangue está negro agora. Eu vi quando aquela espada te cortou.

Não brinca!

— Posso matar com minha mordida ou garras? —
Mais poderes!

— Seu sangue pode ser mortal. Mas duvido que alguma outra coisa poderia ser.

— Oh.

— Você parece decepcionada — ele pressionou a testa contra a dela. — A minha vida inteira odiei meu veneno.

— Até me conhecer — ela se inclinou para um beijo.

Os lábios dele estavam firmes ao deslizarem sobre os dela. Bastou aquele leve toque para fazer seu coração disparar. Ela entreabriu os lábios acolhendo a língua esperta dele.

Ele a inclinou de costas em seu braço para que pudesse tomá-la mais minuciosamente. Para um macho

que nunca havia beijado — pelo menos por um longo período de tempo — ele tinha um beijo incrível.

Ela entrelaçou os dedos em seus cabelos espessos, soltando-os de sua trança, pressionando seu corpo contra o dele. Ela já estava molhada para ele. Ele fazia muita questão de prepará-la para o sexo... estava mais do que pronta.

Quando se esfregou no pau dele — *adivinha, adivinha* — ele gemeu em seu beijo, ajustando-a no seu colo. Enquanto suas línguas se entrelaçavam, ela mordiscou o pescoço dele, arqueando-se em seu agarre. Por que ele não a tocava? Por que ainda estavam com roupas? Ela queria o pau dele esquentando sua mão. Queria sua boca nos seios dela com a língua brincando com um piercing.

Contra os lábios de Jo, ele murmurou.

— Maldição — e afastou a cabeça.

Recuperando o fôlego, ela disse.

— O que foi?

— É melhor a gente voltar.

— Para Tortua? Quero que seja aqui, neste local épico.

— Talvez devêssemos esperar mais algumas noites
— seu fey sombrio estava amarelando.

Jo havia exposto suas condições para o sexo. Ainda assim ele estivera prestes a ir até o fim. A se comprometer. O vínculo com ele estava tão perto que podia senti-lo.

O pomo de adão dele ondulou; ele estava nervoso. Por que aquilo tinha tanto significado? Ela sabia que ele estava se apaixonando por ela. Ele não a havia chamado de *amor* aquela hora?

— E se eu disser que quero ficar?

Ele a afastou, então riscou para ficar em pé.

— Nós nos conhecemos há tão pouco tempo.

— Isso é teatro, né? Você está interpretando a mim dando desculpas para esperarmos mais. Eu interpretarei Rune. “Mas, *bebê*” — ela imitou — “a vida é uma só, e teremos a guerra amanhã.”

Ele arqueou a sobrancelha.

— Espertinha.

— Sério, que mudança é esta?

Ele deu de ombros.

— Mudei de ideia.

Owww. Ele estava hesitante em executar uma mudança tão drástica. Depois de séculos incontáveis de mesmice...

Cabia a ela forçar seu limite. Ela reviveu as ações dele no quarto de motel dela quando lutou contra ele e expôs as presas com raiva. Pelo seu "desafio" ele a empurrou contra a parede, beijando-a como se sua vida dependesse disto.

— Mudou de ideia? — ela anuiu em compreensão.

— Algum problema com o Runezinho, velhote? Esqueceu o símbolo rúnico para Viagra?

Estreitando os olhos, ele gesticulou para sua evidente ereção.

— Obviamente isto *não* é um problema.

Está funcionando.

— Aposto que Desh não precisa de Viagra. Ei, na volta pode me deixar no Lafitte?

Os músculos de Rune ficaram tensos, as presas se tornaram mais proeminentes.

— Está usando meu maldito sangue em cima da pele e me fala de foder com outro demônio?

— Ué, você quer me deixar na mão mesmo eu estando toda pronta — ela ajeitou a barra do vestido, deslizando-o pela perna.

— Pare com isto — as orelhas sedutoras dele se contorceram ao som do cetim deslizando sobre a meia calça.

— Olhe para isto — ela expôs as ligas, ajustando-as. — Não vou usá-las para mais ninguém. Mas você não gosta delas?

Os punhos dele cerraram.

— Eu te disse para parar com isto — como se não tivesse controle sobre o corpo, caiu de joelhos na frente dela só para acariciar uma perna envolta em meia. — Está me desafiando de novo?

Ela ajustou o vestido de novo, puxando-o mais para cima.

— Eu levei tanto tempo para escolher a meia e as ligas que esqueci da calcinha.

— Você não me desafiaria se eu te marcasse. Você ia ver só.

Macho intenso! Ela ergueu um joelho.

— Você não vê onde devia estar?

Ele inalou profundamente, as pupilas enormes.

— Você está brincando com forças que não compreende. O demônio em mim... necessita... fazê-la se render.

Ela se abriu completamente para ele.

— Que tal *este* desafio? — Ela jamais se sentiu tão exposta. Mas anseios sombrios a moviam. Ela queria estar vulnerável para colocar-se sob o controle dele.

Em um segundo ele estava de joelhos encarando-a; no outro riscou pra cima dela, empurrando-a para baixo na coberta...

Como acionar um interruptor.

Rune mal suportou o aroma delicioso do sexo dela. Mas vê-lo, ver a pequena sombra de sua abertura? Seu pau latejou para clamá-la. Sua metade demônio estava babando por ela.

O desafio dela o enlouquecia. Provocava cada necessidade primal nele. *Ela respeitará o macho que a possui.*

Ele *sentia-se* demoníaco. Selvagem. Fora de controle.

Clamar... Seu vestido era um obstáculo. Ele a queria nua exceto por aquelas ligas. Ele agarrou seu corpete, rasgando-o. Ela arquejou quando ele o arrancou de seu corpo.

Ele não podia beijar os seios nus com suficiente rapidez. Rodeou os lábios ao redor de um mamilo, sugando forte. Seus dentes tilintaram um piercing. *Perfeição.*

Sem parar de sugar, arrancou as próprias roupas, a língua tremulando quando seu pau ereto sentiu o ar frio.

Ele vagamente se lembrou de que precisava prepará-la. Disparou a mão para o meio das coxas dela, espalmando-a com possessividade. *Minha.* Deslizou um dedo para dentro, grunhindo contra seu seio.

A boceta dela estava quente, sedenta. Ele enfiou o dedo, fodendo-a com ele.

— Mais! — ela ondulou os quadris.

Outro dedo. Ele o abriu dentro dela, abrindo-a para ele.

— Estou pronta, Rune!

— Estará pronta quando eu disser que está — ele mordeu levemente o mamilo dela.

Ela gemeu, as garras arranhando a pele quente dele, estímulos para uma besta.

Os fluídos dela ensoparam os dedos dele, umedecendo sua mão. Ainda trabalhou na boceta dela. Ele enfiou um terceiro dedo.

Ela se contorceu contra a mão dele.

— Eu vou gozar!

Ele imobilizou os dedos.

— Não.

— Não? Então me fode!

Não posso aguentar mais! Ele tirou os dedos. Sugou-os com um rosnado enquanto ela observava com aqueles olhos cheios de desejo.

— Preciso de você, Rune! *Agora* — ela ergueu os braços e abriu as coxas para recebê-lo.

Ele esperou sete mil anos por isto! De joelhos ele se inclinou para ela, ajeitando o pau. Ele ondulou os quadris e a umidade luxuriante dela beijou a ponta. *Clame-a!*

Ele berrou e estocou. A cabeça deslizou pelas dobras carnudas da boceta dela.

— *Ahhh!* — ele quase gozou. — *Está tão molhada!*
— Ele não reconhecia o próprio membro. Jamais esteve tão inchado.

Ele suou, seus músculos ficaram tensos. Suas bolas doloridas se contraíram. Custou-lhe todo o controle para não cair sobre ela em um frenesi. Cerrou os dentes e lutou contra seus instintos. *Preciso me controlar!*

A cabeça esfregou o clitóris inchado dela e ela gemeu.

— Rune, agora! — as pequenas presas dela alongaram.

Pela minha carne. O demônio nele rugiu de satisfação. Ela só bebe de mim. Depois desta noite só vai foder comigo.

Suas próprias presas se aprontaram para o pescoço dela.

— *Prestes a conhecer a minha marca.*

Pela primeira vez na sua existência, ele podia perceber sêmen subindo por seu pau. *É por ela. Tudo por ela. Dê a ela... coloque-o onde pertence.*

A cabeça dela açoitou, o cabelo se espalhou, mechas sedosas como um halo ao redor de sua cabeça. Ele se perdeu no aroma dela.

A cabeça impulsionou na entrada dela. Não havia como voltar atrás.

As coxas dela abriram ainda mais em rendição, seu coração disparou. Suas batidas o impulsionavam tanto quanto as garras.

Os olhos dela estavam tão frenéticos quanto ele se sentia.

— Enfie — ela precisava, ele ia fazer.

Emoções? Ele se sentia *primitivo*. Escaldado. Com um berro, ele adentrou no seu lar.

O prazer o inundou. O corpo dela o enlucou.

— *Ah, deuses, SIM!* — um demônio montando em sua companheira.

As costas dela arquearam, os seios perfurados se esfregaram em seu peito suado. Ela gritou.

— Rune! — O núcleo dela ordenhou seu pau, a carne úmida latejando ao redor dele.

Ele a agarrou pela nuca, forçando-a a olhar para ele.

— Você é minha agora! Pertence a *mim...* — um grunhido substituiu suas palavras. Pressão insuportável continuava a crescer em seu pau.

Era agonia! *Quero mais!*

Ele precisava meter como um demônio. Precisava *foder*.

Morder. Suas presas latejavam tão fortemente quanto seu pau. *Marcá-la para sempre*.

Ele recuou para estocar, a sensação se erigindo em sua espinha. Sensações demais.

Congelou no meio do movimento. *Gozando em duas estocadas?*...

— Josie, estou ejaculando! Não consigo parar!

Como se ela fosse treinada para ele, sua cabeça caiu para o lado expondo o pescoço para ele marcar.

Outro grito de guerra na noite, para este maldito mundo inteiro. Então, uma palavra:

— MINHA! — ele afundou as presas na pele dela e enfiou o pau tão fundo quanto conseguiu.

— Rune, eu... Oh, Deus! Você esta me fazendo GOZAR! — ela gritou, ondulado de forma desamparada contra o membro dele. Ele a percebeu gozando, sua carne o ordenhou em puxões gananciosos.

Fogo erigiu dentro dele. Ele rosnou contra a pele dela quando seu selo de demônio queimou e o sêmen disparou de sua fenda pela primeira vez.

Êxtase. Alfinetadas de luz flamejaram atrás de suas pálpebras enquanto ele ejaculava. Sua mente se

virou, o instinto tomou conta. *Coloque sua semente onde ela pertence.*

Seu pau pulsava para esvaziar sua porra, jato após jato enlouquecedor. *Tão quente, tão quente.*

Ele enfiou mais profundamente, fodeu para aliviar uma pressão que armazenava há eras...

CINQUENTA E QUATRO

Jo já estava sem energia quando Rune gozou.

Ele liberou a mordida com um tremor e desabou em cima dela. O coração trovejava contra o peito de Jo, ele continuou a estocar languidamente como se não conseguisse o suficiente dela.

Ela fechou os olhos, mas sorria para si mesma. O sexo devia sempre ser assim! Ela tinha o seu homem, e ele tinha feito tudo *direito*.

A runa no braço dele, no entanto, não havia funcionado. Ela o sentiu gozando dentro dela — jorros quentes, fortes. Mas não estava preocupada.

— *Espere* — a voz dele estava rouca. Ele se apoiou em braços esticados com uma expressão de confusão

no rosto. — Eu pensei que estava sonhando... — com um silvo, ele recuou. — Deuses, a runa não funcionou! Eu gozei dentro de você.

— É — ela deu tapinhas no traseiro dele. — Eu senti em tempo real, bobo.

O olhar dele caiu sobre o braço.

Ohhh. Ela havia arranhado a pele dele com suas garras, interrompendo o desenho da runa.

— Oops?

— Como pode estar tão calma com isso?

— Por que Jo acabou de ser comida do jeito que tem de ser? Está bem, está bem. Estou calma por que me sinto ótima. Eu *sabia* que era sua companheira. Eu fui marcada — ela traçou a mordida no pescoço — e aparentemente, inundada com sua semente. — Ela ondulou os quadris com uma expressão pensativa.

Ele estremeceu.

— Preciso te levar a algum lugar, limpá-la!

Ela estendeu os braços para cima da cabeça.

— Esqueça. Estou ótima — ela reviveu o momento em que ele olhou em seus olhos e disse que ela era

dele. Nada jamais a fez se sentir tão conectada, nem mesmo beber dele.

O destino os considerava vinculados. O destino havia determinado que eles se juntassem. Nenhuma união era maior do que esta. Ela não conseguia parar de sorrir. Sim, tudo parecia tão brilhante.

— Não sente dor? Não sente efeito nenhum? — ele ternamente acariciou a ponta dos dedos sobre o pescoço marcado dela. — Por favor, me diga. Não quero que sinta dor. Josie, você não pode... Não posso machucá-la.

Ela estaria dolorida pela manhã — não importa o quanto ele tivesse se preocupado em prepará-la — e ela não se arrependia de *nada*.

— Quer saber o que me machuca? Não gritar “Eu disse!” pra você a plenos pulmões.

Um pouco do pânico dele pareceu diminuir.

— Agora você não pode mais discutir comigo — ela informou. — Primeiro passo de nosso emparelhamento? Aceitar que sempre estarei certa. Também, preciso saber quando podemos fazer isto

de novo. É muito importante que façamos de novo assim que for possível.

— Emparelhamento — ele sentou-se nos calcanhares, pasmo. Deve ter percebido que acabou de alcançar um marco de mudança na vida... após porrilhões de eras.

— Oh, sim — com um sorriso provocante, ela disse — e pense só, se eu andei me alimentando, pode ser que você tenha me engravidado.

O folêgo abandonou os pulmões dele.

— Jamais me permiti imaginar... — seu rosto se fechou. — Minha prole seria venenosa.

— Talvez sim, talvez não. O pior cenário para *nossa* prole: ter de encontrar um incrível e fodástico parceiro como você teve.

— Você iria querer? — ele pigarreou para perguntar roucamente. — Você ia querer ter filhos comigo?

Ainda *mais* pessoas na vida dela! Ela imaginou um bebê com olhos magenta e um sorriso torto que lembrava o de Thad. O bebê que ela achou que jamais teria até duas semanas atrás.

— Merda, claro. Por que não?

Negro dardejou dos olhos dele e o pau dele ficou ereto.

O olhar dela se arregalou.

— Gosta da ideia?

— Da ideia de engravidar minha companheira? Meus deuses, me deixa duro por você. Quando acabar a Ascensão, você pode se alimentar — ele engoliu. — Vamos tentar.

— Me parece um plano.

Ele voltou ao berço de suas coxas, aqueles olhos de fey sombrio ardendo de emoção. Estava olhando para ela, realmente olhando, e sua expressão prometia coisas que ela só havia sonhado.

Seus olhos sustentaram o olhar dela enquanto ele ondulava os quadris, deslizando o membro novamente para dentro dela.

Conexão.

— Isto é ainda melhor do que fantasiei — ela suspirou, ondulando para recebê-lo. — Uma garota não poderia se sentir mais ancorada do que isto.

Ele abaixou, dando a cada um dos mamilos dela uma sugada rude, fazendo-a gemer. Então recuou a ponta e voltou a enfiar seu grande pau no lar.

— Ah! Tão *apertada* — outra estocada. Ele observou os seios dela balançar com óbvio deleite. Outra estocada. — Eu acabei de gozar e já quero... — ficou de joelhos, puxando-a para montar no seu colo. Seus braços poderosos se enrodelharam nela, apertando seu corpo contra o dele. Em seu ouvido, ele disse. — Como vivi tanto tempo sem isto?

— A sensação é diferente?

Ele recuou, os olhos pesados de luxúria, mas brilhando de excitação.

— Tão diferente... não consigo decidir se vou gozar até meus testículos gritarem... ou enlouquecer. Eu posso *sentir* o sêmen subir — ele franziu o cenho. — É *tão* bom. Tenho tão pouco controle como quando eu era novo nisto.

— Talvez nós dois sejamos novos nisto — ela certamente nunca fez amor antes.

Ele anuiu suavemente. Com os lábios a centímetros de distância dos dela, ele disse.

— Eu experimentei, agora não tem volta. Você é minha — só verbalizar aquelas palavras aumentou a agressividade dele. — Eu quero ouvi-la dizer isto. Agora. — Ele enroscou os cabelos dela em um punho, puxando para mostrar que não estava brincando. — Diga o que você é — a intensidade de seu demônio a deixava louca.

Ela afundou as garras nos ombros dele.

— *Sua* — ela queria *mordê-lo*.

Ele estocou para cima, gemendo.

— Você vai gerar meu filho.

— *Sim*.

— Seu sangue é negro. É como o meu. Eu vou sempre estar dentro de você.

Com aquele pensamento, Jo o cavalgou e arqueou as costas para trás, sentindo o ar frio nos mamilos.

Ele silvou em uma respiração entre dentes cerrados.

— Não se mexa.

— O que foi?

As mãos grandes dele seguraram sua cintura, imobilizando-a.

— É bom demais. Eu olho para estes seus mamilos com piercings e me dá vontade de gozar — ele recuou o pau com um estremecimento. — Eu olho para seus lábios, o mesmo. Suas orelhas sexy. Deuses, seus olhos. Suas presas... quando se alongam eu sei que vou senti-las em algum lugar do meu corpo — ele puxou o cabelo dela para forçá-la até seu pescoço. — Eu fantasiei em te dar semente... enquanto você suga meu sangue.

A ideia a excitou tanto que ela ficou mais molhada de imediato, ensopando o pau dentro dela.

Ele a sentiu, repetindo a pergunta.

— Você gosta da ideia? — Seu ponto de pulsação estava batendo furiosamente, chamando-a. Como um diabinho em seu ouvido, ele murmurou. — Tome o que é seu, Josie.

Com um grito, a cabeça dela adiantou-se e ela o mordeu. Quando a pele firme dele se fechou ao redor de suas presas doloridas, ela quase gozou.

Um gemido profundo soou.

— Ah! Isto mesmo, bebê. Tome de mim. Vou me segurar até você terminar...

Ela sentiu o cheiro de mais sangue. Vindo de suas costas... por que ele estava afundando as garras nas próprias mãos. A dor temperando o prazer. Qualquer coisa para esperar por ela.

— Minha companheira — ele gemeu. — Minha linda companheira.

Enquanto ela o consumia, as batidas dos corações deles... mudou. O trovejar selvagem nos ouvidos dela combinou as batidas, sincronizados.

Como se dividissem um mesmo coração.

— Ouviu isso? — ele murmurou maravilhado. — *Sentiu isso?*

Ela choramingou contra a pele dele. Juntos. Conectados. Nada jamais a excitou tanto... seu corpo, sua mente. O aperto em seu núcleo aumentou além do limite, prestes a explodir.

Ele estocou mais uma vez.

— Goze comigo — mandou.

Ela pairou... bem na borda...

— Você nunca mais vai ficar sozinha de novo por que eu nunca vou te deixar. Entendeu Josie...? Isto é *para sempre*.

Com aquilo, ela perdeu o controle. Seu clímax a atravessou. Feroz e incansável. Ela soltou a mordida para gritar.

— *Rune!*

Ela apertou contra ele enquanto ele estocava para cima, dentro dela, incansável. Ela se apertou a ele enquanto seus corpos suados se moviam juntos.

Palavras em demonês deixaram os lábios dele, um sinal de sua falta de controle. Com um gemido brutal, ele puxou os quadris dela para baixo enquanto estocava para cima. Um grito subiu de seu peito e a semente dele a invadiu, preenchendo-a de calor.

Enquanto ela estremecia contra ele, seu companheiro fey sombrio jogou a cabeça para trás e rugiu o nome dela para a noite.

CINQUENTA E CINCO

Pela primeira vez em sua vida infinita, Rune o Insaciável sentia-se saciado. Ele gozou com sua

deslumbrante companhia tantas vezes que suas bolas sensíveis pediram clemência.

Deitado na cama deles em Tortua, acariciava o cabelo dela enquanto ela dormia. Estava começando a gostar deste negócio de pós-sexo.

Mais pro final da noite ele foi capaz de reter sua semente por mais tempo, mas ainda tinha tão pouco controle como quando era um garoto. Na época *tudo* era novo para ele. Dalli tinha razão... ele realmente sentia como se estivesse começando de novo com sua companhia.

Ele pressionou um beijo no cabelo de Josephine inalando seu cheiro. *Minha.*

Ela viu seu passado e o aceitou. Ela *o* aceitou. Antes de adormecer, ela disse a ele.

— Algo em mim mudou quando as batidas de nossos corações sincronizaram. Não sei *o que*, mas sei que estou diferente.

Ele entendia. Sentia como se tivesse descoberto a resposta para um mistério que o vinha provocando sua vida inteira. Um segredo único.

Embora seu corpo estivesse saciado, sua mente não estava. Ela ia querer casar? Provavelmente, já que havia crescido humana. Ele faria isto por ela... se ela também se comprometesse.

Apesar desta noite ter sido tão poderosa, não deixaria isto afetar o modo como levava sua vida. Ele tentara postergar isto com ela, mas ela forçara. Ele suspeitava que ela havia mesmo o enfeitado em certo ponto.

Os Møriør ainda eram a prioridade dele e a guerra se aproximava. Como olhos e ouvidos de sua aliança, não podia negligenciar suas obrigações à beira de uma Ascensão.

E sem os Møriør, sua busca por vingança podia falhar. Ele esteve tão perto de acabar com Saetthan, mas o fodido escapou. Destruir aquela espada real só havia aumentado o apetite de Rune por vingança.

Ele se manteria no curso, recusando-se a mudar sua existência de novo. Que fosse a vez de outra pessoa mudar agora. Amanhã informaria Josephine o que tinha a oferecer sabendo que era bem menos do que ela esperava.

Usaria sua fala mansa, seduzindo-a a pensar como ele pensava e ela teria que se ajustar. Estava viciada no sexo que faziam, apaixonada pela ideia de não mais ter de ficar sozinha.

Ela jamais desistiria dele.

— Rune — ela murmurou sonolentemente.

— Hmmm?

— Você me ama — ela adormeceu de novo.

Os olhos dele se abriram na escuridão. Aquilo não foi uma pergunta.

Ir de cinzas frias para um inferno em duas semanas? Não era possível. Mas então, ele também não acreditava que seria possível ter uma companheira. Ou prole.

Uma geração além dele. Filhos com Josephine. Ela os protegeria com ferocidade.

Eles. Já vinha ele pulando de uma criança em potencial para várias.

Pais Loreanos eram os verdadeiros imortais. Eles viviam para sempre em lembranças. Se tivesse filhos, contaria a eles sobre sua própria mãe, cujo sacrifício

permitiu a Rune — e sua linhagem inteira — sobreviver.

Ele a vingaria, ajudaria a vencer a guerra que se aproximava, e então uma vida com sua companheira e seus filhos poderia ser mais do que um sonho. Se sua fêmea teimosa pudesse enxergar as coisas do seu jeito.

CINQUENTA E SEIS

Jo observou Rune preparar suas flechas para a batalha que se aproximava. Pretas, cinzentas, vermelhas e brancas.

Sem armas para preparar, ela já estava pronta há um tempo, vestiu jeans surrados, uma camiseta de banda e botas. Sua versão de roupa de guerra.

A noite logo cairia em Nova Orleans e ele estava com a sua expressão de dia decisivo, parecendo perdido em pensamentos.

Desde que Jo acordou, ele parecia precisar falar com ela sobre alguma coisa. Mas se distraíram por dúzias de rodadas de sexo. Sexo selvagem e imortal.

Eles tomaram banho juntos e quebraram os azulejos. Mas usaram magia para repará-los.

Seu homem era *forte*. Para acompanhá-lo, ela se alimentou o dia inteiro para agilizar sua cura — de joelhos ralados no tapete, músculos doloridos e mais mordidas de amor.

Ela suspeitava que ele queria falar sobre o futuro deles, solidificar as coisas. *Selo quebrado* era igual a *compromisso*. O destino assim dizia.

Será que feys sombrios se casavam? Ele lhe daria um anel? Merda, eles estavam provavelmente pobres depois dela ter destruído suas coisas caras e tudo o mais. Ela teria de sair e furtar turistas — ou a Casa da Moeda. Já que ele ia se demitir da coisa toda de *mestre dos segredos*, ela podia ser a mantenedora da família Darklight.

Hoje, entre beijos, ele disse que encontrariam outro lugar para morar. Algum lugar onde ambos pudessem começar do zero. Um lugar onde Thad pudesse — pelo menos — visitá-los. Em outras palavras, sem observatório de orgias.

— Você faria mesmo isso? — ela havia perguntado.

— Você é minha companheira... o que significa que ele também é meu irmão.

Agora ela suspirou ao vê-lo amarrar a aljava à perna. Seu alto e magro fey sombrio assassino.

Ele olhou para ela e a viu sorrindo estupidamente para ele. Ainda assim, não retribuiu o sorriso.

— Volto em um minuto — Rune disse. — Preciso cuidar de uma coisa.

Ela franziu o cenho.

— Está bem.

Com um último olhar para sua marca no pescoço de Josephine, ele riscou para o observatório.

Ao longo do dia teve tempo para pensar sobre este plano para resgatar Thaddeus e as dúvidas crepitavam em sua mente. Na noite passada Rune estava alto pela vitória, mas agora se perguntava se conseguiria remover os espectros.

Se suas flechas — e a telecinese de Josephine — falhassem, teria de se voltar para Meliai, a ninfa do

bando de Dalli? Ela lhe prometeu uma chave. Ele suspeitava que era uma mecha de cabelo de Valquíria.

Quando a rejeitou, ela fizera seu próprio juramento "Eu jamais te darei o que possuo até que transe comigo, e transe bem".

Dormir com outra fêmea nesta missão sempre foi uma possibilidade.

Dormir com outra fêmea pelos Møriør era uma certeza.

Agora que ele produzia semente, teria de usar rotineiramente aquele feitiço de contracepção. Não que fosse gozar com outra fêmea, mas temia que até mesmo a lubrificação pré-ejaculatória fosse mortal.

Ele rolou a manga esquerda e olhou para seu antebraço não marcado. Embora Josephine pudesse se sentir magoada, precisava se acostumar a esta realidade para a vida deles.

Isto é maior do que só eu, do que eu quero. Sou os olhos e ouvidos. Rune não havia jurado que sua resolução jamais falharia?

De todas as criaturas do mundo, Orion havia escolhido a ele... por alguma razão o havia considerado um aliado valioso.

Eu lutei cada dia desde então para me tornar um.

Rune começou a pintar as runas para aquele feitiço mais uma vez.

CINQUENTA E SETE

Quando se juntou a ela dez minutos depois, Rune ainda estava tão sério quanto antes.

— Está tudo bem? — ela perguntou com um sorriso forçado. — Eu fui bruta demais com você hoje?

Ele ergueu o punho que brilhava.

— Nix foi para casa — Ah, ele estava agora em modo de dia ultradecisivo. — Está pronta?

— Pode apostar. Vamos à invasão.

Com um aceno, ele passou um braço pelo seu ombro e os riscou para Val Hall.

Direto para o caos.

Jo levou as mãos aos ouvidos contra os sons ensurdecedores. Trovão constante ribombava tão alto que ela podia sentir a percussão em sua barriga. Com penetrantes guinchos, os espectros giravam como um tornado vermelho furioso. Seus rostos esqueléticos pareciam enraivecidos, as mandíbulas abertas para soltar gritos.

Nix havia convidado Jo e Rune; a guarda das Valquírias estava preparada para um ataque.

Com olhos observadores, Rune gritou para Jo.

— Ele está aqui?

Ela mal o ouviu. Teve de gritar de volta.

— Aqui! — ela havia captado o aroma de Thad vindo da mansão.

Rune acenou para ela. *Primeiro as damas*, ele murmurou. *Vamos ver o que você tem.*

Ela anuiu, começando a se fantasmar.

— Prepare-se para riscar para dentro! — Quando fixou o olhar no alvo, seu corpo levitou, os pés flutuaram acima do chão.

Tudo o que tinha a fazer era despistar os espectros por uma fração de segundos. Ergueu as mãos. O poder disparou de sua mente para suas mãos como raios Tesla.

A força continuou a crescer até estar forte demais, a ponto de explodir em seu rosto. Ela precisava de um freio de emergência! Seus olhos dardejaram. Estava perdendo o controle, não podia conter aquele poder por mais tempo!

Com um grito, jogou-o contra os espectros.

Contato!

O círculo deles se desfez. Ela e Rune riscaram ao mesmo tempo...

A próxima coisa que viu foi um céu sem nuvens sobre um campo silencioso. Eles a pegaram e a jogaram ali?

Do outro lado do campo, Rune ficou de pé balançou a cabeça com força, então riscou para ela.

— Você está bem?

Ela aceitou a mão que ele oferecia, ficando em pé.

— Como me tocaram? Eu me fantasmei.

Rune inspecionou o arco.

— Eles são guerreiros mortos. Você é metade espírito.

— Bem, estraguei tudo. Agora é com você — disse ela, confusa pelo quão decepcionado ele parecia. Certamente não devia estar contando muito com o sucesso dela. — Vai com tudo, Rune.

De volta a Val Hall, os guinchos dos espectros estavam ainda mais altos. O funil vermelho apontava para fora como uma ferida inflamada.

Rune pegou *sete* flechas, todas negras. As rápidas-e-mortais. Ele puxou a corda até o queixo forte e seu olhar de arqueiro ficou letalmente focado. Este macho era o seu companheiro. Ele superou tanta coisa... para se tornar um herói.

Meu Deus, ele é magnífico!

Ele exalou. O corpo congelou como uma estátua e ele soltou a corda.

As flechas detonaram. IMPACTO. Ondas de choque varreram para fora. Fumaça se ergueu.

Ela estava a ponto de riscar para a mansão, mas ele agarrou seu braço, balançando a cabeça.

As ondas de choque diminuíram, revelando um círculo interno de espectros. As criaturas dispersas no círculo externo congelaram de novo, seus gemidos baixos se juntando aos outros guinchos. Aquelas aberrações estavam ordenadas como bucha de canhão?

Ela pensou ter ouvido Rune murmurar.

— *Fracasso.*

Os espectros estavam imóveis. Thad continuava aprisionado. Ela cambaleou sobre os pés quando captou a essência do irmão de novo. Ele cheirava a... medo.

Rune a pegou pelo ombro.

— Josephine, seu coração disparou.

— Thad está com *medo* — ela estava desesperada por alcançá-lo, protegê-lo. — Estou pronta para ouvir seu plano B agora.

Sem mais palavras, Rune os teletransportou para um local entre um farfalhante aglomerado de árvores. O ar era mais frio ali, os ventos ainda mais barulhentos. Levou alguns minutos para registrar o que se avolumava à sua frente.

A maior árvore que já havia visto.

Risadas barulhentas e música soavam vindas de um tronco oco. Havia andares escavados na madeira acesos com lanternas. Quartos ocupavam os galhos gigantescos. Entre as enormes raízes havia uma entrada em forma de arco.

— Onde estamos?

Ele a liberou e atravessou o arco sobre o peito.

— O bando das Dríades.

— Tipo das ninfas das árvores? Naturalmente a solução para nosso problema envolve ninfas — Jo cruzou os braços se perguntando por que ele estava sendo tão reservado. — Isso nem me surpreende mais.

— Há uma delas chamada Meliai. Dizem que conhece uma forma de entrar em Val Hall. Suspeito que ela possua uma mecha de cabelo de Valquíria.

— A chave! Vamos falar com ela.

Ele olhou para a direita de Jo enquanto dizia.

— Ela não vai falar de graça.

— Está bem. Então vamos pagar. Tenho dinheiro e posso conseguir mais com facilidade — Casa da Moeda mais alguém?

Finalmente ele fixou o seu olhar.

— Esta não tem interesse nenhum em dinheiro.

CINQUENTA E OITO

Josephine perguntou lentamente.

— Então no que ela está interessada?

No tempo deles juntos Rune nunca a vira temer por si mesma. Temer por Thad fez a respiração dela entrecortar, seu rosto adorável ficar ainda mais pálido.

Rune havia falhado com sua companheira no dia em que a havia clamado. *Eu me habituei a vencer.* Mas o jogo ainda não tinha acabado. Ela queria o irmão de volta. Rune podia transformar este fracasso em vitória. Destruir Nix no processo? Seria ainda melhor.

Com uma mísera trepada.

— Meliai não vai falar até trepar comigo. E trepar bem.

Os olhos vívidos de Josephine obscureceram.

— Você está de brincadeira comigo.

— É uma coisa de status — disse ele. — Eu já fiquei com todo mundo que vive aqui, menos Meliai.

— Quantas?

Ele exalou.

— Não acho que você vai querer saber.

— Por causa de meus problemas com ciúme, quer dizer? — ela começou a se aproximar da árvore. — Eu posso fazer a cadela falar.

Ele agarrou o seu braço.

— Ah-ah. Você *não* pode ameaçar uma ninfa. Se cometer violência na área de um bando será caçada por cada uma da espécie delas.

— E daí?

— Elas estão por toda a parte e são necessárias. Podem tornar a vida muito fácil ou insuportavelmente difícil.

— Quando me ofereceu sua *probosta* de “relacionamento aberto”... ficar com outras, mas voltar para mim depois... estava falando de noites como esta?

— Isto iria acontecer eventualmente, Josephine. Eu te disse que descubro informações e uso sexo para obtê-las. É parte do meu trabalho. Não posso deixar de executá-lo em plena Ascensão — ele curvou os dedos sob o queixo dela. — Melhor que seja assim desde o começo, pelo menos você já vai saber o que esperar. — *Então vai manter suas expectativas baixas.*

— Você escolheria o seu trabalho acima de sua companheira?

Ele abaixou a mão.

— Estou escolhendo *continuar a ser eu mesmo*. Minha companheira devia tentar compreender por que isto é importante para mim!

— Então este é o seu plano B? O que você já tinha em mente *antes* de trepar comigo ontem?

— Sim, eu sabia que poderia precisar negociar com Meliai — disse ele à beira da ira.

Josephine também não estava longe.

— Eu deixei bem claro que se fizesse sexo comigo seria a mesma coisa que dizer que seríamos exclusivos. Talvez você devesse ter falado a respeito disto antes de aceitar o negócio!

— Alguma vez eu cheguei a concordar com estes termos?

Ela piscou repetidamente como se tivesse levado um tapa.

— Uau. Eu *sou* mesmo tão ingênua quanto você acusou. Você me passou para trás, não foi?

— Eu tentei recuar por causa disto mesmo. Você me manipulou a seguir em frente.

— Talvez eu tenha manipulado... da *primeira* vez. Mas não nas vinte vezes seguintes! — um sopro de vento jogou o cabelo sobre seu rosto pálido. Ela voltou a jogá-lo para trás. — O que vai fazer com o seu veneno? Seu selo de demônio se foi.

Ele ergueu a manga da camisa.

Os olhos dela arregalaram ao ver a runa contraceptiva.

- Você estava mesmo planejando isto.
- Eu me preparei para qualquer eventualidade.
- É melhor que Meliai não te arranhe com as garras como eu fiz *na noite passada*.
- Ninfas não têm garras.

Em um tom de desgosto, Josephine disse.

- E você saberia.
- Quanto mais cedo eu terminar aqui, mais cedo poderemos libertar Thad — Rune não foi capaz de salvar a própria mãe, mas podia salvar o novo irmão.
- Você o quer de volta ou não?

Ela pareceu ferida.

- É claro que quero.
- Eu pretendo proteger vocês dois, e neste momento estamos perdendo tempo... mais tempo do que você imagina. Cada minuto aqui é igual a muitos no mundo mortal.

Os lábios dela se separaram silenciosamente. Então ela se apressou a dizer.

— Eu não quero que Thad fique naquela casa de horrores um segundo a mais do que o necessário, mas deve haver outro jeito.

— Você acha que eu *quero* fazer isto? Acha que eu não preferia estar de volta na nossa cama antecipando a noite com você?

— *Nossa cama?* Você diz isto como se fosse sagrado ou algo assim. Você me trouxe a este lugar por que intenciona estar na cama *dela*.

— Em qualquer outra ocasião eu manteria estas partes de minha vida separadas em respeito a você.

— Ele começou a caminhar na direção da entrada iluminada por lanternas. Por cima do ombro, ele disse.

— No entanto, isto conta como parte de nossa missão para matar Nix, o que significa que você precisa ficar comigo — a si mesmo, ele completou. — Outra maneira da minha companheira fazer o que lhe der na telha.

Menos de duas horas atrás Rune esteve dentro dela. Menos de uma hora atrás Jo esteve pensando em anéis de noivado.

Ela desejara tanto um relacionamento com ele que ignorara os inúmeros sinais de alerta... enquanto que ele não teve outra intenção o tempo todo.

Mas se era estúpido demais para perceber como as coisas podiam ser maravilhosas entre eles, por que ela iria querer ficar com um idiota? Talvez devesse aceitar seu oferecimento de ajuda, fechando seus sentimentos por ele.

Eu o usarei para resgatar Thad, então meu irmão e eu partiremos juntos de Nova Orleans, deixaremos Rune comendo poeira. Ela podia arranjar outro amor, mas não poderia arranjar outro Thaddie.

Mal se mantendo tangível, ela alcançou Rune.

Ele deve ter achado que ela concordou com seu plano por que tomou sua mão entre as suas, apertando-a possessivamente.

— Nós vamos superar isto. Com o tempo você vai ver as coisas de forma mais realística.

Ela olhou para a mão deles. Quantas vezes havia sonhado andar deste jeito com um cara, a outra metade de sua laranja, duas almas ligadas em um vínculo inquebrável?

Eles *estavam* vinculados pelo destino, supostamente em uma união eterna. Ela achou que seu sonho se tornaria realidade com Rune.

Agora sentia como se estivesse indo para a forca, o terror tornando-a enjoada. As risadas barulhentas e a música alta que vinha da árvore parecia zombar de seus sentimentos.

Não, não, Rune podia falar sobre relacionamentos abertos o quanto quisesse, mas ele morreu de ciúme quando achou que ela tinha um companheiro. Ele teve ciúme de Desh.

Ao longo daquele dia, Rune havia olhado para seus olhos enquanto a penetrava e ela *sentiu* o seu amor. Eles não fizeram somente sexo; fizeram amor.

Em se tratando desta noite, ele iria desistir. Claro que ia. Ele teve sua última vez com aquela outra ninfa!

Eles se aproximaram da enorme arcada da entrada. *A qualquer momento agora ele vai desistir disto.*

Mas ele continuou em frente, levando-a para dentro de um barulhento bar cheio de imortais

baladeiros. Dúzias de demônios estavam lá. Alguns dos outros caras pareciam humanos, somente maiores e mais animais. Lykæ?

Ela podia distinguir as maravilhosas Dríades. Elas não usavam nada mais que saias vaporosas, os seios nus pintados com imagens de folhas.

Rune dormiu com todas elas.

Exceto uma.

Quando ele entrou, a torcida vibrou. Como no outro bando, estas criaturas agiam como se um astro do rock tivesse vindo visitá-las.

Ele sorria para diferentes fêmeas, cumprimentando-as.

A qualquer momento agora... Meliai podia nem estar aqui. Ou podia estar trepando com outro. Com mais tempo Rune veria a razão.

— Ela está aqui — ele indicou com o queixo a direção de uma ninfa ruiva no bar.

O estômago de Jo afundou. Meliai era... indescritível. Corpo perfeito. Cabelos longos na altura da cintura e pele de porcelana. Bochechas rosadas brilhando de saúde. Olhos castanhos

translúcidos. Eles brilharam quando ela se deu conta que Rune estava lá.

Ela era a fêmea mais bela que Jo já tinha visto. Mesmo as feys altas e graciosas no baile não podiam se comparar.

Rune havia perguntado.

— Você acha que eu *quero* fazer isto?

Depois de olhar para a Meliai seminua, ela podia honestamente dizer.

— Sim, Rune o Insaciável. Sim, eu acho.

Se ele fodesse a ruiva, Jo estaria fora para sempre. Ela estava a ponto de perdê-lo bem quando o havia encontrado. Suas garras decidiram se afundar nas mãos dele.

— Eu volto com o que precisamos o mais rápido possível — ele afastou a mão.

Para sua vergonha, ela insistiu antes de deixá-lo ir.

— Espere! Você quer que eu fique simplesmente sentada aqui? — Com todas as outras mulheres que ele anteriormente desfrutou?

Enquanto Meliai se aproximava, ele disse a Jo.

— Você precisa ficar... por causa dos termos do *seu juramento*.

Jo passou a mão sobre a testa, seu enjoo piorando. Ela podia ter de arriscar a jamais beber sangue de novo.

Meliai sorriu para Rune em acolhimento, parecendo despreocupada por ele ter trazido outra mulher com ele.

— Que maravilha vir nos visitar.

A ninfa com toda sua experiência era uma foda provavelmente melhor do que Jo. Será que Rune chegaria à mesma conclusão? Ela sentiu náusea. *Está quente demais aqui*. Jo estava a ponto de vomitar sangue, precisava de ar.

Rune faria Meliai gritar?

É claro que faria. Ele tinha de fodê-la "bem".

Ele não perdeu tempo com a ninfa, abaixando a voz para dizer.

— Você pode me ajudar a passar pelos espectros?

Meliai olhou para ele de cima a baixo como se ele fosse um pedaço de carne.

— Eu tenho os meios — a voz rouca dela abaixou de excitação quando disse. — E acontece que eu preciso muito desesperadamente de algo seu.

CINQUENTA E NOVE

O rosto de Josephine estava branco como papel, seu contorno tremulava.

Por que ela não podia entender o quão pouco transar com outra significaria para ele? Ele era um macho tomado; era de Josephine. Meliai era uma tarefa desagradável a executar com...

Josephine correu para a saída.

A fúria o inundou. Ele disse a ela repetidas vezes que isto aconteceria. Mas ela escolheu acreditar no que queria.

— Eu já volto — ele disse à ninfa — fique disponível.

Meliai arqueou a sobrancelha.

— Eu não vou esperar muito tempo.

Ele passou pelas admiradoras acenando ausentemente para elas enquanto seguia a única fêmea que queria.

Do lado de fora da noite cheia de vento, ela se inclinava contra o tronco, o rosto virado na outra direção.

— Qual o seu problema? — ele brigou. — Você já ficou com ciúmes antes e destruiu todas as minhas coisas. De novo fica com ciúme e causa este estardalhaço para sair — sem se importar com o que *ele* queria. — Eu não vou voltar a ser manipulado de novo!

Ela se virou para ele com os olhos cintilando.

Ele resmungou um xingamento.

— Para que tudo isto, Josephine? Você superou aquelas com quem estive antes de você. Por que a ocasião disto te importa tanto?

— A ocasião? — a voz dela estava tensa. — Explique como isto vai acontecer. Depois de foder com alguém você vai tomar banho, então pulará na cama comigo? Vamos rir das coisas engraçadas que

acontecerem no seu dia de trabalho? Vai me ligar se tiver de fazer hora extra com um cliente?

— Vai ocorrer todas as noites e provavelmente não tão frequentemente depois da Ascensão. — Então um pensamento ocorreu a ele. O que aconteceria quando os Møriør tomassem o controle do reino de Gaia? Os meios de Rune eram particularmente efetivos para erradicar discórdias; suas tarefas aumentariam ainda mais.

A mera ideia o deixava exausto.

— Nem todas as noites? Você ouviu o que disse? Você está falando sobre *estar dentro* de outras fêmeas. Sobre tomar o corpo delas com o seu.

— Este é o meu trabalho! Você me viu com as quatro ninfas na primeira noite. Eu parecia tomado de paixão? Ou parecia enfadado? — *Como se eu preferisse estar fabricando flechas em minha poltrona perto do fogo?* Ele nunca se livraria desta tarefa? — Você salientou minha falta de entusiasmo.

As lágrimas de Josephine transbordaram — eram lágrimas sangrentas, *seu* sangue — e o matavam. Era jovem demais para estar desperdiçando nutrientes e

ela não havia se alimentado muito quando ele a tomou hoje.

Ele a segurou pela nuca.

— Se me disser que Thaddeus estará bem por um pouco mais de tempo, vamos para casa esta noite. Diga, Josephine.

O olhar dela dardejou.

— Nós podemos encontrar outro jeito. Se trabalharmos juntos. Então preciso que pare de pensar assim!

A mão dele apertou o pescoço dela.

— Pensar assim? Isto *sou eu*! Você me disse que sentia mais do que uma paixonite por mim. Então você não devia me aceitar do jeito que sou? Por que você tenta me mudar? O que está errado comigo agora?

— Você está tentando me mudar também! Está tentando me fazer desistir de algo que sinto que vou morrer sem.

Jo e Rune viajaram por mundos juntos e encontraram criaturas de diversas espécies. Eles viram maravilhas.

Ele jamais olhou para qualquer pessoa ou qualquer coisa com tanta frustração.

— Você teve o que quis. Eu sou seu e você é minha. Eu planejo passar a vida inteira com você. Ter filhos com você. Você não está mais sozinha, Josephine. Você me tem. E terá o seu irmão... se eu fizer o que é necessário.

Ele estava fazendo promessas a ela do mesmo jeito que aquele noivo. Só que o noivo de verdade de Jo estava prestes a passar a noite de núpcias com uma ninfa.

E Rune podia agir como se estivesse nobremente fazendo isto por Thad, mas também estava fazendo isto pelos Møriør, pela sua missão. Ele ainda precisava matar Nix.

Seus olhos arregalaram quando ele teve uma ideia.

— Você pode se fantasmear para dentro de mim. Estaremos ambos presentes e você poderá ver o quão pouco vou ficar afetado.

— Estive mentindo para mim mesma — este macho jamais seria fiel. Ele não recuaria esta noite. Ela arrancou a mão dele de sua nuca. — Eu te disse que queria monogamia. Não uma transa a três.

— Monogamia? — ele deu uma risada amarga. — Obviamente não há razão alguma em você por que é jovem demais para ver a coisa como um todo. Você gosta de manter as coisas simples? Às vezes a vida não é simples.

— Não vai te incomodar quando sua companheira tirar vantagem de seu relacionamento aberto? Você teve ciúmes de Desh e eu não estava nem transando com ele. Ainda.

Negro dardejou dos olhos de Rune.

— Eu não sou hipócrita, mas não haveria *razão* para você dormir com outros. Não haverá *necessidade*. Não seria o mesmo. Você provavelmente pensa que sexo aleatório significa algo. Eu sou velho o bastante, e experiente o bastante, para saber que significa menos que nada.

— Experiente? Você está deixando o seu passado colorir o modo como vê isto!

— É claro que estou! É exatamente assim que eu sei que não significa nada! Por que não consegue meter isso na cabeça?

As lágrimas dela continuavam a escorrer. Ela não era normalmente uma chorona, mas estava a ponto de perder a segunda pessoa que quis manter. Ela devia ter lutado mais por Thad quando teve a chance? Desesperada, disse a Rune.

— Se você dormir com outra pessoa, juro pelo Lore que eu vou também.

— Maldição, você nunca vai aprender? Você está agindo como uma criança! Bem. Trepe com outros machos. Você não vai me forçar a nenhum outro juramento!

— Quando eu voltar para casa de meus encontros, você vai me perguntar se minhas trepadas me satisfizeram? Você provavelmente vai se sentir rechaçado quando eu estiver cheia do sangue de outro e não conseguir beber o seu.

Ele jogou a cabeça para trás como se esta conversa fosse uma loucura.

— De novo, não há *necessidade* de você beber de outro! Por que consideraria isto? Seus olhos podem ficar vermelhos se beber indiscriminadamente.

— Então é melhor eu me manter com minhas fontes confiáveis.

— E como isto vai funcionar? Você tem sangue negro. Não acho que sua mordida será venenosa, mas você arriscaria? Você ou bebe de mim... ou bebe de outros. Não vai poder ter das duas maneiras.

— Seu sangue vai seguir o seu curso em um dia ou dois. Se seu trabalho te exigir muitas noites, eu vou ter de dividir meus jantares com outros — uma mentira. Uma vez que ele dormisse com Meliai, ela jamais voltaria a beber dele novamente.

E se ela sonhasse com ele com a ninfa? Jo perderia a porra da cabeça.

Ele cerrou os dentes.

— Para futura referência, fêmea, este não é o modo certo de lidar comigo. Lágrimas e manipulação emocional? Ultimatos e comportamentos infantis? Você está apertando todos os botões errados. Tudo o que fez foi incitar minha raiva e reforçar minhas

intenções — ele olhava para ela como se ela fosse patética —, eu nem mesmo reconheço você.

Ela *se sentia* patética. Mas tinha todas estas emoções desconhecidas e nenhuma experiência em lidar com elas. Nenhum parâmetro. Seu corpo tremulava de sólido a ar.

— Por que está perdendo o controle assim?

— Controle? *Controle?* — ela voou para ele, solidificando-se para bater em seu peito. — Seu cuzão! Você está partindo meu coração e não consegue nem ver que está terminando tudo entre nós!

Ele segurou seus pulsos, capturando as mãos contra ele.

— Terminando? — a voz dele se tornou terna, mas era ameaçadora ao mesmo tempo. — Oh, Josephine, não há *término* algum. Nós somos companheiros fadados agora, então você está presa a mim. *Para sempre*. É por isto que tenho confiança que vai superar isto.

Ela libertou as mãos.

— Você está errado!

— Você realmente acha que pode existir sem o prazer que te dou? Ou o companheirismo? Você esteve sozinha pelos últimos quatorze anos. Como acha que isto vai funcionar para você?

Ela bateu nele um pouco mais.

— Você *realmente* pensa que eu te deixarei me dar um fluxo novo de pesadelos? Prefiro morrer de fome a reviver todos as suas noites de "trabalho".

Ele rosnou.

— Eu *quero* que você sonhe minhas memórias disto para vivenciar a experiência do que é sentir completamente *nada*...

— Rune? — Meliai saiu, a saia vaporosa esvoaçando ao vento.

Jo se virou para que a ninfa não visse suas lágrimas. Ela lembrou a si mesma que Rune — Ruína — estava prestes a ficar para trás em sua vida. Mas isto só a fez chorar mais.

— Quanto tempo mais? — Meliai disse. Impaciente pelo seu garanhão? — É agora ou nunca.

— Já estou indo — ele se virou para Jo, puxando-a para beijá-la, mas ela desviou o rosto.

Ele murmurou.

— Do meu ponto de vista, tenho de pesar se você ficará com mais raiva se eu transar com a ninfa... ou se eu deixar seu irmão sofrer. Você está a ponto de aprender uma lição que eu aprendi muito cedo na vida: uma mísera foda pode ser o meio de se obter algo que você terrivelmente queira.

Talvez isto fosse verdade. Talvez ela não estivesse sendo racional. Mas era difícil manter a racionalidade quando se sentia como sendo golpeada na garganta. Ela murmurou de volta.

— Como isto é diferente do seu passado? Você está fazendo sexo em troca de algo. Você vai ser um prostituto de novo, só que desta vez não haverá desculpa para isto.

Ele cerrou os dentes tão forte que um músculo pulsou em seu maxilar.

— Obviamente eu estava errada quando disse que você não era mais aquele homem — ela continuou. — Mas então, *eu sou* ingênua.

Em seu ouvido, ele confirmou.

— Se isto te faz sentir melhor, posso dizer com honestidade que estarei pensando em você.

Ele se endireitou, então foi na direção de Meliai. Eles se afastaram juntos, deixando Jo para trás.

Faca no estômago. Faca no estômago. Faca no estômago.

Foi quando uma percepção a atingiu na cara como o punho de uma Valquíria: *Estou completamente apaixonada por aquele canalha.*

As lágrimas corriam livremente pelo seu rosto. De todas às vezes que ela reconheceu isto...

Ela sabia que era amor... por que nada mais podia doer tanto. Nada havia doído tanto, exceto deixar Thad para trás.

Rune olhou para ela mais uma vez antes de virar um corredor.

Ela podia conseguir outro amor, mas jamais teria outro Rune.

SESSENTA

Dalli deteve Rune e Meliai no corredor.

— O que em nome de Deus você está fazendo?

Ele acenou com a mão para Melial.

— Aparentemente a fodendo.

Dalli disse à ninfa.

— Espere em seu quarto. Preciso falar com ele.

Meliai perguntou a ele.

— Deseja alguma lingerie em especial?

— Qualquer coisa rápida de tirar.

— Apressado. Eu gosto — Meliai se afastou.

Quando estavam sozinhos, Dalli disse.

— Eu ouvi corretamente... você trouxe Josephine aqui?

Ele anuiu.

— Ela é mesmo minha companheira, Dalli.

— Então o que te deu na cabeça para fazer isto?

— Meliai tem informação que eu preciso para libertar o irmão de Josephine de uma situação perigosa. Eu fui encarregado de libertá-lo. — Sucesso seria um jeito de amenizar a mágoa de sua companheira. Ela veria que os meios de Rune eram geralmente uma solução eficiente para um problema. Ela passaria a compreendê-lo.

— Você espera que ela fique esperando lá fora enquanto você coleta sua informação? — Dalli estava incrédula.

— Eu trouxe Josephine comigo por que ela jurou pelo Lore que não beberia de novo, nunca, a menos que estivesse comigo nesta missão. Então a menos que você possa forçar Meliai a cooperar comigo, não tenho muita escolha — ele sabia que Dalli não podia. Apesar de sua idade, sua autoridade era limitada. A hierarquia de poder das Nymphae não era como as das outras facções.

— Se eu pudesse forçá-la a falar, eu faria.

— Então meu caminho é claro. Você sabe que não vou gostar disto. Mentalmente não vou nem estar lá.

Eu com certeza não vou gozar — ele teria de fantasiar sobre Josephine para se manter duro.

— Rune, *eu sei* que você não vai estar lá... seus olhos já estão ficando vidrados... mas outros não vão entender isto. Deve haver outro jeito.

— Eu devia deixar o irmão de Josephine em perigo? Agora meu irmão também? Você jamais encontrou uma criatura que ame mais o irmão. E, além disto, ela precisa aceitar que é isto que eu faço. Maldição, sou velho demais para mudar!

Mesmo que ela seja minha fêmea destinada. Uma que ele nunca esperou ter.

— Você está a ponto de prejudicar irremediavelmente o seu relacionamento.

— E o que acha que a morte do irmão dela faria?
— ele abaixou ainda mais a voz. — Enquanto estou aqui falando com você, um garoto de dezessete anos está em Val Hall em uma armadilha atrás dos espectros. Eu não posso chegar a ele sem a informação de Meliai sobre o Flagelo.

— Você vai enfrentar as Valquírias?

— Farei o que for preciso para proteger minha nova família — a missão pelos Møriør parecia há muito esquecida.

Dalli exalou.

— Meliai costumava consertar os carvalhos de Val Hall pelos danos causados pelos relâmpagos. Ela pode conhecer um jeito de entrar.

— Bom. Você pode tentar falar com Josephine para amenizar as coisas? Fazê-la entender que isto não tem mais efeito em mim do que amarrar meus cadarços?

— Vou fazer o que puder.

— Ela não está se sentindo... ela não está bem — aquelas lágrimas de sangue rolando pelo rosto dela o assustaram. — Apenas cuide dela — ele se dirigiu aos aposentos de Meliai. Sua porta estava aberta e a ninfa acendia velas.

Que romântico. A fumaça enjoativa se misturava aos perfumes excessivos em seu quarto.

— Me dê seu juramento de que possui o que preciso — ele fechou a porta atrás dele. Ao entrar

nesta névoa, perdeu o aroma confortador de Josephine.

— Meu juramento, é? — Meliai sorriu timidamente. — Seria assim tão horrível dormir comigo? Mesmo se eu estiver mentindo você ainda teria a trepada da sua vida.

Ante a expressão nada animada dele, ela disse.

— Muito bem, juro pelo Lore que possuo algo que você pode usar para passar pelos espectros — ela deixou o roupão deslizar, deixando-a apenas com um baby-doll transparente.

Josephine, com cada centímetro de seu corpo coberto de curativos era mais sexy.

— Eu devo adverti-lo de que já fui satisfeita dúzias de vezes hoje — Meliai reclinou em sua cama. — Vai ter que se esforçar. Vai levar horas e horas e horas — ela estendeu a mão para um cálice de vinho em sua mesa de cabeceira. — Tire a roupa.

Ele cerrou os dentes, desejando estrangular esta cadela... ao invés de lhe dar prazer. Com o orgulho ferido, ele removeu o arco e a aljava. Quão

triumfante se sentia agora? Ele chutou as botas e puxou a camiseta por cima da cabeça.

— Muito bem — ela o observou avidamente, como os clientes no bordel antigamente.

Ele sentia tanto nojo dela quanto teve pelo sua primeira cliente, uma horrenda metamorfa de serpente com pupila de fechaduras, fendas por narinas e uma cabeça careca cheia de escamas.

Agrade ou morra. Embora o demônio nele tivesse ladrado pela garganta de Magh entre suas presas, o fey nele havia racionalizado que foder aquela serpente fêmea era uma função biológica irracional. Servir a seu corpo com o dele não significava nada. *Ela não significava nada.*

Uma libertadora calma caiu sobre ele. Ele se tornou intocável: *não estou nem mesmo aqui.*

Embora a língua bifurcada daquela serpente tivesse flutuado pela sua garganta, o sorriso inclinado de Rune jamais falseou.

— Ah, pombinha, as coisas que planejei para você...

Ele havia passado por aquilo; podia fazer isto. *Afastete sua mente deste quarto, desta situação. Aquela frieza familiar o inundou.*

Ele disse a Josephine que estaria pensando nela. Devia ter dito a verdade completa: *estarei me apegando a você.* Ele se manteria fiel ao que sentia por ela.

Porque neste exato momento seu coração era cinzas frias.

Se fizesse isso, ele extinguiria o que Josephine sentia por *ele*? Ela viu suas memórias e aceitou o seu passado, até esta noite. *Você vai se prostituir de novo, só que desta vez não haverá desculpas para isto.*

As palavras de Mash: *Você tem se prostituído há tanto tempo que achei melhor tornar oficial.*

Com um olhar devasso por sobre a borda de seu cálice, Meliai disse.

— Mal posso esperar para ver seu pau. Dizem que é lendário.

— É a única parte que importa, certo, pombinha?
— Enquanto Rune tirava as calças, um pensamento se destacou: *nunca parei de me prostituir.*

SESSENTA E UM

Rune é Ruína.

Jo nervosamente perambulou pela entrada da árvore, as mãos cerradas em punhos. Ela precisava de algum lugar para gritar. O que era estranho... se ela sísse, Rune iria procurá-la. *Depois.* Ele disse que jamais a deixaria ir e ela acreditava nele.

Na noite passada, antes de fazerem amor sob as estrelas, ele havia acariciado o rosto dela, garantindo que tinha um plano B.

Ele sabia que foder uma ninfa seria uma possibilidade.

Um fragmento de sonho a atingiu, mais uma das memórias dele. Ele estava sentado em uma poltrona, na fortaleza de Orion.

— Se uma das minhas garotas forem estúpidas o bastante para desejarem mais — ele dissera aos aliados — então ela merece toda a dor do mundo.

Huh. Esta garota estúpida aqui teve o que mereceu.

Uma bela loura apareceu na entrada, olhando-a fixamente. Seria Dalli, a amizade colorida de Rune? Só para adicionar um pouco mais de humilhação à mistura. Jo estava a ponto de dizer a ela para ir se foder com uma farpa de carvalho quando detectou o cheiro de um demônio.

Deshazor?

Ele havia acabado de riscar para dentro do bar! Mais alto do que qualquer um, parecia detectar também o cheiro dela, ergueu o rosto e então voltou-se em sua direção.

Jo tinha um amigo!

— Desh!

Ele sorriu e riscou até ela.

— Ola, amoreco! — ele a enlaçou com braços robustos e apertou.

— Não sabe como estou feliz em te ver!

— Por que estas lágrimas? — ele pigarreou e recuou um passo. — Estas lágrimas negras e venenosas?

Oh. O sangue havia secado sobre o seu rosto. Ela devia estar feia pra diabo.

— Aposto que isto tem a ver com o seu sangue-ruim. Cadê aquele canalha lazarento?

— Está com outra — e Jo estava sentada do lado de fora, esperando como um bichinho de estimação treinado, a imagem mais lastimável possível.

— Ele subiu para um ninho?

— É assim que chamam? Hilário pra caralho — esta noite Rune foi para o ninho de outra. Ela riu amargamente.

O olhar de Desh pousou no pescoço dela, sobre sua *marca*.

— O sangue-ruim te clamou como dele e ainda assim está com outra?

— Ele está aqui para obter informação.

Desh coçou a cabeça confuso.

— Não estou entendendo.

Jo se pegou revelando partes da história a ele... sua briga com Nix, o sequestro do irmão, as tentativas fracassadas de vencer os espectros... terminando com:

— E agora devo sossegar meu facho aqui enquanto ele apaga o fogo da ruiva lá.

— Tudo isto só para entrar em Val Hall? Se você queria tanto entrar devia ter me procurado.

Jo perdeu o fôlego.

— Você conhece um jeito?

— Entrar lá é a parte mais fácil. Sair é que é o problema.

Ela agarrou as grandes mãos dele, apertando-as para incitá-lo a revelar.

— Se você lutou com Nix, renda-se a ela. Eles te levarão para dentro em um segundo. Você provavelmente será despachada para a masmorra, mas pelo menos estará mais perto de seu irmão.

Thad estava em uma masmorra?

— Como sabe dessas coisas?

— Eu conheço algumas Valquírias — ele arranhou o queixo. — E eras atrás, Nix falou uma coisa que eu nunca consegui entender. Ela disse para mim “Demônio, quando você vir a garota das lágrimas negras, diga a ela para se render.” Fiquei louco de curiosidade, mas ela não disse nada mais sobre isso, pareceu ter esquecido completamente a conversa.

Diga-lhe para se render.

— Mais um convite de Nix.

Jo pensava que conhecia Rune. Estava errada. Pensava precisar dele para salvar o irmão.

Errada de novo, garota.

Com a mente cheia de Josephine, Rune tocou Meliai de forma mecânica, como por hábito. Estava tão fora do corpo quanto naquela vez com a serpente.

Se a ninfa notaria, ele não estava nem aí.

Normalmente já estaria dentro dela. Precisaria reviver as últimas vinte e quatro horas com sua companheira para conseguir fazer isto, mas sua mente estava resistindo a tal truque.

Para ficar duro com outra, ele teria de fazer um esforço consciente. Um dilema. Porque, em primeiro lugar, não poderia se ausentar se sua mente tivesse que se concentrar no que estava rolando ali.

Seus pensamentos estavam revirados, confusos com sua briga com Josephine. Por que infernos ela ficou *tão* nervosa? Ela não havia chorado nem quando Nix destruíra seus ossos, mas esta noite suas lágrimas correram abundantes.

Josephine estava tão acostumada a ter as coisas à sua maneira que chorava de ressentimento? Ela jurou que dormiria com outros, estava até fazendo planos de beber deles. Mais um juramento ridículo. Ele jamais conheceu alguém que abusasse tanto de juramentos.

No futuro, enquanto estivesse lutando para não se tornar entorpecido em algum bando distante, ela estaria fazendo machos obcecados cederem às suas mordidas.

Quando Rune a clamara, ele pensou: *Ela só vai beber de mim. Depois de hoje, ela só fode comigo.*

Aparentemente não, sangue-ruim. E se ela jamais quisesse tomar o sangue dele de novo?

Ele reconheceria sua mordidinha em qualquer lugar... de certo modo era como a marca do clamor dele. Se ele encontrasse um de seus amantes e visse...

Cerrou os dentes. Ela não *precisava* se alimentar de outros. Qual era o ponto? Eles manteriam aquilo à parte de qualquer arranjo entre eles. Ele faria questão disto.

Talvez *ele* fizesse um juramento ao Lore!

Ele a convenceria de que beber o sangue era só entre eles, o ato especial deles. Como ela descrevera: *com as lambidas, os lábios e a penetração*. Maldição, isto devia ser privado! Na noite passada mesmo, as batidas de seus corações se sincronizaram; ela comentou sobre este vínculo, sobre como se sentia diferente.

Por que ela iria querer dividir aquilo...

Ele congelou. Josephine via sexo do jeito que ele via a alimentação. Como privado e especial. Como algo que os vinculava e os alterava. Ela havia deixado a marca do clamor nele também, do mesmo jeito que ele havia feito nela.

Não importava que ele desse tão pouco significado ao sexo com os outros. *Ela* dava.

Ele silvou uma respiração. Infelizmente, chegou a esta conclusão de revirar o estômago estando nu na cama com outra fêmea após abandonar sua companheira... quando ela parecia estar morrendo por dentro. *Porra!*

Ele arrancou as mãos de Meliai de cima dele e se sentou.

— Qual o problema? — perguntou ela, a voz soando bem distante.

Ele balançou a cabeça com força, forçando-se a voltar completamente a este quarto. Quando Josephine disse que pensariam em outro modo de recuperar o irmão, Rune ficara confuso; ela não faria qualquer coisa por Thad?

Não é que ela se importava *menos* com o irmão; é que ela se importava *mais* com Rune. Só o fato dela não o enviar para aquela cama com um sorriso e um aceno lhe dizia isto.

O coração dela se abriu para outro!

Seu pico de excitação desvaneceu. Esta noite ela havia chorado. *Você está partindo meu coração.*

Ela não estava jogando verde como uma amante experiente; com toda certeza não estava tentando manipulá-lo.

Josephine reagiu como uma fêmea *lastimando o amor que havia perdido.*

Estaria totalmente fora do alcance de Rune depois disto! O pânico contraiu sua garganta. Ele jogou as pernas pela beirada da cama, riscando até suas roupas.

Ainda podia tentar consertar as coisas com ela. Ela estaria lá fora, esperando — por que se supunha que ele retornaria com os meios para chegar a Thaddeus.

— Rune, responda! — Meliai choramingou — Qual o problema?

Ele vestiu as calças.

— Para mim chega — disse ele, e com toda a sinceridade. Rune havia acabado de se aposentar de seu trabalho de milênios como mestre dos segredos.

Ele tinha tempo para pensar em um arranjo com os Møriør, mas como salvaria Thaddeus?

Meliai se ajoelhou.

— Você não está falando sério!

Rejeitando-a, ele se arriscava a enfurecer bandos pelo mundo todo. Não havia insulto pior para a espécie dela.

— O que precisa para voltar ao que estava fazendo? Eu faço — ela espalmou os seios, beliscando os mamilos. — Imagine suas fantasias mais sujas e eu realizo.

Todas as fantasias dele envolviam a companheira linda, corajosa e voluntariosa que não merecia. A que o aguardava lá fora terminar de transar com outra.

— *Qualquer coisa, Rune.*

Ele calçou as botas, então vestiu a camiseta.

— Não — aquela palavra saía de seus lábios sobre este assunto... — *Não* — Deuses, o gosto era delicioso.

— Por quê? Pelo menos me dê uma razão!

— Eu mudei — um pensamento o atingiu. Ele *jamaiz* faria isto de novo. Agarrou suas roupas, desejando um chuveiro e a paz de sua poltrona perto da lareira.

Ele estava livre.

Meliai cuspiu.

— Se não fizer sexo comigo, não vai conseguir passar pelos espectros.

— Vou dar um jeito.

— E você vai foder seu caminho até lá? Vai, não vai? Foder criaturas tão repulsivas quanto os Flagelos?

Como ele ia encarar Josephine? Ao prometer que traria seu irmão de volta, Rune designara seu próprio fracasso de um jeito ou de outro.

Eu não quero falhar com ela. Ele amarrou a aljava e pendurou o arco no ombro. Do jeito que ela disse, tinha de haver outra alternativa, algo que ele não estava vendo...

Ele traçou os dedos sobre a corda do arco. Esta noite ele havia aposentado para sempre uma arma.

Eu tenho outra.

Retirou o arco e pegou uma flecha esmaga-ossos. Abaixou o olhar para Meliai, a voz mortal ao dizer.

— Me dê a chave ou disparo a flecha, pulverizando os ossos de todos por aqui.

Meliai arfou.

— Você está arriscando uma guerra com as Nymphae? Você jamais será aceito em nossos locais sagrados de novo!

— Tanto faz. Agora fale. O que você tem?

O olhar dela a traiu desviando para a parede, para um nó elevado na madeira. Um esconderijo oculto?

— Algo a me mostrar? — Ele indicou com o arco. — Pegue.

Com um olhar temeroso, ela foi até a parede.

— Minhas irmãs e eu te faremos pagar caro por isto — ela pressionou um trinco oculto e um compartimento se abriu. Entre um punhado de joias âmbares havia um estojo de vidro.

Quando ele percebeu o que ela tinha, o suor ensopou seu lábio superior. Não, não uma mecha de

cabelo de Valquíria. No caso era uma pena vermelho fogo.

Uma pena de *fênix*. Ele podia sentir seu poder místico à distância.

Para um arqueiro, o valor daquilo era incalculável; para Rune, uma mudança de rumo. Ele podia usá-la para modificar a trajetória de uma flecha, amplificando sua magia exponencialmente.

Com aquela pena, podia criar a flecha mais destrutiva do mundo.

SESSENTA E DOIS

Diante dos portões do inferno.

Os guinchos dos espectros doíam nos ouvidos de Jo, o trovão ribombava em seu estômago de novo.

Desh se inclinou para seu ouvido e gritou.

— Tem certeza que quer isto, amoreco?

Lembrando-se de seu último encontro com Nix, Jo conteve a urgência de esfregar os braços e anuiu.

— Fique ligada, cheira como se tivesse um exército lá dentro.

Desde que Jo esteve ali da outra vez (quem sabe quanto tempo fazia, com a fluidez esquisita do tempo?) dúzias de carros estavam estacionados próximos à mansão como se estivesse acontecendo uma festa lá dentro. Os cheiros vindos de Val Hall estavam diferentes de antes. Os sons também.

Desh indicou a entrada.

— Bruxas mesquinhas, nem me convidaram.

— Deixa comigo — Jo gritou.

— Estarei no Lafitte, caso não aceitem sua bandeira branca.

— Obrigada, Desh. Cuide-se.

Ele sustentou seu olhar.

— Boa sorte — então desapareceu.

Jo marchou na direção do aterrorizante Flagelo Ancestral. O que não faria por Thad?

Ao se aproximar de Val Hall, os novos sons e cheiros a bombardearam. Ela não conseguia situar

tantas ameaças: pele, fumaça, um pedaço de gelo. Tantos silvos, grunhidos e murmúrios.

Anteriormente não havia reconhecido estas criaturas como colegas Loreanos? Por que não conseguia se lembrar? Por hábito olhou para as estrelas buscando por uma resposta, mas as nuvens estavam baixas, ocultando-as. Do mesmo modo como uma nuvem se interpunha entre ela e suas memórias!

Sua vida inteira era uma montanha de frustrações. Sua inabilidade de se lembrar da infância basicamente significava que ela não teve uma. O mesmo com seus pais. Sua inabilidade de resgatar seu irmão a feria.

Meu ex, meu antigo homem, está dentro de outra neste momento. Eu o amo e ele está dentro de outra mulher.

Antes de vir aqui, Jo pediu a Dalli que entregasse uma mensagem a Rune. Por que estava farta dele.

Farta.

Frustrante pra cacete. Não podia consertar Rune ou suas lembranças... mas podia chegar a Thad.

Tudo que precisava fazer era gritar, *Eu me rendo*. Mas aquilo irritava Jo.

Como se tivesse ocorrido em outra vida, relembrou das garotas saindo da casa de Wally despojadas de seu espírito de batalha, que foi roubado. Ela viu isto acontecer também às mulheres nos arredores de seu motel.

Rune esperava que Jo rendesse seus sonhos, que parasse de lutar pelo que queria? Aquilo a deixava mais furiosa do que a própria infidelidade!

Ele esperava que Jo só aceitasse? Tudo o que ele fazia?

Como eu uma vez fiz. Desisti de Thad quando era ainda um bebê.

Ela precisava gritar três palavrinhas. Mas Jo não se rendia; ela esmagava coisas igual ao Hulk. Ela apertava até algo se quebrar.

Havia se esquecido disto nas duas últimas semanas.

Fora da vista dos espectros se tornou intangível, então ergueu o punho para a tempestade. Quando puxou o braço de volta, cortes o recobriam inteiro.

— Somos iguais então? — Jo era morta e morte em uma só, uma metamorfa entre os vivos e os mortos; fazia sentido que o Flagelo pudesse feri-la mesmo em sua forma fantasmal.

Os espectros diminuíram a velocidade de seus rodopios. Um deles atacou para baixo, pairando a centímetros do rosto de Jo. Eles se olharam nos olhos; os olhos do espectro eram pretos iguais a poços. Ainda assim, um relance de outra imagem cruzou o rosto da criatura. Ela viu uma bela mulher por um instante, tão efêmera quanto a luz de um farol.

— Deixe-me entrar — murmurou Jo — ou irá sofrer.

A coisa ergueu a cabeça.

O que está vendo, espectro? As lágrimas de Jo secaram em trilhas endurecidas em seu rosto. Está vendo Josephine Doe, uma garota meio morta com absolutamente nada a perder?

Uma garota com muita raiva não resolvida e assuntos inacabados? Jo sussurrou para ela.

— Se eu posso sangrar... você também pode.

A coisa foi sugada pela tempestade mais uma vez. Ainda em modo fantasma, Jo recuou, juntando poder nas mãos.

Os espectros gritaram mais alto, pressentindo a ameaça crescente.

Eu me render?

Nunca. Mais. Porra.

O solo tremeu pela fúria crescente de Jo. Para que ela precisava de Rune? Jo podia chutar o formigueiro, fazendo as Valquírias — e ninguém mais — sair. Quando tivesse mandado suficiente delas para a sepultura, exigiria a liberdade de Thad.

Jo estalou um osso do pescoço e sorriu. *Não Rune, algumas coisas são simples.*

Dalli esperava por Rune no canto do bar com a expressão sombria.

Fora do perfumado quarto de Meliai, ele tentou detectar o cheiro de Josephine. E falhou.

— Onde caralho ela está?

O que Dalli viu em sua expressão a deixou nervosa.

— Eu tentei impedi-la, mas ela partiu.

Os pulmões dele se contraíram.

— Ela me deixou.

Dalli franziu o cenho.

— Foi o que eu disse.

— Não, Josephine *me* deixou. Ela terminou comigo

— ela avisou que chutaria seu traseiro.

— Ela deixou uma mensagem para você.

Ele se endireitou.

— Diga.

— Ela não estava... sozinha — Dalli remexeu na barra da saia. — Ela disse que estaria pensando em você o tempo inteiro.

Ter estas palavras jogadas de volta na sua cara o fez perceber como eram ridículas. Quão dolorosas. *Odiosas.*

— Quem a tirou de mim? — ele acusou Josephine de ter problemas com ciúme? Rune estava a ponto de destruir este lugar inteiro.

Este mundo inteiro.

— Que macho? — Quem estava a ponto de morrer?

— Olho por olho, Rune. Você também estava com outra.

Ele expôs as presas para ela.

— *Que. Macho?* — Com a diferença de fluidez do tempo, ela já poderia estar com outro dentro dela.

— Um demônio chamado Deshazior.

As garras de Rune afundaram nas palmas das mãos, derramando seu veneno. Josephine iria com aquele demônio para a casa dele ou para o motel dela?

— Eu os ouvi falarem sobre Valquírias — disse Dalli.

Josephine não teria ido a Val Hall sozinha. Era *melhor* que estivesse em um quarto de motel com Desh.

— Sobre ela se render...

— O sangue-ruim não cumpriu sua parte no negócio! — gritou Meliai correndo para o bar. A multidão começou a silenciar. — Ao invés da permuta,

ele me roubou um bem valioso! Ele me ameaçou e ao bando inteiro!

— Isto é verdade? — perguntou Dalli.

Rune fez que sim com a cabeça. Ele retirou o arco e pegou uma flecha, preparando-se para um retorno a Val Hall.

Dalli ergueu o rosto para ele.

— Você voltou a ser o homem mais desejado pelos bandos... mas por uma razão inteiramente diferente — um pouquinho antes dele riscar, ela murmurou *Estou tão orgulhosa de você.*

SESSENTA E TRÊS

Conforme mais e mais poder se juntava dentro de Jo, criaturas vis nos pântanos dos arredores fugiam choramingando.

E deviam fugir mesmo. Nix dissera que ela era uma arma nuclear.

Ah-ah, Valquíria, tente supernova. Jo não desejava mais um freio de emergência, deixou sua telecinese crescer sem controle algum.

O poder era tão forte quanto aço, ainda assim, leve como ar. Igual a ela, era quente e fria, viva e morta.

Nuvens negras se juntavam acima daquele funil vermelho barulhento, formando um cogumelo. Raios bombardeavam a propriedade e atingiam os para-raios de cobre.

Com um aceno de sua mão, ergueu um dos para-raios e o atirou contra os espectros. Eles guincharam de forma ainda mais penetrante, mas repeliram o dardo. Com ambas as mãos ela telecineticamente ergueu *todos* os para-raios, deixando-os pairar de forma ameaçadora. Os espectros diminuíram seu círculo, preparando-se para o impacto.

— Que tal essa bandeira branca? — ela atirou metade deles contra os espectros. A tempestade vermelha se sacudiu e recuou a cada golpe, mas conseguiram retomar a forma..

Hmm. Todos estes raios bonitos... ela trouxe os para-raios restantes à borda do Flagelo, posicionando-os para só...

BUM! O primeiro raio atingiu um para-raio; o metal convergiu eletricidade crepitante direto para os espectros.

Jo sorriu. Fogos sempre foram diversão gratuita, mas isto era muito melhor.

Rune não sabia o que o deixou mais chocada: a visão de sua companheira atacando Val Hall ou a presença de Blace, Sian, Darach e Allixta com Curses. Ele conseguia vê-los observando tudo à distância.

Josephine havia arranjado os para-raios de cobre no ar, usando os raios das próprias Valquírias contra elas. Ela parecia tão pequena e delicada para deter tamanho poder. Aquelas trilhas de lágrimas negras eram como pintura de guerra contra sua pele fantasmagoricamente branca, destacando os olhos misteriosos. Seu contorno tremeluzia entre os raios.

E eu achei que precisava salvá-la?

Ele queria riscar para o seu lado, mas sabia que ela derramaria sua fúria sobre ele. Embora

merecesse, precisava estar inteiro quando as Valquírias atacassem.

A qualquer segundo elas sairiam.

Parecendo se cansar dos raios, Josephine lançou todos os para-raios como uma chuva de lanças. O Flagelo guinchou como um só.

Então sua atenção recaiu no carvalho mais próximo. Imenso, antigo. Provavelmente cheio até as tampas de ninfas espiãs.

Josephine meneou a mão e a árvore disparou para o céu, as raízes explodindo da terra como um foguete sendo lançado.

Ninfas lá dentro gritaram, o que ela pareceu ter gostado. Quando a árvore voltou a cair, ela a jogou nos espectros.

Atingiu-os em uma explosão barulhenta de madeira. Ela pegou outro carvalho, então outro, batendo-os um por vez, uma barreira de troncos e galhos estalando.

Rune riscou para os outros Møriør. Sem tirar os olhos dela, perguntou.

— O que estão fazendo aqui?

— Observando sua companheira — disse Sian. — Se deu bem. Ela é terrivelmente adorável.

Rune pendurou o arco atravessado no peito e guardou a flecha.

— Como sabe que Josephine é minha?

— Orion nos disse há dias que ela seria revelada esta noite em Val Hall — disse Blace. — Ele sugeriu que você poderia precisar de ajuda.

Rune precisava de toda ajuda que pudesse arranjar. Sozinho, estava destruindo a coisa mais importante que já lhe acontecera. Custou-lhe toda esta agonia só para perceber que *poderia* ser o macho que sua companheira necessitava.

Sian coçou a cabeça.

— Não acredito que cheguei a perguntar como íamos reconhecê-la. Obviamente ela é uma fêmea que chama atenção.

— O que é ela? — perguntou Blace, olhando-a fixamente.

— Metade vampira, metade fantasma.

Sian assoviou.

— Tão rara.

— E poderosa — Blace desviou o olhar de Josephine. — Se ela é sua companheira, por que está atacando sozinha? E por que você fede a cama de ninfa no final de uma noite? — Blace sempre se divertia com as experiências de Rune, agora parecia decepcionado. — Você está emparelhado e ainda pula a cerca com suas garotas?

Allixta rosnou.

— Uma vez puto, sempre um puto.

Rune grunhiu para ela. *Acertou na mosca.*

— Eu ia dormir com uma ninfa em troca de um jeito de passar pelos espectros. O irmão mais novo de Josephine está preso lá dentro. Ela está longe dele há mais de metade de sua vida.

— Dá para ver que ela não apoiou o plano da ninfa — disse Sian. — Ela sabe que é sua companheira?

Rune anuiu.

— Estraguei tudo. Eu a magoei. Acabei roubando o que queria ao invés de dormir com a ninfa — sobrancelhas foram arqueadas diante disto —, mas já era tarde demais.

— O que podemos fazer? — perguntou Blace.

— Se as Valquírias permitirem a entrada de Josephine, ela vai invadir a cova do leão sem nenhuma hesitação. Vou tentar impedi-la e, com o humor que está, ela vai acabar comigo — ele a imaginou destruindo seu arco e plantando-o sobre o seu túmulo. Rune remexeu no bolso retirando a pena vermelho-fogo. — Preciso conseguir segui-la para dentro — precisava aprontar sua nova flecha — *agora*. — Suando, ele dividiu a pena com a garra.

Allixta disse.

— Isto é o que eu acho que é?

— Pena de fênix. Para derrotar o Flagelo — ele tirou outra flecha de sua aljava, uma que modificou com a pena. *Devo ser certo e preciso*. — Val Hall está cheio do que cheira como um exército de criaturas. Pode ser que eu precise de cobertura.

— Conte conosco — disse Sian.

Sem querer tirar os olhos de Josephine, Rune começou a trabalhar na nova flecha, seus dedos trabalhando em movimentos automáticos.

Em seguida, ela partiu para os carros. Ergueu-os todos com uma mão levantada. Com a outra mão, moveu dois dedos e um Lamborghini amarelo foi atirado contra os espectros. O impacto soou como um míssil atingindo uma montanha.

O flagelo guinchou e cambaleou, mas retornou a formação, só que muito mais lentamente desta vez. Eles estavam ficando mais fracos!

Outro movimento dos dedos de Josephine. Um Hummer foi atirado na direção da tempestade.

Assim que substituísse a pena de sua flecha, usaria seu sangue para desenhar runas na extensão. Aqueles símbolos conectariam sua magia com as da pena.

Enquanto trabalhava, ele conseguia perceber a união — um poder para direcionar a magia e desencadeá-la.

Ele terminou, levando um instante para olhar o trabalho antes de enfiar a flecha na aljava. Seria bom usar esta maravilha para recuperar sua fêmea.

— Isto está ficando cansativo — disse Allixta. — Quanto tempo mais ela aguentará?

— Até conseguir o que quer ou cair — respondeu Rune, a admiração em sua voz era indiscutível. — Minha companheira gosta de manter as coisas simples.

Com outra chuva de carros, Josephine gritou.

— *Saiam para me enfrentar, seu bando de maricas!*

— E ela gosta de pegar pesado — completou Rune, o peito quase explodindo de orgulho.

SESSENTA E QUATRO

Com a fúria borbulhando dentro dela, Jo riscou para o ciclone, atacando os espectros com as garras nuas. Matéria espectral se espalhou.

— Eu sabia que podiam sangrar! — gritou com triunfo, então chamou Nix. — Não vai sair? — ela dilacerou os espectros enraivecidos repetidas vezes. — Então vou entrar!

A porta da frente para Val Hall se abriu. Jo forçou-se a parar, recuperando o fôlego enquanto flutuava para trás à espera. *Sua vez, Valquírias...*

Alguém não visto jogou um pacotinho na varanda. Jo semicerrou os olhos. Uma mecha de cabelo. Uma chave. Então os boatos eram verdadeiros.

Um espectro se adiantou para pegá-lo. A tempestade se dividiu como água ao redor de uma rocha.

Estavam deixando Jo entrar. Ela largou o resto dos carros... de cabeça para baixo, porque era malvada. Então flutuou direto para a barriga da besta. *O que eu não faria?*

— Não, Josephine!

Rune? Quando o viu com o canto dos olhos, moveu a mão para segurá-lo.

— Maldição, não entre!

Antes de Jo conseguir chegar a Val Hall, uma pressão sufocou sua garganta. *Como?* Ela estava se fantasmando! Os espectros estavam imóveis.

Compreensão. Ninguém tinha intenção de deixá-la entrar, eles usaram aquela chave para deixar alguém *sair*.

Uma figura emergiu de Val Hall.

Thad??

Ele passou andando pelos espectros, mas suas botas não tocavam o chão. Círculos sombreados irradiavam ao redor de seus olhos. Seus cabelos pretos esvoaçavam sobre o rosto pálido. Seu contorno era tênue.

Fantasmagoricamente tênue. Ele parecia tão mau quanto elas se mostraram. *Querido Deus, ele é como eu.* Ela estendeu a mão para ele. *Tha... Tha...*

O poder dele a atingiu e a fez cair de joelhos, sufocando-a. Suas mãos voaram para o pescoço. Ela não conseguia respirar!

Rune berrou, lutando contra a telecinese dela. Ele machucaria Thad para salvar sua companheira! Ela dirigiu mais força a Rune.

— Mais forte, garoto! — uma mulher gritou de dentro de Val Hall. — Arranca a cabeça dela!

Ele estava ouvindo.

— Acaba com ela, Thad! Vamos, igual te ensinamos.

A pressão aumentou e subitamente Jo viu o futuro:

Thaddie vai me matar.

Quando a tontura a engolfou e pontos negros ziguezaguearam pela sua visão, memórias do passado erigiram em sua mente. Os olhos de Thad eram tão parecidos com os daquela mulher.

Como os olhos... da mãe deles. Jo esteve com ela um pouco antes dela morrer!

Jo não era o seu nome ainda. Ela era... *Kierra*. Uma garotinha. Uma mestiça de oito anos em Apparitia, o reino sombrio dos fantasmas.

— É o fim do mundo! — Kierra gritou. O céu estava caindo. Falhando. Estrelas feridas caíam para suas mortes, tão brilhantes quanto fagulhas de um sílex.

Ela se aproximou da beira de um vórtex, as garras afundando no chão. Ao seu redor mais aberturas de buracos negros silvavam, uma parede deles, preto sobre preto sobre preto.

Como olhos de aranhas.

Ela não fazia ideia de onde aqueles buracos sugadores iriam dar — fendas apareceram no éter

enquanto Apparitia começava a morrer —, mas escapar através de um deles era sua única chance de sobrevivência. A mãe jamais se teletransportou para outro plano, não podia evacuá-los.

— Mãe, venha comigo! — Alguma força incansável esmagava a dimensão deles. Um milhão de gritos soaram com os primeiros ataques. Então planícies se tornaram montanhas. O oceano próximo havia se erguido, um pilar erigindo-se direto ao céu. Chamas tomaram seu lugar, ardendo de vermelho para azul.

Eles ouviram rumores sobre uma criatura capaz de esmagar mundos usando apenas seu desejo.

Com uma mão pálida erguida para a noite, sua mãe resistia. Por entre dentes cerrados, ela disse.

*— Não, não posso falhar ou seremos esmagados!
— Se ela teletransportasse Kierra, o domo que ela havia criado acima deles desapareceria.*

Ela não podia nem engatinhar para a filha. Uma de suas mãos emitia poder, a outra segurava o filho recém-nascido. Sua telecinese era mais poderosa do que a da maior parte dos fantasmas, mas estava exausta por causa do parto do bebê naquela manhã.

A telecinese de Kierra era fraca e não desenvolvida, mas ela tinha de lutar como a mãe.

— Deixe-me ajudar! — Se ela ao menos fosse mais velha!

— Nãããã, Kierra! Poupe sua energia!

Os buracos negros ficaram mais famintos, sugando as pernas de Kierra. Seu instinto clamava para que se tornasse intangível. Mas ainda não tinha idade suficiente.

— Apenas tente achar um portal!

A mãe meneou a cabeça, os cabelos escuros esvoaçando ao seu redor.

— Preciso manter o seu portal aberto... tanto quanto possível! O céu caiu mais um pouco, como o teto de um túnel desabado.

O braço erguido da mãe chicoteava os ventos gritantes.

— Vou deixá-lo ir com os ventos! — Seu recém-nascido? Ela não ousaria! — Vou direcioná-lo para você.

— Nããã, eu posso perdê-lo! Por favor... arrisque qualquer portal!

— Pegue-o, Kierra! Eu sei que pode. E então não o solte jamais!

Com um grito, a mãe liberou seu precioso bebê aos ventos. Um pouco antes dele chegar a Kierra, imensos fragmentos de cristal subiram do chão, fazendo-a perdê-lo por centímetros.

Kierra enrijeceu cada músculo, preparando-se para agarrá-lo. Ele estava subindo na direção de outro vórtex!

— Não o perca! — a mãe gritou.

— Não, não! — Kierra se esticou, os dedos estendidos ao máximo. Centímetros de espaço os separavam...

Ela conseguiu um jorro de telecinese... agarrou o cueiro!

— Peguei! — ela o deitou sobre um braço. Ele era tão pequeno, seus gritos tão altos. Ele nem mesmo tinha um nome.

Mais explosões. Fogo surgia do vale correndo na direção deles. Ainda segurando o céu, a mãe ficou intangível.

— Você precisa escapar, querida. Tem que ir — lava espirrava do solo ao redor dela.

— Venha agora! — Kierra gritou com lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Mas sabia que a mãe ficaria para defender a entrada deste vórtex tanto quanto pudesse.

— Fique perto dele. Proteja-o. Eu amo tanto vocês dois — chamas avolumavam ao redor de sua forma fantasmal a ponto de engoli-la. Ela murmurou. — Querida, por favor, vá.

Kierra murmurou de volta "Nós te amamos". Por entre as chamas, seus olhares se cruzaram. "Eu o protegerei".

A mãe anuiu e forçou um sorriso cheio de dor. Um pouco antes de ser engolfada, ela viu Kierra soltar sua mão e o vórtex sugou seus filhos...

Voando. Girando. Sem peso.

Kierra agarrou o bebê o mais próximo que podia, enquanto caía por um túnel escuro, girando sem parar.

As calhas do vórtex ziguezagueavam. Ondas de lava fluíam de outras aberturas, acelerando na direção dela e do bebê.

— Ah, deuses, não! — Usou sua telecinese para tentar fazer uma bolha ao redor deles. Ela se inclinou sobre o irmão enquanto a lava cobria o escudo, o calor e a pressão aferrando-se a eles.

Por favor, aguarde, por favor aguarde, por favor aguarde.

Aquela força esmagadora combatia sua telecinese. Fechou os olhos e rezou sem parar...

O calor gradualmente amainou. Ela ousou olhar para cima, piscando confusa. Cristal? Seu poder havia encontrado lava sob pressão, criando uma concha transparente que envolvia a ela e ao bebê. Um casulo.

Passou-se o tempo. A velocidade deles diminuiu. Quando o bebê aquietou, silêncio total atingiu Kierra e ela chorou pela mãe. Por seus amigos. Pelo seu

mundo. Ela enfiou o irmão nas dobras de seu casaco, determinada a protegê-lo.

Eras se passaram enquanto flutuavam em seu casulo de cristal, mas eles não envelheceram. Embora não sentisse fome, ela cortava o pulso e alimentava o bebê.

Eles flutuaram adiante.

Justamente quando achou que ficariam presos nesta existência para sempre, Kierra ergueu o olhar. Através do vidro ela testemunhou... estrelas nascendo. Observou um planeta aprender a girar. Ela podia perceber a rotação de outros. Como se dançassem para ela.

Paraíso.

Ela chorou de tanta beleza. Há uma cortina sobre o universo, mas estou vendo por trás dela. Ainda assim, não era para ela conhecer tais segredos. Eles não eram dela. Nenhuma criança podia carregar este peso.

O esplendor destruiu sua mente.

De seu corpo foi roubado todo o poder, suas habilidades atrofiaram. Suas memórias se apagaram.

Ela e o bebê continuaram, flutuando enquanto mundos desabrochavam e morriam. Antes que suas pálpebras finalmente se fechassem, ela viu o universo refletido nos olhos semicerrados de um bebê...

Despertar. Não sinto meus membros!

Depois do infinito silêncio ela gritou, esticando as pernas. Levantou-se batendo a cabeça contra algo. Cristal espatifou ao seu redor. Sons estranhos fizeram seus ouvidos sensíveis doer. Ela silvou para uma brilhante luz amarela que pairava acima deles.

Onde estou? Como cheguei aqui? Ah, deuses, quem sou eu?

Movimento em seus braços. O que era aquilo? Ela abriu o casaco para revelar um pequeno bebê recém-acordado piscando para ela com olhos amendoados, e tudo o que ela soube foi...

Amor.

Sua mãe lhe dera Thad! Ele e Jo cruzaram o universo inteiro juntos. Não podia acabar assim! Ela engasgou.

— Thaddie — estendeu a mão para ele, agarrando, agarrando... como fizera quatorze anos antes.

Ele a observou mais de perto.

Ela não podia manter sua telecinese contra Rune por muito mais tempo. Ele estava resistindo tanto!

— Thaddie...

— Us. Thad-de-us. É meu nome.

Ar. Preciso de ar. Rune estava se libertando.

— *Porta-Thad.*

As sobrancelhas de Thad cerraram, seu contorno tremulou.

— O que acabou de dizer? — O aperto em seu pescoço afrouxou.

— Irmão! Aqui... para salvá-lo.

Ele a libertou com um grito.

— Você é... *Jo?* — ele riscou para ela, segurando-a no momento em que a visão dela se apagou.

SESSENTA E CINCO

Livre da telecinese de Josephine, Rune riscou até Thaddeus.

— Entregue-a para mim — ele implorou, com o arco sobre o ombro e as mãos levantadas.

Thad se fantasmou com a irmã inconsciente nos braços, tornando-a intangível também. Rune não podia tocá-la. Ele jamais quis tanto lutar. Nunca teve tantas razões para não lutar.

Os olhos do garoto dardejaram.

— Quem diabos é você? — Assim que Thad descobriu a identidade de Josephine, passou de atacante a protetor.

— Eu sou o companheiro dela — disse asperamente. — Me entregue ela.

Quando os outros Møriør flanquearam Rune — em posição de batalha — Thad silvou.

Valquírias gritavam de lá de dentro.

— Traga-a para nós! Você venceu! Você acabou com a vadia!

Expondo as presas, Thad puxou Josephine mais para perto de si.

Soando o mais calmo e racional possível, Blace disse.

— Nós não vamos te machucar, garoto. Não queremos prejudicá-lo ou a sua irmã.

Allixta disse telepaticamente.

— *Fale por você mesmo. Ele expõe as presas para os Møriør?* — uma luz verde iridescente enchia a palma de suas mãos.

— *Você pode segurá-lo?* — Rune perguntou a ela.
— *Sem machucá-lo? Por favor, bruxa! Ele pode riscá-la para qualquer lugar do universo.*

Ela ergueu as mãos e feixes finos de verde enrodilharam ao redor de Thad, através dele, mas ele não pareceu senti-los, só os observou cautelosamente.

— *Incrível* — disse Allixta. — *Mesmo um poder como o meu não pode tocar um metamorfo como ele...*

O garoto ficou boquiaberto quando Curses se juntou a eles. A criatura andou por entre os Møriør com movimentos predatórios.

— *Controle seu animal, Allixta!* — Rune se aproximou mais de Thad. — Irmão, preciso que você... entregue-a para mim.

— Sem chance, senhor. Parecia que ela estava usando telecinese para mantê-lo longe.

— Eu preciso explicar algumas coisas para ela. E ela está ferida. Deve se alimentar de mim.

Thad estava a ponto de riscar.

— Espere! Por favor! Se você for leve isto — Rune tirou seu talismã. — Dê isto a ela. Eu quero que ela fique com ele.

Sian murmurou em voz alta.

— Inferno.

Os outros entenderam o significado do talismã. Ele sempre havia lembrado a Rune de olhar na direção do futuro; *Josephine é meu futuro*.

— Ela vai saber o que significa — ele o jogou para Thad.

O garoto o pegou telecineticamente, puxando-o para a mão. Então riscou a irmã para longe.

— Maldito seja! — Rune gritou. — Não faço ideia para onde a levou — ele ergueu o olhar para Val Hall, para os espectros que reassumiam a guarda. — *Nix saberá* — ele retirou o arco, preparando a flecha fênix.

— *Há mais do que uma Valquíria só lá dentro* — disse Sian. — *Orion ainda não declarou oficialmente guerra a nenhuma destas facções...*

— *Neutralize os espectros e então vamos reavaliar* — conselho sensato de Blace. — *Afinal, a flecha pode não funcionar.*

— *Use a flecha para chegar a seu alvo e então a destrua* — disse Allixta — *do jeito que disse a Orion que faria semanas atrás. Esqueceu de sua missão?*

Rune puxou a corda do arco até o queixo. Nenhum tiro era mais importante do que aquele. Estava tão nervoso quanto a primeira vez em que foi para a guerra com seu arco.

Uma memória instantânea de Orion.

— *Faça o primeiro disparo valer a pena, arqueiro. Você se lembrará dele pelo resto de sua vida imortal.*

Rune tinha feito; Rune fez.

— *Deixe a flecha voar* — murmurou Blace.

Rune relaxou o dedo da corda para soltar a flecha mais perfeita que jamais disparou. Em qualquer outra ocasião seu coração se elevaria diante da perfeição do disparo.

Agora, só queria destruição. E foi o que teve.

A onda de choque o atingiu, quase o derrubando. Sian protegeu Allixta; Blace riscou pela explosão. Darach rugiu para ela. Curses afundou as garras no chão.

Os espectros se espalharam pelo ar! Jaziam tontos, pairando em diferentes posições como um campo de batalha flutuante de mortos. A porta da frente de Val Hall se abriu.

Nix gritou em voz alegre.

— Eu já saio pra falar com você, Møriør!! Preciso tirar os bobbies do cabelo!

Pela porta, Rune podia ver pernas se projetando de um sofá. Uma mulher virou e se levantou.

— *Nix?*

Seus cabelos pareciam um esfregão e os olhos estavam nebulosos. Ela disse a criaturas fora do campo de visão.

— Só vai levar um momento. Quero falar com eles em particular. Aproveitem os canapés inexistentes porque Valquírias não se alimentam.

Enquanto ela saía do hall, raios explodiam em sua direção, caindo como que dentro de seu corpo. Eles se projetavam ao redor dela como as cabeças de uma hidra. Ela usava saia de couro preta e botas — com uma armadura peitoral.

O design era antigo, o metal intrinsecamente entalhado. Raios refletiam na superfície brilhante. Um coração anatômico foi gravado no centro. Entre as muitas figuras, ele viu... uma pena.

Tudo isto foi planejado? Ele pegou sua última flecha preta — a rápida-e-mortal.

Nix anuiu para Rune, parando à distância de alguns metros. Aquele morcego dela deslizou por entre os raios para pousar em seu ombro. Quando uma nuvem de poeira se elevou em sua pelagem, ele espirrou.

Allixta arqueou uma sobrancelha.

— *Esta é a Valquíria primordial?*

— *Saudações, Aqueles Que Trazem A Destruição. Eu sou Phenix, a futura deusa das Ascensões. Só me falta completar uma pequena tarefa...*

— *Phenix? — disse Blace. — Este é o nome inteiro dela? E você tinha aquela pena?*

Sian expôs as presas.

— *Não estamos aqui de brincadeira.*

A magia de Allixta se aprofundou, impregnando o ar.

— *Traga-a para cá, sangue-ruim.*

— *Antes preciso de informações — e duvidava que sua flecha pudesse atravessar os relâmpagos.*

— *Está falando sério? — Allixta exigiu. — Ela está na mira; Orion te mandou assassiná-la.*

Blace meneou a cabeça.

— *Precisamos encontrar a companheira de Rune. Nix sabe — o vampiro estava disposto a ficar ao seu lado nisto?*

Embora Darach reverenciasse o emparelhamento, ele disse.

— *Atire. Encontre a companheira depois.*

— *Encontrar? Assim tão fácil?* — zombou Blace. — *Diz o macho que nunca perdeu nada.*

— *Vida.*

— *Sim. Você perdeu sua vida, acho.*

— *Siam, apoie-me!* — Allixta virou-se para o demônio. — *Agora a gente só completa as missões convenientes? Obedecemos somente as ordens com as quais concordamos?*

— *Nós iremos encontrar sua companheira eventualmente, Rune — disse Sian —, mas você jamais terá outra chance de um disparo limpo como esse.*

— *O raio dela irá queimar minha flecha. A esmaga-ossos é minha única opção...*

— *Então use-a* — disse Allixta.

Os Møriør sempre foram uma frente unida. Agora, estavam com propósitos cruzados. E enquanto

discutiam, outros imortais se alinhavam atrás de Nix, saídos de Val Hall.

Duas dúzias de Valquírias: uma brilhando, uma carregando um arco de aparência extraordinária, outras com espadas. Uma Fúria entre elas tinha asas de fogo.

Quando um contingente de feys arqueiros surgiu, Rune disse.

— *Draiksulianos* — da dimensão fonte de todos os feys, a raiz de seu império escravizador.

Dez Lykae emergiram em seguida, cada um deles prestes a se transformar. Os olhos estavam azuis glaciais de agressão.

Darach somente disse.

— *Descendentes* — ele mesmo estava meio transformado, seu corpo com 2,70m de altura, seus próprios olhos azuis. Seus músculos crescentes rasgaram a túnica em vários locais; ele rasgou o restante com as garras.

Aqueles Lykae de Gaia cheiraram o ar grunhindo. Não reconheceram Darach Lyka, o alfa de sua espécie?

Blace acenou para vários vampiros que subitamente apareceram, juntando-se às fileiras — *Forebeares e um olho-vermelho de nascença. Eu o conheço. Lothaire. Poderoso. Basicamente o primordial aqui. A fêmea com ele também é vampira.*

Os vampiros de olhos claros mantinham Lothaire sob supervisão murmurando algo sobre o "Caminhante dos Túmulos".

A aliança Vertas de Nix já apresentava profundas rachaduras.

Sian brandiu seu machado de guerra quando apareceram demônios com chifres afiados de hostilidade. Os machos musculosos expuseram as presas — *Demônios da ira contra nós? Eles não compreendem o que guardam em Rothkalina? E para quem?*

As palmas das mãos de Allixta ficaram ainda mais quentes quando fêmeas saíram da mansão com as próprias mãos iluminadas.

— *Nenhuma destas bruxas pagaram tributos. Nenhuma tem permissão. Ainda assim, ameaçam sua Soberana com feitiços?* — Curses silvou, andando impacientemente de um lado para outro.

— *Então vamos formar linha de batalha?* — Blace empunhou sua espada. — *Tão cedo?*

Sian girou o machado.

— *O que será necessário para realmente encontrar um desafio?*

— *Eles não são fracos* — disse Allixta. — *A bruxa com espelhos nos olhos matou uma deidade Wicca. E sinto a magia divina aqui. Ela jamais será capaz de usá-la...*

— *Não temos tempo para isto* — Rune trocou a rápida-e-mortal por uma esmaga-ossos, mirando no chão perto de Val Hall.

Nix ergueu a cabeça, revelando sua orelha estilo fey.

— Onde estão meus bons modos? Posso lhes oferecer algo para comer ou beber? Temos inúmeros canapés inexistentes...

— Eu quero Josephine — disse Rune à Valquíria. — E sei que você a vê, mesmo agora.

— *Você sabe sabe?* Ah, outro psíquico! Por que eu deveria te dizer? Ela nem mesmo me agradeceu antes de ir embora. Fanpira rude!

— Agradecer-lhe? Pela surra que você deu nela?

Os olhos da Valquíria brilharam em prata.

— Eu a *ensinei*.

— Não brinque comigo, Nix.

— Hmm? Algo para comer ou beber?

— Me diga para onde Thaddeus levou minha companheira.

— Para um lugar que você *nunca* vai achar — disse ela. — O Distrito dos Jardins Ouro, Roxo e Verde.

Risinhos soaram atrás dela.

— *Eles acham isto engraçado? — Allixta estava ansiosa por uma matança. — Como estas bruxinhas se sentiriam se eu colocasse uma condição na habilidade delas? Quando todos os feitiços que lançassem voltassem a elas como um bumerangue? A "casa das bruxas" delas iria ruir em uma era de pesadelos. O advento da senhora dos tributos.*

Nix gesticulou de volta a Val Hall.

— Tsc tsc, Rune, você e sua companheira não deixaram este lugar do jeito que o encontraram.

Carvalhos poderosos estavam caídos como gravetos, os espectros ainda pairavam dispersos acima. Carros de cabeça para baixo se amontoavam pela propriedade.

— Mas — disse Nix — nós permanecemos.

Allixta conjurou um feixe maior de magia.

— *Facilmente remediável* — dirigindo-se a todos, ela disse. — Criaturas insignificantes, vocês estão presentemente debaixo do salto da minha bota; só não têm a consciência de agarrar sua própria destruição. Nós a trouxemos.

Lothaire, o vampiro de olhos vermelhos, riu.

— Bem, eu já gosto deles — ante o olhar dos outros, adicionou. — Que foi? Soou como algo que eu teria dito. Com, é claro, um pouco mais de entusiasmo — então ele perguntou a Nix. — Vamos lutar ou não? Se não vamos, este exercício é entediante o suficiente para contar como retribuição, vidente.

Nix falou para ele de forma ausente.

— Sempre com suas retribuições, Inimigo do Antigo.

Rune perguntou à Valquíria.

— Você sabe o que minha flecha vai causar?

Ela anuiu alegremente. — Ela pulverizará nossos ossos e nada jamais nos curará.

Lothaire disse.

— Isto soa *desagradável*. Isto é o que a gente ganha por planejar a porra de uma luta justa. Nada mais — para sua fêmea, ele disse. — Risque para longe daqui. *Agora*.

Rune puxou a corda do arco.

— Diga onde Josephine está.

Os raios ao redor de Nix brilharam e se expandiram.

— Eu jamais deixarei esta flecha tocar o chão. Eu a desviarei com meus raios... ou meu próprio corpo.

— *Ela pode fazer isto?* — perguntou Blace.

Rune disse.

— *Sim*.

— E se você me matar — continuou Nix — sua pobre companheira não será mais uma bebedora de sangue, será?

Blace enrijeceu ao lado de Rune.

— *Do que ela está falando?*

— *Josephine fez um juramento ao Lore de não beber mais se eu saísse sem ela em missão para matar Nix.*

Blace estreitou os olhos.

— *Então você não pode atirar nesta Valquíria.*

Sian disse.

— *Eu posso.*

Allixta completou.

— *Eu também. O demônio e eu acabaremos com todos eles.*

Blace apontou.

— *Orion jamais nos disse para guerrear aqui. Ainda não...*

Um dos espectros havia começado a se agitar. Ele se aproximou e materializou uma enorme trança de cabelo, como se puxando do éter, então a jogou aos pés de Nix. A trança era tão longa quanto a cauda de Uthyr. Mechas de cores diferentes foram unidas.

Os pagamentos das Valquírias para o Flagelo.

As mãos de Nix subiram para as laterais do rosto fingindo surpresa.

— Mas o que será isto? — cutucou a trança com os pés. — Estamos encerrando nosso contrato? Nós afinal pagamos por proteção *contínua*, e os espectros estão levitando no trabalho acima de nós — ela confidenciou a Rune. — É tão difícil encontrar mão de obra boa atualmente — para o Flagelo, ela disse: — Que pena pra vocês, quando estávamos a um dobre de distância da escravidão — ela deu a Rune uma piscada comprida.

Ela bem podia ter lhe chutado as bolas.

— *Ela armou tudo. Os espectros estavam a ponto de finalizar o pagamento. Ela não podia fazer nada a eles então me colocou no jogo, uma barganha...*

Pela primeira vez, ele se perguntou se esta guerreira Valquíria tinha mesmo uma chance de vitória. Se ela apenas permanecesse coerente...

Ela acariciou o morcego no ombro, limpando-o da poeira.

— Rune, você está testando os limites do juramento de sua companheira só de estar aqui sem ela. Só há um jeito de reverter o dano.

— Como? — ele perguntou.

— Você jurar pelo Lore nunca me matar. Isto finalizaria sua missão, anulando o juramento dela.

— *Ela brincou comigo o tempo inteiro* — ele já havia diminuído sua utilidade para os Møriør esta noite. Agora a reduziria ainda mais? Nix ultrapassaria a linha, neutralizando os Møriør um por vez até que nenhum deles fosse livre para derrotá-la?

Ele quis matá-la só para livrar seus aliados dela. Seus dedos pressionaram o arco. Estava prestes a falhar com Orion pela primeira vez?

— Antes que seja tarde demais — disse Nix. — Para aumentar o valor das apostas, todo mundo sai daqui em paz esta noite.

Os olhos de Allixta flamejaram.

— Você acha que está ditando os termos.... para nós?

— Sim, minha-menos-favorita-pessoa-Wicca. Até que vocês retornem com os monstros que têm em Perdishian. Até que retorne com o seu *Destruidor*. Mas meus feiticeiros estão criando um escudo — diante disto, alguns dos imortais Vertas lançaram a ela olhares questionadores. Lothaire pareceu divertido.

— Ouvi dizer que ele está desafiando conquistar um mundo... se você não conseguir alcançá-lo.

Isto era uma ameaça que Rune normalmente iria investigar e conter. Por ora, tudo que podia fazer era tirar a flecha do arco e guardá-la na aljava.

— Anime-se, Rune — disse Nix. — Você não quer me matar de verdade. Se o fizer, minha fama crescerá e serei ainda mais poderosa. Todas as facções de Gaia se unirão sob minha bandeira.

— Muito bem, vidente.

Allixta rosnou.

— *Não ouse, sangue-ruim.*

— E sem qualificadores, por favor — disse Nix. — Isto é pela saúde e segurança de sua companheira.

Maldita!

— Eu juro pelo Lore que jamais te alvejarei para matar.

— Excelente — sorriu Nix. — Não foi tão difícil, foi? Talvez você queira ir ainda mais fundo? Venha, arqueiro, passe para o nosso lado. Torne-se um dos mocinhos.

— Mocinhos? Valquíria, você não tem ideia do que está fazendo. Você é jovem e confusa demais para entender as ramificações de suas ações. Você fala dos monstros que mantemos em Perdishian? Eles são mais razoáveis do que você.

— *Exceto Kolossós* — Sian, Blace e Allixta disseram juntos. Darach grunhiu em concordância.

Como se Rune não tivesse falado, Nix disse.

— Junte-se a nós e eu te darei um bônus de assinatura: digo o que significam os símbolos em seu talismã e quais poderes ele não possui. Talvez possa preencher as lacunas da última carta que sua mãe te mandou.

Nix sabia?

— Eu sou Møriør — Rune disse com simplicidade. Orion poderia puni-lo por fazer aquele juramento, mas ele ainda tinha a lealdade de Rune.

— Entendo — disse Nix, enfiando o cabelo atrás da orelha pontuda. — Mas não pode me culpar por tentar. Para vencer esta guerra vou usar cada truque em minha bolsinha de truques.— ela encarou Sian e murmurou. — *Aguarde e confie, demônio.*

Ele respondeu com um olhar assassino.

Então, ela sussurrou para o morcego.

— Evacuar, Bertil — com um guincho, ele voou.

Rune disse a Nix.

— Seja qual for seu interesse em Josephine, *retire-o.* Ela e Thaddeus estão conosco.

— *Detecto* — Darach soou como se estivesse prestes a se transformar completamente — *companheira.*

Rune ficou tenso.

— *Detectou o cheiro de Josephine?*

Ele anuiu.

— *Perto.*

— *Vamos começar pela cidade. Eu risco a todos* — eles juntaram mãos nos ombros e braços dele.

— *Agora vamos fugir como covardes?* — Allixta disse enquanto Darach rugia. Mas aqueles dois não podiam riscar, não tinham outra escolha senão irem juntos.

Com uma mão, Allixta agarrou Rune. Com a outra prendeu um dos bigodes de Curses no punho.

— *Está bem!*

— *Vamos voltar* — disse Blace. — *Esta luta mal começou. Por hoje terminamos aqui.*

Darach não havia terminado.

Ele inalou um longo fôlego, seus imensos pulmões se expandiram.

— *Ai caralho* — Rune e os outros se prepararam.

Com um brilho nos olhos, Allixta disse.

— *Sopre e sopre, primordial. Agora!*

O lobo soltou seu rugido. Um grito primal.

Os raios de Nix a protegeram, mas atrás...

A rajada espalhou imortais aos gritos e varreu os espectros sitiados pelo céu noturno como manchas de poeira. A força fez o telhado da mansão voar como um disco. Tábuas rangeram, vidros espatifaram. Paredes ruíram.

Bem quando a ensurdecadora demolição acalmou... a chaminé desabou.

Darach havia destruído a mansão. Val Hall não existia mais. A líder Valquíria pairava sobre um plano de fundo de destruição.

Rune acenou para ela.

— Boa guerra para você, Nix.

Ela sorriu de forma neutra.

— E uma feliz Ascensão para você, Rune.

SESSENTA E SEIS

Um tecido frio banhava o rosto de Jo.

— Por favor, acorde — disse uma voz abafada. — Eu não sabia que era você!

A consciência veio chegando devagar, sua cabeça latejava. Ela piscou e abriu os olhos.

— Thaddie? — seu cérebro parecia geleia depois do sufocamento.

Depois daquela memória.

Thad afastou o pano, segurando a mão dela.

— Estou aqui. Sinto tanto! Eu não sabia que você era a Jo. Eu jamais te machucaria — ele a ajudou a sentar no sofá.

Ela estava em uma sala de estar com decoração luxuosa e móveis caros.

— Para onde me trouxe? — A voz dela estava rouca.

— Para a casa da minha família em Nova Orleans. É segura. Você está totalmente segura.

Nova Orleans? Ele sempre morou nos subúrbios do Texas.

Exceto um dia, quando viveu em um reino fantasma. *Ele e eu atravessamos o universo imersos em algum tipo de estagnação.* Eles deviam ter milhares de anos.

Ela não havia destravado todas as memórias da infância... apenas mais alguns relances turvos. Talvez não conseguisse lidar com mais do que uma espiada por vez.

— Thad, estou tentando chegar a você em Val Hall há semanas.

— Antes você disse que estava lá para me salvar. Do que?

— Das Valquírias. Detectei o cheiro do seu medo. Eu perdi a cabeça.

— Oh — ele esfregou a nuca. — Na verdade eu meio que estava com medo de... você e daquele arqueiro. Vocês estavam atacando e eu estava lá dentro. Não sabia quem você era.

— Então você não era prisioneiro? — Ele não corria perigo algum, do jeito que Rune havia garantido.

— Elas são minhas aliadas. Estão me ajudando com meus poderes. Nix me disse que uma imensa ameaça ao bando estava chegando, então eu estava lá para proteger Val Hall.

Nix tendo a última palavra novamente.

— Ela apelou a todos os reforços possíveis.

Então era por isto que havia tantos imortais por lá. Jo esfregou a garganta. Não achava que as coisas poderiam piorar para ela. Errado.

Ela lamentava a perda da mãe. Já sentia falta de Rune, mesmo que ele fosse um cuzão traidor. O pescoço dela estava matando-a.

Mas... estou conversando com meu irmãozinho.

— O que houve depois que eu apaguei?

— Os Møriør chegaram.

Rune apareceu em Val Hall *depois* de ter trepado com aquela ninfa. Seus aliados estavam lá também?

— Nix e as outras vão lutar contra os Møriør? — Não que ela se preocupasse com Rune.

— Ela disse que ninguém morreria esta noite, que haveria apenas um pouco de redecoreação ou algo assim. Mas eu não ia arriscar com você quando cinco d'Aqueles que Trazem a Destruição apareceram com um enorme gato assustador!

— Antes de sair de lá seu companheiro me deu isto — Thad enfiou a mão no bolso e entregou o

talismã de Rune. — Ele disse que você iria querer tê-lo, que saberia o significado.

Significava que ele estava apaixonado por ela. O que tornava suas ações ainda piores! Aquele cuzão podia amá-la e *ainda assim* partir seu coração.

Jo pegou o talismã, meio que esperando que sua mão desviasse. Mas ele o dera desta vez. Ela o enfiou no bolso do jeans. Agora ia ter que encontrá-lo só para devolver.

— Ele disse mais alguma coisa?

— Que precisava explicar algumas coisas para você, e que você precisava se alimentar.

— Me explicar algumas coisas? — ela apostava que sim. *Pombinha, não dá para manter um pau como o meu engaiolado quando ele quer voar livre.*

— Ele é o fey sombrio do qual ouvi falar? — perguntou Thad. — Suas lágrimas ficaram pretas porque bebeu dele?

— É — ela olhou para o espelho na parede. Thad havia lavado os traços de choro do seu rosto. — Meu sangue logo voltará a ficar vermelho — ela se virou para olhá-lo. — Você se lembra de mim?

Ele pareceu envergonhado.

— Lamento, mas não muito. Eu tenho impressões. Você cantando para mim debaixo de uma ponte. Ensinando-me a dar um cumprimento alto de mão. Mas não me lembro do seu rosto.

— Então como?

— Toda a minha vida eu pensei que você estava morta... até cerca de uma semana atrás quando a merda bateu no ventilador com minha mãe — ele correu a mão sobre a boca. — Ela descobriu o que eu sou.

— Você não deveria contar a humanos sobre nosso mundo.

— Eu *sei*. Ela meio que me pegou no flagra.

Jo estalou o pescoço. Thad tinha mesmo muita força.

— A Sra.B viu você se fantasmar? Ficar intangível? Às vezes faço isso de forma involuntária.

— Uh, não foi muito questão de *fantasmar*. Mais para o lado vamp da coisa. Digamos que ela descobriu que eu bebo sangue — as bochechas dele coraram.

— Há quanto tempo você vem bebendo?

— Há apenas algumas semanas. Você?

— Desde os onze anos — ele parecia estar a ponto de perguntar mais coisas sobre aquele assunto doloroso. *Ainda não estou pronta.* — A Sra.B descobriu que você bebe sangue. E aí...?

— Eu achei que a mãe ia pirar ao descobrir que o filho era um vampiro.

Mãe. Filho. As palavras doíam.

— E ela pirou. De início, minha vampirice pareceu deixá-la com medo.

Do jeito que a de Jo fez com Thaddie.

— Mas ela começou a falar de você. Quando voltou depois daqueles tiros, ela achou que você era um tipo de demônio ou espírito que ia me arrastar para o inferno ou algo assim. Ela te mandou embora. Depois de me ver e saber que existem uma porção de outros mundos, percebeu que havia banido uma garota de onze anos do que devia ter sido sua nova família. Ela não fazia ideia onde você estava ou se estava a salvo. Ela sofre com a culpa.

Dããã. Sra.B. Ao contrário de Jo, a mulher aproveitou quatorze anos de idílica vida familiar com Thad. Retratos emoldurados dos melhores momentos da vida de Thad se alinhavam no mantel da lareira. Foda-se ela.

Mas ele parecia tão preocupado com a mulher.

— Eu espero... você aceita encontrá-la esta noite? Eu sei que estou pedindo demais e não merecemos um minuto de seu tempo. Mas nunca a vi chorar antes disto... agora ela está sempre à beira das lágrimas.

— Por que você não mereceria meu tempo?

— Mamãe disse que eu não quis ir com você quando voltou, nem mesmo te reconheci. Como pude não reconhecer minha irmã mais velha que havia me criado?

— Por que eu estava diferente. E você não era exatamente velho o bastante para ser um detetive... eu podia ter te enfiado em uma mochilinha.

Ele pareceu surpreso pelas suas palavras, então seus lábios se curvaram.

— Ouvi falar do Porta-Thad — vê-lo sorrir começou a apagar a imagem dele tentando arrancar sua cabeça fora.

Ela se pegou rindo com ele...

— Thaddeus? — A Sra.B chamou do andar superior. — É você?

— Jo, você pode, por favor, falar com ela? Só saber que você está bem lhe faria tão bem.

— Estou te dando um aviso sincero: não sirvo para interações sociais nem em meus melhores dias. E meus melhores dias estão longe — sem falar em seu cansaço e sede depois de toda aquela telecinese. — Eu estava arremessando carros não faz muito tempo e não tenho amor nenhum pela sua... mãe — ela massageou as têmporas contra uma dor de cabeça crescente.

— Mas você fará? — Ele piscou para ela com aqueles grandes olhos amendoados e ela se derreteu.

Algumas coisas nunca mudam. Ela deu de ombros.

O rosto dele acendeu.

Por que se recusava a acreditar que ela era uma cadela?

— Você vai acabar se arrependendo disto, garoto — ela ficou de pé, preparando-se para o embate.

— Sem chance! Deixe-me prepará-la, está bem? — Ele se levantou e correu para a escada. No pé da escada se voltou. — Você não vai embora, né? — Ele olhou para cima, pelas escadas, então para Jo, parecendo dividido. Ele riscou para abraçá-la, surpreendendo-a. Ele era tão grande. Tinha de se curvar para pousar o queixo no topo da sua cabeça.

Sua surpresa diminuiu e ela o abraçou de volta.

— Tenho medo de te perder de vista mesmo por uns minutos — ele eventualmente a soltou. — Já voltamos.

Ele desapareceu, deixando Jo nesta casa estranha... mais um acontecimento para coroar esta noite epicamente bizarra.

SESSENTA E SETE

Quando a trilha de Darach aproximou Rune o suficiente para que ele mesmo detectasse o rastro de Josephine, ele riscou à frente dos outros Møriør, seguindo aquele aroma de frutas do campo. Seu

coração disparava do mesmo jeito que há eras, quando havia corrido precipitadamente para aquele pântano...

Ele a encontrou em uma mansão imponente. Suas orelhas se retorceram ao ouvir o som de vozes vindas de dentro. Consciente! Ela não parecia com medo, nem muito ferida.

Seu irmão também estava lá dentro. Rune captou segmentos do aroma de Thad, novos e velhos, e suspeitou que o garoto a trouxe para sua casa. Sem detectar inimigos ao redor, Rune encarou seus aliados.

— Eu assumo daqui.

— Você não quer que a gente destrua esta estrutura? — perguntou Sian.

Allixta esticou a mão e arranhou Darach debaixo do queixo.

— Cuidado ou o lobo pode soprar, soprar até derrubar.

Rune negou com a cabeça.

— Aqui ela está a salvo com Thaddeus. Vou dar a eles algumas horas para se recuperarem, e então vou até ela.

— Algumas horas — Allixta abaixou a mão. — Você nos disse que ela esperou por este encontro com o irmão metade da vida dela. Eles não deviam recuperar seus laços antes de você invadir com todo o seu ninfo-drama ocupando o palco todo?

— Ela precisa saber que eu não transei com aquela fêmea.

Allixta revirou os olhos.

— Não, *você* precisa que a mestiça saiba disto. Macho egoísta! Deixe-a ter algum maldito tempo para si mesma — para os outros, ela disse. — Às vezes esse grupo me assusta.

Não ir para o lado de Josephine? Ante este pensamento, sua necessidade desesperada de alcançá-la redobrou.

Allixta disse.

— Você pode não ter transado com a ninfa, mas esteve *na* cama dela. Você ainda fede a outra fêmea.

Rune voltou-se para Darach, que anuiu.

Maldição! Isto não era um mero mal entendido que poderia ser esclarecido simplesmente dizendo "Eu não fiz isto". Ele esteve na cama com Meliai... na noite seguinte a ter clamado sua companheira. Lutou para se lembrar do que aconteceu com a ninfa.

— Nós pudemos ver a dor de sua companheira — disse Allixta. — Naturalmente ela só escapou à *sua* atenção.

— Olha a boca, bruxa.

— Você jamais foi altruísta com ela? Fez algo gentil?

Ele levou Josephine a um baile fey. Para transar com ela. Ele bancou o romântico. Para arregimentá-la para os Møriør. Ele a curou após uma luta. Da qual ela teria se recuperado sozinha de qualquer forma.

As coisas seriam diferentes. Mudança? Agora só queria uma *chance* de mudança.

— Você se esqueceu — ela adicionou — que nós *testemunhamos* como você trata suas garotas.

— Não é assim com Josephine — rosnou ele.

— Oh, sério? Porque o destino disse isto?

— Olhem dentro da minha mente — ele lhes deu acesso irrestrito a seus pensamentos.

Um a um eles entraram. Um a um empalideceram.

— Está bem — ele disse, parecendo enlouquecido.
— Estou loucamente apaixonado por ela! Veem por que estou doido para encontrá-la?

Sian lhe deu um olhar de pena.

— Espero que você seja bom de desculpas como é na sedução.

Em um tom admirado, Blace disse.

— Você tem sete mil anos e não tem a menor ideia de como lidar com isto.

— Porque é importante! — lutando para dominar as emoções, um inferno escaldante, ele se voltou para Allixta. — Quanto tempo devo lhe dar?

— Você é um espião. Espione-a. Saberá quando for a hora certa de se aproximar dela.

Blace disse.

— Então agora é com você.

Quando se foram, Rune ergueu a manga para pintar um feitiço de ocultação em seu braço. Piscou ao ver aquele de contracepção que havia pintado antes.

Nunca mais. Livre.

Ele usou o outro braço. Oculto das vistas, Rune se aproximou da mansão, detectando-a em uma sala no andar de baixo.

Descobriu que a casa estava protegida. Rapidamente adicionou suas próprias runas para adequar as proteções, permitindo sua entrada. Entraria se qualquer coisa parecesse estar errada. A mais vaga indicação de perigo. Missão cumprida, espiou pela janela.

Ela estava em pé sozinha na frente da lareira, olhando para fotos no mantel. Seus olhos estavam decididos, seu contorno tremulava. Os rastros das lágrimas se foram, mas ela continuava abalada.

No espaço de sua vida, ele esteve com ela por apenas um piscar de olhos.

Ele nunca mais queria abrir os olhos e não ver o rosto dela.

Josephine o levou a um local onde jamais estivera antes, e agora ele sabia onde.

Lar.

Ergueu a mão para o vidro, necessitando tanto tocá-la que doía.

SESSENTA E OITO

Jo virou-se na direção da entrada da sala de estar quando a Sra.B e Thad entraram. A mulher tinha envelhecido... mas ainda era a mesma Sra.B por baixo dos óculos quadrados e do tipo cafona de calças que sempre usava na biblioteca.

Jo sentiu uma pontada de... alguma coisa.

A Sra.B ajeitou os óculos.

— É você mesma, Josephine? — Ela deu um passo adiante como se fosse abraçá-la.

Jo recuou um passo.

— Sou eu — ela viu todas as fotos de Thad, ressentida dos anos que havia perdido. As limitadas lembranças de sua infância em Apparitia estavam frescas de reviver a morte da verdadeira mãe deles.

A culpa pesava sobre Jo por não ter ficado com Thaddie.

Nunca o abandone. Proteja-o.

Jo não fizera isto. Ela não esteve lá com ele.

— Você cresceu tanto — as lágrimas da Sra.B rolaram. — Está tão linda.

— Eu a trouxe direto para cá — disse Thad. — Não tivemos muita chance de conversar.

— Por favor, sente-se — a Sra.B se moveu para uma poltrona chique de espaldar reto. Thad atravessou a sala para o sofá mais próximo, sentando-se o mais próximo possível.

Estranho. Jo riscou para o outro canto do sofá e afundou ali. Esfregou a nuca e olhou para a janela. Tinha a sensação de estar sendo vigiada.

Thad manteria vigilância sobre Nix? A Valquíria podia aparecer com a conta dos danos daqueles carros esportivos e árvores que Jo destruiu. Lembrar disso atenuou um pouco o seu humor.

— Oh — os olhos da Sra.B. arregalaram. — Você desapareceu e reapareceu. Eis algo que não se vê todos os dias.

Jo franziu o cenho.

— Você deve ter visto ele fazer isto também.

— A única coisa que vi foi ele bebendo sangue do próprio braço.

— Mãe!

Masturbação vampírica. E a Sra.B falava assim. Que modo de começar.

O rosto de Thad ficou de um vermelho tão escuro que ele provavelmente sentiria sede depois. Ele era um adolescente. A despeito de tudo, Jo teve de esconder o riso por trás de uma tossidela.

A expressão mortificada dele se desvaneceu quando viu o seu rosto. Ele começou a rir.

— Você acha engraçado?

Ela tossiu de novo.

— Não deixa de ser.

— Eu não devia ter contado? — a Sra.B piscou por trás dos óculos. — Eu ainda estou aprendendo a lidar com isto.

Thad disse.

— Tudo bem, mãe.

A Sra.B se virou para ela.

— Bem, conte-me tudo. Onde se encontraram?

Thad olhou para Jo, implorando que ela respondesse a isso. O Escoteiro-Mirim tinha problemas em mentir.

— Conhecidos em comum.

— Que sorte! E como se reconheceram?

— Você acha que eu não me mantive atualizada quanto a meu irmão? Posso dizer todas as merdas de pontos dele no beisebol — graças aos programas de conversão de texto em voz.

— É claro — disse rapidamente a Sra.B. — Eu devia ter esperado isto.

Thad se inclinou pra frente, pousando os cotovelos nos joelhos.

— Você pode mesmo?

Jo deu de ombros.

— Você não consegue chegar à base por merda nenhuma.

Ele deu uma risada grunhida.

— *Nem me fale. Ei, aposto que não jogo mais tão mal desde que adquiri meus poderes. Mas e você... o que você faz?*

Faço? Além de morrer lentamente desesperada para te ver todos os dias? E de deixar Rune partir meu coração?

— Um pouco de cada coisa...

— Você se casou? — perguntou a Sra.B.

— Sou uma solitária — Jo pousou as botas na mesa de centro.

A mulher sabiamente não disse nada.

— Você nunca morou com o Sr. Chase?

— Quem?

Thad lançou a Jo um olhar arregalado. Então o Escoteiro-Mirim havia mentido, no final das contas?

Agindo com naturalidade, Jo disse.

— Não, sou uma loba solitária.

— A gente nunca o viu... ele só nos enviou os documentos da casa, escrevendo que pertencia a um

antepassado desconhecido de Thad. Tudo muito misterioso — o olhar dela se ergueu para Thad e voltou. — Vocês fazem ideia de onde é que vieram? Sobre seus pais?

— Ainda estou tentando descobrir — Jo contaria em particular a Thad sobre suas novas e cruas memórias. E descobriria sobre este Chase também. — Mas nossos pais estão mortos.

Tristeza enevoou os olhos de Thad. Ele andara se segurando a um fio de esperança sobre encontrar os pais? Ela não queria vê-lo triste. Já havia se acostumado ao seu riso fácil, aquele que dizia *Está tudo certo no mundo*.

— Thad me disse que ele viverá até ser muito velho — a Sra.B tirou um lençinho do bolso. — Estou tão feliz que você está de volta à vida dele. É um grande alívio saber que ele não vai ficar sozinho depois que eu e a avó dele nos formos.

Jo estreitou os olhos.

— É, estar sozinho por anos e anos não é algo que eu deseje a *ninguém*.

— Eu não sabia — as lágrimas corriam de novo. — Eu n-não fazia ideia.

Thad se levantou e arrastou um banquinho até perto dela, acariciando sua mão.

— Mãe, tudo bem.

Claramente Jo precisava fazer uma retirada nada graciosa.

— Escutem, tenho que dar o fora...

— E-eu pensei que você tinha morrido! — Chorou a Sra.B. — Eu não sabia se você tinha voltado para levar Thad para o inferno ou para o túmulo. Eu não sabia que este mundo existia.

— Nem eu! — Jo se levantou para flutuar/perambular. As luzes do cômodo tremularam loucamente. — Acordei em um saco de cadáver! Achei que tinha ressuscitado. Que eu era tipo um fantasma — o que, ela supunha, não estava tão longe da verdade. — Então quando voltei para buscar Thaddie, você me expulsou. Estou surpresa que não tenha me jogado água benta.

A Sra.B enxugou os olhos por trás dos óculos.

— Você não passava de uma garotinha... eu te disse isso bem no dia em que levou os tiros... mas não ouvi minhas próprias palavras. Achei que não era mais a Jo. Achei que queria que eu o protegesse de qualquer ameaça.

Maldição, eu queria.

— Fui eu quem encontrou seu corpo nos fundos da biblioteca. Quando ouvi os tiros deixei Thad com uma colega e corri para fora, mas... não tinha restado nada de seu... — ela pigarreou. — Eu não estava preparada para ver o seu rosto mais tarde naquela noite. E você estava tão diferente.

Foi a Sra.B que a encontrou? Por hábito, Jo ergueu a mão para tocar o colar de balas. Ótimo, ela havia deixado na casa do Rune.

— Eu nunca teria abandonado Thad — continuou a mulher. — Eu morria de medo que ele corresse perigo por parte de quem atirou em você. Temia que vocês dois tivessem testemunhado algo e que o atirador pudesse vir atrás de Thad, apesar dele ser tão novinho.

Então a Sra.B tinha pirado mais do que Jo havia imaginado? Ela diminuiu o ritmo de seu perambular

pela sala. Todas estas informações novas fodiam com seus anos de ódio ardente. Além disto, Thad havia crescido tão... bem. Jo não podia, possivelmente, ter feito melhor por ele.

Porque ele não podia, possivelmente, *ser* melhor.

— Esta não é a melhor hora para conversar. Eu posso voltar outra noite.

Como se ela não tivesse falado, a mulher murmurou.

— No velório do Sr.B. eu te vi. Você estava na janela soluçando na chuva enquanto olhava para Thad. Eu sabia que você ia abrir mão dele por que eu disse que é o que uma mãe faria — as lágrimas dela recomeçaram a correr. — Achei que você havia decidido seguir adiante.

— Eu *seguí*.

— Quero dizer, para o além.

A paciência de Jo chegou ao limite.

— Oh, pelo amor de Deus, mulher. Se Thad não te amasse, eu daria um soco na sua cara.

O olhar chocado de Thad dardejou de Jo para a Sra.B e de volta.

— Uh, talvez a gente não devesse falar assim com os mais velhos?

— *Mais velhos?* — Jo estava a ponto da histeria. Os dois tinham milênios de idade!

Mas a Sra.B sorriu.

— Você costumava dizer isto para mim o tempo todo. Lembra?

Jo lembrava.

— Então eu tenho esperanças. Não posso compensar todos esses anos assim da noite pro dia. Mas a esperança me basta por ora.

Seguiu-se um silêncio desconfortável.

Então a Sra.B. se levantou.

— Eu já volto — ela parou na porta. — Você não vai embora, vai?

Cansada demais para brigar, Jo afundou novamente no sofá.

A mulher se apressou em sair da sala.

— Obrigado por confirmar a história do tio — murmurou Thad —, é uma longa história, eu te conto depois.

— Estou contando com isto, garoto. Eu diria que não sou geralmente uma cadela tão grande, mas isto seria mentira.

— Você está indo muito bem — Thad não parecia nem um pouco desencorajado, bem o oposto. — A mãe tinha me dito que você era boca dura e que nunca adoçava o remédio.

— Eu não sabia que a Sra.B me viu como uma pintura de arte moderna naquela noite — ela apertou a ponte do nariz. — Não quero dizer nada que vá te magoar ou te deixar envergonhado, então acho que é melhor eu ir. Eu tive um dia de merda antes de te ver, e sempre misturo as coisas.

— O que aconteceu? — Ele se inclinou para a frente. — O que te fez chorar? Conte-me tudo.

Confusão.

— Tipo te contar... como foi meu dia? — Ninguém nunca lhe pediu isto. — Eu terminei com meu

namorado. Ele provavelmente é meu companheiro... eu definitivamente sou a dele.

— É possível terminar com um companheiro?

Todas as coisas eram possíveis no Lore!

— É. Ele não conseguiu manter o pau dentro das calças. Então, de qualquer forma, eu devia...

— Vocês estavam juntos há quanto tempo?

— Duas semanas — respondeu ela. — Então esta não é a melhor hora para desencavar o passado com sua — ela mordeu a palavra — *mãe*.

— Você ainda não pode ir embora. Por favor, fique um pouquinho mais — *não, não com os olhinhos*. — Por favor?

Maldição!

— Está bem, vou esperar mais cinco minutos.

— Obrigado, Jo! — O rosto dele se iluminou como se ela tivesse prometido mundo(s).

— Você fez esta cara quando te dei aquele boneco do Aranha. O melhor roubo que já cometi.

— Eu ainda o tenho. Está em uma prateleira de livros.

— Não diga! — *Estou com meu irmãozinho. Puta merda, estamos conversando.*

A Sra.B retornou carregando uma bandeja.

— Um refresco — ela disse, pousando-o na mesa de centro. Ela trouxe três bebidas fumegantes... uma caneca com um saquinho de chá e duas canecas de sangue aquecido. Tinha até uma tigela de marshmallows de chocolate. — O sangue ainda está fresco, acabaram de entregar.

Eles recebiam sangue por entrega?

A Sra.B parecia prestes a vomitar, ela devia ter aquecido ao fogo. Então não só a mulher aceitou as mudanças de Thad, mas estava também se adaptando a elas.

O que a Sra.B não faria por Thad? *Temos isto em comum.* Duas mulheres que queriam ferozmente o que era melhor para ele.

Ela ofereceu a Jo uma caneca com um sorriso fraco.

— Quer marshmallow, Josephine?

Como se adestrando um gato feroz.

Jo exalou, sentindo a raiva desinflar. Tão confiante ela era aos onze anos que não havia sido à prova de balas, não o suficiente, pelo menos. A Sra.B manteve Thaddie em segurança depois que Jo chutou seu *primeiro* formigueiro.

Tudo o que a mulher havia desejado era ser uma boa mãe. E ela tinha conseguido.

Jo tomou o sangue, aceitando até mesmo um marshmallow para ser gentil.

— O cheiro está ótimo — ela mentiu. Embora estivesse morrendo de sede, foi arruinada para sangue normal.

Ainda assim, tanto a Sra.B. quanto Thad pareceram apreciar sua tentativa de socializar.

Por ele, Jo achava que podia retrain suas garras de vez em quando.

Ele ergueu a caneca.

— Ao retorno de Jo.

Melhor me acostumar à coisa vermelha. Forçou-se a engoli-lo. Como beber lodo comparado ao sangue

potente de Rune.

A Sra.B. disse.

— Acho que vocês dois não precisam usar utensílios no final das contas.

SESSENTA E NOVE

— Realmente aprecio o esforço que fez lá — Thad disse quando ele e Jo assentaram em poltronas ao lado da piscina. — Eu sei que é estranho — *bota estranho nisto.*

— Eu já fiz pior — os três conversaram sobre a velha biblioteca e algumas das coisas engraçadas que Thad fazia quando criança. Ele riu tanto que Jo tinha até gargalhado. Antes de perceber, tinha terminado o sangue e o anoitecer se aproximava.

A Sra.B pediu licença para ver como a Vó estava, enchendo de novo suas canecas.

— Por que não vai mostrar a piscina à Jo? Só não fique até muito tarde.

Jo havia congelado um pouco.

— Tarde. Está de brincadeira?

A Sra.B piscou para ela.

— Não.

Agora Jo perguntou a Thad.

— Que merda é essa de tarde? Você não é noturno?

— Eu vou para a cama por volta das quatro da manhã, e a mãe e a vó acordam mais tarde. Para que possamos continuar a tomar café juntos.

— Sua avó sabe também?

— Acho que não. Ela teve um AVC e dizem que o quadro dela evoluiu para demência. Não sei o quanto disto ela registrou, mas não risco em casa ou coisas assim. Ela ainda cozinha para mim. A mãe também. Vai que...

— Deus, ela sabia cozinhar. O frango frito dela era maravilhoso.

Ele concordou enfaticamente.

— Foi a coisa mais difícil para eu abrir mão.

— Então me fale sobre esse papo do tio que deu a mansão.

— Ele é um berserker chamado Declan Chase. Ele trabalhava para a Ordem, esta operação humana que estuda imortais. Sentiu-se culpado por ter me sequestrado e aprisionado em uma ilha de detenção no Pacífico ou coisa assim.

A caneca de Jo espatifou em seu punho, o sangue escorreu em cima da mesa externa.

— Que CARALHO acabou de dizer? Me diga como encontrá-lo e vou acabar com a raça dele.

— Agora estamos bem, Jo. Ele pagou por tudo que fez de errado. Acredite em mim, ele *pagou*.

— Alguém faz isto para você e você ainda é bonzinho com ele?! — Ela não podia crer que Thad tinha passado por tanto perigo sem ela saber, sem estar lá para cuidar dele.

— DC acabou me ajudando a escapar antes da ilha explodir.

Por falar em vida idílica.

— O que infernos aconteceu? — Ela limpou a mão ensanguentada no jeans.

— Nunca conheci um imortal antes de ser aprisionado, definitivamente não sabia que eu *era* um.

Nunca tive nenhum poder, mas de alguma forma a Ordem sabia a meu respeito.

A Ordem está na minha lista negra.

— Acordei em uma cela e vi todas essas coisas que não podiam ser certas. Pirei, entrei em coma. Ainda estaria em coma se não fosse por Regin e Natalya.

Coma?

— O que elas são?

— Regin agora é esposa de DC. Ela é a que estava tipo me incitando a arrancar sua cabeça.

Jo odiava aquela cadela bocuda...

— Ela me salvou lá na ilha.

Está perdoada.

— E Natalya?

— Ela é uma de minhas boas amigas. Uma fey sombria assassina.

Não brinca.

— Ela vive na cidade?

— Por um tempo. Mal posso esperar que você a conheça. Ela não vai ficar brava por você ter atacado

Val Hall já que ela mesma combateu as Valquírias por um tempo — ele bebericou o sangue. — Ela ouviu falar de um fey sombrio na cidade e esteve procurando por ele há um loooongo tempo. Seu cara tem um irmão?

— Ele não é mais meu cara. Pode dizer a ela que ele esteve procurando por ela também, estava doido para ter uma chance com ela. Parabéns ao jovem casal.

Rune se contraiu em seu ponto na parede de tijolos da propriedade. O que a fazia achar que ele iria atrás daquela fêmea?

Antes, Josephine disse à mortal Sra.B que ela estava sozinha... a mesma resposta que dera a Rune há duas semanas.

Antes deles se vincularem. Antes dela se tornar dele, e ele se tornar dela.

Antes deles.

Então esta noite havia acontecido, quando ele ridicularizou seus sentimentos por ele e garantiu que sempre ficaria com outras.

— Oh — Thad franziu o cenho. — Eu estava meio que esperando que Natalya e eu pudéssemos nos dar bem. Talvez quando eu completar minha transição.

Thad queria Natalya? Rune achava um bom sinal ambos os irmãos se sentirem atraídos por feys sombrios. Ele podia dar umas dicas ao garoto.

Josephine negou com a cabeça.

— Sair com um sangue-ruim? — Ela nunca o chamou assim antes, não importava quão furiosa estivesse com ele. — Faça um favor a si mesmo e esqueça o assunto. Não vale a pena tanto trabalho.

Golpe certo. Esperar para se aproximar de Josephine foi a melhor coisa a fazer.

Thad pareceu considerar aquilo por alguns momentos, então disse.

— Nix me disse que havia outro fanpiro...

— Você acabou de dizer *fanpiro*?

— É. É como ela nos chama.

Jo rosnou uma risada.

— Que idiota. Vamos nos chamar de híbridos.

— Mas há híbridos de outras espécies.

— É, mas nós somos os melhores.

Thad anuiu calmamente.

— Eu sabia que havia outra... híbrida, mas Nix disse que ela estava emparelhada a um fey sombrio, um Møriør.

— Isso acabou. Tudo isso é passado, garoto — Josephine soava perturbadoramente confiante.

— Os Møriør são maus, Jo.

Ele nem sabe ainda que destruimos Val Hall.

— E as Valquírias não são? Sua amiguinha Nix esfregou minha carcaça no asfalto. Ela esmagou meu crânio e quebrou cada osso do meu corpo. Tive medo que ela fizesse o mesmo com você... por isto queria tanto te salvar.

O queixo dele caiu.

— Ela não faria isto. Tem certeza que era Nix?

— Ela faria. E fez. Aquele Møriør foi quem juntou meus pedacinhos — ela pareceu cerrar os dentes e seu contorno tremulou.

Ainda é cedo demais para me aproximar dela.

— Por que Nix não contou que eu sou sua irmã?

Os lábios de Thad afinaram.

— Boa pergunta.

— E você já parou para pensar que *todos* são maus? Talvez não devêssemos ficar por perto de imortais. Digo, o que Nix queria com você, afinal?

— Acho que ela e os outros queriam que eu me juntasse a eles para combater os Møriør. Mas eu só... não tenho certeza de poder derrubar alguém. Não consigo acreditar no quão duro te feri, Jo. Eu podia ter te matado.

Rune teve suas dúvidas a respeito do garoto enquanto ele se inclinava sobre Josephine com as presas expostas. Não mais. Thaddeus Brayden era um bom garoto.

— Está tudo bem — disse ela. — Você ajudou a desencadear algumas memórias para mim, então sem ressentimentos.

Da infância dela?

— Eu só estava usando uma fração da minha força, mana. Sou forte pra caramba.

Ela sorriu e ele também. Eles se pareciam tanto quando sorriam. Rune notou outras semelhanças também... a cadência de seu discurso, o humor, os maneirismos.

Por causa do que este garoto aprendeu com Josephine, que também era uma menina na época, cuidando de um bebê enquanto morava nas ruas.

Quando Thad perguntou sobre a noite na qual ela foi baleada e nos meses depois, ela admitiu ter aplicado punição, mas ele teve de se segurar para não ir até ela.

Ela recordou de novo aquela noite sombria e sua luta com seus novos poderes. Então ela disse.

— Deixá-lo foi a coisa mais difícil que já tive de fazer. Fui ao velório pretendendo roubá-lo e a seu cachorrinho, planejando fugir com vocês dois ao por do sol — ela deu um riso sem humor, como se a ideia fosse idiota.

— Você quis voltar depois, por mim?

— Todos os dias. Eu usava aquelas balas ao redor do pescoço para me lembrar que eu só te machucaria. Eu me mantive atualizada sobre sua vida o máximo que pude, e ao longo dos anos ela só pareceu melhorar e melhorar.

Thad a olhou com intensidade.

— Então o que mudou?

— Eu o vi na cidade. Com Nix. E então descobri o Lore.

— Você não sabia?

— Sou uma novata de duas semanas só.

— Não muito menos que eu — disse Thad. — Você mencionou que tinha algumas pistas sobre nossa origem. Pelos últimos meses, mesmo antes da ilha, tive uns sonhos doidos. Acho que estão conectados ao passado.

— Que tipo de sonho?

— Vejo chamas e terremotos e portais que sugam meus pés. Sonhei que estava atravessando o universo e que eu estava olhando para baixo, para um bebê.

— Thad — ela engoliu em seco, audivelmente —, você estava olhando pra você mesmo. Você andou sonhando *minhas* memórias. Você deve tê-las adquirido quando te alimentei de meu sangue, em nossa jornada.

— Jornada?

Ela respirou fundo.

— Nós viemos de um lugar chamado Apparitia, o reino dos fantasmas. Somos Aparritianos. Ou éramos. Você nasceu no dia em que nosso mundo acabou...

Que diabos?

SETENTA

— Nossa mãe era tão corajosa e altruísta — Thad disse finalmente. Ele ficou em silêncio ao fim da história de Jo. — Eu vi o rosto dela de suas memórias. Você se parece com ela.

As sobrancelhas de Jo cerraram.

— Obrigada — ela perscrutou sua expressão, perguntando a si mesma como estaria lidando com todas estas informações.

— E nosso pai?

— Não me lembro bem dele, só tenho vagas impressões... tipo as que você tinha de mim. Sinto que ele queria ficar conosco, mas sempre era chamado para a guerra.

— Eu não paro de pensar que ele podia estar vivo — disse Thad.

— Depois de tantos anos, não acho que devia ter muitas esperanças. Eu só queria me lembrar mais para poder compreender as coisas.

— Somos Apparitianos — murmurou ele. — Que estranho.

— É, somos meio aliens — (secretamente, ela sempre soube disto).

— Devo te chamar de Jo ou de Kierra?

— Eu sou Jo há mais tempo do que Kierra — disse ela dando de ombros. — Isso foi demais pra você? Meu cérebro parece que vai se partir por esta única memória.

— Não, tudo bem. Eu só tenho uma pergunta... Eu era um bebê bonitinho?

Ela deu uma risada surpresa.

— Era. E tão barulhento! — Eles compartilharam um sorriso quando dedos de luz os alcançou. O alvorecer. Era o que ela temia, queria ficar falando mais com Thad, por dias. — Acho que devo ir embora — disse ela, tentando um tom casual. — Talvez eu passe por aqui semana que vem ou algo assim — *como vou fazer para ir embora?*

— Semana que vem? — a voz dele aumentou uma oitava.

O coração dela se afundou.

— Digo, ou um dia desses. Não vou me intrometer na sua vida. Podemos ir devagar. Planejar uma visitinha aqui ou ali.

— Intrometer? Eu achei... — ele examinou o braço da poltrona. — Achei que ia ficar aqui conosco.

— Oh! Ohh.

— Temos tanto espaço. Você teria uma ala só pra você.

— Thad, eu tenho que voltar para meu quarto de motel.

— Por quê?

Porque ela precisava encontrar outras bizarrices? Não. Chega disso. Porque precisava manter suas recordaçõezinhas de Thad? Ele estava bem aqui, prendendo a respiração esperando que ela se mudasse para a casa dele!

Porque ela precisava estar lá caso Rune a procurasse?

Foda-se isto. Ela se mudaria daquele motel e encontraria outro, recusando-se a parecer estar esperando que ele aparecesse.

— Estar perto da Sra.B é estranho — ela disse com honestidade. — Caso não tenha notado, não me dou bem com as pessoas.

— Mas poderia — ele disse gentilmente. — É igual ao beisebol. Você só precisa aprender o básico.

O básico de ser domesticado? Pelos Braydens?

Jo supunha que não podia culpar Rune por se recusar a mudar quando ela mesma não tinha a menor inclinação para tal. É claro, ela não traiu ninguém. O talismã dele parecia queimar em seu bolso.

Podia não querer mais nada com ele, mas guardaria seu bem mais precioso até que voltasse para buscá-lo.

— Vamos lá, Jo. Só uma tentativa.

— E o que se supõe que vou ficar fazendo aqui o dia todo? — No geral. Ela estava se focando, mas não achava resposta. E agora?

Começar algum tipo de vida após Rune.

— Passar um tempo comigo — Thad puxou sua cadeira para mais perto e tomou suas mãos. — Temos tanto para falar e ver. Vou te riscar para locais onde estive e você pode me riscar para todos os seus lugares favoritos.

— Mas você tem amigos com quem quer ficar. Não vou ficar bancando a irmã mais velha chata, interferindo com seus planos adolescentes.

— Desde que nos mudamos para cá, tenho ido a Val Hall todos os dias para que a mãe continue achando que estou na escola. Agora não tenho que esconder mais o que sou. Além disto, você é a Loreana que mais se aproxima da minha idade por aqui. Por favor, mana. Por favor? Só uma semana.

Rune se apressou em trabalhar para redirecionar as proteções desta propriedade para manter criaturas do Vertas longe.

Sua companheira ia ficar.

Josephine lançou um ataque em Val Hall e então os Møriør o destruíram; esta proximidade ao exército de Nix deixava Rune nervoso.

De seu ponto no exterior da mansão podia ver o interior do novo quarto de Josephine. Thad a ajudava a se ajeitar. Ela voltou de seu apartamento carregando uma sacola pequena de roupas.

Rune se preocupou que ela estivesse depositando muita expectativa nesta reunião com o irmão, que ela certamente se decepcionaria.

No final da noite, Thad tinha praticamente implorado a Josephine para ficar.

Ele era a coisa mais importante para ela. Ela parecia brilhar de contentamento enquanto contavam piadas um para o outro.

Mesmo recontar suas memórias de Apparitia não havia diminuído a felicidade que os irmãos haviam

encontrado um no outro.

A história tinha deixado Rune confuso. Aqueles dois quase não conseguiram escapar de seu mundo natal — e só conseguiram por causa do sacrifício de sua mãe. Então, flutuando no éter, eles viram por trás da cortina do universo.

Eventualmente entraram em estagnação — como os Møriør faziam. Mas aquilo não negava a idade deles.

Apparitia havia morrido há *milhares* de anos. Josephine deve ser a mais antiga viva de sua espécie.

A primordial.

Ela tinha falado da implosão de um planeta? De seu grito "fim do mundo". Alguns nos Outros Reinos sussurravam que *Orion* havia destruído Apparitia. Será que o soberano de Rune obliterara-o como uma esfera de vidro? Enquanto a companheira aterrorizada de Rune lutava para segurar um bebê recém-nascido jogado aos ventos?

Rune raramente questionava os feitos de seu soberano, acreditando que Orion tinha motivos para todas as suas ações. Agora seu primeiro instinto era

confrontar Orion. Mas se o Destruidor atacou Apparitia, deve ter tido suas razões. E se o plano era assassinar as crianças híbridas?

Se Rune o alertasse, Orion podia terminar o que havia começado...

Josephine riu e jogou um travesseiro em Thad. Ele o pegou telecineticamente e o mandou voando de volta para ela.

Para onde esta noite levaria Rune? Ela interromperia este vínculo quando todos os sonhos estavam se realizando?

Aquela mulher mortal havia descrito Josephine aos soluços à janela quando teve que abandonar Thad. Agora Josephine foi acolhida pela família. Não mais estava olhando de fora. *Rune* estava.

Ele ardia para falar com ela, para estar com ela. Mas ela deu a Thad uma semana; não devia Rune lhe dar o mesmo? Disse a si mesmo que sete dias não era nada na vida de um imortal — mesmo se temesse o prospecto.

Ainda assim, aquilo não significava que deixaria sua companheira e o irmão desprotegidos. Rune se

abrigaria no depósito de ferramentas ao lado da piscina, blindando-o de cheiros e sons. De onde pudesse vigiar a família, pensar no que fazer sobre Orion, e dar tempo para que Josephine esfriasse a cabeça.

A menos que ela o chamasse ou se perguntasse onde ele estava. Ou precisasse dele para sangue. De outra forma...

Eu lhe darei uma semana, companheirazinha.

SETENTA E UM

Jo estava deitada na cama com a cabeça sobre o travesseiro, olhando para o talismã em sua mesa de cabeceira.

Dormir nesta cama grande sem um enorme fey sombrio ao seu lado parecia estranho, mesmo depois de tantos dias.

De início, a excitação de ver Thad — e seus esforços para viver nesta casa — obscureceram a dor de perder Rune. Ainda ansiava por estar com o irmão, mas agora sentia falta de seu ex.

Em seu primeiro dia ali, Thad recebeu uma ligação de Regin detalhando os acontecimentos em Val Hall depois que ele e Jo desapareceram.

Jo tinha ficado aturdida. Aparentemente, Val Hall foi implodida por um lobisomem primordial.

E Rune derrotou o Flagelo.

— De alguma forma seu arqueiro apareceu com uma pena de fênix! — Thad disse com animação. — Ele a usou para disparar uma flecha e destruir os espectros para sempre.

Com um acesso de náusea, Jo percebeu que a pena devia ser a chave que ele tinha ganhado de Meliai em troca do sexo incrível.

Então Rune ameaçou Nix e a todos os seus imortais, os "MVP⁸s Vertas", como Thad os chamava. Mas no final, Rune fez um juramento de nunca matar Nix para que pudesse neutralizar o juramento de Jo.

Ele fez isto na frente de seus aliados. Por ela...

Thad também disse a Jo que queria ajudar Regin e os outros na reconstrução de Val Hall, explicando.

⁸ MVP = Most Valuable Players – Jogadores Mais Valiosos

— Os Vertas são mais do que só Nix. Além disto, ela não está nem lá. Disse a todo mundo que ia tirar férias por um tempo.

Jo havia tentando suavizar as coisas.

— Vertas, Møriør. Ei, vamos deixar os bizarros brincarem no parquinho que eles mesmo criaram.

— Regin e os outros não sabem que você é minha irmã. Nix disse a todos que você era uma Møriør fodona que estava aqui para libertar monstros e escravizar a todos nós.

Nix, sua cadela, é assim que os rumores começam. Então Jo franziu o cenho. Eu tenho mesmo fortes inclinações Møriør.

Porque eu me apaixonei por um.

Depois daquele dia, ela e Thad nunca mais falaram especificamente sobre Rune. Ela tinha tentado esconder a intensidade de seu desejo pelo fey sombrio, mas sabia que não enganava ninguém.

Rune uma vez disse que Darach Lyka podia encontrar qualquer coisa nos mundos; Thad não riscara Jo para muito longe de Val Hall. Rune tinha de saber onde ela estava. Ela achava que nada seria

capaz de manter um Loreano longe de sua companheira, ainda assim ele nunca fez nenhuma tentativa de contato.

Achava que ele deve ter retornado a Tenebrous com os outros Møriør. Mesmo que voltasse diretamente à Terra, a jornada levaria um tempo.

Não que ela algum dia fosse retomar as coisas com ele. Mas seria legal devolver seu talismã, pegar de volta o colar de balas e dar uma espécie de ponto final àquela história toda.

Seria possível algum tipo de ponto final entre companheiros predestinados?

Tudo era possível no Lore! Ela pensou amargamente.

Passar o tempo com o irmão era a única coisa que a mantinha distraída. Na última semana, ela e Thad riram tanto. Assistiram a filmes. Nadaram. Jo mostrou a ele como se fantasmear para dentro de conchas e ficar totalmente invisível.

Logo ela lhe mostraria como delinear o território e protegê-lo — e como destruir cafetões canalhas.

Se Jo tinha se comportado como uma gata feroz no começo da semana, os Braydens conseguiram domesticá-la um pouco. Por Thad, Jo vinha se esforçando para se dar bem com eles.

No primeiro dia, ele a acordara abruptamente.

— JOOOOO! — tinha gritado do pé da escada. — O café está na mesa!

Ela tinha se sentado atabalhoadamente na cama, desorientada, por que jamais teve alguém a chamando assim antes e tinha dormido mal. Ela temia os sonhos de Rune, não queria ver mais do passado dele quando não conseguia lidar nem com o presente.

De olhos inchados, ela tinha se vestido, pegou o talismã que deixou no criado mudo, então desceu correndo a escada para a cozinha.

— Que porra é essa? *Recruta Benjamim?*

A Vó estava lá junto com a Sra.B e Thad. Ops.

A Sra.B disse à mulher.

— Mãe, quero que conheça...

A Vó já ia na direção de Jo. Antes que Jo pudesse silvar, a mulher a beijou na testa.

— Olá, criança — então ela voltou para o fogão, tipo nada a ver.

Durante o café da manhã, a Sra.B perguntou se eles tinham algum plano.

Jo havia afastado a cadeira, equilibrando-se em duas pernas.

— Estava pensando em ensinar ao velho Thad aqui a lidar com traficantes de drogas para ganhar dinheiro do pó. Talvez acochambrar umas prostitutas. Eles não dão aos Escoteiros-Mirins distintivos por isto?

A Sra.B tinha engolido em seco desesperadamente.

Ei, ela é que havia convidado Jo a ficar aqui. *Deixou a pessoa certa entrar, Sra.B.*

A mulher tinha pedido a eles para tirarem a porra do lixo antes, então teve a pachorra de dizer.

— Sejam bonzinhos...

Dia dois, a Vó instituiu o jarro de xingamentos. Ela o indicava enquanto dava a Jo um olhar expressivo.

Sério mesmo?

Quando Jo trouxe suas roupas, a Sra.B havia remendado todas, mesmo as que eram para ficar rasgadas. Mas Jo não disse nada.

Ambas, a Sra.B e a Vó, continuavam a cozinhar, a Sra.B só por via das dúvidas, então Jo empurrava a comida ao redor do prato quando a família se sentava para as refeições. Ela ajudava a lavar os pratos que nem mesmo precisava usar, pra começo de conversa, desejando ter uma runa para a tarefa.

Em cima da lareira estavam duas novas fotos emolduradas de Jo e Thad. Jo gostava delas porque em ambas ela mostrava o dedo do meio para a câmera com os lábios enunciando "Foda-se".

Ela ia para a cama às quatro e nunca perdia o café da manhã.

Não é tão ruim aqui. Ela olhou para o talismã de Rune, sentindo o sono a dominar. *Exceto por sentir tanta falta dele.*

Por fim, a semana chegou perto do final.

Como fazia todos os dias, Rune riscou do depósito de ferramentas para dentro do quarto de Josephine

no momento em que ela adormeceu. Mas desta vez, ficaria até ela acordar.

O céu noturno estava espesso com nuvens negras e o trovão estrondava, mas ela continuava a dormir.

Sono pesado era uma vulnerabilidade. Ele tinha intenção de ajudá-la a consertar isto, mas então percebeu que sempre estaria lá pra cuidar dela.

Foi o que fez agora, puxando uma cadeira para perto da cama. Pegou o talismã da mesinha de cabeceira, virando-o na mão repetidas vezes enquanto seu olhar estudava suas feições. Os cílios espessos, o rosto bem feito. A curva suave dos lábios. A boca que falava tão candidamente e pressionava contra sua pele com tanta intensidade.

Embora estivessem separados há somente sete dias e ele sempre estivera por perto, Rune tinha sentido a falta dela até a mente ficar toda errada e o peito em dor constante.

Do jeito que Josephine fazia quando se tornava um fantasma, ele tinha assombrado a casa dos Braydens. Ninguém dos Vertas havia perturbado. De fato, só um Loreano tinha tentado fazer uma visita — Natalya, a fey sombria.

Josephine provavelmente não a receberia bem, então ele riscou para interceptar a fêmea.

Natalya era definitivamente de sua espécie com olhos cor de ameixa-preta, garras pretas e as denunciadoras orelhas pontudas. Ela estava colocando um boné quando ele a parou.

Ela correu o olhar sobre ele.

— Você é o fey sombrio de quem tanto falam, um assassino como eu. Rune, certo? Sou Natalya — outra longa olhada. — Onde é que andou pela minha vida inteira, seu gostosão?

No passado, ele teria achado que esta fêmea fora enviada do céu para ele — antes de Josephine clamar seu coração, sua mente, seu corpo, a porra de seus sonhos.

Quando Natalya lhe propôs:

— Uns segredinhos entre dois sangue-ruins — ele simplesmente disse:

— Josephine é tudo.

Depois disto, Natalya havia parado de secá-lo com o olhar e eles conversaram sobre os poucos outros de sua espécie que conheciam. Ele suspeitava ser o mais

velho de todos ainda vivo. Não o primogênito, mas ainda assim, o mais antigo.

Seria por isto que Orion o tinha resgatado há tantos anos? Talvez seu soberano não achasse que Rune era *menos* por ser mestiço; talvez Orion considerasse os feys sombrios uma espécie em si mesma.

Com Rune como seu primordial.

A ideia tinha lhe causado um choque, mas ainda conseguiu elogiar Thad enfatizando como ele estava se desenvolvendo para ser poderoso. Quando finalizasse sua transição, Rune assegurou à Natalya, Thad conseguiria suportar *qualquer* veneno...

Rune ficou contente de tirar aquele encontro do caminho. Com uma desconhecida lá fora, ele nunca teria conseguido convencer Josephine de que pertencia só a ela.

Logo sua companheira confiaria novamente nele. Logo ela acordaria para encontrá-lo aqui e ele estava... nervoso.

Ela não tinha falado dele, e ainda não conseguia imaginar o que dizer a ela. Quando mais precisava de

sua habilidade de fala mansa, ela meio que o deixava na mão.

Como expressar o arrependimento pelo passado? Como poderia revelar suas esperanças no futuro quando não sabia o que o futuro traria? *Meu soberano matou sua mãe, o seu mundo inteiro.* Rune não tinha chegado nem perto de uma decisão sobre Orion e Apparitia.

Ela virou de costas, espalhando o cabelo no travesseiro.

Seu cheiro acalmou o nervosismo dele até que foi substituído por um relaxamento cansado. Ele não dormia há oito ou nove dias.

Lá fora, a noite escureceu ainda mais, mas o quarto estava quente e confortável. Deuses, daria sua mão do arco para poder dormir perto dela de novo.

Ele observou o subir e descer do peito dela e imaginou-se deitado com ela em seu pântano enquanto uma brisa varria sobre eles.

Suas pálpebras ficaram pesadas e ele se apoiou em um cotovelo na beirada da cama.

Mesmo um Møriør precisava descansar de vez em quando. Talvez fechasse os olhos por dez minutos...

SETENTA E DOIS

Rune estava em Perdishian. Ele achava. Talvez fosse um sonho?

Se fosse, este sonho era a experiência mais próxima da realidade que jamais experimentara.

Estava em pé diante de uma parede de vidro olhando para fora. Aspirou o ar que cheirava a pedra fria e metal. Suas orelhas contorciam com cada um dos ruídos da fortaleza enquanto se moviam através do espaço e tempo.

Orion juntou-se a seu lado. Seus olhos eram obsidiana, tão obscuros quanto de costume, mas Rune jamais tinha visto esta identidade antes. O macho era somente alguns centímetros mais alto que Rune. Seus cabelos eram tão escuros quanto o espaço. Seu rosto era agradável com malares altos e feições regulares.

Rune não conseguia determinar qual espécie Orion copiava hoje.

Eles observaram os mundos passarem em silêncio. Finalmente, Rune disse.

— Preciso falar com você.

Sem desviar o olhar da paisagem, Orion disse.

— Fale.

— Falhei em assassinar a Valquíria. E agora jamais poderei matá-la.

— Milhares tentaram. Ninguém conseguiu.

Rune o encarou.

— Então por que me enviou?

Orion manteve o olhar adiante, como se procurando por algo.

— Falhamos: aprendemos. A menos que falhamos em aprender.

Deveria Rune lhe falar sobre Apparitia? Com certeza devia ser só um sonho. Talvez seu subconsciente estivesse ensaiando para esta mesma conversa. Em todo caso, Rune havia confiado e acreditado em Orion por eras. Ao suspeitar o pior, Rune não estaria somente duvidando de seu

soberano; estaria duvidando de seu próprio julgamento.

Rune escolheria acreditar... em si mesmo.

— Minha companheira vem de Apparitia.

Orion virou a cabeça.

— Você quer saber se eu o destruí. O que acha?

— Acho que não foi você.

O preto dos olhos de Orion brilhava em uma cor estranha e maravilhosa. Uma sugestão de que a criatura estava satisfeita?

Bom então. Rune estava certo, podia sentir a verdade. Então franziu o cenho. Aquela cor seria uma pista sobre a ascendência de Orion?

Não, não, isto não pode estar certo.

— Sempre um arqueiro leal — Orion havia sutilmente meneado a cabeça. — Você podia ter pegado os híbridos e fugido.

— Eu acredito nisto. Em você. Em nossa missão — para salvar os mundos.

— Com o tempo, sua companheira olhará nos meus olhos e descobrirá sozinha a resposta.

— Mas há mais. Não consigo mais obter informações do jeito que eu fazia no passado... por que eu jamais seria infiel a ela. A ameaça já se levanta e não posso contê-la — Nix disse que seus feiticeiros estavam trabalhando para manter os Møriør fora de Gaia. Feiticeiros eram notórios por sacrificar ninfas a deuses antigos. Mas a fonte de informação de Rune foi perdida.

Orion encarou a mesa em formato de estrela.

— Quantos lobos existem entre nós?

Rune franziu o cenho de novo.

— Um.

— Quantas bruxas?

— Uma.

— Arqueiros?

— Um.

Orion jamais o chamara de outra coisa além de arqueiro, mesmo antes de Rune possuir qualquer habilidade. Rune trabalhara por milênios até se

tornar o melhor arqueiro dos mundos — para fazer valer a alcunha.

Mesmo depois de se tornar o melhor, ele ainda não tinha se tornado o arqueiro.

Reconhecimento sobrepujou Rune.

— Eu me sento à mesa como o arqueiro dos Møriør. — Ele havia se tornado digno daquela alcunha; só não havia ainda se dado conta.

— Suas flechas são inalcançáveis. Suas flechas são silenciosas. Arqueiros lutam na linha de frente e também das sombras, não é?

Assassino e linha de frente. Estas são minhas forças. Estas são minhas habilidades. Antes Rune assumira tarefas que pensara que se encaixavam nele, o antigo prostituto.

Orion anuiu como se Rune tivesse falado em voz alta.

— A anulação do arqueiro era como ele via a si mesmo — Orion, o Destruidor via fraqueza.

Rune diminuía a si próprio, atribuindo seus próprios valores distorcidos.

Estava a ponto de perguntar se era o primordial de sua espécie, então percebeu que não tinha importância.

Os lábios de Orion se curvaram.

— Exatamente.

Um pensamento errante: ele nos guia como Nix guia seu exercito. Se Rune esteve preocupado sobre o conhecimento da Valquíria, já não estava mais. Orion não podia ser impedido...

Rune acordou assustado. Josephine havia gemido? Ela estava se retorcendo nos lençóis, as sobrancelhas bagunçadas, o contorno tremulando.

Pesadelo? Ele a amaldiçoou com tantas lembranças de tortura e dor...

Ela começou a ficar intangível. Então a *subir*. Fantasbulando... ela havia falado disso!

— Acorde, Josie! — Ele pegou sua mão. Para detê-la. Ela agarrou a mão dele no sono.

Ele começou a se desincorporar junto com ela.

— Uau, precisa acordar, amor! — A voz dele soava tênue e fantasmagórica.

Seu coração acelerou quando começaram a levitar.

— Você precisa acordar!

Os olhos dela se apertaram fechados, seu corpo amoleceu. Eles subiram além do teto. Passaram pelo telhado. Para a noite.

— Josephine! — ele berrou. Estavam vagando através da chuva para dentro de nuvens tempestuosas. Mais alto. Mais alto. Ela não ia acordar!

Então que seja.

— Josephine, entenda... para onde quer que estejamos indo... iremos juntos.

Ele a puxou mais para perto e a beijou.

SETENTA E TRÊS

Jo abriu os olhos piscando, Rune a estava beijando? Quando ficou tensa contra ele, ele afastou a cabeça.

— Sonho? — perguntou ela.

O cenho dele estava franzido, os olhos selvagens.

— Não muito.

Ela franziu o cenho. Não estava na cama? Não, ele estava lá fora com ela. O ar parecia realmente rarefeito. E frio. Ela olhou para cima. As estrelas queimavam forte.

Forte demais.

Ela encarou o olhar dele — compreendeu a situação deles pelo alarme em sua expressão.

— Eu fantasbulei?

— Sim, amor — ele engoliu em seco. — Para cima.

Ela não queria olhar.

— O-onde estamos?

Ele deu um aceno curto. Em outras palavras, *Sim, é ruim assim.*

— Por que você está comigo?

Ele declarou.

— Por que é aonde eu pertenço, maldição.

Ela olhou para baixo. Ofegou. Entrou em pânico.

Ela começou a se tornar corpórea, seu estômago contraindo enquanto despencavam.

Assim que ela se solidificou o suficiente, Rune a enlaçou com os braços e os riscou para a cama dela.

— Ah, deuses, Josephine — colocou-a no colo, arfando.

— O-o que aconteceu? — Ofegando, agarrou-se a ele, saboreando seu calor e força, inalando sua essência.

— Nós demos um passeio — o coração dele retumbava no ouvido dela.

— Eu te levei comigo?

Com o queixo apoiado no alto da cabeça dela, ele anuiu.

— Você se tornou intangível e começou a subir. Tentei te acordar, mal consegui tocá-la a tempo — ele pressionou os lábios contra os cabelos dela.

Mal conseguiu tocá-la?

— Por que não me deixou ir? Eu sei o quanto tem medo de altura.

Ele recuou.

— Eu *nunca* vou te deixar ir — ele espalmou o rosto dela. — Para qualquer lugar que estiver indo, não me importa porra nenhuma, é onde também quero estar.

Ele foi sua âncora, recusando-se a soltá-la. Do jeito que ela sempre quis.

Então ela se lembrou.

— Eu senti tanto a sua falta, Josie...

Ela empurrou o peito dele até ele soltar o abraço.

— Como soube onde eu estava? — ela levantou da cama, ficando em pé para encará-lo.

Ele também se levantou.

— Eu sei desde aquele dia em Val Hall — ele estava com a barba por fazer, com círculos escuros ao redor dos olhos. Perdeu peso e o jeans parecia mais frouxo do que de costume.

— Você andou me espionando!

Ele anuiu sem um pinga de vergonha.

— Estou abrigado no depósito de ferramentas da piscina a semana inteira.

Então deve ter ouvido todas as suas conversas com Thad.

— É melhor você ir embora. Não vou fazer isto aqui. Não vou fazer isto com você.

— Por favor. Me dê cinco minutos.

Ela o fuzilou com o olhar, esfregando os braços. Sentia-se congelar, vestindo só uma camiseta... já que era muito frio na *estratosfera*.

— Você está com frio — ele foi até ela, tirando o casaco. — Fique com minha jaqueta.

Ignorando-o, ela riscou para seu armário de roupas.

— Não acredito que você estava bem aqui a semana toda — ela disse, ao vestir o jeans. — Por que não deu as caras?

— Uma aliada apontou que eu não devia interferir no seu vínculo com Thad. Você esperou mais da metade da sua vida para se reencontrar com ele. Decidi que nada devia interromper vocês dois.

Ela procurou uma blusa com capuz, sentindo a raiva amainar. Ela se sentia confortável em odiá-lo. Então ele tinha de ir e segui-la em seu espaço e tudo o mais.

— Você me espionou... exceto quando saiu para trepar? — ela voltou ao quarto. — O demônio em você precisa gozar várias vezes por dia, certo?

Ele estreitou a distância entre eles com duas largas passadas de suas longas pernas. Perto demais, ele abaixou o olhar para ela.

— O demônio em mim está emparelhado. Assim como o fey. Ambos estão bem felizes com isto.

Mesmo agora ele conseguia afetá-la. Felizmente, tudo o que tinha de fazer era se lembrar...

— Isto não te impediu com Meliai.

—Não, não impediu.

Ouvi-lo confirmar... faca no estômago. O contorno dela tremulou.

— Eu me impedi com Meliai.

— O que quer dizer? — *Por favor, signifique o que eu acho que significa!*

— Eu não fiz sexo com ela.

A palavra *sexo* não era um qualificador neste sentido?

— Vocês dois gozaram de outro jeito? Um pouco de lambidas e chupadas para a ninfa? Ei, contanto que ela tenha se sentido satisfeita, certo?

— Eu estava determinado a passar pelos espectros aquela noite; eu estava na cama nu com ela.

Jo não pode conter um estremecimento.

— Ninguém gozou de jeito nenhum, garanto que ela não ficou nada satisfeita. Mas não me lembro direito do que eu estava fazendo... eu me ausentei. Fiquei frio e minha mente ficou enevoadada.

Relances de um sonho ocorreu a ela. Um novo. Antes de Jo ter fantasbulado, ela deve ter visto uma nova lembrança dele. Ela experimentou aquela noite em Ayers Rock do ponto de vista dele. Quando tinha admitido sua fobia para ele, ele tinha pensado, *Ela teme flutuar para longe; eu temo extinguir minhas emoções para sempre... Talvez possamos ser âncoras um para o outro.*

Os lábios dela se abriram. *Fiquei frio.* Ele se ausentava tanto que temia ficar daquele jeito para sempre.

Ela vira o quanto não emocional ele era com as outras. Naquela última noite, ele dissera a ela.

— Eu quero que você vivencie o que é sentir completamente nada.

Mas ela havia vivenciado suas emoções para com ela.

— Eu me lembro de reviver cada palavra de nossa briga — disse ele. — Estava consumido de ciúme só de imaginar você mordendo outro.

O comentário dele tirou-a de seus pensamentos.

— Então não sou a única com problema de ciúme?

Ele lhe deu um olhar que dizia *Você não faz ideia.*

— Decidi que nunca iria querer que outro conhecesse a sua mordida. Aquele era o *nosso* ato privado, só entre nós, para nos vincular. E aí percebi que é deste jeito que você vê o sexo. E percebi que também vejo com você. Eu subitamente parei tudo com Meliai, querendo somente voltar pra você.

Jo se voltou, aumentando a distância entre eles.

— Bem, bom pra você, Rune, que não dormiu com ela. Você realmente me disse que não aconteceria *todas* as noites — em um tom de voz falsamente alegre, ela disse. — Por que depois da Ascensão suas traições podem diminuir ainda mais!

Ele fez uma careta.

— Se eu pudesse desdizer estas palavras...

— Eu ainda não vou tolerar isto, e você ainda vai ter de fazer seu trabalho.

— Eu abri mão desta parte do meu trabalho — ele se apressou a dizer. — Na realidade, considero minhas novas circunstâncias mais como uma promoção. Sou somente um arqueiro de agora em diante.

Ela estreitou os olhos, recusando-se a elevar as esperanças.

— Talvez haja alguma verdade no que está dizendo. Não vejo como isto vai funcionar entre nós se você me acha imatura e infantil.

— Acreditei que você estava tentando me manipular por que nunca achei que você escolheria terminar isto... mesmo com você me avisando.

— Você foi tão inflexível naquela noite. É difícil para mim fingir que nada aconteceu.

— Uma das razões que me faziam me apegar àquele tipo de vida era por que eu não queria mudar de novo. Magh me forçou a mudar tantas vezes, e acho que em certo nível eu igualei mudança *a ela*. Então eu resisti. Mas percebi que você tinha razão... aquela negociação teria feito de mim um prostituto. Eu reconheço que nunca *deixei* de ser um.

— Estava nervosa quando disse isto.

— Você tinha razão de estar. Eu fui um idiota. Eu continuava a me ver como me via no passado. Não importava o quanto tinha conquistado ou o quão alto havia chegado, não conseguia ver meu próprio valor — ele esfregou uma mão sobre o rosto cansado. — Orion me disse que eu era minha própria ruína.

Orion ainda parecia acertar todas aos olhos de Jo.

— E agora o que, então?

— Espero começar de novo com minha linda companheira. Aqueles dias são passado para mim, Josephine.

Ela quase fantasmou pelo chão de felicidade. Espere...

— Você tinha uma pena de fênix em Val Hall. Você a pegou de Meliai?

Ele se aproximou dela de novo. Ela ergueu a cabeça, encontrando o seu olhar.

— Eu roubei a pena, ameaçando a ela e ao bando com uma flecha esmaga-ossos. Aparentemente isto pegou mal. Fui banido de todos os bandos.

Os lábios de Jo entreabriram. Ele fez tudo isto por ela?

— Mas você as admira tanto.

Ele colocou as mãos em seus ombros.

— Eu não admiro mais nada além de você — as palavras dele eram sedosamente suaves... mas a voz estava áspera de emoção.

— Você esperou uma semana antes de me abordar? Não estava morrendo de vontade de me dizer que não transou com a ninfa?

— Eu estava! Mas queria colocar suas necessidades acima das minhas. Ouvi você conversando com Thad e você estava tão feliz. Quando você lhe deu uma semana, prometi o mesmo período também.

Ela havia esperado que ele fizesse jus à sua lembrança daquele noivo; Rune estava deixando aquele noivo no chinelo.

— Eu quero... *espero* que você volte a beber de mim... então você poderá vivenciar meus sentimentos.

As presas dela alongaram para a pele dele tão rápido que ela ofegou.

Mas então as sobrancelhas dele abaixaram.

— A menos que minhas lembranças te magoem. O que você estava sonhando antes? Você agora tem Thad debaixo do mesmo teto... então por que mais flutuaria?

Seu desejo foi tão afiado antes dela se afastar.

— Por que eu não tinha você.

Ele engoliu em seco audivelmente.

— Ouvi direito?

Ela pousou as mãos no peito dele. Por baixo da palma, o coração dele estava *trovejando*.

— Estava pensando em você antes de dormir. Querendo você. Sabendo que nunca mais te teria depois daquela noite.

— Pode me perdoar? Minhas ações foram idiotas, minhas palavras odiosas. Odeio me lembrar delas. Mas vou consertar as coisas se me der uma chance.

Ela poderia?

— O que quer de mim?

— A eternidade. Tudo. Eu quero começar me casando com você. Se me aceitar.

Ela estava abrindo a boca para dizer sim, então se lembrou de outro obstáculo.

— Você deve saber de algo antes de se comprometer comigo. Você falou sobre uma pista promissora de uma fêmea de fey sombrio. Ela está aqui na cidade. Acho que ela é até mesmo uma assassina...

— Eu a encontrei.

Nem se levasse o resto de sua vida imortal, ele apagaria aquela dúvida dos olhos de Josephine.

— Ela veio para ver Thaddeus. Achei que a presença dela poderia te perturbar, então a interceptei. Assim que deixei claro que eu era só seu, nós tivemos uma conversa agradável.

Josephine mordiscou o lábio inferior.

— Só meu?

— Eu disse a ela que você era tudo — ele esfregou as mãos dos ombros de Josephine até seu pescoço e de volta. O quanto ele sentiu falta do luxo de simplesmente tocá-la. — Eu também fiz a maior propaganda de Thaddeus.

Os olhos castanhos dela se arregalaram.

— Não brinca?!

— Você não tem motivo nenhum para acreditar em mim, mas preciso te convencer que eu mudei. Sei de um jeito que você possa sentir confiança em mim — ele abaixou o olhar para o adorável rosto dela

dizendo solenemente. — Josephine, juro pelo Lore que eu nunca...

Ela cobriu a boca dele com a mão.

— Ah-ah, Rune. Quando você for fiel a mim, não vai ser por causa de um juramento que te compele a ser. Chega de juramentos pelo Lore para nós dois, está bem?

Ela o libertou quando ele concordou. Mas ele precisava fazê-la *saber* do jeito que ele sabia.

— Você confia que eu serei honesto com você?

— Talvez você não seja um idiota *completo*.

Ele sorriu.

— Então juro *por você* que eu jamais ficarei com outra. Eu te amo, Josie.

Ela ofegou.

— Eu te amo também. Mesmo você sendo um cuzão.

— Você disse que se fizéssemos sexo eu estaria te dizendo coisas. Que eu queria um compromisso e um vínculo somente entre nós, e eu jamais iria querer outra fêmea para o resto da vida. Eu estava te

dizendo isto — ele correu o nó dos dedos ao longo do rosto dela. — Eu só demorei a descobrir.

Quando ela se inclinou para sua carícia, ele soube que ela o tinha perdoado de verdade.

— E eu não te disse que você me amava? — ela ergueu os braços para entrelaçar as mãos por trás do pescoço dele. — Eu estava completamente certa nisso! Quando vai perceber que estou sempre certa?

— Primeiro passo do emparelhamento. — Aquela dor oca no peito dele diminuiu, aquecida por um fogo que jamais morreria.

— Você precisa conhecer Thad.

Ele anuiu.

— Preciso me desculpar com ele depois de nossa curta interação.

Ela arqueou as sobrancelhas, satisfeita.

— O que faremos com a preferência dele pelos Vertas?

Rune colocou uma mecha do cabelo dela atrás da orelha.

— Nada.

— Huh?

— Ele é um garoto inteligente. Se passar tempo suficiente conosco, e também passar um tempo com eles, ele tomará a decisão correta — Rune pôde perceber que ela havia gostado da resposta.

— Você precisa conhecer a Sra.B e também a Vó. Ei, você podia realmente comer toda a comida que elas insistem em cozinhar.

— Se for preciso — disse ele. — Na última semana pensei em saquear a cozinha em busca de sobras.

— Quero viver com você em algum lugar perto deles.

Com uma expressão conscienciosa, ele disse.

— Estou de olho em um condomínio em Trollton.

Sorriso fascinante.

— O café da manhã é daqui a pouco. Eu podia descer para falar de você para preparar todo mundo, e você podia aparecer.

— Trarei flores para as damas. Sou gentil assim. Por falar em café da manhã...

O olhar dela travou no pescoço dele, no ponto de pulsação que devia estar pulsando como louco. O comportamento dele passou de alegre... a excitado.

— Meu sangue está vermelho de novo. Preto faz mais o meu estilo... — ela se inclinou para morder o pescoço dele.

Bem quando ele começava a achar que aquele dia não podia melhorar...

— Basta me trazer de volta a tempo... agora me leve para algum lugar onde eu possa te morder até você gritar.

Como acionar um interruptor.

EPÍLOGO

O curso de leitura de Jo havia começado hoje, e eles tinham acabado a primeira aula.

Rune encarou as aulas com tanta seriedade quanto os estudos dela em runas. A casa nova estava coberta de feitiços anotados em post-its. Ele recompensava cada acerto dela com beijos, o que fazia dela uma aluna altamente motivada.

Depois de Rune a avaliar como brilhante, aqueles beijos acabaram na cama. Bem, o que ele esperava? Quando a primeira frase que ela conseguiu formar foi *Rune ama Josie*, e ele havia encarado o seu olhar? Ela caiu em cima dele.

Agora estavam de preguiça entre os lençóis antes de se prontarem para o jantar na casa dos Braydens. Embora a casa nova deles (um rancho fodão) ficasse na Austrália, Rune usara um feitiço para conectar a entrada lateral deles a um armário no depósito de ferramentas. Uma batida na porta lá era uma batida na porta aqui. Eles vivam a um nanossegundo de distância.

Ele também havia modificado o quarto novo deles. Diretamente acima da cama deles havia uma barreira de feitiço para evitar que ela fantasbulasse. Combinava com a do chão. Ninguém ia a lugar algum no turno de Rune. Não que ela pudesse, quando ele a abraçava tão forte, mesmo enquanto dormiam...

Depois de Jo e Rune se reunirem naquela primeira manhã — de novo e de novo — ela havia chamado Thad no canto. Tinha explicado de forma eloquente as questões de relacionamento entre ela e Rune.

— Pensei que ele tinha trepado com a ninfa. Mas não. Meu homem está de volta. Vou casar com ele quando o pessoal dele chegar.

Thad tinha parecido tão feliz a respeito desta conclusão quanto Rune havia ficado sobre o Monte Hua.

— Apenas lhe dê uma chance, garoto. Ele é engraçado e inteligente. Você vai gostar dele.

Thad não estava tão decepcionado quanto a Møriøridade de Rune; estava triste porque Jo ia se mudar.

— Eu acabei de te recuperar.

— Você não vai me perder... vai ganhar ele. Ele já se sente protetor a seu respeito. Já que sou a companheira dele, você é irmão dele pelo destino.

— Irmão. — Oh, podia ver que Thad havia gostado disto. — Huh. Dois irmãos em uma semana?

Quando os homens de sua vida se viram, Rune disse a Thad.

— Eu queria me desculpar por ter sido tão brusco com você na semana passada. Estava em pânico pelo bem-estar da minha companheira e reagi mal. Meu

nome é Rune Darklight e é um prazer conhecê-lo. — ele estendeu a mão.

Thad aceitou o cumprimento.

— Thaddeus Brayden. E entendo perfeitamente. Eu devia ter ouvido melhor, mas estava pirado por que estava estrangulando minha irmã mais velha, e coisa assim.

Rune concordou de forma pensativa.

— Duvido que ela deixaria que *isto* acontecesse duas vezes, não?

Thad sorriu. E Jo soube que *estava tudo certo no mundo*.

Desde então, Rune riscava ela e Thad para novas dimensões, mostrando-lhes maravilhas. Os homens se deram bem, apesar das tendências Vertas de Thad. Hoje ele ia se encontrar com alguns deles para planejar a reconstrução de Val Hall.

Mas tudo bem. Com Nix longe e Orion ainda a um universo de distância, a guerra tinha entrado em modo de espera...

Naquele momento, Rune pressionou um beijo na cabeça dela.

— Espero que tenha frango frito hoje.

— Baseado na sua reação da primeira vez, acho que o repeteco é garantido. — Não importava o quão longe eles viajassem, Jo, Thad e Rune sempre se encontravam com a Sra.B. e a Vó para pelo menos duas refeições por dia. Rune era o alvo deliciado de receitas caseiras; as mulheres estavam entusiasmadas por terem para quem cozinhar.

Jo agora tinha toneladas de pessoas em sua vida, interagindo.

E isso só aumentaria. Rune queria que ela e Thad conhecessem seus aliados.

Ao ouvi-los conversando sobre Apparitia, Rune teve medo de que seu soberano tivesse destruído o mundo dela. Mas Rune havia escolhido, bem, ter fé em sua fé.

— Eu fiz o certo — disse a ela. — Orion ataca seus inimigos com violência, mas não teve nada a ver com Apparitia.

O colega Møriør de Rune, Blace, tinha vivido um tempo na periferia dos Outros Reinos perto de onde

o mundo dela costumava ficar. O vampiro podia ajudar a descobrir mais informações sobre seus pais.

Ela pediria a Blace assim que visitasse Tenebrous. Mas não tão logo. Ela não queria deixar o irmão para trás pelos dias que levaria ir pra lá e voltar. Quando tinha convidado Thad para ir com eles, ele não quis deixar a Sra.B. e a Vó. Ainda não...

Rune acariciou o cabelo dela e exalou de satisfação.

— Fruta do campo.

Ela sorriu encostada no peito dele. Tinha sonhado suas lembranças daqueles campos, da bênção que tinha sentido ao se deitar entre eles, com o açúcar das frutas nos lábios e o vento ondulando as folhas.

Quando tornou a contar seu sonho, ele havia espalmado seu rosto.

— Cada dia com você é assim agora. Terei esta bênção para sempre. E estou determinando que você também tenha.

O futuro era tão brilhante...

Ela costumava achar que não havia conexão maior do que o destino decretando-os unidos. Mas lá

estava... a *escolha* que eles fizeram de amar um ao outro.

Rune havia mudado a posição dela na cama para poder ficar por cima.

— Eu quero que você aprenda uma última palavra hoje.

— *Outra* palavra? — resmungou ela, fingindo desagrado.

— Uh-huh — Rune furou o dedo para tirar sangue e os olhos dela entrecerraram.

Ele desenhou cinco letras sobre o peito dela. Em cima do coração.

Em uma voz sem fôlego, ela perguntou.

— O que está escrito?

Os olhos dele escureceram e ele sussurrou.

— *Minha.*